



FORNIZ —  
FORNIZ

MEMORIAS DO DOM JESUS DO  
MEMORIAS DO DOM JESUS DO

MONTE E ROTEIRO OU BREVE  
MONTE E ROTEIRO OU BREVE

NOTICIA DE BRAGAN  
NOTICIA DE BRAGAN



6





3

MEMORIAS

DO

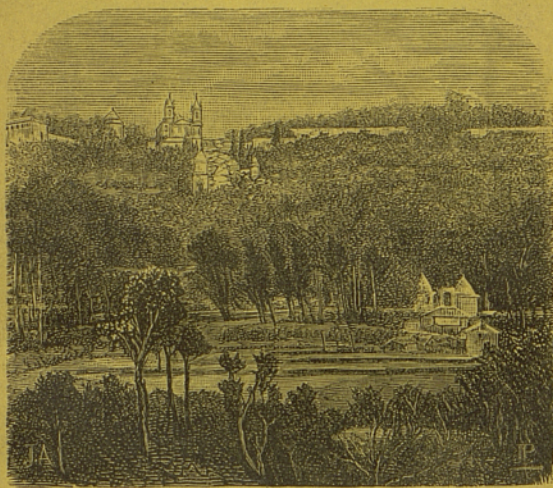
BOM JESUS DO MONTE

E

ROTEIRO OU BREVE NOTICIA DE BRAGA

POR

PIOGO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO PIMENTEL



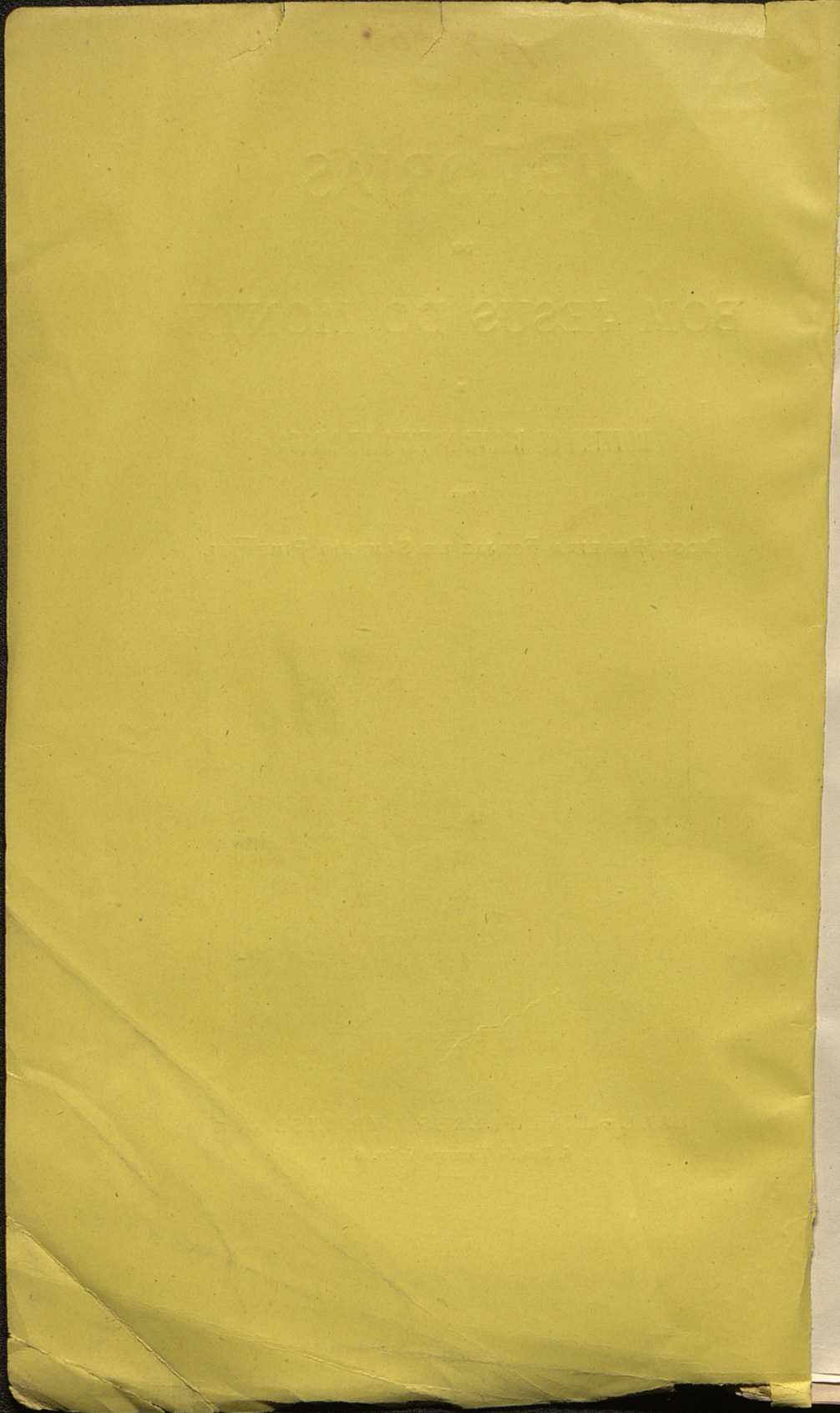
1883

LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6









Δ 53863

53863.

# MEMORIAS

DO

## BOM JESUS DO MONTE

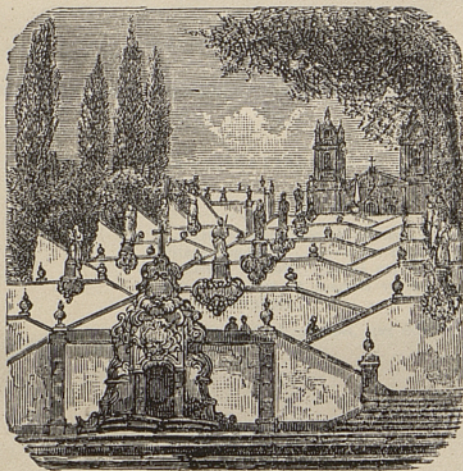
E

### ROTEIRO OU BREVE NOTICIA DE BRAGA

POR

#### PIOGO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO PIMENTEL

Do Conselho de Sua Magestade  
Antigo Deputado da Nação Portuguesa, Commendador da Ordem de S. Thiago  
Fidalgo Cavalleiro da Casa Real  
Lente de prima jubilado da Faculdade de direito na Universidade  
Socio correspondente  
do Instituto de Coimbra, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa  
Socio Professor correspondente  
da Academia de Jurisprudencia e Legislação de Madrid.



1883

LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6







MEMORIAS  
DO  
BOM JESUS DO MONTE  
EM BRAGA

~~~~~  
QUARTA EDIÇÃO

MUITO ALTERADA E CONSIDERAVELMENTE ACCRESCENTADA



Le vulgaire l'admire, et ne le comprend pas.

LAMARTINE.

.....  
... Deus, Solus Ille, Altissimus...  
vitam hominum... vivacem facit...  
Gratias... tuba insonet salutaris,  
gaudeat tellus, et magnis vocibus  
populi exultent...

(Orat. academ. XVI OCT. MDCCCLXXX).



MEMÓRIAS

BOM JESUS DO MONTE

EM BRAGA

QUARTA EDIÇÃO

MUITO ALZADA E CONSIDERAVELMENTE AUMENTADA

Le volume habita, et ne la correspond pas

! AMATEUR

Don't send the libelous

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..



O SANCTUARIO DO BOM JESUS DO MONTE não era muito conhecido, apesar da sua nomeada, por falta d'uma descripção. A unica, de que sabemos, muito anterior ás — MEMORIAS DO BOM JESUS DO MONTE, e intitulada—*Descripção do prodigioso e augusto Sanctuario do Bom Jesus*, é insufficiente não só como descripção, porque foi publicada em 1793, e portanto muito antes das consideraveis transformações, por quê tem passado o monte, mas como historia, porque diz pouco da instituição e progressos do Sanctuario, e contém principalmente reflexões moraes e religiosas.

AS MEMORIAS DO BOM JESUS DO MONTE supprem até certo ponto esta falta; e depois d'ellas não conhecemos publicação alguma ácerca do famoso monumento senão alguns artigos de jornaes, e uns livros de orações para visita do templo e das ca-



pellas do Sanctuario, os quaes, uns e outros, aproveitaram-se do terreno arroteado pelas primeiras edições d'este livro, transcrevendo d'elle, ou visivelmente imitando a descripção do Sanctuario.

Esta nova edição das MEMORIAS DO BOM JESUS acompanha as obras do monte até á epocha presente. Tem maior numero d'estampas do que as edições anteriores, e é dividida em seis partes. Reservámos uma d'estas ao actual mais grandioso melhoramento do monte, — o plano automotor. Quatro das outras contém a descripção do Sanctuario. E na sexta damos succinta noticia da sua instituição e progressos, das graças espirituaes concedidas aos que o visitarem, e dos fundos e administração da confraria do Bom Jesus do monte.

A traducção das inscripções e versiculos da Sagrada Escriptura é copiada da — Biblia do padre Antonio Pereira de Figueiredo (Lisboa, Typographia Universal, 1852 e 1853). Devemos a de todas as outras inscripções e versos latinos ao nosso collega no magisterio da Universidade, o sr. conselheiro Francisco de Castro Freire, lente de prima jubilado da Faculdade de mathematica. Por isso junctamos a umas e outras traducções as letras iniciaes dos traductores.

Em appendice publicamos um roteiro ou breve noticia de Braga com referencia ao character geral da cidade, suas praças, *largos* e *campos*, suas ruas, principaes templos e capellas, mosteiros extinctos e existentes, paço archiepiscopal, seminario, asylos, hospitaes, cemiterio, passeios publicos, antigas fortificações, bancos, associações, estabelecimentos e



monumentos publicos, algumas de suas mais notaveis raridades archeologicas, suas actuaes communicações, movimento industrial, genio industrial, caracter individual, costumes e espirito religioso. Este roteiro é tão comprido quanto nol-o permitiram os esclarecimentos colhidos de inspecção propria, ou havidos uns de favor e ajuda de amigos, outros de leitura de antigos escriptores, que dizem o que no seu tempo era Braga ecclesiastica e secular.

Quando poderem ser publicadas, junctaremos a este livro tres plantas topographicas, — a do Sanctuario no estado actual, — a da antiga Brachara Augusta, — e a da moderna cidade de Braga.

Continuamos a dedicar o nosso livro á memoria saudosissima d'um filho querido, de cuja companhia e extremos aprouve á Divina Providencia privar-nos ao cabo de tres dias de penoso e inesperado soffrimento no fatal dia 5 de agosto de 1870 na villa de Tentugal, — moço cheio de vida, porque tinha de idade apenas 18 annos, 4 mezes e 10 dias, — cheio de vigor, porque ninguem tivera saude mais robusta, — cheio de innocente alegria, porque poucos dias antes fizera, com a consciencia de ter cumprido seus deveres, os seus actos do primeiro anno das Faculdades de mathematica e philosophia na Universidade de Coimbra, — cheio de ventura, porque era estremecido de seus paes, a cuja ternura correspondia com amor, devota dedicacão e respeito, — cheio de esperanças de lisongeiro futuro, porque era intelligente e estudioso. A sua morte deixou no coração de seus paes um vazio, que



ventura nenhuma do mundo poderá encher, — lagrimas, que o tempo não póde enxugar. Seja permittido a um pae, á treze annos acerado de profunda e constante dor, vincular mais uma vez o nome do filho querido a esta humilde producção litteraria, — arrojo esforçado d'uma existencia que foge!...



A  
MEMORIA SAUDOSISSIMA  
DE  
SEU QUERIDO FILHO

ALVARO PEREIRA DE SAMPAIO FORJAZ DE SERPA PIMENTEL

Nascido em 26 de março de 1852  
e fallecido em 5 de agosto de 1870

D. E C.

O auctor.

... Seu filho era um anjo, que brillou entre nós, e logo nos fugiu para o céo... Deus vai retribuindo da sociedade corrompida os espiritos puros e candidos...

[C. DA GRACIOSA]

... E a virtude?... e o talento que esplendia?...  
E a esperança que os passos te apontou  
A um porvir de glorias e de alegria?!  
Ai!... tudo se frustrou!...

(CARDOSO SILVA)

(Anc. de Gôa)

Tanto sacrificio inutilisado; tanta esperança perdida; tanto amor de pae sem objecto, e caso para lastimar deves!... Mas depois da natureza a razão... na religião christã achará... lenitivo poderoso á sua dor...

(Viney)

Honras... gloria... fama... fortuna... belleza... prazeres... alegria do mundo... o tumulto eneguliu tudo. Que pois é a vida? um sonho... nada mais...

... Vaidade de vaidades... tudo vaidade... tudo, por grande e glorioso que seja sobre a terra, vai sumir-se nas sombras do tumulo. As prendas do espirito... os dotes do coração... a flor da mocidade... a hierarchia do nascimento... nada escapa á lei fatal da natureza, convertida em castigo pelo crime do primeiro homem... Curvemo-nos diante da vontade de Deus... Em suas misericordias havia-nos concedido um filho, que era a nossa esperança pela elevação da sua intelligencia, pela bondade do seu coração... Tirou-nol-o na primavera da vida, como a flor que desabrocha e calçada foge como a sombra... Senhor, quizeses levar para vós este anjo de pureza, de bondade, de dedicação, de amor, antes que o corrompesse o halito pestifero do mundo. Seja feita a vossa vontade. Se elle já goza a vossa presença, ouvi-o e attendei-o, quando interceder pelos infelizes paes. Mas se tem a expiar alguma fraqueza, accedae benigno as nossas preces... e possam estas fazer-lhe gozar em breve a... BEM-aventurança....

(Album)



(J. M. DE ABREU)

(A. P. FORJAZ)

... Basta olhar para o retrato d'elle para reconhecer-lhe logo o typo d'um manco cheio de intelligencia, vivacidade, e ao mesmo tempo de critério e gravidade...

MIGUEL A.)

elevam os homens...

... A nobreza dos seus sentimentos, o

(MIGUEL A.)

(Pernambuco — RAMOS)

(GAVIANO—Neurologio)

de saude e desafogo!..

...O prêmio infalível, que aquele virtuoso moço, de tão saudosa memória, conquistava na bemaventurantesça... não esquece nunca, ao pai católico... E se não a religião, nem o tempo permitia, nem ser lúctivo para tão justificada dor, que posso eu oferecer-lhe de consolação? Só me resta dar-lhe os braços do amigo; que foi de um, e que ainda é do outro, para o deixar à sua disposição, e a seu serviço.



## PARTE PRIMEIRA

---

Topographia do monte — Portico — As oito primeiras capellas  
e fontes — Estrada para o alto do monte



PARTI PRIMEIRA

Topographia do monte — Portico — As oito principaes capellas  
e fontes — Estada para o alto do monte



# MEMORIAS DO BOM JESUS DO MONTE

## PARTE PRIMEIRA



Sobre esta encosta está construido o... Sanctuario do Bom Jesus... pag. 2

### I

#### Topographia do monte; portico e estrada para o alto do monte

As serras do Oural, Aboim da Nobrega, S. Pedro Fins, Nossa Senhora da Abbadia, Carvalho d'Este, Espinho, Sameiro, Falperra, Santa Martha, Amarella, Bom Despacho,



e Castello, seguindo-se umas ás outras em diferentes distancias (1), formam uma larga bacia, no meio da qual assenta sobre a cumiada de pequeno oiteiro a muito antiga e formosa cidade de Braga.

A serra d'Espinho é dividida em dois altos montes fronteiros. Em um d'elles, o mais proximo, e que mais particularmente era nomeado *monte Espinho*, estende-se pela vertente oriental a freguezia de S. Pedro d'Este, donde em vez do primeiro nome lhe chamão hoje o monte de S. Pedro d'Este. A encosta occidental pertence á freguezia de Santa Eulalia de Tunões, ou mais propriamente Tenões; e fórma para a banda da cidade um plano inclinado e escabroso, em parte ainda coberto de encastelladas rochas e penedias a pique, o qual se estende e vae declinando até os confins da freguezia de S. Victor na extremidade oriental de Braga. Alguem lhe chamava, do nome da freguezia, o monte de Santa Eulalia. Depois tomou o nome de Santa Cruz, quando foi alli feita a primeira ermida (2). Hoje é conhecido pelo monte do Bom Jesus.

Sobre esta encosta está construido o real SANCTUARIO DO BOM JESUS DO MONTE, ou, mais-vulgarmente, do SENHOR DO MONTE (3).

Conduzem para alli cerca de tres kilometros de boa estrada de mac-adam, povoada de casaes, quasi toda orlada de castanheiros, sobreiros e choupos entrelaçados com videiras, e acompanhada sempre de ferteis campos e frescas varzeas, demarcadas segundo o costume do Minho por

(1) Ficam ao norte as serras do Oural e Aboim da Nobrega; ao nordeste as de S. Pedro Fins e de Nossa Senhora da Abbadia; ao nascente as de Carvalho d'Este e d'Espinho; a sueste a do Sameiro; ao sul as da Falperra e S. Martha; ao poente a da Amarella; a noroeste as do Castello e do Bom Despacho.

(2) Vej. Parte 6.<sup>a</sup> d'este livro.

(3) Por Alvará de 29 de julho de 1822 (Decreto de 21 de junho de 1822), referendado pelo ministro e secretario d'estado José da Silva Carvalho, Houve por bem o Senhor Rei D. João VI... tendo consideração ao que lhe representaram o Juiz e mais Officiaes da Meza da confraria do Sanctuario do Senhor Bom Jesus do Monte, situado no Monte Espinho, subúrbios da cidade de Braga... de tomar debaixo da sua real e immediata protecção a sobredicta confraria, e conceder-lhe as mesmas honras e prerogativas, que gozam e tem as Cazas de Misericordia d'estes reinos... — Uma publica forma d'este Alvará está appensa ao livro dos Estatutos da confraria.



grandes arvores. Proximo do Sanctuario encontrão-se com frequencia assentos de cantaria nas cortinas e muros da estrada, e a pouca distancia a fonte da *bouça* ou cêrca da Santa Cruz com a indicação da era, em que foi reformada, de 1868 e 1869.

É comprida e bem lançada toda a subida, que da estrada de Braga conduz ao Sanctuario, mas apesar de accessivel a todos os vehiculos, e relativamente suave, tem rampas de 7 a 8 por ‰, que na tracção animal dos trens do tramway (americanos), estando proximamente completa a sua lotação, exigiam de cinco muares, caminhando a passo, um violento esforço (1). As machinas a vapor, substituindo a tracção animal, desde a ponte da Santa Cruz sobre o rio d'Este, farão esquecer esta difficuldade. Os trens americanos, percorrendo toda a estrada desde a estação do caminho de ferro, atravessam em frente do portico do Sanctuario, e vão parar em um espaçoso terreiro, ao norte d'elle, juncto á estação inferior do plano automotor (2).

Voltando da estrada de norte para nascente, dá de rosto o visitante com o portico do Sanctuario em meio das duas primeiras capellas do monte. Em frente d'elle abre-se espaçosa rua com assentos em meia laranja, passeios e parapeitos encabeçados em cantaria com altas piramides nas extremidades, e ao longo d'estes comprida fileira de frondosas australianas. Daqui sobe para o alto do monte e hospedarias, contorneando o monte pelo sul, e sempre toldada de frondoso arvoredado, uma estrada de macadam, larga, bem lançada com suaves curvas e facil declive, e resguardada por grossos marcos de cantaria (3). Pouco adiante do seu começo tem uma fonte recolhida ao monte em largo de meia laranja com a indicação da era de 1861, em que foi reformada; atravessa para norte em meio do monte por baixo de um grande arco, e proximo do seu termo sobe em frequentes zigue-zagues ao longo de casas particulares, edificadas de fóra da cêrca do Sanctuario, todas

(1) «Systema Raul Mesnier» (Porto 1882).—Vej. Appendice — Roteiro de Braga fin.

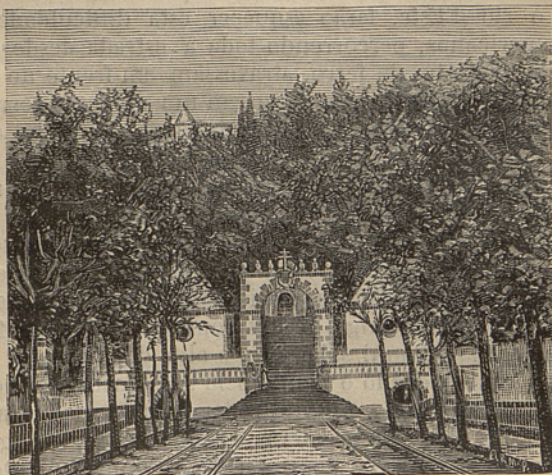
(2) Vej. Parte 4.<sup>a</sup> d'este livro.

(3) Das estradas primitivas vej. Parte 6.<sup>a</sup> d'este livro.



sobre o declive do monte, e por isso com magnifico panorama. Entre estas casas uma, a mais proxima do termo da estrada, merece ser visitada. Construida sobre grossas penedias em fórma de antigo castello, d'onde lhe chamão a casa dos castellos; com jardins, terraços, chalets e mirantes; dominando em differentes direcções vasto tracto de terreno; interiormente adornada com riqueza; e contendo todas as commodidades de luxuosa habitação, é uma casa modelo, e uma formosa vivenda.

Sobem da estrada para o portico dois lanços, o primeiro de onze degraus em semicirculo saliente, o segundo de seis



...Dá de rosto... com o portico... pag. 3

em semicirculo re-intrante, maiores uns do que outros na proporção da subida. Medeia entre estes dois lanços uma passagem, que se estende para os lados, formando em toda a largura do portico e das duas primeiras capellas comprido patim, que fecham parapeitos de cantaria com aberturas ováes e pyramides nas extremidades.

O portico é uma das obras mais curiosas do Sanctuario. Formado, como as outras obras, de granito escuro e



pedra bastarda, em que o Minho abunda, eleva-se em arco de volta abatida (1), extradorsado de nivel (2). Tão solidamente e por tal arte construido, que, sustentado apenas em seus delgados pilares, tem resistido aos abalos da terra e vendavões frequentes n'estas partes, é tambem admiravel por sua fórma simples e singela, mas esbelta e bem acabada.

Sobre o extradorso pousam nas extremidades dois ornatos esphéricos, e no centro entre pyramides a cruz archiepiscopal com uma imagem de Christo. Por dentro está embutida uma esphera armillar. Pende do arco o braço do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles (3).

Na parte exterior de cada um dos pilares do portico está aberta em lapida quadrada uma inscripção com letras maiusculas. A do pilar direito diz :

JERUSALEM SAN-  
CTA RESTAURADA,  
E REEDIFICADA  
NO ANNO DE 1723.

(1) O portico foi feito de principio em arco de volta inteira. Tendo abatido um pouco, e sempre por igual, figura hoje á vista volta abatida.

(2) Tem de altura 7<sup>m</sup>26 e de largura 3<sup>m</sup>50.

(3) «Em campo vermelho sete castellos d'ouro em tres palas, tendo a do centro tres castellos.»

Estavam em projecto no espaço fronteiro ao portico as seguintes reformas, que não chegaram a fazer-se.

O portico seria reconstruido com maiores dimensões, tendo uma empena com o seguinte letreiro :

JERUSALEM SANCTA RESTAURADA

NO ANNO DE ....

Em frente do portico formar-se-hia um terreiro circular de 22 metros com quatro fontes :

A primeira tendo um veado na acção de beber, e a inscripção :

UNA SALUS

CERVUS AD FONTES AQUARUM

A segunda um cordeiro ligado sobre uma ara, e a inscripção :

HOSTIAM DEO

DE FONTIBUS SALVATORIS

A terceira uma phenix renascendo d'uma fogueira, e a inscripção :

ET PASSIO ET RESURRECTIO

FONS VITAE

A quarta um pelicano a ferir o peito, tendo a inscripção :

PASSIO CHRISTI

ERIT FONS PATIENS.



Na do outro pilar lê-se :

PELO ILLUSTRISSIMO  
SENHOR DOM RODRIGO  
DE MOURA E TELLES  
ARCEBISPO PRIMAZ

II

Das capellas e suas fontes

Desde o portico até os chamados *Escadórios* (chamaremos esta a primeira parte do Sanctuario do Bom Jesus) encontram-se oito capellas, que representam passos da vida e paixão de Christo. Cortam o monte, conduzindo d'umas para outras capellas até á sexta, e d'esta até á seguinte fonte de Jupiter, sempre encosta acima, rampas compridas, largas, e da segunda em diante muito asperas apesar de as suavisarem, a espaços, alguns lanços de degráus.

É formado o seu pavimento de pedra britada, encaixilhada em cantaria. Parapeitos encabeçados em cantaria, prendendo nos pilares do portico, e em muitas partes cobertos de musgo onde é maior a fresquidão, acompanham as rampas e as capellas, deixando estreitas coxias em volta d'estas. Tem os parapeitos de espaço a espaço espheras armillares ou pyramides.

As primeiras seis capellas são quadradas, e de architectura simples, em todas equal. São cobertas em cupula de quatro aguas, que termina em grosseiro ornato. Tem porta em arco inteiro com largas gelosias de ferro em caixilho de madeira até ás almofadas inferiores, e uma fresta envidraçada em cada uma das paredes lateraes. Pende da cornija, como do portico, o braço do fundador e uma lapida com a inscripção commemo-



rativa do passo, ahi representado, da vida ou da paixão de Christo. As estatuas, comquanto reformadas, são grosseiras, e não tem merecimento artistico, nem, como as do Bussaco, o de ser semelhante em todas as capellas o rosto do Senhor. Antes d'esta reforma era frequente encontrar quebradas ou mutiladas as dos judeus (1). Ainda que este vandalismo não seja hoje tão vulgar no Sanctuario do Bom Jesus, não é raro ouvir ainda agora da bocca do povo rude e supersticioso, de involta com preces e orações a Christo e aos Sanctos, imprecações e invectivas áquelles... A nossa sancta religião não lucra por certo com este e tantos outros excessos e prejuizos, que a luz do Evangelho pela bocca dos ministros do altar ha de pouco e pouco desvanecer, illuminando a intelligencia do nosso povo, felizmente religioso, mas ainda, infelizmente, rude.

Comquanto simples e pouco espaçosas, não respiram estas capellas a humildade propria de sitio ermo, consagrado á meditação; revelam antes mão poderosa, que preferira erigir monumento de grandeza onde fôra de esperar asylo de penitencia. Embora... Quem visitar o Sanctuario do Bom Jesus do monte, se admira a grandeza de suas obras, não deixará por isso de sentir ahi outras menos mundanas sensações, — que a mesma largueza e propriedade, com que foram representados os passos da vida e paixão de Christo, e o religioso recolhimento, a que naturalmente convidam a solidão do sitio e o melancholico retiro, levantarão seu espirito a profundas considerações religiosas.

Juncto a cada capella ha uma fonte allégorisada por emblemas mythologicos. As duas primeiras sahem dos pilares do portico; as outras estão construidas sobre os parapeitos nos patins das capellas. Uma terminam em esphera, outras em esphera com pyramide, e tem no retabulo o nome, na maior parte d'ellas já muito gasto, d'uma divindade

(1) Este máo costume, filho de ignorancia, maldade ou cegueira, é geral: ainda em 1871 dizia o sr. Andrade Corvo no seu — *Sentimentalismo*, a proposito das capellas da *via-sacra* do Bussaco: «O tempo e a estulta brutalidade de alguns visitadores do Bussaco tem ido destruindo as frageis figuras, de modo que dentro das capellinhas se não vêem hoje mais do que troncos sem cabeça, pernas decepadas, braços partidos, mutilações hediondas, a que a cor vermelha do barro dá o aspecto repugnante de carne em putrefacção.»



pagã, e os emblemas por que esta é conhecida na mythologia. Todas lançam sobre bacia de meia concha jorro abundante de purissima agua. A sua construcção tosca e os emblemas acham-se pela maior parte carcomidos pelo tempo.

Censuram alguns esta mistura do sagrado com o profano, ou de objectos do christianismo com divindades, a que rendeu cultos a antiguidade pagã. É mal cabida a censura. O gosto pela mythologia havia-se tornado outr'ora tão universal, que os maiores genios nas artes de imitação tudo representavam pelos emblemas da fabula. Sirva de exemplo o nosso Camões, que reuniu o maravilhoso da mythologia com o da religião christã (1), e Sannazaro, que fez vaticinar à Sybilla o nascimento do Messias (2). D. Rodrigo cedeu ao gosto do tempo; para desculpal-o bastára o costume geralmente recebido. Foi mais longe porém o pensamento do insigne Prelado. Quizera porventura significar por aquelles emblemas ter o mundo reconhecido em todos os tempos a existencia d'um Ser, que os povos acreditavam haver baixado à terra debaixo de differentes fôrmas para ensinar os homens, e adoravam como dispensador de todas as graças. Assim reconheceram na Lua a deusa da castidade e da caça; no Sol o deus da vegetação; em Apollo o da poesia, da medicina, da musica e das artes; em Marte o das victorias; em Mercurio o da eloquencia e do commercio; em Saturno o da agricultura; em Jupiter o senhor omnipotente; e muitos outros. Mas o espectáculo d'um Deus, que se fez homem e martyr para salvar os mesmos que o tinham offendido; a expressão dolorosa de seus tormentos, representados nas capellas da paixão; e defronte d'isto o espelho de antigas superstições, filhas de cegueira dos povos, servem para desarreigar do coração do homem preconceitos de irreligião, e firmar-lhe a crença dos mysterios do christianismo. Significam isto os emblemas da mythologia juncto das capellas da vida e paixão de Christo. Quiz d'este modo o fundador do Sanctuario ensinar as verdades da religião christã pelas falsidades do paganismo.

Majestosas carvalheiras, platanos e outras arvores, plan-

(1) *Lusiadas* cant. II est. 10 e segg.; cant. X, est. 40, 80, etc.

(2) Poema — *de partu virginis*.



tadas sem regularidade em matta pouco espessa, toldam com extensos ramos as capellas e rampas. Algumas alargando suas cimas cobrem immensidade de rebentos, que do tronco brotaram viçosos e corpulentos. Uns d'estes rompem por entre a enramada coma do commum tronco; muitos outros, elevando-se da base em compridas vergon-teas, acham-se enxertados no tronco primitivo por meio de braços, que este lhes estendeu, amparando-os em sua marcha ousada para poderem afoutamente trepar ás nuvens, — emblema do amor paternal, sempre cuidadoso em dar a mão aos debeis filhos, que no verdor dos annos se deixariam ir seu caminho arrebatado sem razão nem força.

As duas primeiras capellas estão, como deixamos dicto, aos lados do portico, uma de cada lado, a curta distancia d'elle (1). Medeia entre ambas um patim (2), para o qual sobem do portico quatro degraus direitos.

A primeira fica á esquerda do portico, ou á direita de quem entra: representa o cenaculo, e tem a inscripção (3):

COENA FACTA...

ACCEPIT JESUS

PANEM.... ET AIT

.... COMMEDITE:

HO C EST COR-

PUS MEUM.

JOAN. 13, 2.

MATH. 26, 26.

A segunda capella, que lhe fica fronteira, representa o horto de Gethsemani. A attitudo de Christo em oração, e a dos apóstolos, especialmente de S. Pedro, em acção de dormir, são dignas de attenção. Do pavimento rebenta um repucho.

Tem esta capella a inscripção (4):

FACTUS IN

AGONIA PRO-

LIXIUS ORA-

BAT. LUC. 22,

43.

(1) 3<sup>m</sup>.

(2) 8<sup>m</sup>,36 de largura, e 6<sup>m</sup>,16 de comprimento.

(3) «Estando elles ceião, tomou o pão... e disse:... comei: este é o meu corpo». (A. P.)

(4) «Posto em agonia orava com maior instancia». (A. P.)



As fontes correspondentes a estas duas capellas são as dos pilares do portico, abertas em alto relevo por baixo das inscripções ali gravadas. A do pilar direito representa o Sol; — a outra a figura da Lua no seu quarto minguante.

A agua d'estas fontes some-se para os cunhaes do portico, e vem cahir em dois tanques, assentes na estrada, um de cada lado do primeiro lanço, que sobe para o portico.

Em seguida ao portico e patim das duas primeiras capellas abre-se a primeira rampa, que sobe para o patim da terceira capella (1). Esta rampa acha-se inteiramente reformada. Tem quinze degraus no principio, egual numero no meio, quatorze no fim, e largo patim de quasi insensivel declive entre uns e outros lanços. As outras serão compostas no mesmo sentido, com o que ficará suavizada a trepada do monte, por ora muito ingreme.

Representa esta terceira capella a traição de Judas, e tem a inscripção (2):

MANUS INJE-  
CERUNT IN JE-  
SUM, ET TE-  
NUERUNT  
EUM. MATH. 26.  
30.

Sobre o parapeito, á direita da capella, ou esquerda de quem sobe, está a terceira fonte com os emblemas de Diana, — mão, aljava e arco.

A entrada do Sanctuario, avistando-se da rua fronteira em meio de verde-escuro arvoredo, com as duas primeiras capellas, que figuram a seus lados como duas sentinellas, e com a terceira alvejando ao longe por entre elle, e formando com aquellas um triangulo, offerece melancholica perspectiva.

(1) A rampa tem de comprimento 33<sup>m</sup> e de largura 4<sup>m</sup>. O patim tem de comprimento 5<sup>m</sup> e de largura 1<sup>m</sup>,65.

(2) «Lançaram mão de Jesus, e o prenderam». (A. P.)



As rampas sobem d'aqui para cima em zigue-zague, tem largura igual á anterior, mas são mais compridas.

A primeira d'estas rampas, que é a segunda do monte (1), sobe do patim da terceira capella para sul. No patim superior está, á direita de quem sobe, a fonte de *Marte* com os emblemas — alfange, pistola (2) e lança, e em frente a quarta capella com a inscripção (3):

APPREHENDIT  
PILATUS JESU,  
ET FLAGE-  
LAVIT. JOAN

49, 4.

Todas as capellas do Bom Jesus do monte são visitadas com frequencia; mas o povo, especialmente o das freguezias distantes, tem por esta respeitoso acatamento, e devoção especial. Não é raro encontrar ahi homens e mulheres, rodeando de joelhos a capella, e indo depois orar em voz alta diante d'ella.

A seguinte rampa corre do patim d'esta capella para nordeste; é mais comprida que a anterior (4), e termina em escadaria com lanços, que intervallam grandes patins.

O patim superior tem na frente a quinta capella, e ao lado direito d'esta a fonte de *Mercurio* com os emblemas — braço e mão pegando do caducéo. Representa a capella o pretorio, onde Christo ultrajado, escarnecido, martyrisado, foi saudado Rei de Israel, recebendo uma coroa de grossos espinhos, por sceptro uma cana verde, por manto uma tunica de purpura. A inscripção diz (5):

EXIVIT JESUS  
PORTANS  
CORONAM  
SPINIAM

JOAN 49, 5.

(1) De comprimento 55<sup>m</sup>.

(2) A pistola n'aquelles tempos é um anachronismo.

(3) «Tomou Pilatos a Jesus, e o mandou açoitar». (A. P.)

(4) De comprimento 59<sup>m</sup>.

(5) «Sahiu Jesus, trazendo uma coroa de espinhos». (A. P.)



A seguinte rampa (1) sobe do patim d'esta capella para sueste, e tem ao cimo a sexta capella, e á direita de quem sobe a fonte de *Saturno*, allegorisada pela mão pegando da fouce. A capella representa a varanda de Pilatos, e tem a inscripção (2):

EXIVIT . . . PILA-  
TUS FORAS, ET  
DICIT.....  
E C C E H O M O  
JOAN. 19, 4, 5.

Discorriamos em formosa manhã do estio por esta parte do monte, sentindo não encontrar alma viva, com quem podessemos repartir impressões, sentimentos, lembranças e pensamentos, que nos assaltavam o espirito, porque...

...c'est peu des beaux lieux, des beaux jours, de l'étude, je veux que l'amitié.....  
me donne des plaisirs, et partage les miens (3).

O assento commodo juncto da fonte anterior, o murmuro da agua docemente sussurrando, a serenidade do ar, tudo convidára a descansar. Abria-se em frente a comprida rampa, e ao cimo d'esta estava immovel um vulto, que mal podiamos distinguir, porque pouco adiantada ia a manhã, o sol já um pouco tardio ainda não havia subido para áquem do monte, e o sombreado da mata não deixava enxergar os objectos distantes. Seria lage desabada do parapeito?... estatua ainda não vista nas primeiras visitas?... Era natural a curiosidade... Um homem, já muito entrado em dias, lia de joelhos ante a capella, cabisbaixo e immovel, na sua *via-sacra* (4). Suas cans, junctando a uma figura nobre o respeito da idade; seu pensamento tão elevado que nem reparou em nós, como se o ruido dos nossos passos lhe não tocára nos ouvidos; esta doce confidencia d'uma alma piedosa na bondade de Deus; este

(1) De comprimento 46<sup>m</sup>.

(2) «Sahiu Pilatos fóra e disse...: eis aqui o homem.. (A. P).

(3) Delille.

(4) «Via-sacra ou modo practico de visitar as capellas, e igreja principal do Sanctuario do Bom Jesus do monte.»



repouso suave, precursor do paraizo, penetraram-nos das mais religiosas commoções. Como eramos mais felizes, nós e esse nosso companheiro, do que tantos outros, que envoltos no bulício do mundo nunca provaram as doçuras da religião de Christo, nem foram ainda saboreal-as no Bussaco ou no Bom Jesus do monte!...

A ultima rampa (1) volta do patim da 6.<sup>a</sup> capella para nordeste, e tem no patim superior, á esquerda de quem sobe, a fonte de Jupiter, do risco das anteriores, allegorizada pela mão empunhando o raio.



.... por baixo d'um... arco... pag. 3.

Dá passagem este patim por aberturas nos parapeitos para a estrada de mac-adam juncto ao arco (impropriamente alli chamado *tunnel*), que a estrada atravessa (2).

Sobe para nascente do patim da fonte de Jupiter, em

(1) Comprimento 59 metros.

(2) Pag. 3.



frente d'esta, uma escadaria muito suave, actualmente de 45 degraus, dividida em lanços, que intervallam grandes patins. Um d'estes, occupando o espaço superior do arco, é um ameno sitio, porque se gosa d'alli comprida extensão d'um e outro lado da estrada, em suave declive por entre basto arvoredos, e pouco adiante a curta distancia a ponte, pela qual atravessa obliquamente sobre a mesma estrada entre vigas de ferro laminado a via ferrea do plano automotor (1).

Consta-nos que as rampas e seus parapeitos, a fonte de Jupiter, a escadaria, e o seguinte antigo *escadorio* ainda sofrerão alguma reforma.

Ao cimo da escadaria está aberto um espaçoso terreiro (2) com parapeitos e assentos.

Foram construidas alli duas capellas, uma ao norte ou esquerda de quem sobe, outra ao sul, ambas da fórma d'um prisma sextogono com cupula em seis aguas, que termina em ornato, e são sustentadas em grossas muralhas com fortes cunhaes de cantaria em toda a grande altura da estrada do monte, que lhe fica sotoposta. Tem entre os cunhaes compridas frestas envidraçadas, gelosias nas portas, e n'estas arco de volta abatida ou padieira ligeiramente arqueada. N'isto, e no risco menos simples, e dimensões maiores (3) distinguem-se estas capellas das anteriores.

A capella do sul representa Christo com a cruz ao hombro, caminho do calvario, e o encontro da piedosa Veronica. A inscripção diz (4):

BAJULANS  
SIBI CRUCEM  
EXIVIT IN...  
CALVARIAE  
LOCUM

JOAN 19, 5.

(1) Parte 4.<sup>a</sup> d'este livro, e 2.<sup>a</sup> estampa d'esta Parte.

(2) Medida do terreiro 20<sup>m</sup> por 15<sup>m</sup>.

(3) Altura dos panos lateraes 7<sup>m</sup>10. Largura de cada um d'estes 3<sup>m</sup>30. Altura da cupula 6<sup>m</sup>, exceptuado o ornato superior.

(4) «Levando a sua cruz ás costas, sahiu para o lugar do calvario.» (A. P.).



A capella fronteira contém o passo da crucifixão, e tem a inscripção (1):

ERAT AUTEM HORA TERTIA  
ET CRUCIFIXERUNT EUM.

MARC. 15.25.

Em frente do terreiro está a fonte das *cinco chagas*, aberta no primeiro muro do proximo *escadorio*, da qual por isso diremos junctamente com este. D'esta fonte tomou o terreiro o nome de — terreiro das chagas.

Com quanto haja sido feita nova plantação d'arvores ao longo da escadaria e em volta do terreiro, em toda a parte onde o permitem os espaços, que não estão occupados pela estrada e pela escadaria e arco, ainda não é fechada a mata nesse sitio, nem acompanhão alas de arvoredos os parapeitos da escadaria. Todo o espaço d'esta e do terreiro está descoberto, como os escadorios, que se lhe seguem (2). À parte esta falta, que o tempo se encarregará de remediar, a obra é boa, e soberba a escadaria; o terreiro offerece commodo repouso á fadiga da subida; e a fonte de Jupiter, vista do alto da escadaria, destacando do verde-escuro arvoredos, tem amena perspectiva. D'esta fonte, olhando em frente, e principalmente do cimo da escadaria, é imponente o effeito, que produz o panorama dos *escadorios* com as suas tres ordens de estatuas, as paredes debruadas de buxo, e o templo, que lá ao cimo avulta, coroadando o monte.

.....

.....

Termina aqui a primeira parte do Sanctuario do Bom Jesus do monte, — toda ella rica de natureza, de poesia e de sentimento. O emmaranhado da mata, o monotonos susurro das fontes, nenhuma vista atravez do arvoredos, o sentimento intimo religioso, que sempre occupa a alma do christão na presença dos tormentos do Salvador, tudo

(1) «Era pois a hora da terça, quando o crucificaram». (A. P.).

(2) Vej. na Parte 6.<sup>a</sup> d'este livro — noticia das obras anteriores.



aqui infunde natural melancholia, e produz fortes e profundas impressões.

Apezar d'isso o visitante, que tiver percorrido todo o monte, voltará a sentar-se juncto das fontes mythologicas ou nos parapeitos das rampas. Cançado das grandezas, que viu, sentirá prazer em recolher-se com o seu espirito, e a sós consigo, e quasi a sós com a natureza, *ao limpido jorrar das frescas fontes*, em gozar dos encantos da solidão!...

Termina aqui a primeira parte do Smaclario do Bom Jesus do Monte, — toda ella rica de natureza, de poesia e de sentimento. O emmaralhado da mata, o monotonio susurro das fontes, nemhumas vistas alavez do arvoredo, o sentimento intimo religioso, que sempre occupa a alma do christão na presença dos tormentos do Salvador, tudo



## PARTE SEGUNDA

---

Escadorios — Terraços de Longuinhos e do teixo — Alameda  
do paredão — Cascata — Duas capellas







# MEMORIAS DO BOM JESUS DO MONTE

## PARTE SEGUNDA



...É formado... d'uma escada dupla... pag. 18.

### Dos escalorios

Em frente do anterior terreiro está a fonte *das chagas* ou *das cinco chagas*, — assim chamada, porque lança em



bacia de meia concha cinco frouxas correntes d'agua por cinco aberturas, que semelham chagas. D'esta meia concha precipita-se a agua em ampla taça, pouzada no chão, e cercada de plantas e flores (1).

Tem esta fonte por cima em alto relevo dentro de retabulo trabalhosamente moldurado os dados, o calix, a tunica e os instrumentos da paixão de Christo, rematando em cruz singela, entre cujo pedestal e o retabulo se lê o seguinte letreiro (2):

PURPUREOS  
FONTES ODIUM RESERAVIT  
ADOXUM  
NUNC IN CRISTALLOS HIC TIBI  
VERTIT AMOR

Aos lados da fonte, onde termina a parede em que está construida, começam os *escadorios*.

Representam estes um quadrilatero rectangular, dividido em oito *corpos*, eguaes na medição (3), na architectura e em numero de estatuas, mas distinctos no objecto allegorizado. É formado cada um d'estes *corpos* d'uma *escada composta* ou *dupla*, isto é, de quatro lanços, de nove degraus cada um (4), subindo os dois primeiros um de cada lado em direcção opposta ao outro, e terminando cada um d'elles em patim, d'onde seguem em sentido inverso d'elles os outros dois lanços, que vão rematar em patim commum. E d'este, que por isso é maior (5), continúa, como a anterior, a seguinte *escada dupla*, e assim as demais. Parapeitos, como os anteriores, encabeçados em cantaria, acompanham todas as escadas e patins dos *escadorios*.

Tem cada um dos *corpos* uma fonte e tres estatuas. Col-

(1) A taça substituiu com gosto grosseiros degraus, que de principio se subiam para a fonte.

(2) «Rubras fontes abriu o odio amargo,  
que ora aqui em crystaes amor converte». (C. F.).

(3) Largura cerca de 26<sup>m</sup>.

(4) De largura 2<sup>m</sup>75.

(5) Os primeiros patins tem 6<sup>m</sup> de comprimento, e 2<sup>m</sup>85 de largura. O ultimo tem 6<sup>m</sup> em quadrado.



locada uma d'estas em frente de cada um dos tres patins sobre o parapeito dos patins correspondentes do immediato corpo, formam todas tres pelo seu conjuncto um triangulo isosceles.

Sotoposta a estatua do vertice abre na mesma parede a fonte, aos lados da qual começam, como aos lados da fonte das cinco chagas, os primeiros lanços da seguinte *escada composta*. Sobre todas as pilastras assenta uma urna ou uma pyramide.

São os *escadórios* de engenhosa architectura e perspectiva imponente. A vinheta juncta supprime a deficiencia da descripção. Não sabemos o termo apropriado para designar com precisão construcções d'este genero: Chamando-lhes *escadórios*, e cada um dos corpos *escada composta*, vamos com a linguagem da terra sem respondermos pela genuinidade dos termos.

## I

### Do escadório dos cinco sentidos

São dois os *escadórios*, — diferentes ambos na allegoria: um representa os cinco sentidos, outro as tres virtudes, Fé, Esperança e Caridade. Chama-se tambem aquelle o antigo *escadório*, porque data dos primeiros tempos do Sanctuario, e bem o dão a ver o gosto antiquado das fontes e estatuas, e os degraus e pilastras, que o tempo tem carcomido.

Dos oito corpos, que formam os dois *escadórios*, pertencem cinco ao primeiro, allegorizando cada um d'estes nas fontes, estatuas e inscripções um dos sentidos. Por isso as fontes figuram em alto relevo, trabalhado em grande retábulo, um meio corpo humano, que lança agua pelos órgãos respectivos do sentido ali representado; e cercam-o, tambem



em alto relevo, figuras de animaes, em que mais distincto é este sentido. Imitou o inventor o que dizia S. Isidoro (1):

Nos aper auditu praecllit, aranea tactu,  
Vultur odoratu, linx visu, simia gustu.

Os castellos do braço do Arcebispo D. Rodrigo estão gravados em todas estas fontes, com excepção da do sentido do olfacto, que tem, tambem em relevo, em vez d'elles a esphera armillar.

As estatuas correspondem á figura humana de estatura agigantada; umas trajam as vestes dos tempos de Israel, outras as de figuras mythologicas; e recordam suas attitudes e inscripções passos da S. Escriptura, ou preceitos evangelicos em relação com o sentido allegorizado na fonte.

Fecham este *escadorio* do norte e sul, acompanhando-o em todos os seus *corpos*, socalcos sustentados por fortes paredões, que, cimalhados de buxo já em grande altura com florões d'este em cada extremidade e um cypreste no centro, semelham mirantes de verdura.

---

1.º

SENTIDO DA VISTA

O retabulo da fonte contém metade d'um corpo humano, que lança pelos olhos duas fortes correntes de purissima agua sobre bacia suspensa; tem na mão esquerda uns oculos, aos lados e por cima tres aguias, e na parte superior a figura do sol.

Remata a fonte uma estatua de pastor com a mão direita sobre o peito, rosto inclinado sobre a mão esquerda, olhos

- (1) •No ouvir o javali excede o homem,  
•Vê mais o lynce, a aranha tem mais tacto,  
•É nos monos o gosto mais subido;  
•E o abutre voraz vence-o no olfacto.. (C. F.)



fechados; cajado ao hombro esquerdo, e na peanha entre a estatua e a tarja a inscripção (1):

VIR PRUDENS.  
QUASI IN SOMNIS VIDE ET VIGILABIS.  
ECCLES. C. 13, V. 17.

Corresponde-lhe do norte a estatua de Moysés em roupas talares, sobraçando a capa no braço esquerdo; na cabeça dois raios de luz; na mão direita a vara com serpente enroscada; e na peanha a inscripção (2):

MOYSES.  
QUEM CUM PERCUSSI ASPICERENT, SANABANTUR.  
NUM. 21, 9.

A estatua do sul é do propheta Jeremias, que tem na mão direita uma vara com olhos, e na peanha a inscripção (3):

JEREMIAS.  
VIRGAM VIGILANTEM EGO VIDEO.  
JER. 1.

Todas as allegorias do *escadório* dos sentidos contém pre-

(1) «Varão prudente. «Toma-as por um sonho, e vigiarás.» (A. P.) Representava d'antes esta mesma estatua o pastor Argos, que diz a fabula tinha cem olhos, cincoenta dos quaes descansavam, em quanto os outros velavam; e significava o amor com que Jesus Christo vela do alto da cruz sobre o seu povo á semilhança do pastor Argos vigiando seu rebanho do visio d'um oiteiro. A inscripção antiga dizia:

MONTIS IN HAC SPECULA VIGILANTIOR EMINET ARGOS;  
FOELIX, SI PRAE OCULIS TE FERAT ILLE SUI.

«Dos Argos o melhor, mais vigilante,  
«Da serra sobre o visio aqui se altêa;  
«Ditoso tu, se o seu olhar bondoso  
«Com teus passos na vida se recrea». (C. F.)

(2) «Os que, estando feridos, olhavam para ella, saravam.. (A. P.)

(3) «Eu vejo uma vara vigilante (vers. 11)». (A. P.)



ceitos evangelicos, exemplos para imitar-se, espelho de virtudes, castigo de costumes.

Quem sóbe ao calvario deve como o *varão prudente* receiar-se das vans ostentações e lisonjas do mundo, e não desviar os olhos da cruz de Christo, bússola infallivel nas procellas da humanidade, cujo symbolo foi no deserto para o hebreu a milagrosa *serpente de Moysés*. E suba destemido, que Deus prometteu ao propheta receber os que o buscassem, e mostrou-lhes por signal a *vara vigilante* (1). Mystica sublime! ingenhoso invento do fundador do Sanctuario, que pela formosa encosta vai convidando o visitante a consagrar ao Deus do céu e da terra, que breve adorará no templo majestoso, toda a sua alma e pensamento!

## 2.º

### SENTIDO DO OUVIR

Representa a fonte outra similhante figura humana, que lança pelos ouvidos duas fortes correntes d'agua, e tem por baixo tres cabeças de touro.

A estatua superior é d'um mancebo na acção de tocar em uma cithara, e tem a inscripção (2):

### IDITHUM.

QUI IN CITHARA PROFETABAT SUPER CONFITENTES  
ET LAUDANTES DOMINUM.

1 PARAL. 25, 3.

(1) S. Jeron., P. Jac. Tir. e Dnam. not. ao v. 11, S. Pedr. Ep. 1 c. 3 v. 12, e Psalm. 33 vv. 16 e 17.

(2) Que cantava ao som da cithara, presidindo aos que cantavam e louvavam o Senhor. (A. P.)

Representava d'antes Orpheu, e tinha a inscripção:

ORPHEUS EN, NOSTRAS QUI DULCIUS ALLICIT AURES.  
CRUX CITHARA EST, VOCES VULNERA, PENNA DOLOR.

• Este Orpheu, que os ouvidos nos enteva,

• Que meigo assim as dores nos serena,

• Tem por lyra uma cruz, tem fundas chagas

• Em vez de canto, e a dor em vez da penna. (C. F.)



Corresponde-lhe ao norte a estatua de David, com purpura real, diadema na cabeça, cabello solto em anéis, tomando no braço esquerdo parte do manto, e na acção de tocar em uma harpa. A inscripção diz (1):

DAVID.

AUDITUI MEO DABIS GAUDIUM ET LAETITIAM.

PALM. 50.

Do sul é a estatua d'uma mulher com semblante animado, plumas na cabeça, na acção de tocar em uma lyra; e com a inscripção (2):

ESPOSA DOS CANTARES

SONET VOX TUA IN AURIBUS MEIS

CANT. 2.

Os ouvidos do christão deverão estar sempre abertos para ouvir os louvores do Eterno; e de sua bôcca devem resoar canticos de gloria.

Que mais alto assumpto de musica e de poesia! Modelos do emprego d'uma e d'outra são na lei antiga o celebrado cantor *Iditho*, e o sancto rei David, e na lei da Graça a *mystica esposa dos cantares*, a Igreja de Christo (3).

(1) «Ao meu ouvido darás gozo e alegria» (vers. 10). (A. P.)

(2) «Sôe a tua voz dentro nos meus ouvidos» (vers. 14). (A. P.)

(3) O versículo 14 diz assim: *Columba mea, in foraminibus petrae, in caverna maceriae, ostende mihi faciem tuam, sonet vox tua in auribus meis.* Pomba minha, tu nas aberturas da pedra, na caverna do muro ensosso, mostra-me a tua face, sôe a tua voz dentro nos meus ouvidos. (A. P.)

Os padres da Igreja entendem no sentido mystico pela pedra as chagas das mãos e pés, e pela caverna do muro a chaga do lado; e assim como as pombas costumam de fazer seus ninhos nas aberturas das paredes e concavidades das penhas, assim Jesus Christo exhorta sua esposa a que venha criar seus filhos nas suas chagas, prometendo defendel-a das aves infernaes.



## 3.º

## SENTIDO DO OLFACCTO

Outro meio corpo humano, como os antecedentes, lança pelo nariz uma corrente d'agua: tem nas mãos uma caixa aberta, e de cada lado a figura d'um cão.

A estatua superior representa um homem, sobraçando a capa com a mão direita, e pegando d'uma flor com a esquerda; na peanha tem a inscripção (1):

VIR SAPIENS.

FLORETE FLORES QUASI LILIUM ET DATE

ODOREM.

ECCL. 39, 19.

Corresponde-lhe do norte a estatua de Noé, ancião paramentado de vestes sacerdotaes, com trunfa na cabeça, altar juncto de si, sustentando nos braços um cordeiro; e com a inscripção (2):

NOÉ.

ODORATUS EST DOMINUS

ODOREM SUAVITATIS.

GENES. 8.

(1) «Varão sabio». «Dai viçosas flores como lyrio, e rescendei fragrante cheiro». (A. P.)

Tinha d'antes a seguinte inscripção:

HYACINTHUS.

SANGUINE, QUEM FUDIT HIC HYACINTHUS IN HORTO,  
MARCUIT, AT FUSI SANGUINIS EXTAT AMOR.

«Rubicundo Jacintho ainda mostra

«O sangue seu, lá no horto derramado;

«Inda, pendendo e murcho, aqui se ostenta

«Das tão preciosas gottas orvalhado». (C. F.)

(2) «O que foi assim agradável ao Senhor, como um suave cheiro» (vers. 21). (A. P.)



Do sul é a estatua de Sunamites, abraçando-se com uma palmeira; e na peanha a inscripção (1):

SUNNAMITES. (2)

STATURA TUA ASSIMILATA

EST PALMAE....

ET ODOR ORIS TUI

SICUT MALORUM.

*Cant. Cantic.*

*Cap. 7, vv. 7 e 8.*

Mesquinhas são as forças do homem! Que tem elle para offertar ao rei dos reis, á majestade das majestades?! Mas o sacrificio de Noé, apenas desembarcado da arca mystica, que o salvou do diluvio para continuar a série da humanidade, foi bem acceito do Omnipotente; e o arco de alliança inda hoje nos revela por entre as nuvens a ineffavel promessa de não tornarmos a soffrer castigo similhante. Noé era justo, — e o *suave cheiro* das sanctas acções do justo, do verdadeiro sabio, sobe até ao céu: ser-lhe-iam engeitadas as victimas, se o não fôra; nem tivera occasião de offertal-as, sepultado nas aguas com seus irmãos. Filhos da casta esposa de Christo, mais pura que a virgem esposa do Psalmista (3), cuidemos de imital-a, servindo humildemente o filho de David, e recenda em nossas obras e palavras a fragrancia da virtude.

(1) «A tua estatura é assimilhada a uma palmeira.... e o cheiro da tua bocca como o dos pomos». (A. P.)

A similhança da palmeira, que vai crescendo e subindo, como em escada, de degrau em degrau pelo nascimento de cada palma, a Igreja eleva os fieis de virtude em virtude, insinuando-lhes pela pregação do Evangelho, pelo som suavissimo da palavra divina, o amor da religião.

(2) Abisag era seu nome. Chamou-se Sunamites, de sua patria Sunam, cidade da tribu de Issacar.

(3) 3 Reg. 1. 4.



4.<sup>o</sup>  
SENTIDO DO PALADAR

A figura da fonte lança pela bocca uma corrente d'agua, tem um pomo na mão esquerda, e de cada lado a figura d'um momo.

A estatua superior é de José na acção de conduzir a oblação em um prato na mão esquerda e um calice na direita, — insignias do seu ministerio na côrte de Pharaó; tem a inscripção (1):

JOSEPH.

DE BENEDICTIÖNE DOMINI IN TERRA EJUS, DE POMIS COELI, ET RORE. *Deuter.* 33, 13.

Corresponde-lhe do norte a estatua d'um mancebo, que tem uma lança na mão direita, um cortiço ao lado esquerdo, e o braço esquerdo em acção de desculpar-se. Na peanha le-se a inscripção (2):

JONATHAS.

GUSTANS GUSTAVI IN SUMMITATE VIRGAE;  
ET ECCE MORIOR.... 1 REG. C. 14.

(1) «A tua terra seja cheia das bênçãos do Senhor, dos fructos do céu, e do orvalho». (A. P.)

Nos primeiros tempos do Sanctuario alludia esta estatua ao joven formoso Ganimedes, que fôra, diz a fabula, arrebatado do monte Ida por Jupiter para servir nos céus á mesa dos deuses; e tinha a inscripção:

NECTAR ET AMBROSIAM GANIMEDES DULCIUS OFFERT:  
SANGUINE SIBI PROPRIO POCULA, CARNE DAPES.

«Cuidoso Ganimedes nos derrama:  
•Nectar celestial, doce ambrosia:  
•Em taças nos offerta o proprio sangue,  
•Dá-nos a carne sua em iguaria». (C. F.)

(2) «Tomei um pouco de mel na ponta d'uma vara, e comi d'elle, e por isso morro!...» (vers. 43). (A. P.)



A do sul representa um sacerdote, pegando com a mão esquerda d'um calice, sobre o qual está um pão, e com a mão direita sobre elle. Na peanha a inscripção (1):

ESDRAS.

GUSTA PANEM, ET NON DERELINQUAS NOS SICUT PASTOR  
IN MEDIO LUPORUM.

ESDR. 4, C. 3.

É o virtuoso *José*, porque provou o duro pão da desgraça, sempre fiel, resignado e casto, — sentado no carro de Pharaó, entregue das riquezas do Egypto, e mais adiante asseguradas a seus irmãos pela propheta de Moysés no monte Abarim as copiosas bênçãos da terra promettida.

É o innocente *Jonathas*, porque gostou o manjar vedado, — tremendo na flor dos annos entre os loiros da victoria a vista do cutello, mas resignado e submisso a barbara (2) sentença de seu pae.

É o sancto sacerdote *Esdra*s, a quem Salathiel recommenda que se erga e coma, porque é chegado o tempo de marchar com o povo de Israel do captiveiro de Babylonia á reedificação do templo de Jerusalem.

Em José — imagem perfeita da felicidade, que espera o justo; em *Jonathas* — vivo exemplo de respeito e obediencia de filho e subdito; em *Esdra*s — lição evangelica aos pastores do povo de Deus: eis a moral, que ensina a S. Escripura nestes tres varões da antiga lei.

5.º

#### SENTIDO DO TACTO

A figura, que representa a fonte, lança agua d'uma bilha, que tem debaixo do braço esquerdo (3). Vem-se na

(1) «Toma o pão, e não nos abandonés, como o pastor, no meio dos lobos». (A. P.)

(2) Chamam-lhe assim os Padres da Igreja.

(3) A ideia do inventor tinha sido representar a figura na acção de apalpar com as mãos um ouriço cacheiro, do qual saíssem pelas púas e espinhos gottas d'agua; comtudo a obra não correspondeu á ideia.



tarja imperfeitamente desenhadas algumas aranhas, e as armas do Arcebispo, a mitra e o chapéo archiepiscopal.

A estatua superior é de Salomão (1) com purpura real, diadema na cabeça, sceptro na mão direita; e na peanha a inscripção (2):

SALOMÃO.

VENTER MEUS INTREMIT

AD TACTUM EJUS.

*Cant. cap. 5, v. 4.*

Corresponde-lhe do norte a estatua do propheta Isaias, de roupas talaes, sustentando na mão esquerda uma tenaz

(1) Esta estatua tem tido diferentes significações. Chamou-se de principio Midas; e teve a seguinte inscripção, allusiva á qualidade fabulosa de converter em ouro todos os objectos, em que tocava:

DITIOR ECCE MIDAS; UTINAM CORDA OMNIA TANGAT!  
AUREA, SINT QUAMVIS FERREA, REDDET AMOR.

«Dos Midas o mais rico, assim podesse

«Os nossos corações tocar piedoso!

«De ferreos, como são, eil-os dourados

«Do seu amor ao toque portentoso». (C. F.)

Teve depois o nome de Assuero com a inscripção:

SCEPTRUM AUREUM PROTENDIT MANU;  
QUO SIGNUM CLEMENTIAE MONSTRABATUR.  
ESTH. 8, 4.

«Estendeu com a mão o sceptro d'ouro para lhe dar mostras de clemencia». (A. P.)

A primeira d'estas inscripções significava a abundancia das graças espirituaes, com que Jesus Christo fertilisa nossos corações; e a segunda, referindo-se á benevolencia, com que Assuero ouviu as queixas de sua esposa Esther, mostrava quanto póde a verdade perante o throno, quando exprimida com pureza e virtude, e dava um exemplo raro, mas sublime, d'um rei, que fechou os ouvidos á lisonja de cortesãos para abril-os aos queixumes do povo opprimido.

(2) «As minhas entranhas estremeceram ao estrondo, que elle fez». (A. P.)



com uma brasa, pegando da capa com a direita, os olhos em elevação; e na peanha a inscripção (1).

ISAIAS.  
TETIGIT OS MEUM.  
ISAI. 6.

A estatua do sul é de Isaac, que representa um ancião cego, com a cabeça descoberta, mãos extendidas em acção de apalpar; e com a inscripção (2):

ISAAC CEGO.  
ACCEDE HUC, UT TANGAM  
TE, FILI MI.  
Genes. 27.

Como é cego e mal avisado o homem! Jesus Christo chama-o para si, busca entrada em seu coração pelos toques da graça (3); manda-lhe os prophetas prometter-lhe o perdão de suas culpas, se fizer penitencia (4); dirige-o pelo caminho da verdade através de seus erros e paixões (5); e ainda assim o homem, desvairado, desconhece os beneficios do Todo-poderoso!

(1) «Tocou a minha bocca» (vers. 7). (A. P.)

(2) «Chega-te a mim, meu filho, para eu te tocar» (v. 21). (A. P.)

(3) Sentido mystico do v. 4 do c. 5 do Cant. dos Cantic. de Salomão, em que se figura Jesus Christo batendo á porta da esposa, e introduzindo a mão pela fresta para levantar o ferrolho.

(4) *Tetigit os meum* «tocou a minha bocca»; — allusão aos pré-gadores da Fé, inspirados por Deus. O altar significa o Salvador, o profeta os ministros do Altissimo, a brasa a palavra Divina, e o toque nos labios de Isaías a inspiração e o dom da persuasão.

(5) Assim fez a Isaac: e dirigindo-o pelo caminho da verdade premiou tambem as virtudes de Jacob.



## Do escadorio das Virtudes

O novo *escadorio* ou das virtudes theologaes, — assim chamado, porque estas são ahí allegorizadas nas estatuas, fontes e inscrições, é continuação do antecedente, regular como elle, e com egual numero de estatuas e fontes em cada um dos *corpos*.

Separa os dois *escadorios* grande terrasso quadrangular (1) com duas columnas á entrada, fechando-o pelo poente para-peitos com assentos e pelo norte e sul altas paredes com vasos.

As suas fontes e estatuas são de melhor trabalho que as do anterior. As fontes são feitas em grandes aberturas ovaes (2); e abaixo das peanhas das estatuas tem lapidas imbutidas com inscrições, que referem, como as do primeiro, preceitos e sentenças da S. Escripura.

## FÉ

Em frente do patim, que separam os dois *escadorios*, elevam-se em semi-circulo oito degraus. No topo do patim (3) superior a estes uma cruz singela, arvorada em calvario, lançando tres frouxas bicas pelos sitios das aberturas das mãos e pés, representa a fonte da Fé.

Por cima d'esta, ainda dentro da abertura oval, lê-se a inscripção (4):

EJUS FLUENT

AQUAE VIVAE.

JOAN. 7, 38.

(1) De comprimento 14<sup>m</sup>; de largura a do *escadorio*.

(2) De altura 3<sup>m</sup>; de largura 1<sup>m</sup>,65.

(3) De comprimento 4<sup>m</sup>,62; de largura 7.<sup>m</sup>

(4) «Qui credil in me... flumina de ventre ejus fluent aquae vivae».

«O que crê em mim... do seu ventre correrão rios d'agua viva».

(A. P.)



Superior á fonte, sobre grossa e bem trabalhada peanha, eleva-se a estatua da Fé, figurando uma mulher com véu rendado, que lhe cobre os olhos e cae pelos hombros, sobraçando a capa no braço esquerdo, pegando com a mão esquerda d'um calice com uma hostia, e apontando para o ouvido com o indice da direita. A inscripção diz (1):

FÉ... ARGUMENTUM NON APPARENTI-  
UM... EX AUDITU: AUDITUS AUTEM PER VER-  
BUM CHRISTI. AD HEBR. 11, 1, ROM. 10, 17.

Corresponde-lhe do norte a estatua da Docilidade, representada pela figura d'uma mulher com o cabello atado; o braço esquerdo levantado, apertando com a mão uma serpente e na attitude de mostral-a; braço direito estendido a pegar d'um escudo, em que estão gravadas em alto relevo a cabeça d'um elephante, e superior a esta um relógio de areia coberto com uma serpente, que tem aos lados dois espelhos, voltados um para o outro. Na inscripção lê-se (2):

DOCLIDADE  
CORDE ENIM CREDI-  
TUR AD JUSTITIAM.  
AD ROM. 10, 10.

Do sul está a figura da Confissão, representada, como a antecedente, pela estatua d'uma mulher com o cabello atado, sobraçando a capa no braço esquerdo, e sustentando na palma da mão esquerda as táboas da lei de Deus, para cujo primeiro preceito aponta com o indice da direita. A inscripção diz (3):

CONFISSÃO...  
ORE AUTEM CONFES-  
SIO FIT AD SALUTEM.  
AD ROM. 10, 10.

(1) «Fé... um argumento das cousas, que não apparecem... a fé é pelo ouvido; e o ouvido pela Palavra de Christo». (A. P.)

(2) (3) «Porque com o coração se crê para alcançar a justiça: mas com a bocca se faz a confissão para conseguir a salvação». (A. P.)



2.<sup>o</sup>

## ESPERANÇA

No sitio correspondente á fonte anterior, e como ella, está construida uma outra, que representa a arca de Noé sobre montanha. Por baixo d'esta discorrem veios de crystallina agua para a base, em que se figura pousada a montanha, e dahi para uma mesa.

A construcção da fonte é engenhosa; a abertura oval, a arca, a mesa, tudo é de bom gosto e adornado de delicados labores.

Por cima da fonte lê-se o seguinte letreiro (1):

ARCA IN  
QUA ANIMAE  
SALVAE FACTAE  
SUNT. . . .

1. PETR. 3, V. 20.

A estatua superior representa uma mulher com o cabello atado, mão esquerda estendida sobre uma ancora, o braço direito levantado na acção de pegar d'uma ave, e na base a inscripção (2):

ESPERANÇA  
EXPECTANTES BEATAM SPEM  
ET ADVENTUM GLORIAE.

AD TIT. 2, 13.

Corresponde-lhe do norte a estatua da Confiança, com os cabellos soltos pelos hombros, sustentando nas mãos um navio a todo o panno; a inscripção diz (3):

CONFIDENTIA  
IN SPE ERIT FOR-  
TITUDO VESTRA.

ISAÍ. 30, 13.

(1) «Arca in qua pauci, id est, octo animae salvae factae sunt...»  
«Arca na qual poucas pessoas, isto é, sómente oito se salvaram...».  
(A. P.)

(2) «Aguardando a esperança bemaventurada, e a vinda gloriosa...» (A. P.)

(3) «A vossa fortaleza estará na esperança». (A. P.)



E do sul a estatua da Gloria, representada pela figura d'uma mulher vestida com roupão e manto lavrado de estrellas, cabellos soltos pelas costas, cabeça cingida d'uma faixa cravejada de perolas, braço direito alevantado a segurar uma figura do Sol, e a mão esquerda traçando a capa, e pegando d'uma palma. Ao lado esquerdo tem sobre a base um globo, e no sitio proprio a inscripção (1):

GLORIA.

... OCULUS NON VIDIT

NEC AURIS AUDIVIT.

AD CORINT. I c. 2, 9.

3.º

#### CARIDADE

A fonte da Caridade, construida pelo gosto das antecedentes, é representada por dois meninos em pé, sustentando nas mãos um coração, donde saê uma corrente d'agua.

A estatua superior representa uma mulher vestida de roupão simples, cabeça coberta com uma especie de capuz, que lhe caê pelas costas, e tendo nos braços duas crianças. Na inscripção lê-se (2):

CARIDADE.

TRIA HAEC.... MAJOR AUTEM HORUM EST

CHARITAS.

AD CORINT. I c. 13, 13.

(1) V. 9. ...oculus non vidit, nec auris audivit...

Quae praeparavit Deus iis, qui diligunt illum:

V. 10. Nobis autem revelavit Deus per Spiritum suum...

«O olho não viu, nem o ouvido ouviu... o que Deus tem preparado para aquelles que o amam; porém Deus nolo revelou a nós pelo seu espirito». (A. P.)

(2) Estas tres virtudes... porém a maior d'ellas é a Caridade». (A. P.)



Corresponde-lhe do sul a estatua da Paz, representada pela figura d'uma mulher com a cabeça descoberta; cabello atado; capa sobraçada no braço esquerdo; este estendido; o direito levantado com um ramo de oliveira na mão; olhos em elevação; e a inscripção (1):

PAZ.

PAX FRATRIBUS, ET

CHARITAS CUM FIDE.

EPH. 6, 23.

A estatua do lado do norte representa uma mulher vestida de roupão com franja, cabello solto sobre os hombros; manto; diadema; e sobre este a figura do Sol; braços abertos, pegando com a mão direita d'um ramo de pinheiro. A inscripção diz (2):

BENIGNIDADE.

CHARITAS...BE-

NIGNA EST.

I COR. 13, 4.

Tem este ultimo corpo do *escadario* duas capellas, uma de cada lado, ambas espaçosas, similhando grutas em monte de grosseiras pedras, por entre as quaes discorrem veios de pura agua, de que se alimentam alguns fetões e outras plantas aquaticas. O exterior não é de bom gosto, com quanto haja ahi bastante arte e trabalho de lavor. O portico é de volta demasiadamente abatida; e as portas, envidraçadas e com bandeira, já muito largas de si, tem altura igual á largura (3), o que as torna pouco elegantes.

A do lado do norte, ou esquerda de quem sobe, é dedicada a S. Pedro. A imagem do Apostolo, de estatura regular, com joelho em terra, mãos apertadas sobre o peito,

(1) «Paz seja aos irmãos e caridade com fé». (A. P.)

(2) «A caridade... é benigna». (A. P.)

(3) 3<sup>m</sup> em quadro.



olhos em elevação, lagrimas poucas mas vivas, expressão de profundo sentimento, representa o sancto no momento em que o terceiro canto do gallo veio recordar-lhe a propheta, que pouco antes lhe fizera o Divino Mestre. Sobre o arco da porta lê-se a inscripção (1):

ET EGRESSUS FO-  
RAS PETRUS FLEVIT  
AMARE.

*Luc. 22, 62.*

A capella fronteira recorda a gruta, que Maria Magdalena habitou em Marselha durante trinta annos, entregue a dura provação e penitencia rigorosa. A estatua, de tamanho ordinario, em pé sobre o monte, e com os olhos em elevação, representa-a embevecida na contemplação de côros d'anjos, que de todos os lados a saudam. No arco do portal tem a inscripção (2):

MARIA OPTIMÂ  
PARTEM ELEGIT, QUAE NON  
AUFERETUR AB EA.

*Luc. 10, 42.*

Entre as lages do ultimo patim ha uma comprida lapida, já quebrada, na qual se lê, quasi extincta, a seguinte inscripção:

A  
SEPOLT.<sup>a</sup>  
Q MANDOU  
FAZER P.<sup>o</sup> DO  
ROSARIO  
PRIMR.<sup>o</sup> IR-  
MITAÕ  
1647.

(1) «E tendo sahido para fóra chorou Pedro amargamente.  
(A. P.)

(2) «Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada». (A. P.)



Outras lapidas imbutidas nas paredes fronteiras dos primeiros patins recordam os nomes de tres homens, que lançaram os alicerces d'este monumento religioso, — os Arcebispos D. Jorge da Costa e D. Rodrigo de Moura Telles, e o Deão D. João da Guarda. Em uma está desenhado em relevo o brazão do primeiro d'elles (1); e por baixo d'este escudo outra lapida tem o seguinte letreiro :

ARMAS DA 1.<sup>a</sup> CAPELLA

QUE MANDOU EDIFICAR O  
SENHOR D. JORGE DA COSTA, AR-  
CEBISPO DE BRAGA EM 1474; FORÃO  
ENCONTRADAS NAS ESCAVAÇÕES  
DOS ALICERCES D'ESTA OBRA EM  
1839: SENDO PRESIDENTE O ILL.<sup>mo</sup>  
JOAQUIM DA MOTTA CAR-  
DOSO, ABBADE DE MAXIMINOS.

Outra contém a seguinte antiquissima inscripção :

ESTÁ: EGREJA: E CAPELA MA-  
DOU FAZER: O PRETO NOTAIRO  
DÔ: JOÃ: DÃ GUÃRDÃ: DÃYÃ  
DE: BRÃGÃ: E LÃMEGUO  
DO: CÔSELHO: DE: EL REI:  
CONDE PALÁTINO POR SÃA E-  
EVACÃ: A X6 D. DO MEZ: DE:  
SETENBRO DO ANO: 1522. x.

(1) Tem por timbre uma roda de navalhas.



Por baixo d'esta lê-se em outra lapida :

INDICA A REEDIFICA-  
ÇÃO DA 2.<sup>a</sup> CAPELLA EM  
1522, QUE FOI ABOLIDA NO  
TEMPO DE D. RODRIGO DE  
MOURA E TELLES EM 1725  
ANNO DE 1839.

Em vez dos referidos mirantes de buxo acompanham os *corpos do novo escadório* jardins e terrenos ajardinados, superiores uns aos outros, como aquelles mirantes, na proporção da elevação d'elles, fechados todos por altas paredes, e communicados com os *escadórios* e entre si. Os primeiros d'estes jardins, um de cada lado, acompanham o grande terraço, que separa os *escadórios*, e o primeiro *corpo do novo escadório*, para o qual, ou para os primeiros patins da sua dupla escada, tem portaes de ferro. Criam-se n'elles formosas roseiras do Japão de grandes dimensões, flores e arbustos de estimação. Os outros jardins não tem comunicação para os correspondentes *corpos do escadório*.

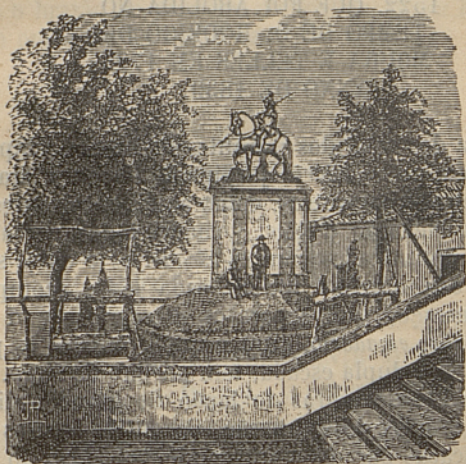
### III

Dos terraços de Longuinhos e do teixo,  
e da alameda do paredão

Do lado norte, ou esquerda de quem sobe, sobranceiro ao *escadório* das virtudes e seus jardins, ha um terraço com algumas poucas arvores sobre a capella de S. Pedro, e faceando com ella. Tem o terraço algumas humildes casas para habitação de capellães do Sanctuario, e no meio a estatua equestre de Longuinhos em grosso e alto pedestal, assente no cume de rocha granitica, em grande parte soterrada.



Representa a estatua de Longuinhos um soldado de estatura agigantada, com morrião na cabeça, escudô embraçado, e lança em punho, montado em soberbo e bem



...e no meio a estatua... de Longuinhos... pag. 37...

ajaezado cavallo (1). São formados d'uma só pedra cavalleiro e cavallo. É uma peça, que se recommenda pela elegancia da fórmula, e pela posição natural. Na peanha lê-se :

#### LONGUINHOS 1819

Lançando d'um lado sobre o *escadorio* ; sobranceiro por outro aos jardins ; confinando pelo nascente com a espa-

(1) A estatua equestre de Longuinhos foi dada ao Sanctuario em 1819 em cumprimento de voto pelo Bacharel Luiz José de Castro Gomes do Couto, de Pico de Regalados.

Longuinhos ou Longino (St.) — o centurião commandante dos soldados que levaram Christo ao calvario, e o soldado que lhe abriu o lado com a lança. Ambos se converteram, e ambos soffreram o martyrio na Cappadocia. — S. Math. cap. 27 v. 54. S. João cap. 19 v. 34. — Bescher. Dicc.



cosa escada, que do immediato terreiro da *cascata* sobe para a capella do descimento da cruz; ligado com esta e com o proximo terreiro da hospedaria, é o terraço de Longuinhos um dos sitios mais procurados e frequentados. Gozar ahi as doces impressões das curtas melancolicas horas de noite de luar de agosto, recostado nos largos para-peitos, ou sentado na escada da capella, apenas ouvindo de espaço a espaço o cadencioso vibrar das horas nas torres do templo... sente-se... diz-se... mas não pode descrever-se...

Do lado do sul, sobranceiro aos jardins e lançando sobre elles, eleva-se um terraço com alguns poucos cedros, e no centro mezas e assentos de pedra debaixo d'um magestoso teixo. Este tem o tronco soterrado; e os grossos braços, quasi subindo á flor da terra, cobrem com ramagem densa a meza, os assentos e uma parte do terraço (1).

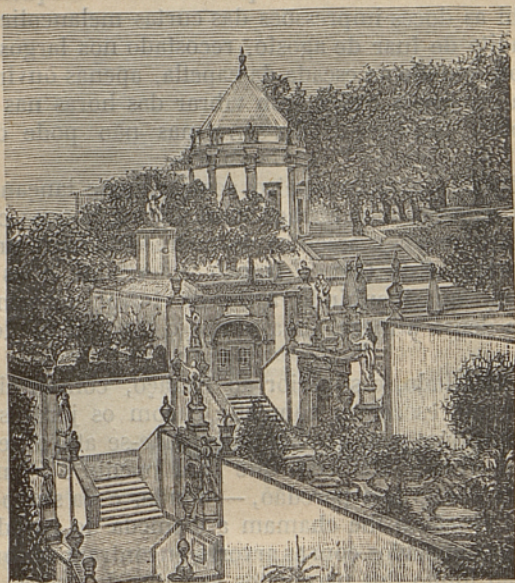
Do mesmo lado, e superior ao terraço, communicando por comprida escadaria com elle e com os jardins soto-postos, continúa para a mata, e estende-se até o templo, frondosa e grande alameda, que para poente é formada e sustentada por grosso paredão, — donde, e da sua posição ao sul do *escadorio* lhe chamam a alameda do paredão ou do sul. Entremeiados com as arvores encontram-se com frequencia ao longo dos para-peitos assentos de pedra.

De todas as arvores destaca uma, mais que as outras, copada. Esta ainda á pouco tinha em volta assentos e tamborettes de madeira, forrados todos de cortiça. Em bella manhã desapareceu a cortiça, e appareceram quebrados os assentos e tamborettes!... Este e outros factos explicam as contrariedades, que as Mezas da Confraria do Sanctuario tem encontrado, e hão de encontrar ainda por algum tempo no seu louvavel empenho de transformar o monte do Bom Jesus. Uma parte do nosso povo ainda, infelizmente, é rude; e com quanto factos semelhantes sejam hoje menos vulgares, o silvo da locomotiva, levando em vôo de fogo a civilisação, ainda não acabou de romper as trevas com o seu rasto de luz.

(1) Vej. obras antigas na Parte 6.<sup>a</sup> d'este livro.



Esta alameda e terraço tem variado panorama. Vêem-se d'alli a curta distancia as cimas ondeantes do arvoredado,



... goza-se, visto de lado... pag. 40

que encobre as primeiras capellas da paixão; goza-se, visto de lado, o panorama geral dos *escadórios*; disfructam-se o pittoresco terraço de Longuinhos, parte da cascata e do templo (1), a capella de S. Pedro por baixo d'aquelle terraço, a do descimento da cruz, e algumas das frondosas arvores dos terreiros da hospedaria e do adro. Para o poente folga a vista por extensa zona a perder-se na vastidão do mar.

(1) A estampa não abrangeo a cascata e o templo.

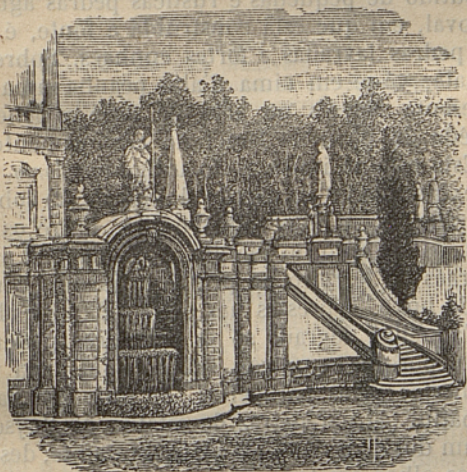


#### IV

### Da cascata, e das capellas da exaltação da cruz e do descimento

Remalam os *escadórios* na *cascata*, também chamada a fonte de Moysés.

Do ultimo patim do *escadório* das virtudes sobem tres degraus entre dois elegantes obeliscos para um vasto terreiro ajardinado (1), que tem dos lados da entrada em semicirculo assentos de cantaria.



...pelo corpo... d'um pelicano... pag. 42

Sobem do terreiro da *cascata* duas compridas escadarias para norte, ou esquerda de quem sobe, e para sul, de 26 degraus em quatro lanços cada uma, ambas eguaes, direitas, muito largas, e suavemente lançadas (2).

(1) De comprimento 21<sup>m</sup> e de largura 33<sup>m</sup>.

(2) De largura 9<sup>m</sup>.



Em frente da entrada do terreiro, em meio de grossa parede, cujo centro destaca das extremidades, ha uma grande abertura oval (1). Dentro d'ella é representada a *cascata* pelo corpo inteiro d'um pellicano na acção de rasgar-se para alimentar os filhos, que de pé, azas semi-abertas e pescoço estendido, lhe pendem do seio. Fios de chistallina agua brotam d'este, e esparzindo-se sobre tres taças semi-circulares, e proporcionalmente maiores umas que as outras, vêm cair em abundante chuveiro sobre uma outra, maior que as tres primeiras, pousada sobre um degráu. Construidas de granito, cuja natural côr claro-escura a humidade e os limos têm n'umas partes quasi inteiramente escurecido, e tornado n'outras em verde bronzeado, os bordos d'aquellas quatro taças representam um grosseiro embutido de pequenas e rusticas pedras aguçadas. A abertura oval, em que está construida a fonte, é formada de largas pedras lavradas e fortes cunhaes. Sobre o arco, onde remata, vê-se em cima d'alta peanha uma estatua, que representa Moysés no acto de ferir o penedo para saciar a sêde do povo de Israel no acampamento de Raphidim. Esta estatua imita as do antigo *escadorio*. Em cada uma das extremidades da parede da *cascata* (2) sobem vinte e sete degráus (3) em meia volta d'espira. Entre os parapeitos d'estes, os do adro do templo, e os d'aquell'outras escadas lateraes do terreiro ha pequenos jardins com reparcimentos de buxo, cyprestes nas extremidades e alguns arbustos. D'aquelles degraus só os primeiros podem ver-se do terreiro, porque os outros, subindo em meia volta, ficam encobertos pelos parapeitos. As duas escadas terminam em patim (4) por detraz da estatua de Moysés.

Este é um dos mais risonhos sitios do monte; desdobra-se debaixo dos olhos em toda a sua extensão o panorama dos *escadorios*; vê-se em mar de verdura quasi toda a mata desde o portico; e goza-se ao longe a mais arrebatadora vista de terra e mar.

Momentos de consoladora suavidade, deliciosos instantes

(1) Altura 6<sup>m</sup> e de largura 2<sup>m</sup>75.

(2) 7<sup>m</sup> distante da cascata.

(3) Largura 5<sup>m</sup>.

(4) De comprimento 3<sup>m</sup>85, e de largura 17<sup>m</sup>.



de doce embriaguez goza alli o visitante, quando em fresca madrugada de agosto ao levantar da aurora, ou em fins de tarde calmosa ao pôr do sol, tão majestoso por entre açafroada aureola de matizadas nuvens, deixar d'alli folgar e espairecer a vista por essa perspectiva, que em frente se abre, verdejante, alegre, variada.

Formoso sitio !

\* Quem.....

.....  
Espaírecendo os olhos satisfeitos  
Por céus, por mares, por montanhas, prados,  
Por quanto ha hi mais bello no universo,  
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,  
Poisar-lhe o coração suavemente  
Sobre esquecidas penas, amarguras,  
Ancias, lavor da vida ? !  
.....

Amena estancia !

Throno da vicejante primavera !  
Quem te não ama ? Quem, se em teu regaço  
Uma hora de vida lhe ha corrido,  
Essa hora esquecerá ? ! \* (1)  
.....

As duas escadas lateraes, que sobem do terreiro da *cas-cata*, conduzem a duas capellas. Estas são oitavadas com cupula graciosamente formada em oito aguas, que termina em urna. Em volta do entablamento pouzam no prumo dos pilares outras urnas; e como as capellas do terreiro *das chagas*, e como todas as mais que se seguem no monte, tem portas altas com gelosias. São de dimensões maiores que as duas anteriores, e, como estas, elegantemente talhadas e levantadas. Riscou-as conjunctamente com o templo actual o architecto d'este (2), e por isso, embora construidas em época posterior á edificação do templo, são molduradas no mesmo genero de architectura.

Assentam ambas em espaçosos patins, d'onde communicam por curta avenida (3) para o adro do templo.

A capella ao cimo da escadaria do sul representa o acto

(1) Garrett.

(2) Vej. noticia d'este architecto na Parte 3.<sup>a</sup> d'este livro.

(3) 20<sup>m</sup> de comprimento, e 7<sup>m</sup> de largura.



de arvorar a cruz sobre o calvario com Christo crucificado, e tem a inscripção (1):

ET EGO SI EXALTATUS FUERO

Á TERRA,

OMNIA TRAHAM AD ME

IPSUM

S. JOAN. 12, 32.

Referem-se a este passo, como poderiam referir-se ao da crucifixão (2), as quatro estatuas, que d'esse lado fecham o adro.

Communica o patim da capella por aberturas nos seus parapeitos com o proximo terraço do teixo e alameda do paredão, e por ahi com o parque e alto do monte.

A capella fronteira contém o passo do descimento da cruz, e tem a inscripção (3):

... DEPONENTES EUM DE LIGNO

ACT. APOST. C. 13 V. 29.

Estão por isso d'este lado as outras quatro estatuas do adro, cujas inscripções se referem ao passo da capella.

São expressivas as figuras d'estas capellas, e das do terreiro das chagas; e se cada uma isoladamente não tem merecimento artistico,—senão defeitos, como nas mais do monte e nas de todos os sitios de igual devoção, o conjuncto é bom, natural a attitude, e viva a representação dos passos.

Nas paredes interiores da primeira d'estas capellas está desenhado a grandes traços o panorama de Jerusalem.

Ao lado direito da capella do descimento da cruz está sobre o parapeito uma fonte de risco simples, cuja agua, cahindo sobre taça, se esváe para outra no terraço de Longuinhos. Para este terraço e para o plano automotor descem aos lados da fonte alguns degraus. Não indica a architectura da fonte allegoria alguma.

(1) «E eu quando for levando da terra, todas as cousas attrahirei a mim mesmo» (A. P.).

(2) Esteve até agora n'esta capella o passo da crucifixão, que passou com a mesma inscripção para uma das capellas do terreiro das chagas.

(3) «... Tirando-o do madeiro». (A. P.).



PARTE TERCEIRA

---

Templo



PARTIE JERONIMA



# MEMORIAS DO BOM JESUS DO MONTE

## PARTE TERCEIRA



...representa... edificio magestoso... pag. 45

### DO TEMPLO

#### I

#### Do adro do templo

Do patim superior da *cascata* sobem seis largos de-graus (1) para o adro do templo. Dois obeliscos, assentes sobre os cunhaes, aformoseam a entrada.

(1) De largura 15<sup>m</sup>.





Comprehende o adro um terreiro espaçoso (1), demarcado em semi-circulo por oito grossos pedestaes, quatro de cada lado da entrada, tendo cada um d'elles uma estatua (2).

Chamamos o adro do templo somente o terreno demarcado pelo semi-circulo, que formam os oito pedestaes das estatuas, e fronteiro por isso ao templo. Mais adiante diremos (3) do terreiro contiguo ao adro, que estando hoje communicado com o da hospedaria pela terraplenagem de parte da avenida, que os separava, fórma com este um só e vasto terreiro até á demarcação d'aquelles pedestaes.

Apezar da altura, em que estão collocadas, as estatuas representam á vista estatura ordinaria. Lê-se na peanha o nome de cada uma, e no pedestal o texto da Sagrada Escripura allusivo ao passo, a que se refere, da vida ou da paixão de Christo.

Quatro d'estas estatuas,—as de Annaz, Pilatos, Herodes, e Caifaz, referem-se á condemnação á morte na cruz, e comquanto melhor coubessem juncto ao passo da crucifixão, não são extranhas ao passo da exaltação da cruz, representado actualmnte na capella, que lhe fica mais proxima. As outras quatro, — de José de Arimathea, de Nicodemus, do Centurião e do mesmo Pilatos fecham aquell'outra parte do adro, porque se referem ao passo da capella do descimento da cruz.

As quatro primeiras estatuas estão collocadas na ordem seguinte :

(1) Desde a entrada até os degraus do templo 54<sup>m</sup>, e de largura entre os ultimos pedestaes 66<sup>m</sup>.

(2) Ainda ha pouco prendiam os pedestaes das estatuas em parapeitos com assentos de cantaria, que seguindo até os obeliscos da entrada tornavam mais saliente a fórma semi-circular do adro. Fechado assim, figurava este um vasto salão, que era no fim das tardes do estio o ponto de reunião de grande parte dos hospedes do Sanctuario. Quando o proximo terreiro da hospedaria foi ligado com o terreiro adherente ao adro pelo desmoronamento dos parapeitos da primeira parte da avenida, foram tambem tirados os parapeitos e os assentos, que prendiam uns aos outros os pedestaes d'aquellas estatuas, com o que ficou mais franca a passagem de trens para a porta principal do templo. Estão, por isso, isolados os pedestaes das estatuas, medeando oito metros (extensão que tinha cada um dos assentos) desde os obeliscos da entrada até os mais proximos pedestaes, e d'uns para outros d'estes.

(3) Parte 5.<sup>a</sup> d'este livro.



## I

Hanan ou Annaz na acção de enviar Christo para Kaiapha ou Caiphaz, que lhe fica á direita no extremo opposto do semicirculo; tem o nome e a inscripção seguinte (1):

ANNAZ  
ET MISIT EUM ANNAS  
LIGATUM AD CAIPHAM  
PONTIFICEM

*Joan. cap. 18 v. 24.*

## II

Pilatos na acção de entregar o titulo para ser collocado sobre a cruz; tem a inscripção (2):

PILATOS  
GOVERNADOR  
DE JUDEA.  
TRADIDIT EIS ILLUM, UT  
CRUCIFIGERETUR...  
SCRIPSIT AUTEM ET TITULUM...  
HEBRAICE, GRAECE, ET LATINE.

*Joan. cap. 19 vv. 16, 19, 20.*

## III

Herodes com os braços estendidos á esquerda em acção de enviar Christo para Pilatos, que lhe fica d'esse lado. Lê-se na inscripção (3):

HERODES.  
ET ILLUSIT INDUTUM  
VESTE ALBA, ET REMI-  
SIT AD PILATUM.

*Luc. cap. 23 v. 11.*

- (1) «E Annás o enviou maniatado ao pontifice Caiphaz». (A. P.)  
 (2) «... lh'o entregou para que fosse crucificado... e escreveu um titulo... em hebraico, em grego e em latim». (A. P.)  
 (3) «E fez escarneo d'elle, tendo-o mandado vestir de uma vestidura branca, e tornou-o a enviar a Pilatos». (A. P.)



## IV

Kaïapha ou Caiphaz na attitudo de rasgar os vestidos, como faziam os ministros da Synagoga, e em geral todos os judeus em signal de mágua ou de horror, e em protestaço de vingança. A inscripção diz (1):

CAIPHAZ.

... SCIDIT VESTIMENTA

SUA Dicens

BLASPHEMAVIT.

*Math. cap. 26 v. 65.*

Recordam estas estatuas os desprezos e ignominias, que Jesus Christo soffreu de casa de Annaz para a de Caiphaz, e d'esta para a de Herodes até á condemnação na de Pilatos.

Correspondem a estas pelo outro lado do terreiro as seguintes:

## I

José de Arimathea apresentando a Pilatos uma petição; e com a inscripção (2):

JOSEPH

DE

ARIMATEA.

HIC ACCESSIT AD PILATŪ

ET PETIT CORPUS JESU.

*Luc. cap. 23 v. 52.*

## II

Nicodemos com uma taça na mão esquerda; e a inscripção (3):

NICODE-

MOS.

.... FERENS MISTURAM

MIRRHAE ET ALOES QUASI

LIBRAS CENTUM.

*Joan. cap. 19 v. 39.*

- (1) «Rasgou as suas vestiduras, dizendo — blasphemou». (A. P.)  
 (2) «Este foi ter com Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus.» (A. P.)  
 (3) «Trazendo uma composição de quasi cem libras de myrrha e de aloes». (A. P.)



## III

O Centurião, vestido de armas, escudo no braço esquerdo, lança na direita; e com a inscripção (1):

CENTU-  
RIÃO.  
ET CUM COGNOVISSET A  
CENTURIONE, DONAVIT  
CORPUS JOSEPH.

*Marc. cap. 15 v. 45.*

## IV

Pilatos em acção de receber a petição; e com a inscripção (2):

PILATOS  
GOVERNA-  
DOR DE JUDEA.  
TUNC PILATUS JUSSIT  
REDDI CORPUS.

*Math. cap. 27 v. 58.*

Referem-se estas estatuas ao devoto zelo, com que os dois discipulos de Christo, José de Arimathea e Nicodemus, alcançaram de Pilatos o corpo do Divino Mestre para o depositarem involto em toalhas aromaticas, segundo era costume entre a gente judaica para conservar os corpos.

## II

## Do Templo

1.º — Exterior do templo (3)

Exteriormente representa o templo um edificio magestoso e de singular architectura, distinguindo-se n'elle as

(1) «E depois que o soube do centurião, deu o corpo a José». (A. P.).

(2) «Pilatos mandou então que se lhe desse o corpo». (A. P.).

(3) Comprimento do templo 55<sup>m</sup>50, e de largura na frente 24<sup>m</sup>75.



tres ordens—dorica, jonica e composita. Póde considerar-se repartido em quatro corpos. O primeiro, que se compõe da fachada e torres, e o terceiro, que é o cruzeiro, destacam do segundo e quarto, a que no interior correspondem o corpo da igreja e a capella-mór.



...as tres ordens... pag. 46

A fachada é dividida em tres partes: a 1.<sup>a</sup> até o entablamento sobre a porta principal, 2.<sup>a</sup> até ás torres, estas a 3.<sup>a</sup>, sobresahindo n'aquella a ordem dorica, na ultima a composita, e na segunda a jonica.

Do adro sobem cinco degraus para um patim, em frente do qual está a porta principal entre quatro columnas magnificas, inteiriças (1), que destacam da fachada, duas de cada lado sobre largos socos. Entre ellas, e dentro de grandes nichos, coroados de frontaes triangulares, estão as estatuas dos prophetas Jeremias e Isaías, em corpo inteiro de estatura ordinaria. A de Jeremias, entre as duas columnas da

(1) Tem de altura cada uma das columnas 6<sup>m</sup>, e de circumferencia 2<sup>m</sup>75.



direita do templo, tem um livro na mão esquerda, e aponta com a direita para o céu. Na peanha lê-se (1):

JEREMIAS.

... AUDITE VERBUM DOMINI...

QUI INGREDIMINI PER PORTAS

HAS, UT ADORETIS DOMINUM.

*Jerem. cap. 7 v. 2.*

A de Isaías, do lado esquerdo, tem como aquella um livro na mão esquerda, e sobre elle uma caveira, para a qual aponta com o indice da direita. A inscripção diz (2):

ISAIAS.

VIDEBITIS, ET GAUDEBIT COR

VESTRUM, ET OSSA VESTRA

QUASI HERBA GERMINABUNT.

*Is. cap. 66 v. 14.*

No espaço que medeia até os cunhaes, ha dois frestões (3) ou janellas altas, e por baixo d'estas em compridas la-

(1) «Ouvi a palavra do Senhor... vós que entraes por estas portas para adorardes ao Senhor». (A. P.)

(2) «Vós o vereis, e folgará o vosso coração, e os vossos ossos, como herva, brotarão». (A. P.)

(3) *Frestão*, augmentativo de fresta, quando o augmento é em altura. (Noticia do mosteiro de Belem.)



pidas os seguintes letreiros. Na da direita do templo, ou á esquerda de quem entra, lê-se (1) :

S. S. P. PIUS VI.

OMNIBUS CHRISTI FIDELIBUS ECCLOESIAM HANC DEVOTE VISITANTIBUS IN PERPETUUM  
CONCESSIT: — INDULGENTIAM PLENARIAM IN DOMINICIS PALMARUM, RESURRECTIONIS, ET  
PENTECOSTES, IN FESTIS ASCENSIONIS D. N. J. C., INVENTIONIS ET EXALTATIONIS S. CRUCIS,  
CONCEPTIONIS, NATIVITATIS, ANNUNTIATIONIS, PURIFICATIONIS, ET ASSUMPTIONIS B. M. V.  
A 4 VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLIS DIERUM HUIUSMODI, PARITERQUE IN QUALIBET FE-  
RIA VI QUADRAGÉSSIMAE, ET SEMEL IN ANNO QUOCUMQUE DIE: — ITEM OMNES ET SINGU-  
LAS INDULGENTIAS STATIONUM VIAE CRUCIS VISITANTIBUS CAPELLAS HUIUS SANCTUARIUM.

S. S. D. N. PIUS P. P. IX.

DIE II JULII MDCCCLVIII CONCESSIT AD DECENNIUM HANC ECCLOESIAM VISITANTIBUS: — INDULGENTIAM  
PLENARIAM IN FESTIS NATIVITATIS, EPIPHANIAE, ET ASCENSIONIS D. N. J. C., S. JACOBI MAIORIS, ET  
DIE ANNIVERSARIO DEDICATIONIS IPSIUS ECCLESIAE A 1. VESPERIS USQUE AD OCCASUM SOLIS DI-  
ERUM HUIUSMODI: — INSUPER VII ANNOS, TOTIDEMQUE QUADRAGENAS QUALIBET ANNI FERIA VI.  
OMNIA SUB CONDITIONIBUS IN INDULTIS EXPRESSIS.

O SS. P. PIO VI.

(1)  
«A todos os fieis christãos, que devotamente visitarem esta egreja, concedeu para sempre: — indulgencia plenaria nos domingos de ramos, resurreição e pentecostes, nas festas da ascensão de N. S. Jesu Christo, da invenção e exaltação da sancta cruz, da conceição, natividade, annunciação, purificação e assumção de N. Senhora, desde as primeiras vespersas até o pôr do sol de cada um d'estes dias; bem como em qualquer 6.ª feira da quaresma, e uma vez por anno em qualquer dia: e outrosim todas e cada uma das indulgencias das estações da via sacra aos que visitarem as capellas d'este sanctuario».

O SS. P. PIO IX.

«No dia 2 de julho de 1858 concedeu por dez annos aos que visitarem esta egreja: — indulgencia plenaria nas festas da natividade, epiphania e ascensão de N. S. Jesu Christo, na de Sanct'Iago maior, e no anniversario da dedicação d'esta mesma egreja, desde as primeiras vespersas até o sol posto de cada um d'estes dias, e mais por 7 annos quarenta dias de indulgencia em qualquer 6.ª feira do anno. Tudo com as condições expressas nos indultos».



O letrado da esquerda diz (1):

A. D. MDCCCLVII. DIE VERO X. MENSIS AUGUSTI EXCELLENTISSIMUS AC REVERENDISSIMUS D. D. JOSEPHUS JOACHIMUS DE AZEVEDO E MOURA, ARCHIEPISCOPUS ET DOMINATOR BRACARAE AUGUSTAE, HISPANIARUM PRIMAS, HANC ECCLESIAM IN HONOREM D. N. JESU CHRISTI CRUCIFIXI CONSECRAVIT. ATQUE IN EJUS ALTARI MAIORI HAS RELIQUIAS INCLUSIT: EX LIGNO SS. CRUCIS, DE COLUMNA FLAGELLATIONIS EJUSDEM D. N., EX VELO B. V. MARIAE, EX PALLIO SANCTI JOSEPHI SPONSI EJUSDEM B. V., ET EX OSSIBUS S. S. APOSTOLORUM PETRI, PAULI, ANDREAE, JACOBI MAIORIS, THOMAE, JACOBI MINORIS, BARTHOLOMAEI, MATTHAEI, SIMONIS, THADDAEI, MATTHIAE, ET BARNABAE, XL ITEM DIES SINGULIS CHRISTI FIDELIBUS ECCLESIAM IPSAM DEVOTE VISITANTIBUS IN DIE ANNIVERSARIO HUIUS CONSECRATIONIS, QUI DOMINICA SECUNDA AUGUSTI QUOTANNIS CELEBRABITUR, DE VERA INDULGENTIA, IN FORMA ECCLESIAE CONSUETA, CONCESSIT.

(1) «No anno do Senhor 1857 aos dez dias do mez de agosto o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. José Joaquim de Azevedo e Moura, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, consagrou esta Igreja em honra de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado, e encerrou no seu Altar Mór estas Relíquias: as do Lenho da Sanctissima Cruz, da Colunna da Flagellação do mesmo Nosso Senhor, do véu da Beatissima Virgem Maria, da capa de S. José, Esposo da mesma Beatissima Virgem, e dos ossos dos Sanctos Apostolos Pedro, Paulo, André, Thiago Maior, Thomé, Thiago Menor, Bartholomeu, Mattheus, Simão, Thadeu, Matthias e Barnabé. E igualmente concedeu quarenta dias de verdadeira Indulgência, na fôrma costumada da Igreja, a cada um dos fieis christãos, que visitarem devotamente a mesma Igreja no dia anniversario d'esta consagração, que se celebrará todos os annos na segunda Dominga de Agosto.»



Aos lados d'esta primeira parte da fachada abre uma janella ou fresta grande oblonga.

Segue-se o entablamento, cujo friso tem triglifos, distinctivo da ordem dorica, e imbutida nelle sobre o portal uma lapida com o letreiro (1):

ET ERIT IN NOVISSIMIS DIEBUS PRAE-  
PARATUS MONS DOMUS DOMINI IN  
VERTICE MONTIUM, ET ELEVABI-  
TUR SUPER COLLES, ET FLUENT  
AD EUM OMNES GENTES.

ISAÍ. cap. 2.

Os triglifos acompanham, contorneando-o, o resto d'esta parte da fachada.

Na segunda parte tres grandes janellas envidraçadas abrem para uma balaustrada, que na sua maior extensão abrange o espaço das quatro columnas inferiores. Em quatro acroterios, correspondentes a estas, pousam as estatuas dos Evangelistas com os seus emblemas (2). A janella do centro, que é a maior, tem bandeira semicircular, as outras frontões em arco de circulo. Do centro do respectivo entablamento pendem as armas de Portugal. O frizo é liso, e a cornija denticular. Uma e outro acompanham e contorneiam, como o entablamento anterior, esta segunda parte da fachada.

(1) «E nos ultimos dias estará preparado o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e concorrerão a elle todas as gentes». (A. P.)

(2) Os emblemas dos Evangelistas são: o de S. Matheus um homem, porque o seu evangelho começa pela genealogia temporal de Christo; — o de S. Marcos um leão, porque principia pela prgação de S. João Baptista no ermo; — o de S. Lucas um touro, porque principia pelo sacerdocio de Zacharias; — o de S. João uma aguia, porque remonta ao seio da Divindade, começando pela eterna e ineffavel geração do Verbo.



Por cima dos frontões das janellas lêem-se em lapidas imbutidas as seguintes inscripções; a da direita diz (1):

MONS IN QUO BENEPLA-  
CITUM EST DEO HABI-  
TARE, IN EO ETENIM  
DOMINUS HABITABIT  
IN FINEM

PSALM. 67, 17.

Na da esquerda lê-se (2):

EXALTATE DOMINUM  
DEUM NOSTRUM,  
ET ADORATE IN  
MONTE SANCTO  
EJUS

PSALM. 98, 9.

No resto d'esta parte da fachada, no espaço que medeia até os cunhaes, ha de cada lado uma sacada tambem com balaustres, mettidos á face da frontaria, com janella envidraçada, e com mostrador de relógio sobre o frontão. D'estes o da direita da fachada communica para o relógio da torre. Dos lados do mesmo corpo corresponde a estas janellas outra sacada e janella pelo mesmo gosto e com semelhantes ornatos.

Termina a fachada em frontão com denticulos na empena, cruz singela sobre peanha no vertice, e dois acroterios nas extremidades, assentando em cada um d'estes um ornato em fórma de urna. Do tympano resaltam em alto relevo os instrumentos da paixão, as escadas do descimento da cruz,

(1) «Monte é este em que se agradou Deus de morar, porque o Senhor morará nelle até ao fim». (A. P.)

(2) «Exaltae ao Senhor nosso Deus, e adorae-o no seu sancto monte». (A. P.)



no centro d'estes objectos um escudo com as cinco chagas, e entre elles gravadas em uma tarja as letras (1):

S. P.

Q. R.

Prende no entablamento uma platibande, acompanhando o edificio, e contorneando-o, com pyramides sobre os cunhaes.

Aos lados do frontão erguem-se majestosas as torres do

(1) No Almanach de lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1870 encontramos o seguinte artigo:

QUARTA-FEIRA DE CINZA. — S. P. Q. R. — Bem differentes e bem diversas têm sido as interpretações dadas ás quatro iniciaes, que servem de epigraphe a este artigo.

Na dianteira de nossas procissões vemol-as todos os annos neste dia, entretecidas de fios d'ouro nos pendões das mesmas. Velha usança, porventura admittida para rememoração do cruento sacrificio do Redemptor! assignalado indício que do seu predominio nos deixaram os celebres dominadores do Lacio!

Usaram-n'as primeiro os sabinos em suas bandeiras de guerra, como interrogação insultante e orgulhosa. Depois os romanos, talvez em resposta solemne, pomposa e grave.

D'elles, depois de terem estanceado entre nós e de tudo romanisarem, recebemos esse apparatus pagão e outros ritos quejandos, que ainda hoje mesclam as ceremonias da igreja catholica.

Mas o que entre os sabinos passou por uma provocação temeraria, o que entre os romanos se ostentou como signal de preeminencia incontestavel, e que foi tão soberbo quanto incitante precursor de bellicosas legiões — *vexillum* — é entre os christãos uma supplica, humildemente dirigida ao Verbo Humanado.

Entre os sabinos aquellas quatro iniciaes queriam dizer:

SABINO POPULO QUIS RESISTET

(*Quem Resiste ao Povo Sabino?*)

Entre os romanos:

SENATUS POPULUS QUE ROMANUS

(*O Senado E O Povo Romano*)

Entre os christãos:

SALVA POPULUM QUEM REDIMISTI

(*Salva o Povo Que Remiste*)



templo com altos campanarios ou ventanas, e cupulas de architectura elegante, rematando a grande altura em urnas.

Extende-se das torres para norte, sul e poente formoso panorama, superior aos dos escadórios, do patim sobre a cascata, em volta da grande alameda, ou d'outros pontos elevados das cercanias de Braga.

Avista-se d'ahi por entre prados, que cercados d'arvores parecem taboleiros ajardinados, immensidade de povoações, logarejos, capellas, montes, estradas e regatos. E sobre o horizonte o mar em grande porção e em varios sitios da costa figura á vista as mais das vezes um comprido e denso nevoeiro; outras vezes porém está tão limpo e espelhado, que a certas horas de tarde de verão, quando o sol reflecte em cheio na cor cerulea das aguas, vêem-se, apesar da distancia, as roupas franjadas da onda que se esphacela na costa, e no fundo do famoso quadro navios que se cruzam, e vapores tingindo o horisonte com esteira comprida de fumo. É um panorama arrebatador.

.....

Entre esta immensidade de objectos sobresahe a cidade de Braga com suas espaçosas praças, cupulas rendilhadas, e compridissimas ruas, que do centro irradiam entre campos de verdura.

Mais adiante vê-se a villa de Barcellos, extendendo-se em quasi linha recta. Lá mais ao longe descobre-se o monte de Santa Luzia, em cujas faldas está edificada a cidade de Vianna do Castello, tão celebre por seus arrabaldes, porto de mar, formoso cáes, compridissima ponte da via ferrea, e doces margens do sereno Lima. E correndo por todo o horizonte avista-se o sítio das villas de Fão e Espozende sobre a costa, a praia e importante villa da Povia de Varzim, e o convento das religiosas de Sancta Clara de villa do Conde, sobresahindo majestoso sobre o cume de elevado oiteiro, e dominando da sua eminencia largo tracto de terra e mar.

.....

A planta do templo foi talhada na fórma, mais seguida na



construcção de templos catholicos, d'uma cruz latina (1). Do cruzeiro, que fórma os braços menores d'esta cruz, estão salientes duas capellas, uma de cada lado, com paredes quintavadas, e cobertura abobadada, terminando em urna. O zimbório é oitavado, e cada um dos seus oito cunhaes remata em pyramides sobre a cornija. A cobertura em oito aguas termina em urna.

Tem o templo duas portas lateraes, uma de cada lado. Sobre ellas ha frontões semicirculares, cujos tympanos contém letreiros, que recordam as epochas, em que foi principiada e concluida a construcção do templo. O da porta do norte diz :

FOI  
POSTA A PRIMEIRA  
PEDRA DESTE TEMPLO  
NO 1.º DE JUNHO DE 1784.

Ao lado d'esta porta uma lapida, mettida na parede exterior, contém os nomes dos membros da Meza da confraria, que pediram a sagração do templo.

Sobre a outra porta lateral lê-se :

FOI  
POSTA A ULTIMA PE-  
DRA DESTE TEMPLO EM  
20 DE SEPTEMBRO DE 1811.

## 2.º — *Interior do templo*

O templo não tem grandes ornatos, mas é magestoso e de vastas proporções, e essa mesma falta de grandes ornatos deve ser razão maior de merecimento. Tres bel-

(1) A cruz grega e a cruz latina caracterisão a construcção das igrejas christãs. — G. A. O. F. Diccion. des artist.



lezas artisticas sobresaem n'este templo, — a perfeita proporção de todas as suas partes, a elegancia de suas linhas, e a sobriedade delicada da ornamentação. Altura, comprimento e largura achão-se alli em harmonia completa, admiravel. A elegancia das fôrmas torna-o magestoso. A sobriedade nos ornatos revella a concepção inspirada do insigne archylecto (1). N'esta sobriedade de ornamentação, que não exclue a elegancia e boa escolha dos

(1) Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante nasceu em Braga pelo meado do seculo passado. Desde tenros annos mostrou propensão natural para os estudos archytectonicos. A' sua direcção foram por isso confiados, ainda novo, as seguintes obras em Braga, para as quaes havia dado o risco — a casa, que para essa epoca era considerada modello, situada no *campo* dos touros (hoje praça municipal) com frente para esta e para o *campo* da vinha (hoje praça de D. Luiz I), casa dos herdeiros de A. L. da C. P. C. de Vilhena, o convento e igreja do Populo, e o hospital de S. Marcos.

Exercendo o emprego de porteiro da camara do Arcebispo D. Gaspar, fez o risco da ponte na villa de Amarante, cuja construcção dirigio.

Despachado segundo tenente de engenharia, nomeado depois lente da cadeira de desenho na Academia das Bellas-Artes, elevado durante a regencia d'esta cadeira á patente de 1.º tenente de engenharia, dirigiu em 1805 a construcção da ponte de barcas sobre o rio Douro defronte do Porto. Foi seu tambem o projecto de uma ponte de pedra, um pouco mais acima do local d'aquella, e em substituição d'ella, em um só arco sobre os rochedos da Serra do Pilar e das Fontainhas,—obra momentosa, cujo risco fizera, e de cuja construcção déra ao governo um gracioso modello em pequenas peças de madeira, mas que não chegou a fazer-se em consequencia da retirada da corte para o Brazil, e subsequente invasão do exercito francez.

Tambem no Porto foram seus o risco do edificio da Academia, o do templo da Sanctissima Trindade, e o da igreja das Almas ás Taipas.

Nomeado capitão de engenheiros, foi encarregado de dirigir a reparação das fortificações da praça de Vallença.

De todas as suas obras foi todavia a coroa de sua gloria, a que lhe mereceu maior dedicação, e por ventura a de maior gosto, a do templo actual do Bom Jesus do monte, que delineou antes de ser engenheiro, que inspecionou pessoalmente, em quanto lh'o permittiram serviços publicos, e que de Lisboa, do Porto e de Valença continuou a dirigir, sempre que era necessario, offerecendo gratuitamente todos os riscos, modelos e instrucções.

Seus foram tambem o risco do adro e das estatuas deste, e os do *escadario* das virtudes, e da capella do descimento da cruz, a qual serviu de modello para a capella fronteira, e em geral os de todas as construcções posteriores no monte do Sanctuario.

Tendo sido ultimamente reformado em consequencia de incuravel molestia, falleceu no Porto em janeiro de 1815, e jaz na igreja da Sanctissima Trindade.

Tem este illustre Bracarense descendentes em Braga, os quaes conservam importantes documentos biographicos do insigne archylecto, e uma collecção, digna de vêr-se, de seus desenhos, uns a banho de nanquim, outros a bico de penna.



ornatos, distinguu-se Carlos de Amarante dos desenhadores e constructores do seu tempo, e de tempos anteriores, que infestaram o nosso paiz, infestando os nossos templos de pezados adornos, e ornamentações sem gosto.

Dedicado ao culto divino desde a sua conclusão, só foi sagrado solemnemente em agosto de 1857. Todos os annos é commemorada esta data com festividade religiosa, por isso chamada a festa da sagração.

A capella mór, que separa do cruzeiro uma balaústrada de pedra, é de grandeza proporcionada ao resto do templo. Os tectos d'esta e os do corpo da igreja são formados de abobada semicircular, dividida em partes por artezões ou arcos de cantaria, que se estribam no entablamento das pilastras das paredes lateraes. As paredes da capella mór e os espaços, que medeiam entre os artezões, estão decorados com primor, e cobertos de ornatos a oleo e oiro. N'aquellas estão pintados dois grandes quadros ovaes de bastante merecimento, que representam Christo na acção de dar vista ao cégo, e de perdoar á adúltera.

O altar mór está debaixo d'um *baldachino* dourado (1), especie de *sobre-ceo*, grande, largo, levantado, soberbo. Quatro columnas magnificas da ordem jonica servem a erguel-o e sustental-o, e tem o fuste em canelluras. Todo elle cobre o altar-mór com o calvario, que lhe fica juncto. E' uma peça, que bem quadra á magestade do templo, e que destaca e se torna saliente em meio mesmo d'esta magestade.

Por occasião da sagração do templo o altar-mór foi reconstruido de uma só pedra do mais fino granito d'aquelles sitios com labores em relevo pela frente. Em meio da face superior do altar ficou um vão, no qual foi encerrado, sendo coberto com lapida da mesma pedra, um cofre, lacrado e sellado com as armas archiepiscopaes, o qual contém muitas reliquias, constantes da cedula

(1) *Baldachino*, — d'origem italiana, usado na fôrma antiga *baldaquino* por Fr. Pantaleão no — *Itinerario da terra sancta*, especie de sobre-ceo, coroa, docel, pallio, ou sitial sustentado por columnas. — *Bescher. Dict.* — *G. D. A. F. Dict. des artist.*



em pergaminho, que tambem está encerrada com elle, e que é do teor seguinte :

**MDCCCLVII. die X mensis augusti. Ego Dominus Josephus Joachimus de Azevedo e Moura, Archiepiscopus ac Dominus Bracarensis, Hispaniarum Primas, consecravi Ecclesiam, et altare hoc in honorem D. N. Jesu Christi Crucifixi, et Reliquias ex Ligno Sanctae Crucis, de Columna Flagellationis ejusdem Domini nostri, ex velo Beatissimae Virginis Mariae, ex pallio Sancti Josephi sponsi ejusdem Beatissimae Virginis, et ex ossibus Sanctorum Apostolorum Petri, Pauli, Andreae, Jacobi Maioris, Thomae, Jacobi Minoris, Bartholomaei, Matthaei, Simonis, Thaddaei, Matthiae, et Barnabae in ea inclusis; et singulis Christi fidelibus hodie unum annum, et in die anniversario consecrationis hujusmodi ipsam visitantibus quadraginta dies de vera indulgentia, in forma Ecclesiae consueti, concessi (1).**

Em seguida ao altar mór eleva-se o calvario, que é de madeira, e em parte coberto de folha de Flandres. Sobre elle está arvorada dentro d'um outro docel, que fecham cortinas de damasco carmezim, a bellissima imagem de Christo crucificado, que o arcebispo D. Gaspar de Bragança mandára em 1776 vir da Italia e offerecêra ao Sanctuario. De fóra d'elle estão as cruzes com o bom e máo ladrão; do lado direito Nossa Senhora, duas Marias e S. João; á esquerda a outra Maria; prostrada ante a imagem de Christo Maria Magdalena; e espalhados pelo monte o centurião e oito soldados. Dois d'estes, recostados no chão, jogam os dados sobre a tunica de Christo, outro tem na mão uma trombeta, e outro o estandarte com as letras :

S. P.

Q. R. (2).

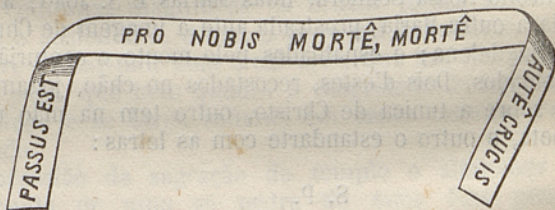
(1) «Em 1837 aos dez dias do mez de agosto eu D. José Joaquim de Azevedo e Moura, Arcebispo e Senhor de Braga, primaz das Hespanhas, consagrei esta Igreja e altar em honra de Nosso Senhor Jesus Christo crucificado; e encerrei nelle as reliquias do lenho da Sanctissima Cruz, da columna da flagellação do mesmo Senhor, do véu da Beatissima Virgem Maria, da capa de S. José, Esposo da mesma Beatissima Virgem, e dos ossos dos Sanctos Apostolos Pedro, Paulo, André, Thiago Maior, Thomé, Thiago Menor, Bartholomeu, Matheus, Simão, Thaddeu, Matthias e Barnabé; e a cada um dos fieis Christãos, que visitarem a mesma Igreja, concedi hoje um anno, e no dia anniversario d'esta consagração quarenta dias de verdadeira indulgencia na fórma costumada da Igreja».

(2) Veja-se pagina 52.



Estas figuras são de madeira; todas, assim como a imagem de Christo, de estatura natural; e tem algum merecimento. Uma das Marias com os olhos no chão, braços cruzados sobre o peito, lagrimas borbulhando, bocca semi-aberta e faces encovadas; das outras — uma apertando as mãos contra o seio e com os olhos enlevados, e a outra na attitude de fallar-lhe, apontando para a cruz, como quem lhe aconselha resignação, — a Magdalena prostrada aos pés da cruz, desgrenhada e com os olhos embaciados; — um pouco áquem o centurião, extasiado, e nesse tremendo instante de desengano, em que reconheceu ser aquelle o Filho de Deus (1); — os dois soldados em posição natural, jogando a tunica de Christo, e os outros de rostos alegres, como descansados da missão que lhes fôra incumbida, — compõem todas estas figuras um grupo admiravel pela representação de sentimentos inteiramente differentes, e offerecem contraste perfeito entre a impenitencia dos judeus, a dor de Nossa Senhora, das tres Marias, da Magdalena e de S. João, e a conversão do centurião.

Por cima d'este docel dois anjos sustentam uma tarja, que tem o seguinte letreiro (2):



O cruzeiro tem dois altares e alem d'estes as duas capellas salientes das paredes lateraes, como fica dicto (3). A capella do lado do Evangelho encerra sacrario com a maior decencia e grandeza. A capella fronteira tem sobre a banquetta do altar em caixa envidraçada uma boa ima-

(1) «Vere hic homo filius Dei erat». — Marc. 15, 39.

«Verdadeiramente este homem era filho de Deus». (A. P.)

(2) «Soffreu por nós a morte na cruz».

(3) Pagina 53.



gem de Nossa Senhora da Soledade com rico vestido de tela d'ouro, manto de cabaia azul, ambos bordados a ouro, cinto dourado, resplendor e brincos recamados de brilhantes. Aos lados da imagem estão duas jarras de porcellana, cada uma das quaes tem um ovo de abestruz, e nestes enfiados dois ramos feitos de escamas de peixe, pousando em cada um d'elles, embalsamado, um picafior de viva côr escarlate.

Sobre o throno do altar d'esta capella vêem-se muitas reliquias dentro de pequenos bustos, dispostos por ordem hierarchica (1). Na caixa do altar estão os ossos de S. Clemente, revestidos de uniforme militar de sêda de ouro e prata, corôa de flores na cabeça, palma na mão, e aos pés um vaso com uma porção do seu sangue.

Os altares do cruzeiro ficam aos lados da capella mór. O da esquerda tem um retabulo grande, figurando Christo na acção de salvar S. Pedro das aguas do mar, e por baixo d'elle outro mais pequeno com a venda de José. O da direita representa Christo entregando as chaves a S. Pedro, e por baixo o sacrificio de Abrahão.

(1) Sobre o throno uma custodia com o sancto lenho; pelos degraus uma urna com a cabeça de S. Donato, pequenos bustos e caixas com reliquias das faixas que involveram o menino Jesus; do lençol em que Jesus Christo foi amortalhado; do véu e camisa de Nossa Senhora; da esponja; da capa de S. José; e outras reliquias — dos quatro Evangelistas; de S. Estevão, proto-martyr; dos Papas S. Anacleto e S. Marcello, martyres; do Bispo S. Braz, martyr; de S. Lourenço e S. Sebastião; de S. Ambrosio, S. Agostinho, S. Jeronymo, S. João Chrysostomo, S. Isidoro, S. Boaventura, S. Bernardo, S. Thomaz d'Aquino, doutores da Igreja; de S. Martinho, S. Pio 5.º, S. Anselmo, S. Antonino, S. Carlos, S. Francisco de Sales, Confessores Pontifices; de S. Antão, S. Domingos, S. Francisco d'Assis, S. Francisco de Paula, S. Ignacio de Loyola, S. Philippe Neri, S. Pedro d'Alcantara, confessores e fundadores d'ordens; de S. Antonio de Padua, S. André Avelino, S. Vicente Ferrer, S. Paschoal Baylam, S. Alberto Carmelita, S. Roque, S. Aleixo, confessores; de S. Joaquim e S. Anna, paes de Nossa Senhora; de S. Agueda, S. Luzia, S. Ignez, S. Apollonia, S. Dorothea, S. Christina, S. Barbara, S. Victoria e S. Eufemia, virgens e martyres; de S. Petronilha, S. Escolastica, S. Clara, S. Catharina de Senna, S. Rosalia, S. Thereza, virgens; e de S. Monica, S. Francisca Romana, S. Margarida de Cortona.

No cartorio estão archivadas as authenticas.



Estes retabulos maiores, e os do corpo da Igreja, que todos são eguaes, são pinturas de merecimento. Não se descobre nelles o nome do auctor; apenas no do salvamento de S. Pedro podem a custo divisar-se as iniciaes — P. A.

Tem tambem o cruzeiro as estatuas, feitas de madeira, dos quatro doutores da Igreja, S. Agostinho, S. Ambrosio, S. Gregorio Magno e S. Jeronymo.

É majestoso no centro do cruzeiro o zimbório (1). Oitavado como a parte exterior (2), são firmados os artesões, assim como os d'aquelles tectos, no entablamento d'elle, convergindo todos ao centro. D'este pende um candelabro.

O corpo da igreja tem uma só nave, e de cada lado dois altares e uma porta. Defende os altares comprida balaustrada de madeira. Cada um d'elles tem retabulos grandes e por baixo d'estes outros mais pequenos. Aquelles representam a resurreição do filho da viuva de Naïm, a conversão da Samaritana, o perdão da Magdalena, e a cura do leproso; estes contém um quadro das almas, a expulsão do paraíso, a coroação de Nossa Senhora, e a tentação da serpente.

Cada uma das portas dá passagem para a porta lateral exterior do templo; e com o recinto entre estas portas communicam as duas principaes sacristias, uma de cada lado do corpo da igreja.

São grandes estas sacristias, e ambas tem luz propria por duas frestas ovaes abertas nas paredes exteriores.

A da esquerda tambem abre para o cruzeiro. Venera-se ahí dentro d'uma caixa envidraçada uma grande imagem de Christo, toda de marfim em cruz e calvario de ebano com marchetados tambem de marfim. Tem a invocação de — Bom Jesus dos navegantes. É de muita estimação e grande valor. Foi mandada da India pelo Viso-Rei D. Diogo de Sousa, conde de Rio-Pardo. Dentro da caixa existem dois vasos de flores artificiaes, e dois mais pequenos com flores de fio d'ouro e prata.

Guardam-se nesta sacristia, alem d'outros ornatos, alguns vasos sagrados de valor e paramentos de estimação,

(1) De elevação 27<sup>m</sup>.

(2) Pagina 53.



entre os quaes se distinguem dois de sêda, outros de damasco, e uma antiquissima alva com o nome, bordado a sêda, do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles.

Na outra sachristia está a antiga imagem do Bom Jesus do monte, que não tem grande merecimento artistico, mas é de muita veneração em Braga, d'onde, em occasião de preces, costumam pedil-a para as igrejas da cidade.

Vê-se ahi um quadro encaixilhado, contendo um excellente ramo de flores de cera antiga.

Venera-se sobre seu altar uma imagem grande de Nossa Senhora das Dores dentro d'uma caixa envidraçada. Tem vestido de setim carmesim e manto de setim azul, ambos bordados a ouro. Aos lados da caixa uma redoma de cada lado contém vasos de louça com ramos de fio de prata.

Acham-se ahi, entre offertas de cera, um cirio de grandes dimensões; alguns quadros representando milagres; e um painel do pintor e retratista portuguez Sequeira, em que é representado o novo templo, ainda em construcção, e tem o seguinte letreiro:

«É dedicada esta memoria aos bemfeitores, e honrados «lavradores das freguezias circumvisinhas d'este Sanctuario, que com pio e fervoroso zelo tanto se empenharam em «conduzir gratuitamente em seus carros toda a pedra para «a construcção d'este magestoso templo».

A este zelo dos povos foi devido o adiantamento do templo, que sendo lançada a primeira pedra no 1.º de junho de 1784 estava concluido a 20 de setembro de 1811.

Em ambas as sachristias estão retratos de bemfeitores, a quem as Mezas da confraria do Bom Jesus tem prestado este tributo de gratidão. Entre elles revelam mão de mestre os do Duque de Lâfões e do Marquez de Marialva, feitos por aquelle insigne pintor, e o do Bispo do Porto, D. Jeronymo, do conhecido retratista Rocquemont.

A sahida d'esta sachristia para o cruzeiro chama a attenção do visitante outro quadro do mesmo Sequeira, exposto na parede, representando o bemfeitor Pedro José da Silva na acção de implorar o auxilio de Christo Crucificado, que lhe apparece em grupo de Nossa Senhora, Maria Magdalena, S. João Baptista, e dois profetas. E' de subido valor.



Em outra sacristia, pequena e humida, detraz do altar mór, guardam-se castiças e cera.

O coro fica ao fundo do templo, tem dois corpos lateraes, posteriormente accrescentados, e em um d'estes o órgão.

Todo o templo tem doze tribunas com sacadas de balaustrades de cantaria, tres de cada lado do corpo da igreja, e tres de cada lado na capella mór, entre pilastras.

Frestões correspondentes ás tribunas, outros sobre as capellas do cruzeiro, ou entremeiados com frestas circulares nas paredes exteriores d'estas capellas e nos espaços dos artesões do zimbório, e frestas quadradas sobre a cornija nos espaços da abobada entre os artesões do corpo da igreja e da capella-mór, dão a todo o templo muita luz. Todas estas frestas, frestões, janellas e tribunas tem communicação com o interior do templo.

.....  
 Termina aqui a grande obra dos *escadórios*, da cascata e do templo.

Construida no meio do monte em espaço inteiramente descoberto; sobranceira á mata das primeiras capellas; isolada do arvoredor, em que se escondem as outras obras, esta parte do Sanctuario avista-se por isso de grande distancia, destacando imponente da ondeante verdura, que de todos os lados a fecha e cêrca.

Magestosa porém, e de variada e sempre engenhosa construcção, não é menos rica de pensamentos religiosos.

«Medita nos mysterios da paixão de Christo; observa a moral do Evangelho; segue o exemplo dos sanctos varões. Estas são as primeiras lições do Christianismo. Doutrinado com ellas, resta ao homem um só degráu para chegar ao templo da Gloria, — ter *fé*, porque Jesus Christo prometteu o paraizo aos que de coração e com os labios cressem e confessassem ser Elle o Filho de Deus ressuscitado (1); — ter *esperança*, porque a palavra de Christo e a promessa d'uma vida futura são a ancora, que nos sustenta contra os perigos do mundo (2); — ter *caridade* (3), que é a columna mystica da Igreja, firmada sobre dois pés, o amor

(1) (2) (3) Inscriptões das estatuas do *escadório* das virtudes.



de Deus e do proximo, tendo por base d'ouro a fé e a esperança (1).

E essa é a estrada, traçada por Deus para o templo da sua Gloria. As portas d'este encontrará patentes quem a percorrer. E essa estrada é indicada ao visitante no monte do Sanctuario. As capellas da vida e paixão de Christo; a fonte das cinco chagas, emblema dos tormentos do Salvador (2); as estatuas e fontes dos sentidos, apontando ao homem a lei do Evangelho, e amostrando-lhe as duas paginas do livro da vida; as tres virtudes, abrindo-lhe o ultimo caminho da salvação, vão-no guiando pouco e pouco a lavar-se nas aguas da purificação, representadas pela cascata, para entrar puro no templo da Gloria, que no alto se eleva, como o termo dos trabalhos, o premio da virtude.

Singular grandeza! Objecto digno de profundas reflexões! Imaginação fertil de quem soube pintar na encosta de elevado monte com as cores do mundo os mysterios da religião, o mundo e a eternidade, guiando d'um modo insinuante o homem por todos os degraus da vida ao templo da Gloria!

(1) Assim se exprimem os PP. da Egreja.

(2) Os PP. da Egreja entendem, no sentido mystico, por Jesus Christo a pedra, e pelas chagas as aberturas d'esta.



de Deus e do proximo, tendo por base d'ouro a fé e a esperança (1).

E essa é a estrada, trilhada por Deus para o templo da sua gloria. As portas d'este encantado palatium que a natureza e essa estrada é indicada ao visitante no monte no summitario. As capellas da vida e pazão do Christo, a fante das cinco chagas, emblemas dos tormentos do salva- dor; as estatuas e fontes dos santidos, apontando ao homem a lei do Evangelho, e amosando-lhe as suas pa- sadas do livro da vida; as tres vitruas, abrindo-lhe o ul- timo caminho da salvação, vão no guando pouco e pouco a lavar-se nas aguas da purificação, representadas pela cascata, para entrar puro no templo da gloria, que no alto se eleva, como o termo dos trabalhos, o premio da vi- tudo.

Singular e grandexa! Objecto digno de profundas reflexões! Immaculado larvi de quem soube pintar na encosta do elo- vado monte com os cores do mundo os mysterios da religião, o mundo e a eternidade, guando d'un modo instantaneo e harmonico por todos os degraus da vida no templo da gloria!

(1) Assim se expunham as P. da Igreja. O G. P. da Igreja entendeu no sentido mystico por Jesus Christo a pedra, e pelas chagas as aberturas da vida.



---

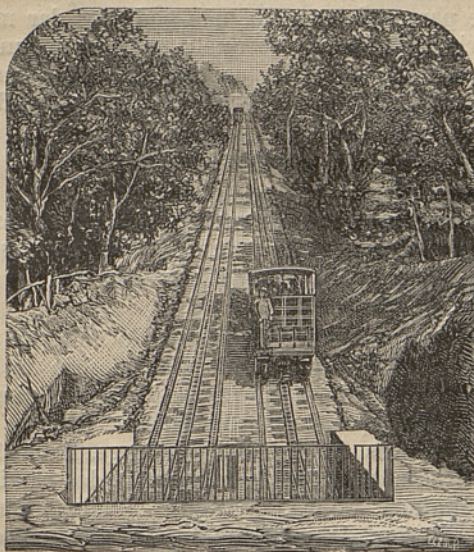
PARTE QUARTA



PAUTE QUARTA



MEMORIAS DO BOM JESUS DO MONTE  
PARTE QUARTA



... do genero do... do Giesbach... pag. 76

Do plano automotor, ascensor ou elevador

Por detraz do pedestal da estatua equestre de Longui-  
nhos, rasgando o pequeno terraço d'esta, atravessando o  
sítio onde foi a velha *casa da torre* (1), e costeando o jar-  
dim do *escadorio* das virtudes, começa de descer em ram-

(1) Da casa da torre vej. Parte 6.<sup>a</sup> d'este livro.



pa vertiginosa, compridissima, alcatifada de virente relva, da qual destacam, parallelos, seis traços negros de via ferrea, em linha recta sobre a empinada encosta até um ponto ao norte do portico do Sanctuario, e proximo d'elle, o plano inclinado automotor.

D'este commettimento arrojado, que a opinião publica recebeu de principio receosa, e hoje considera de gloria para o audaz constructor e de futuro auspicioso para a empresa e para o Sanctuario, não podemos dar mais perfeita descripção technica do que a apreciação, que fazem d'elle no auto da vistoria, os engenheiros encarregados pelo governo de vistorial-o, e julgar das suas condições de segurança.

Este documento diz o seguinte (1):

AUTO DE VISTORIA FEITA AO PLANO INCLINADO AUTOMATOR  
CONSTRUIDO JUNCTO AO SANCTUARIO DO BOM JESUS  
DO MONTE, SUBURBIOS DE BRAGA

«Aos vinte dias do mez de março do anno de mil oito centos oitenta e dois pelo meio dia, no sitio do Bom Jesus do monte, proximo á cidade de Braga, reuniram-se os engenheiros Henrique Guilherme Thomaz Branco, director das obras publicas do districto de Braga, Augusto Cesar Justino Teixeira, director da exploração dos caminhos de ferro do Minho e Douro, e Augusto Luciano Simões de Carvalho, director da construcção dos decimo oitavo e decimo nono lanços do caminho de ferro do Minho e da ponte internacional sobre o Rio Minho, para o fim de, em conformidade com o despacho de quatorze do corrente, communicado n'esta mesma data aos referidos engenheiros por officio da Direcção Geral de Obras Publicas e Minas, procederem ao exame do plano inclinado automotor alli construido por empresa particular, e reconhecerem se está em circumstancias de ser aberto á circulação publica. E logo em seguida, dando principio ao trabalho da sua commissão, observaram que o principio fundamental

(1) Transcripto do jornal de Braga — *Correspondencia do Norte* de 5 de abril de 1882, e conferido com um dos authographos.



do systema era o applicado com locomoção a vapor no caminho de ferro da Suissa, denominado de Righi. Dois carros, conjugados por um cabo, sobem e descem alternada e simultaneamente em duas vias parallelas, assentes sobre um plano inclinado, havendo entre os carris de cada via, e segundo o eixo, um terceiro carril em fórma de escada de mão, entre cujos degraus os carros em movimento vão introduzindo os dentes de duas rodas, collocadas no meio dos eixos das rodas ordinarias. O equilibrio e o movimento do systema são determinados pelo pezo da agua, que no alto do plano é addiccionada ao carro descendente em tina tambem subjacente ao estrado. O plano inclinado, que vae em alinhamento recto desde um ponto proximo ao portal da antiga escadaria do Sanctuario até o adro da igreja, vence uma altura de cento e dezeseis metros em duzentos e sessenta e sete metros de extensão por meio de traineis, que attingem o maximo de quarenta e cinco centimetros por metro. A parte em aterro é fortificada transversalmente com maciços de alvenaria, que se succedem de quarenta em quarenta metros, e a parte em escavação é cortada em rocha dura de granito, na qual são pela maior parte engastadas as travessas da via. Entre uma e outra parte a via atravessa obliquamente a estrada ordinaria de accesso ao Sanctuario em passagem superior, constituida por solidas vigas de ferro laminado, ligadas duas a duas por fortes contraventamentos, encontradas inferiormente por maciços de alvenaria de cimento, cuja apparencia é de grande robustez, e livres superiormente para os effeitos de dilatação devidos á temperatura. A estrutura da via, cuja bitola é de um metro quatro centos trinta e cinco millimetros, é formada por travessas de carvalho do Gerez, espaçadas de metro a metro, e carris vignole de desoito kilogrammas por metro corrente fixados por escapulas alternadamente por dentro e por fóra da via de travessa para travessa, excepto na passagem dos maciços, em que a pregadura é dobrada. O escorregamento longitudinal da via, já prevenido pelos maciços de alvenaria e pelo engastamento das travessas na rocha, é ainda obstado por duas linhas de ferro em [ ] deitado, as quaes reinam em toda a extensão por fóra da via e ao lado de cada carril,



fixas ás travessas por meio de parafuzos. O carril central, composto por duas peças de ferro em [ ] postas de cutello com os rebordos para fóra e reunidas pelos travessões de endentamentô, é exactamente segundo o modelo de Rigi. No ponto culminante, e sobre um maciço d'alvenaria de sufficientes dimensões, gira a grande roldana, em cuja gola passa o cabo de ligação dos vehiculos conforme a disposição geralmente adoptada nos planos auto-motores, excepto na parte relativa ao travamento do systema, que no Bom Jesus vae todo nos proprios vehiculos, servindo assim não só para moderar as velocidades nas condições de andamento normal, mas tambem para obviar á queda em caso de ruptura do cabo. O cabo é formado por sete feixes de fio de arame d'aço de dois millimetros de diametro, e cada feixe composto de desenove fios, o que para os cento trinta e tres fios de toda a trança dá a superficie de quatro centos e dezoito millimetros quadrados. A conjugação do cabo ao carro é obtida segundo a practica americana similhantemente do que vimos empregado na montagem do arco da ponte Maria Pia: as extremidades dos fios inflectidos, como nas escovas, e unidos por uma liga durissima de metal branco, formam um cone, o qual introduzido no orificio, egualmente conico, d'uma grossa chapa de engate, faz com que da tensão do cabo resulte um crescente apertamento. Suppondo a carga maxima de treze mil kilogrammas, correspondente ás circumstancias mais desfavoraveis, que provavelmente já mais concorrerá na practica, isto é, cinco mil kilogrammas do pezo do carro, cinco mil do pezo da agua, de que é capaz a tina, mil e quinhentos de pezo de vinte e cinco passageiros, para que são lotados os carros, e finalmente mil e quinhentos de pezo do cabo; da maxima rampa de quarenta e cinco por cento resultaria para a componente parallelâ o valor de cinco mil oito centos e cincoenta kilogrammas ou para o cabo um trabalho de quatorze kilogrammas por millimetro quadrado, inferior ao limite admittido mesmo para o arame de ferro e seis vezes inferior ao exforço de ruptura, o que dá sem duvida a conveniente garantia de segurança. Os travões, annexos ao carro, como já foi dito, são dois: um, manual, a cargo do conductor do carro,



actúa sobre tambores junctos ás rodas centrâes, anterior e posterior, por meio de cepos dentados, que se applicam sobre caneluras abertas nos mesmos tambores; o segundo, automatico, actúa do mesmo modo sobre o tambor da roda anterior desde o momento, em que cesse a tensão do cabo, e deixe de funcçãoar o primeiro. Tanto o material fixo como o circulante provém das officinas de Olten, na Suissa, dirigidas pelo habil e conhecido engenheiro Mr. Riggensbach, cujo nome ficou vinculado ao engenhoso e ousado commettimento de Righi, e que tem construido e está construindo outros planos automotores, semelhantes em condições mais e menos difficeis.

«A commissão porém, não obstante serem reconhecidos o credito do constructor, a boa execução do material, e o cuidado, com que são combatidos os effeitos da grande inclinação do plano; depois de ter feito funcçãoar o systema e de o ter experimentado pessoalmente n'uma viagem completa de ida e volta, a qual correu com toda a regularidade, não podia deixar de exigir uma prova indispensavel, tendente a demonstrar practicamente a efficacia do travão automotor, o qual só funcçãoa em caso de sinistro. Para realisar esta prova foi travado e calçado o carro descendente no alto do plano, e por meio d'um guincho e respectivos appparelhos foi suspenso o carro ascendente sobre o mesmo plano e acerca de trinta metros do topo inferior, deixando assim de funcçãoar o cabo de arame, e tomando conta do travão manual o sr. Raul Mesnier, encarregado dos trabalhos de construcção, o qual espontaneamente e com toda a confiança se sujeitou a esta prova.

«D'um só golpe foi cortada a corda do guincho, e o carro entregue á acção da gravidade. Immediatamente desceu o contrapeso do travão automatico, e o carro a menos d'um metro de distancia parou de repente. Esta experiencia realmente satisfatoria foi presenciada por grande numero de pessoas, que na occasião affluiram ao local.

«Parecendo portanto que o plano inclinado automotor do Bom Jesus do monte está em circumstancias de ser aberto á circulação publica, assim o declara a commissão; porém julgando que o serviço da exploração exige extraordinaria vigilancia, tem como impreteriveis as seguintes providencias:



«Primeira — Que sobre aquelle serviço haja uma fiscalisação technica permanente ;

Segunda — Que sejam feitas periodicamente, com intervallo não superior a tres annos, vistorias, em que sejam verificados o bom estado do material e o regular funcionamento de todos osapparelhos ;

Terceira — Que, no caso de haver interrupções consideraveis no serviço da exploração, a fiscalisação technica proceda com a devida anticipação ao exame e ás provas convenientes, e sómente seja aberto á circulação publica o plano automotor, quando esse exame e provas sejam satisfatorias ;

Quarta — Que antes da inauguração a empresa estabeleça entre as estações superior e inferior os signaes convencionados ;

Quinta — Que o plano seja vedado desde já com grade de madeira, e no futuro com espessa e bem contínua sebe viva, escolhido para isso arbusto apropriado ;

Sexta — Que a matricula do pessoal de conducção de trens fique sujeita á fiscalisação da auctoridade administrativa, de modo que a habilitação phisica e intelectual dos conductores seja sufficientemente garantida.

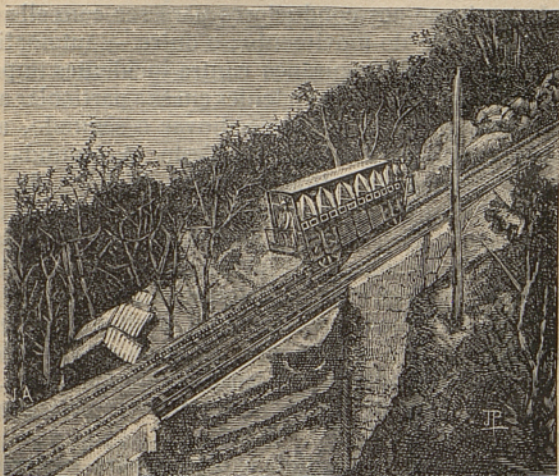
«E para constar e outros devidos effeitos lavrou em duplicado a commissão o presente auto, que vae ser assignado por cada um dos seus membros, sendo um dos exemplares destinado ao governo civil do districto de Braga e outro á empreza. — *Henrique Guilherme Thomaz Branco.* — *Augusto Cesar Justino Teixeira.* — *Augusto Luciano Simões de Carvalho.*»

Póde julgar-se da importancia da obra e da natureza e força do mechanismo pela grande extensão, que os trens motores tem a percorrer, de 267 metros approximadamente para ganhar a altura, tambem approximadamente, de 116 metros, o que importa a enorme inclinação de cerca de 45 por cento.

Para dar-se a dependencia de movimento ou mutua coadjuvação dos dois trens, o ascendente e o descendente, gira no extremo superior do plano, segura em forte masião de alvenaria, e fechada á flôr do chão em pequena



casa abobadada, a grande roldana, em cuja gola ou semicircunferencia passa e se move com ella o cabo ou calabre, que prende em cada uma de suas extremidades um dos trens. São taes o comprimento d'este cabo e a reciproca dependencia do movimento dos dois trens, que estando um d'estes no extremo superior d'uma das linhas do plano ha de necessariamente estar o outro no extremo inferior da outra linha, e quando aquelle principiar o seu movimento de descensão, não póde o outro deixar de seguir-o em sentido inverso. Descem e sobem simultaneamente.



... em passagem... constituída por... vigas de ferro laminado... pag. 67

O plano é dividido em tres traineis ou rampas, cada um com inclinação differente, — o primeiro, contando da base, com inclinação de 37 por cento sobre extensão de 24 metros, — o segundo de 44 por cento sobre 130 metros, — o terceiro de 45 por cento para os restantes 113 metros do plano. Figura por isso quebrada a linha em dois pontos, — no fim da primeira e da segunda rampa, — o que não só não é defeito, senão assim mesmo regulado segundo os precei-



tos da sciencia para facilitar o movimento de ascensão pelo aproveitamento e economia de forças, quebrando resistencias, e procurando equilibrar os pezos.

Semelham-se os trens motores aos dos tramways (americanos) na fórma interior e exterior, e são como elles ou abertos com cortinas, ou fechados com vidraças, resguardados de qualquer d'estes modos contra os vendavães, que frequentemente açoitam a montanha. Distinguem-se porém d'elles no corpo subjacente ao estrado, o qual se compõe de duas partes. A primeira d'estas contém, além do rodado apropriado aos carrís do plano, um mechanismo de segurança por meio de dois travões (break), um — manual, cuja direcção pertence aos conductores para ser com elle regulada a velocidade do movimento; o outro — automatico, e principal valvula de segurança contra incidentes imprevisitos; — ambos todavia independentes em sua particular acção, com quanto o primeiro possa coadjuvar o segundo, addicionando a sua acção á acção d'este. A segunda parte d'aquelle corpo é uma tina ou caixa de folha de ferro. Differentes canos de alvenaria, de cerca de 1<sup>m</sup>80' de altura por outro tanto de largura, capeados de cantaria e saindo á flor da terra, conduzem de distancia de fóra e de dentro da cêrca do Sanctuario até o extremo superior do plano a agua, que é o elemento motor d'este mechanismo. D'esses canos reccebe a tina a agua necessaria ao movimento por meio de um tubo adaptado á parte anterior do trem, e da qual, terminada a descensão, este se alivia pela abertura automatica d'uma valvula.

Não é arbitraria a quantidade d'agua para o serviço do plano. N'este e nos mais planos de igual natureza, o trem descendente, equilibrados os pezos d'ambos os trens, carece do excesso de pezo de um metro cubico d'agua para arrastar o trem ascendente. Quinze a dezoito passageiros são considerados, approximadamente, pezo correspondente áquelle volume d'agua. As resistencias passivas são d'esta fórma vencidas pelo esforço addicional, que, longe de ser arbitrario, é determinado pelas leis physicas da resistencia ao movimento.

Os regulamentos do serviço do plano limitam em cada viagem a vinte e quatro o numero de passageiros do carro



ascendente. Para a descida é permittido maior numero de passageiros, cujo pezo descendente é, em certos limites, favoravel para o movimento, economisando despeza d'agua. Aquelles regulamentos elevam-no a quarenta. Mas a construcção dos trens permite forçar-se com prudencia a lotação estabelecida.

Vedam o plano na extremidade inferior, separando-o do terreiro, grades de ferro, e aos lados d'estas pequenos cáes, que dão accesso aos trens motores. Ao cimo do plano communicam-no com o que resta do terraço de Longuinhos, e d'aqui pelo patim da capella do descimento da cruz com o terreiro da hospedaria escadas d'outro cáes. Tudo isto porém é provisorio, em quanto não estiverem concluidas estações regulares e casas de guarda.

A ascensão, e portanto tambem a descensão, fazem-se lentamente pela força natural devida ao pezo maior do trem, que desce, sobre o trem que sobe. Dão por isso tempo de sobejo para gozar-se d'altura, que fascina a vista, esplendido panorama. Especialmente na ascensão como que se vae desdobrando este á proporção que o trem vae ganhando maior altura. E' um veu, que pouco e pouco se ergue, descortinando pouco e pouco os mais variados, os mais risonhos, os mais brilhantes pontos de vista.

É Braga com o seu grande centro e as compridissimas ruas, que irradiam d'este centro (1). São os arvoredos, que medeiam entre estas ruas. São os prados alcatifados de verdura, os campos cobertos do fructo, as quintas ajardinadas, os casaes e povoações sem conta com seus presbyterios, resaltando d'aquelles prados, ou alvejando risonhos por entre quadrados de viçosas arvores. É mais ao longe o mar com horisonte infindo em dia claro, desdobrando sobre a costa columna cerrada. É a onda em cachão, que esboroando-se em grandes cobertas de branco e fino lavor vem lambendo, até se sumir, as areias da praia. É a superficie cerulea da agua, onde o resaque deixou largas esteiras de espuma recamada, que o sol assetina com seus raios brilhantes. É toda esta porção da provincia do Mi-

(1) Vej. Appendix—Roteiro de Braga.



nho, tão esbelta, tão viçosa, tão amena, tão cheia de vida, de flores e de poesia, que se estende desde acima de Vianna do Castello até além de Villa do Conde.

E todo esse panorama, soberbamente pittoresco e surpreendentemente bello, parte d'elle em distancia consideravel, goza lentamente a olho nú o visitante do Sanctuario, quando sobe ou quando desce o elevador. E para gozal-o mais detidamente pode mandar afoito parar o trem, quando quizer, onde quizer, e na altura que quizer, porque o forte travão prende firme os dois trens combinados, e suspendendo-os no abysmo não os deixa despenhar-se... nem haveria razão para receio, ainda que quebrassem o grosso calabre d'aço, que atrela os trens. «São de tal força de resistencia, dizia-nos o instruido cavalheiro, com quem «maior practica abrimos sobre este objecto, os elementos «que servem de fiadores á immobildade dos trens, quando «empregados convenientemente os travões, que se pode «reputar mais seguro o passageiro n'estes trens do que em «qualquer outro producto da sagacidade humana no que «respeita a construcções». Mostrou-o a experiencia, a que se refere o auto da vestoria... Todavia *Deus super omnia*... Deus é grande... o mar é largo... mas o barco é tão pequeno!...

São diversos os systemas de locomoção para transpor montanhas, valles profundos, largos rios, declives e precipicios de todo o genero, onde até ahi viajante nenhum ousára afoitar-se, por mais audaz ou menos providente que fosse, porque o accesso era difficil, arriscado umas vezes, e não raras considerado impossivel. A sciencia e a arte venceram os obstaculos da natureza, rasgando o veo, com que esta escondia, avara, innumerables bellezas e riquezas suas, e abrindo vasto horisonte, até então desconhecido.

Não cabe no estreito circulo d'este livro, nem o poderíamos fazer, leigos como somos n'estes campos fecundos da actividade humana, expor com individuação os varios systemas de tracção, que tendem áquelle fim (1). E tão

(1) «L. Baclé» — Les voies ferrées, Paris 1882. — Projecto (Memorias) do locomoção por tracção funicular, do sr. Mesnier, Porto 1883.



differentes são elles, que pode ser devido o impulso ou á acção combinada do vapor e do agente funicular, ou áquelle exclusivamente, ou exclusivamente a este (1). Do primeiro d'estes systemas são os de Hopton na Inglaterra, e os da França em *Croix Rousse* e *Fourvières* (Lyon), e em *Langres*.

No plano de Hopton a locomotiva a vapor subia, despedindo o cabo, a que ficava atrellado o trem na base do plano, e chegada ao extremo superior rebocava este trem, enrolando o cabo. Esta exploração todavia abortou.

Nos de Lyon a machina a vapor está fixa no extremo superior do plano, dando movimento de rotação a um grande tambor, sobre o qual se vae enrolando o cabo, que da extremidade opposta arrasta o trem. No de Langres, ainda em construcção, uma das pontas do cabo prende uma locomotiva de roda dentada com um trem, e a outra ponta atrella outro trem de maiores dimensões. Sendo por esta fórma approximadamente eguaes os pezos mortos dos dois extremos, a machina sobe e desce na sua linha sobre cremalheira (2), impellindo na subida o trem menor, enquanto o outro desce na sua linha, e arrastando este com o pezo da sua descida e com o esforço suplementar, que n'esta cremalheira exerce aquella roda dentada.

Do segundo systema é o plano, que viajante nenhum deixou ainda de ver e percorrer no monte Righi (Suissa). Este plano é notavel pela sua forte inclinação, pelo comprimento da linha (7:000 metros), pela immensa altura e precipicios, sobre que gira a locomotiva, e pelo panorama pittoresco e magestoso, que se disfructa em toda a longa subida. Este systema nasceu na America, o paiz das mais audazes iniciativas, onde foi empregado pelo engenheiro Marsh, e d'ahi transplantado na Suissa pelo engenheiro Riggensbach. O elemento funicular foi excluido d'este plano, porque, sendo muito conveniente e de facil e bom ef-

(1) Funiculus — de funis, corda, cabo ou calibre de qualquer materia. — Beshel. Diction.

(2) *Crémaillère* é um elemento de segurança para os planos funiculares automotores ou de machina fixa, — essencial para os planos, sejam ou não funiculares, em que a machina motora circula na linha, como em Langres e no Righi, — o sempre conveniente em todos. E' a linha dentada em meio das outras duas, a que se refere o auto da vestoria.



feito nos planos curtos e fortemente inclinados, — onde, principalmente por se equilibrarem os pezos mortos do material circulante, podem aproveitar-se toda a economia do motor e todas as circumstancias, que mais concorrem para esta economia, — a sua maior complicação prejudica-o, e produz hesitação em planos extensos, sobre tudo por causa das resistencias passivas, que augmentam na proporção da extensão.

Do terceiro systema são os planos inclinados da ascensão do Vesuvio, do engenheiro Olivier, e do monte Giesbach (Suissa), ambos construidos e explorados depois de 1878, e desconhecidos por isso dos que formámos n'esse anno o cortejo numeroso de visitantes á exposição universal de Paris, a maior parte dos quaes foi d'alli gozar as poeticas montanhas da Suissa.

Do genero do plano do Giesbach é o do Bom Jesus do monte, que o sr. Manoel Joaquim Gomes importou em Portugal, e pela primeira vez em Portugal no monte do Bom Jesus, dando-lhe com o seu proprio nome (1)... nome e fama.

N'esta empreza momentosa teve grande quinhão de gloria, como em todos os projectos de emprezas semelhantes, já auctorisadas em Portugal (2), o sr. engenheiro civil Raul Mesnier de Ponsard, a quem coube o estudo do plano e a direcção da sua construcção. Assentou-o o sr. Mayer, empregado de Riggembach (3).

Concluiremos esta curta noticia do plano inclinado do Bom Jesus do monte com uma ligeira indicação do contracto de concessão d'este importante melhoramento, feita pela Meza da confraria ao sr. M. J. Gomes.

(1) O ascensor do monte do Bom Jesus é conhecido pelo nome de — plano funicular Gomes.

(2) Por iniciativa do sr. Mesnier foi fundada uma empreza com o fim de estabelecer meios de locomoção em rampas fortes. A direcção administrativa d'esta empreza pertence aos srs. M. J. Gomes e A. P. dos Santos Beirão, e a direcção technica ao sr. Mesnier. A camara municipal de Lisboa concedeu a esta empreza a construcção de planos inclinados do systema Riggembach-Mesnier em certas e determinadas rampas da cidade, cujos trabalhos progredem. A camara de Ponta Delgada fez-lhe igual concessão.

(3) *Correspondencia do Norte* (jornal de Braga) de 5 de abril de 1882. *O Occidente* (revista litteraria) de 4 de maio do mesmo anno.



O contracto foi feito por escriptura de 13 de maio de 1880, e reformado em 15 de março de 1883. As condições especiaes e reciprocas obrigações são, em resumo, as seguintes :

— O concessionario obrigou-se a adquirir e canalisar á sua custa até á *Mãe d'agua* (1) as nascentes da Deveza da ribeira do *Rio Mau*, na freguezia de Espinho. Estas aguas, reunidas ás da cêrca do Sanctuario, e quaesquer outras que este ou aquelle adquirirem de futuro, servirão para alimentar os lagos, cascatas e repuchos, ou já existentes, ou que de futuro forem construidos em nivel superior ao local, onde foram montados osapparelhos e depositos de agua necessarios ao elevador, e depois d'este serviço poderão ser reunidas pelo concessionario n'aquelles depositos, e applicadas ao serviço do elevador.

— Foram exceptuadas d'esta applicação as aguas necessarias para abastecimento das fontes dos *escadorios* e das capellas, salvo caso urgente da exploração do elevador, — e as que forem precisas para uso dos hoteis e moradores do Sanctuario, e para serviço de regas dos jardins.

— Os lagos e depositos d'agua da cêrca deverão estar canalisados em correspondencia com o apparelho do plano automotor, e dispostos com valvulas para se occorrer promptamente, em caso de necessidade, ao abastecimento da agua necessaria a este, podendo para esse fim extrahir-se d'elles, além da vertente natural, agua até baixar a sua superficie 0<sup>m</sup>,20, o maximo.

— O concessionario tem durante o praso da concessão o uso das aguas transportadas no elevador e o das vertentes das aguas da cêrca, as quaes póde conduzir juncto da linha d'este. Exceptua-se a agua destinada ás fontes dos *escadorios*, de cujas vertentes só póde tomar conta nas primeiras fontes do portico, salvo qualquer direito de terceiro.

— As aguas, que sobraem do serviço do plano automotor, podem ser applicadas a qualquer uso na cêrca do Sanctuario. As suas vertentes porém sempre ficam pertencendo ao concessionario nos termos ditos, devendo ser canalisadas até á valeta do plano.

(1) Pag.



— A construcção do plano foi a cargo do concessionario. O Sanctuario cedeu para esse fim, durante o praso da concessão, o uso do terreno indicado na planta e perfil, e as arvores abatidas pelo traçado da linha. São tambem a cargo do concessionario os reparos e conservação do plano e seu material.

— O concessionario obrigou-se a modificar a estrada de mac-adam nos termos indicados no instrumento da concessão, fazendo atravessar a linha do automotor pela parte superior d'esta estrada (1).

— A exploração de transporte de passageiros, de bagagens e recovagens é de conta e beneficio do concessionario nos seguintes termos: — que o preço por cada bilhete de subida e descida conjuntamente, ou só de subida, não seja superior a 100 réis, que o preço pelo transporte de bagagens e recovagens, quando este possa fazer-se sem prejuizo do de passageiros, não exceda 100 réis por pezo inferior a 60 kilos; e que os referidos preços não sejam augmentados sem approvação da Meza da confraria.

— Quando a receita da exploração do plano, producto bruto, exceder durante o anno contado civilmente a quantia de 2:500\$000 réis, metade d'este excesso reverte em beneficio do Sanctuario, devendo ser entregue ao Mesario thesoureiro das esmolos. Para fiscalisação d'esta receita os bilhetes são carimbados, rubricados ou de qualquer fórma marcados pela Meza da confraria.

— O plano automotor transporta gratuitamente as recovagens pertencentes ao Sanctuario, que poderem accomodar-se nos trens sem detrimento d'estes e sem prejuizo da exploração.

— A concessão da exploração foi feita por oitenta annos, terminados os quaes serão do Sanctuario o material todo fixo e circulante do plano, as aguas adquiridas pelo concessionario, os encanamentos e obras feitas. Porém, se no fim do praso a confraria não ceder das vertentes, tem de pagar ao concessionario, como indemnisação, a quantia de 1:500\$000 réis.

— Se a concessão for trespassada por qualquer fórma,

(1) Pag. 12.



tem o Sanctuario direito de opção pelo maior preço offerecido.

— Sendo abandonada a exploração do plano automotor, ou não sendo substituída por outra de systema diverso, póde o concessionario levantar o material fixo e circulante, mas a linha com suas travessas e carris fica pertencendo ao Sanctuario. Se o abandono for feito nos primeiros setenta e cinco annos da exploração, póde o Sanctuario haver a agua adquirida pelo concessionario com os encanamentos e direitos inherentes, pagando-lhe, por indemnisação, a somma de 1:500\$000 réis em prestações annuaes de 300\$000 réis. Mas se for feito nos restantes cinco annos, considera-se para os effeitos acima referidos como terminado o praso da concessão.

— A confraria não póde fazer outra qualquer concessão para transporte de passageiros ou de recovagens durante o praso d'esta.

— Entrou no mesmo contracto o arrendamento por oito annos, sem alteração do preço até agora convindo, do Grande Hotel (1).

Este arrendamento porém caduca em caso de abandono da exploração. E terminados aquelles oito annos o concessionario só tem direito de preferir no novo contracto de arrendamento em egualdade de circumstancias.

— De todas as obras e bemfeitorias, que a Meza da confraria fizer n'este hotel, e com que augmentar a commodidade dos passageiros ou o numero de quartos, o concessionario obrigou-se a pagar a quantia correspondente ao juro de 5 por cento do capital despendido, se tiver concordado com o respectivo orçamento da Meza.

.....  
Tudo quanto escrevessemos das vantagens, que o Sanctuario recebe da exploração do plano automotor, seria inferior não só ao que se deprehende do contracto da concessão, mas, não menos, ao seguinte parecer e informação, que sobre a primitiva proposta de concessão deu o Mesario, então vedor das obras, — um dos cavalheiros de Braga, que pela sua variada instrucção, fino criterio em questão



de gosto, zelo e incansavel actividade mais tem concorrido para a transformação do monte do Bom Jesus.

Este documento diz o seguinte, que transcrevemos textualmente d'um folheto, em que anda impresso.

« EM CUMPRIMENTO DO DESPACHO SUPRA PASSEI A EXAMINAR com a devida attenção a proposta juncta, apresentada por Manoel Joaquim Gomes para construcção d'um Elevador, que partindo das primeiras capellas transporte passageiros e bagagens até ao nivel do jardim do escadorio.

« D'este exame resultou para mim o convencimento de que a realisação do pensamento d'essa proposta será o passo mais firme e mais largo, que poderemos dar no caminho de prosperidade, que todos ambicionamos para o Real Sanctuario. Muitas e valiosissimas são as vantagens, que apresenta a referida proposta, e por um concurso feliz de circumstancias todos os elementos, de que o auctor da proposta lança mão para realisar o estabelecimento do Elevador, redundam em beneficio real e positivo do nosso Sanctuario. Assim acontece que o motor, que se pertende empregar, é agua, e por esse motivo obriga-se o proponente a adquirir importantes nascentes na freguezia de Espinho, e a canalisal-as na extensão de um kilometro até ao mais alto ponto da cêrca, vindo portanto a permittir-nos a futura construcção de um lago esplendido, adornado de elevado repuxo no local chamado da Mãe d'agua. Com as novas nascentes augmenta-se a corrente das cascatas e lagos já construidos, e applicando-se as mesmas aguas a todos os usos artisticos proprios d'um parque até ao nivel do Elevador servem de motor em seguida a esses carros commodissimos, que rapidamente e por preço insignificante saberão atrahir ao Bom Jesus duplicada concorrência de romeiros e visitantes, augmentando assim a receita de suas esmolas. Ampliar a já hoje notavel abundancia d'agua, que possuímos, e desenvolver o gosto pelos passeios e romagens, promovendo a maxima concorrência ao Real Sanctuario, parecem-me os problemas mais importantes, que nos devem preoccupar, como administradores zelosos. Pela proposta, que vamos discutir, procura-se resolver este duplo



problema, pois que, se por um lado conseguimos duplicar approximadamente as nascentes actuaes, por outro alcançamos baratear por um modo excepcional as communicações de Braga com o Bom Jesus do monte. Quantas e quantas pessoas deixam actualmente de frequentar o Real Sanctuario, unicamente porque, não possuindo forças phisicas bastantes para subirem a pé o escadorio, não possuem igualmente forças pecuniarias sufficientes, que lhes permittam alugar carroagens para repetidos passeios áquelle local?

«E' certo que o Elevador vem resolver plenamente esta difficuldade, e apenas estabelecido ficarão as romagens e digressões ao Bom Jesus ao alcance de todas as bolsas. Estas vantagens essenciaes, que nos traz o Elevador, são acompanhadas de outras muito para attender e ponderar. Serão transportadas por elle gratuitamente as recovagens e conducções, que o Sanctuario tiver de expedir ou receber, quando os objectos transportados podem accommodar-se nos carros, e d'este modo realisaremos uma importante economia. Ficará pertencendo ao Real Sanctuario a metade da receita excedente e 1:800\$000 réis (rendimento bruto annual) (1).

«D'esta proveniencia não será exagero calcular logo nos primeiros annos quantia não inferior a 300\$000 réis, e talvez em breve superior ao duplo, a beneficio do cofre das nossas obras.

«A concessão é pedida pelo praso de 80 annos, e findos que sejam ficarão propriedade do Sanctuario todo o material fixo e circulante do Elevador, e todas as nascentes agora adquiridas com seus encanamentos e mais pertenças.

«Finalmente o auctor da proposta, pretendendo tomar d'arrendamento o Hotel da Boa Vista (2), obriga-se a pagar o juro do capital empregado em augmentar as suas accommodações; e não é este um dos menores beneficios d'este contracto, porquanto por este meio em breve se realisarão as obras, de que o mesmo Hotel tanto carece.

«São importantes as quantias, que o arrojado auctor da

(1) O definitivo contracto elevou esta verba a 2:500\$000 réis. Vej. pag 78.

(2) O *Grande Hotel* — pag. 33.



proposta vae arriscar n'esta empreza, que por muitos modos concorrerá para o engrandecimento do Real Sanctuario, e manifestamente para a prosperidade da Cidade de Braga. Precisarã construír uma estrada em leito proprio com dupla linha de carris; terá de atravessar com uma ponte a actual estrada de carroagens; mandará vir do estrangeiro os carros, correntes e mais appparelhos indispensaveis ao machinismo do Elevador; edificará nos extremos da linha pequenas estações, e construírã um grande deposito d'agua expressamente para as necessidades da exploração; e finalmente comprará nascentes importantes, canalizando-as atracez de terrenos de particulares, que terá de indemnisar, na extensão de um kilometro. Não tenho dados minuciosos para calcular as despezas, a que vae sujeitar-se o proponente, mas de certo se aproximarão muito de réis 20:000\$000, senão excederem esta quantia.

«São portanto muito para louvar e attender os impulsos de boa vontade, de iniciativa fecunda, direi mesmo de coragem pouco vulgar no nosso paiz, com que se apresenta o auctor da proposta, offerecendo ao Bom Jesus tão multiplicadas conveniencias, e exigindo em troca tão leves condições e nenhum sacrificio pecuniario. Como se vê da proposta, além do referido arrendamento do Hotel da Boavista (1) por 8 annos nas condições do actual arrendamento, e do direito de ser preferido em egualdade de preço nos annos subsequentes, o concessionario pede apenas o uso das aguas do Sanctuario no sopé da montanha, vertentes que actualmente se perdem por ninguem as prefender; a madeira das arvores, que tiverem de ser abatidas por virtude da abertura do leito da estrada; e o uso da faixa de terreno indispensavel para a linha e annexas. Tenho a convicção profunda de que, com a assignatura d'este contracto de concessão prestaremos o mais relevante serviço ao nosso Real Sanctuario e á cidade de Braga, e que os nossos confrades e o publico illustrado applaudirão os nossos esforços e deliberação, assim como a iniciativa arrojada do auctor da proposta.— Braga 25 de abril de 1880.—O VEDON DAS OBRAS — Antonio Brandão Pereira.»

(1) O Grande Hotel, pag. 88.



.....

Os acontecimentos foram muito além da previsão do illustre signatario d'este importante documento. O cofre do Sanctuario recebeu, pela parte que tinha, segundo o contracto, no rendimento do elevador, logo no primeiro anno da sua exploração somma superior a 670\$000 réis, o que importa para este uma receita de cerca de 3:900\$000 réis, e, calculando sobre o preço estabelecido de 50 réis pela subida e outro tanto pela descida na razão d'uma pessoa, significa a concorrência superior a *setenta mil pessoas*... É espantoso... O elevador do monte do Bom Jesus promette auspicioso futuro á empresa e ao Sanctuario.







## PARTE QUINTA

---

Terreiro da hospedaria, e terreiro contiguo ao adro.

Avenida — alameda — e rua das carvalheiras.

Terreiro dos Evangelistas.

Resto do Monte—Monumento do monte do Sameiro



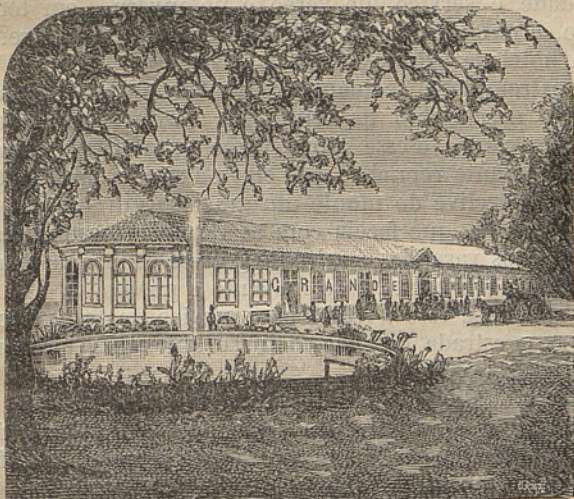
## PART E QUINTA

Terreiro da despedida, e terreno contiguo ao adro.  
Avenida - chamada - e rua das carvalheiras.  
Terreiro dos Evangelistas.  
Resto do Monte - Monumento do monte do Saneiro



# MEMORIAS DO BOM JESUS DO MONTE

## PARTE QUINTA



... No primeiro... existe... a principal hospedaria... pag. 87

### I

#### Do terreiro da hospedaria e do terreiro contiguo ao adro

A' esquerda da capella do descimento da cruz sobem oito degraus para dois terreiros, communicados, um á esquerda, outro á direita.

No primeiro d'estes terreiros existe de ha muitos annos, quasi rez do chão, a principal hospedaria do Sanctuario.



Esta casa occupa quasi toda a cortina do lado do norte. Edificio de vastas proporções, bem mereceu o nome, que teve por muitos annos de *Hotel da Boa-vista*, porque pela sua graciosa posição domina das janellas e varandas posteriores largo horisonte sobre o declive da serra. Actualmente augmentado e reformado com gosto, bem assenta n'elle o pomposo nome de *Grande Hotel*, que tem em gordas letras ao longo da parede. Com boas condições de commodidade e serviço, de verão e no inverno, em todo o tempo, e ainda longe da estação de maior concorrência, é um hotel de primeira ordem.

Na extremidade occidental do hotel, entre este e a capella do descimento da cruz, está ajardinado o terreiro, tendo no centro d'esse espaço uma grande taça circular com abundante repucho, que eleva a agua a nove metros, e sobre o declive do monte um gracioso mirante em gradaria de ferro, que faceva com as varandas posteriores da casa. D'estas varandas e mirante goza-se panorama extenso e variado para norte, para nascente e poente.

Dá accesso a este terreiro para serviço de trens e cavalgaduras a estrada de mac-adam, e ahi subia tambem a primitiva estrada.

O terreiro do lado direito estende-se ate o adro, que demarca o semi-circulo das oito estatuas fronteiras á fachada do templo (1). Communica-os o terreno, que fazia o principio da avenida (2).

Corpulentas arvores, cercadas de pequenos aterros (mamelons) com arbustos, flores e assentos dão a ambos os terreiros fresquidão e sombra sem obstruir a passagem.

## II

### Da avenida, alameda, e rua das carvalheiras

Trinta e cinco metros adiante da capella do descimento da cruz, alguns degraus acima do terreno, que communica aquelles dois terreiros, sobe com ligeira inclinação

(1) Pag. 42.

(2) Vej. Parte 6.<sup>a</sup> d'este livro.



uma comprida rua ou avenida, que por conduzir ao proximo terreiro dos Evangelistas tomou o nome de — avenida d'este terreiro, toda em lanços de degraus com largos patins.

Já a não acompanha, como ainda ha pouco, a monotona sequencia de parapeitos capeados de cantaria, que desde o portico faz ainda por toda a parte a vedação ordinaria, — adorno vulgar, sómente supportavel nos silios, onde a frescura a humidade poderem entreter constantemente heras e musgo. Actualmente vedam esta avenida as suas proprias rampas lateraes (taludes), e, distanciados uns dos outros, pilares de cantaria, — estes prezos por grades de ferro, contendo cada um d'elles seu vaso para flores, — aquellas revestidas de virentes arbustos, e alcatifadas de flores e plantas rasteiras (1).

Estão n'esta rua duas capellas, — a da unção, que tambem chamam — das lagrimas, e a da resurreição, cada uma com sua fonte.

Estas capellas com as seis primeiras do monte, e com as ultimas do proximo terreiro dos Evangelistas correspondem todas, muito simples as seis primeiras, e mais ou menos apparatusas todas as outras, á architectura do primitivo templo, e são, como foi este, obra do fundador do Sanctuario (2).

A primeira, á direita de quem sobe, é sextavada (3), e tem a inscripção (4):

POSUERUNT

EUM IN

MONUMENTO

ACT. APOST. C. 13 V. 29.

Representa a unção do corpo do Senhor. Sobresae entre as figuras a de Nossa Senhora, de joelhos ante o corpo de Jesus. Lagrimas, que se vêem borbulhar e entornar-se pelo rosto pallido e macerado; expressão natural e viva de angustia e saudade.

(1) Vej. a avenida antes das ultimas obras na Parte 6.<sup>a</sup> d'este livro.

(2) Parte 6.<sup>a</sup> d'este livro.

(3) 6<sup>m</sup> de altura até á cimalha, e 4<sup>m</sup>62 de largura em cada face. — Esta capella fica 56<sup>m</sup> acima da do descimento da cruz.

(4) « ... o pozeram no sepulchro ». (A. P.).



Ao lado direito da capella está a fonte, simples, e sem emblemas alguns mythologicos (1).

Segue-se do lado opposto (2) a capella da resurreição, e defronte d'ella a fonte. A capella é quadrada (3). Eleva-se do pavimento um repucho. A fonte é allegorisada pela figura grosseira d'um homem, de estatura menos que medeana, com o braço direito levantado em acção de descarregar pesada massa, e a cavallo em uma hydra, que lança agua pela bocca e ouvidos. Termina em cruz. Esta fonte, construida defronte da capella da resurreição, é em nosso ver uma das mais engenhosas allegorias. A' imitação do sentido mystico das fontes das primeiras capellas, symbolisa o mais augusto mysterio da religião christã, — a salvação do genero humano pela resurreição de Christo. A' similhaça do Hercules da fabula, que venceu a hydra de Lerna (4), Jesus Christo póde dizer-se o Hercules do Christianismo, esmagando com a sua resurreição o poder do inferno.

Continúa a rua até o terreiro dos Evangelistas (5).

Ao longo da avenida, á esquerda de quem sobe, corre o terreiro da hospedaria, e seguidamente a este, e com elle communicada por estrada de trens, uma grande e formosa alameda de antigas arvores colossaes, que se estende ainda aos lados d'uma parte do proximo terreiro dos Evangelistas.

Abrem-se em volta d'esta alameda vistas variadas de prado e monte. Nos tempos das nossas primeiras visitas ao Sanctuario do Bom Jesus do monte encontravamos debaixo d'um carvalho frondoso sobre o declive do monte duas mezas de cantaria com assentos em volta. Fôra feliz a lembrança. Muitas vezes passámos alli horas esquecidas em companhia de parentes e amigos, e outras saboreámos ahi

(1) A fonte estava até á pouco defronte da capella.

(2) 69<sup>m</sup> adiante da capella anterior.

(3) 6<sup>m</sup> em quadro.

(4) Um dos doze trabalhos, diz a fabula, a que Juno sujeitou Hercules, foi o de vencer na lagôa de Lerna uma hydra de muitas cabeças, que renasciam á proporção que lh'as cegava.

(5) 35<sup>m</sup> adiante.



precioso jantar, que d'um dos dois proximos hoteis do Sanctuario nos faziam a agradavel fineza de servir-nos n'aquellas mezas... Estas e os assentos... desapareceram... certamente para reapparecerem melhoradas aqui e por outras partes da mata, onde os constantes passeios ao monte do Bom Jesus, e mais que elles as reuniões dos povos circumvisinhos, que sobem ali com frequencia, precisam de muitas d'estas e d'outras commodidades em occasiões de romaria. Talvez tambem com esse intuito se encontram n'esta alameda, e na do paredão, e não sabemos se em mais sitios do monte, em respeitosa differencia pelas commodidades e prazeres dos povos, fornos toscos... E como para suas refeições campestres os povos tem sempre procurado de preferencia a alameda da avenida, ganhou esta naturalmente o nome prosaico, por quê dos tempos coevos das primeiras romarias é conhecida, de — alameda dos fornos.

Apezar d'essa alcunha, que, se outras condições não tivesse, não fôra das mais azadas para atrahir concorrência, ninguem deixa de procurar a grande alameda da avenida, como ninguem deixa de gozar das bellezas da alameda do paredão. Sentado na relva ou nas grossas raizes dos vetustos carvalhos, não ha visitante que resista á tentação de demorar-se largo espaço á beira do declive. E' ameno e pittoresco o sitio. Como por toda a avenida, goza-se alli o ar fresco de primavera na mais ardente calma do estio, e disfructa-se d'alguns dos seus mais elevados sitios a mimosa perspectiva de campos ferteis e prados ajardinados, que no valle e pelas faldas e encostas dos oiteiros visinhos se estendem gradualmente até além das povoações da *Abadia* e de *Sanfins*, povoados de casás, por entre os quaes serpeia, occultando-se aqui e reapparecendo acolá, a estrada de Chaves.

Do outro lado da avenida, no terreno onde nasceram, medraram, e se formaram sem arte nem direcção carvalheiras majestosas, sobe em suave declive do terreiro adjacente ao adro a rua das carvalheiras, que da abundancia d'estas arvores lhes tomou o nome. Corre esta rua entre a avenida, que segue em toda a sua extensão, e pequenos canteiros de variadas fórmãs com arbustos, flores e assen-



tos, que defrontam e separam da mata diferentes habitações. É logo ao principio, um pouco afastada da rua, a chamada casa da Meza da confraria; depois são pequenas casas de habitação de capellães e empregados do Sanctuario; e contiguo a estas o Hotel do Parque.

A casa da Meza,—nome que lhe ficou de tempos, em que a Meza da confraria do Bom Jesus celebrava alli as suas ses-



...Da abundancia destas arvores tomou[o nome... pag. 91

sões ordinarias, ou se reunia ahi em dias de festividade, agora é destinada em occasiões festivas para recepção de visitantes, e alojamento de tropa e serviço de policia, ou fóra d'estas occasiões para habitação de familias, que a pretendam na estação calmosa. Esta casa porém não poderá sobreviver por muito tempo aos melhoramentos, que a cercam, incompativeis com a sua fórmula antiquada.



Entre a casa da Meza e aquell'outras mais modestas habitações, e em toda a encosta do lado esquerdo do templo e detraz d'elle cortam o terreno carreiros de zig-zag duplo, gradeados rusticamente em sebes floridas, as quaes communicam por veredas de pé para a mata superior e para os lagos. Vistos de distancia estes carreiros em dias de maior concorrência ao monte, semelham-se a graciosa perspectiva de montanha de theatro no movimento infindo de sombras, que descem e sobem os carreiros, meio encubertas na verdura dos gradeamentos.

Ao fundo dos carreiros, que ficam mais proximos da rua das carvalheiras, remata o formoso quadro um recinto, que tem no centro uma pequena taça circular com repuchão, e a um lado a antiga fonte chamada da casa da Meza, cuja agua passa por ser a melhor do monte por sua pureza e frescura. D'este recinto descem-se alguns degraus de cantaria para o referido terreiro adjacente ao adro. Fica-lhe ao lado, no pavimento terreo da casa da Meza, com portas sobre este terreiro, a loja, decentemente decorada, onde estão expostas á venda de conta do Sanctuario, ou com beneficio seu, estampas e paizagens do monte, livros e objectos relativos ao Sanctuario, e medidas de braço da veneranda Imagem de Christo crucificado no calvario do altar-mór do templo. Tambem ahi está estabelecida a estação thelegrapho-postal, de ordinario aberta ao serviço publico desde o 1.º de maio até fim de outubro.

No alto d'estes mesmos carreiros, caminho da mata, está em construcção por detraz da casa da Meza, e a *cavalleiro* d'ella, um vasto *chalet*, destinado, como esta, para habitação temporaria de familias de bemfeitores e visitantes.

O *hotel do Parque*, outra hospedaria do Sanctuario, remata a rua das carvalheiras, extendendo-se por ella acima, um pouco desviado do seu alinhamento. Assim chamado ha muitos annos, e já muito antes dos melhoramentos, que transformando a mata superior lhe grangeáram o bem merecido nome de formoso parque, ganhou consideravelmente com a abertura d'esta rua, e tem desde então accesso commodo a trens. É casa inferior ao *Grande Hotel*, mas tem condições de facil melhoramento, e está toldado sempre pelas cimas das carvalheiras da rua.



É facil e commoda a communicacão de trens desde o terreiro da hospedaria para os sitios mais altos da mata, e para o monte do Sameiro por alguns dos seguintes caminhos: 1.º subindo d'este terreiro para a alameda dos fornos, e atravessando esta até encontrar a estrada do Sameiro, que, passando por fóra da cerca do Sanctuario perto da casa dos castellos (1), volta do norte para sul; 2.º sahindo d'aquella alameda pela avenida, acima da capella da resurreição, para o cimo da rua das carvalheiras, e seguindo d'esta por detraz da fonte de S. Marcos e da capella do castello de Emauz do proximo terreiro dos Evangelistas; 3.º tomando desde logo esta rua pelo terreiro adjacente ao adro do templo. O primeiro d'estes caminhos, mais extenso que os outros, é agradável passeio, e offerece variada vista sobre os montes, valles e planicies proximas.

### III

#### Do terreiro dos Evangelistas

No cume do monte, em sitio fechado por magestosas arvores, o visitante, que subir pela primeira vez ao monte do Sanctuario, mal pensará encontrar ahi uma das suas maiores bellezas.

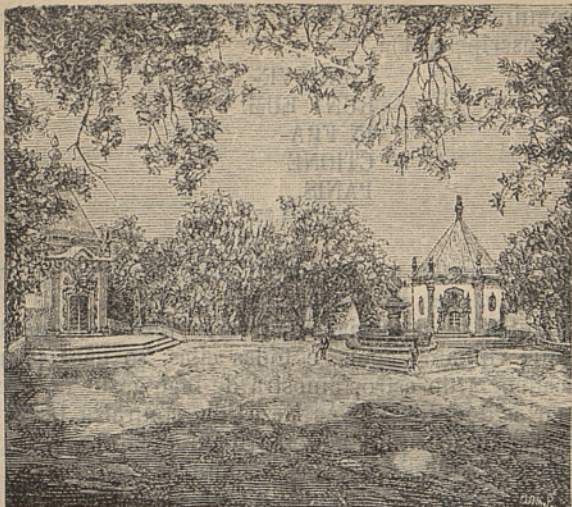
O terreiro dos Evangelistas, chamado tambem — das tres capellas, fica ao cimo da avenida, de cuja ultima capella, ou algum espaço adiante d'esta, sobem para elle tres lanços de doze degraus cada um. É octogonal (2), e tem no centro entre jardim e sobre patamar de quatro degraus um chafariz, que remata em esphera e cruz. Da hastea e braços d'esta cáem em chuveiro fios de chistalina agua sobre uma taça e d'ella para um tanque, uma é outro circulares. Chamam este chafariz — *das lagrimas*, ou o *chuveiro* (3). As arvores, que por fóra dos parapeitos cercam o terreiro, alargando suas cimas, fazem-lhe toldo em volta.

(1) Pag. 4.

(2) Em toda a volta 156<sup>m</sup>.

(3) Vej. Parte 6.ª d'este livro.





... em sitio escondido... as arvores... formam... toldo... pag. 94

Estão ahi as tres ultimas capellas do Sanctuario, igualmente distanciadas umas das outras (1). São de architectura correspondente á do primeiro templo (2), e portanto da epocha do fundador do Sanctuario. Estão assentes sobre grandes patins, cinco degraus acima do terreiro.

Com as capellas intremeiam quatro fontes, cada uma das quaes tem sobre peanha a estatua d'um dos Evangelistas com os seus emblemas (3).

A primeira capella, á esquerda de quem entra, representa a appareição de Christo a Maria Magdalena, e tem a inscripção (4).

APPARUIT  
PRIMO MA-  
RIÆ MAG-  
DALENÆ.

MARC. C. 16,9.

(1) Cada uma das duas capellas proximas da entrada do terreiro dista d'esta entrada 29<sup>m</sup>, e da do centro 27<sup>m</sup>15<sup>o</sup>.

(2) Part. 6.<sup>a</sup> d'este livro.

(3) Quaes estes sejam vej. pag. 50.

(4) «Appareceu primeiramente a Maria Magdalena». (A. P.).



A seguinte, fronteira a esta, contém o castello de Emauz com a inscripção (1):

COGNOVE-  
RUNT EUM  
IN FRA-  
CTIONE  
PANIS.

LUC. 24,35.

Eram frequentes nas paredes d'estas capellas e em outras paredes os versos, as allusões, as recordações, e os nomes de visitantes, — memorias, não raras vezes commentadas pelos que vinham depois, e todas ellas, se não spécimen de decadencia do estro, amostra de máo gosto na escolha do logar e do objecto. As Mezas da confraria talvez por isso tem mandado pintar a escuro até meia altura as paredes exteriores d'estas capellas e d'outros logares.

Em meio dos espaços entre a entrada do terreiro e cada uma das capellas estão as fontes dos Evangelistas S. Marcos e S. Matheus, lançando agua, — aquella pela bocca de um rosto humano, esta pela d'um leão.

Na de S. Matheus lê-se (2):

LIBER GENERATIONIS JESU

CHRISTI FILII DAVID FI-

LII ABRAHAM.

MATTH. C. IV, v. 4.

E na de S. Marcos (3):

SICUT SCRIPTUM EST

IN ISAIA PROPHETA...

VOX CLAMANTIS IN DESERTO.

MARC. C. IV, v. 2. 3.

Existe n'esta fonte uma lembrança de gratidão a um dos

- (1) «Conheceram a Jesus ao partir do pão». (A. P.).  
(2) «Livro da criação de Jesus Christo, filho de David, filho de Abraham». (A. P.).  
(3) «Conforme está escripto no profeta Isaias... voz do que clama no deserto»... (A. P.).



maiores bemfeitores do Sanctuario, a cujo zelo e riqueza é devida, além d'outras, uma grande parte das obras feitas na avenida do terreiro dos Evangelistas e n'este terreiro, anteriores todas á edificação do templo actual e capellas proximas. São as seguintes palavras, já quasi sumidas pelo tempo, gravadas na face externa do pedestal da estatua:

ANO DE 1767 SEN-  
DO ZELLADOR  
E BEMFEITOR  
MANOEL RA-  
BELLO DA COSTA.

A ultima capella fica onde faz metade o terreiro. Mais alta e espaçosa que todas as outras, com sumptuosa fachada, e cobertura muito elevada, que remata em pyramide elegante, esta capella é a melhor das antigas do monte, digna certamente do seu objecto, mas inferior em risco e gosto de architectura ás duas modernas capellas, proximas do templo.

E' representada n'ella a ascensão de Christo, elevando-se em nuvem cercada d'anjos d'entre um formoso grupo, composto das estatuas de Nossa Senhora e dos Apostolos, admiraveis todas pela propriedade e viveza das attitudes.

A inscripção sobre a porta diz (1).

... ASSUMP-  
TUS EST  
IN COELŪ.  
MARC. 16,9

Do lado posterior d'esta capella disfructa-se um panorama differente dos outros pontos de vista do monte. Um valle profundo e comprido, que separa o monte do Bom Jesus do monte fronteiro, componentes ambos da serra do Espinho (2), abre-se em grande despenhadeiro. Por elle discorre socegada e em triste murmurio a ribeira Este ou d'Este, que, atravessando d'este lado as freguezias de S. Mamede e

(1) «... foi assumpto ao céo»... (A. P.).

(2) Pag. 2.



de S. Pedro d'Este, e ao poente do Sanctuario a estrada dos Peões, vem passar ao sul de Braga no fim das ruas de S. João da Ponte e dos Pellames. Ao longo d'ella, em todo o valle, e mais ao longe onde póde alcançar a vista, alguns casaes alvejando por entre poucos retalhos de verdura, — á direita os pequenos montes de Pedralva, povoados de pinheiros de pouca altura, — um pouco além para nascente as serras de Carvalho d'Este, de Nossa Senhora da Abbadia, de S. João do Campo, do Soajo e Castro Laboreiro, — e mais adiante sobre o horizonte os negros, calvos e agrestes pinheiros das do Gerez, avistando-se por entre as quebradas d'aquellas, e alevantando-se gigantes, coroados de penedias encrespadas, compõem um painel melancolico, em partes carregado, mas soberbo. A natureza, que pelo extenso e variado panorama de norte e poente se ha mostrado tão alegre, perde aqui o seu aspecto risonho.

Aos lados da capella da Ascensão, no meio da distancia d'esta ás outras do terreiro, estão as fontes dos Evangelistas S. João e S. Lucas. A agua d'aquella sahe pela bocca d'uma aguia, a d'esta pela d'um touro.

A fonte de S. João tem a inscripção (1):

IN PRINCIPIO ERAT VERBUM  
ET VERBUM ERAT APUD DE-  
UM, ET DEOS ERAT VERBUM.

JOAN. C. IV. 1.

Na de S. Lucas lê-se (2):

FUIT IN DIEBUS HERODIS  
RECIS JUDÆÆ SACERDOS  
QUIDĀ NOMINE ZACHARIAS.

LUC. C. IV. 5.

Aberturas nos parapeitos aos lados das fontes, com degraus de cantaria onde o declive o exige, communicam o terreiro dos Evangelistas com a mata, ora plana e ao nivel d'elle, ora em despenhadeiro, formando melancolicos retiros em uns sitios, e em outros bastas alamedas.

(1) «No principio estava o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus». (A. P.).

(2) «Houve em tempo de Herodes, rei da Judéa, um sacerdote por nome Zacharias.» (A. P.).



## IV

## Do resto do monte

Desde as primeiras capellas do monte até á fonte de Jupiter, e ainda ao lado d'uma parte dos *escadorios* sobe a mata em aspero declive, desigual, sem caminhos, e quasi sem carreiros. Ninguém por isso apreciará, poucos mesmo conhecerão esta parte do monte.

Em derredor da alameda dos fornos e aos lados do terreiro dos Evangelistas descêe o monte em despenhadeiro, cortado de carreiros ingremes, que levam ás povoações proximas. De maravilha terá descido algum visitante a estes carreiros.

Subindo do terreiro dos Evangelistas juncto á fonte de S. Marcos, direcção de sueste, encontrava-se vasta cumiada, d'onde a mata descia em vertentes para o sul do templo, entremiada de magros terrenos de sementeira e d'alguns poucos olivae enfezados.

Largos annos decorreram, sem que o visitante pudesse afoitar-se a percorrer esta parte do monte. Tão custoso era o accesso aos menos difficeis pontos. Apenas a pouca distancia do terreiro, dos Evangelistas abria-se uma rua larga, em parte alcatifada de musgo e folhas, e guarnecida de boas arvores, quasi todas carvalheiras. Conduzia esta rua a um tosco deposito d'agua com meza de cantaria e assentos. Acompanhava-a em toda a extensão um pequeno aqueducto descoberto, ao lado do qual corria o muro da cerca do Sanctuario.

Era um sitio ameno o d'esta rua. O pizo sobre folhas ; o aqueducto em pequeno muro cuberto de heras e musgo ; a agua que se sentia susurrar, e a espaços correr de depositos abertos n'elle ; a sombra do arvored, cujos ramos, tocando-se brandamente, davam som soidozo ; e lá ao fim a fonte e a meza, quasi occultas no espesso arvored, faziam lembrar as encantadas ruas e fontes escondidas da mata do Bussaco.

Foi por muito tempo a rua da mãe d'agua o refugio dos



visitantes. Cançado de ver obras d'arte, que desde o portico foram largos annos o gosto do tempo e o enlevo das antigas Mezas da confraria do Bom Jesus, deleitava-se o espirito na poesia d'esta rua. E não havia tambem por onde escolher... tão abandonado estava o monte...

Vieram depois a alameda do paredão e o pitoresco mirante do teixo, de que demos curta noticia (1).

Mais tarde foi considerada grande melhoramento a estrada em zig-zag, larga e extensa, mas monotona, que da mãe d'agua conduzia áquella alameda e mirante, cortando a parte mais alta da mata.

Mas tudo isto era pouco, porque o visitante, que deixando caminhos e carreiros penetrasse na mata, afoitando-se a romper este laberinto, onde fio nenhum podia guial-o, encontraria escondidos em urzes e mato sitios encantadores... retiros amenos... bosques fechados... penhascos gigantes... grutas em meio d'estes... agua rompendo por toda a parte... ...por toda a parte innumerables bellezas naturaes.

Os nossos desejos, livremente manifestados na anterior edição d'este livro (2), foram attendidos. Em 1879 encontramos transformada..., agradavelmente transformada esta parte da mata em formoso parque.

A antiga rua da mãe d'agua lá está ainda, sombria como sempre, silenciosa, agradavelmente triste. Perdeu um pouco da sua poesia, que estava muito no venerando tapete dos velhos musgos, hoje encobertos e seccos pelas terraplenagens. Mas felizmente o tempo, que tudo póde, hade breve restituir-lhe com outros mais viçosos o ameno aspecto de passadas epochas. Perdeu ainda mais na perda da sua fonte rustica, na do aspecto selvatico da sua tosca meza e assentos, — e na do aqueducto descoberto. Agora vem encaçada a agua por baixo da terra para chegar pura ás fontes, alimentando na sua passagem um obelisco de fórma simples, construido em meio da rua sobre estrado com assentos de cantaria. Do centro da columna sahe agua, tocando-se em mola. Este obelisco é um epigramma á poe-

(1) Pag. 39.

(2) Edic. de 1876, pag. 75 e 76.



zia do sitio. ., e não póde sobreviver muito tempo á perda das bellezas, que veio, e mal, substituir.

Em compensação porém está communicada com esta rua, defrontando com ella em toda a sua extensão, uma porção de terreno arborizado, que d'além do aqueducto e do muro da cêrca estava perdida em mata de silvado, porque, destruido o aqueducto, foi recuado o muro até á estrada ou proximo da estrada do monte Sameiro, e de toda a parte portanto onde esta estrada é inferior áquella rua goza-se agora amena vista por entre o arvoredado sobre os prados, que nas faldas dos mais proximos oiteiros esmaltam de cores as povoações do valle, e vê-se ao longe o panorama das grandes montanhas que fecham o horisonte em quadro magestoso (1). Remata a rua no local da antiga mãe d'agua em um vasto recinto, que por isso chamam o largo da mãe d'agua, cercado d'arvores entremeadas com assentos, e em parte fechado por taludes em relva e arbustos.

Perdeu sobretudo a rua os foros, de que por largos annos gozou, de ser a unica, e sempre desejada e procurada, do alto do monte, porque tem hoje por toda a parte, de perto e ao longe, em toda a mata, rivaes poderosas. Uma d'estas, entre outras menos pretenciosas, muito proxima d'ella, quasi partindo do mesmo sitio, e seguindo em parte a mesma direcção, disputa-lhe primazias, encobrimdo em fórmas garridas velha cabelleira de velhissimos sobreiros.

Mas não é só a rua dos sobreiros. Toda a extensa cumiada e suas vertentes para os lados do templo e da alameda do sul estão retalhadas e embellezadas com engenho, arte e gosto. Ruas, onde trens podem correr em todas as direcções — caminhos em zig-zag, communicando-se por pequenos carreiros tortuosos — kiosques, belvederes e cazas de verdura — mirantes sobre penhascos ou á beira das encostas — grutas em meio de penedos — arvores isoladas com *mamelons* em volta — rusticas pontes, dando passagem para estas arvores, ou lançadas sobre valleiros ou atravez de correntes d'agua — esta despenhando-se com fragor de catadupas, ou saltando ruidosa por entre fra-



goas, ou docemente deslizando per sobre plantas e folhas, ou irrompendo em repucho de calvario de grosseiras pedras — penedos alaistrados de *gazon* e musgo — assentos de velhos troncos em fôrma caprichosa — recintos, donde sãem ruas e veredas, ora planas, ora em declive, ingremes às vezes, e sempre variadas — viveiros de plantas e arbustos, e já por muita parte plantação nova, basta, escolhida, florescente... todos estes melhoramentos tem transformado em parquê sumptuoso, agradável, cheio de vida e de encantos, o que, não ha muitos annos, viamos mata agreste, e parecia terreno ingrato, onde apenas vegetavam a custo olivae enfezados com cearas rachiticas, ou medravam entre decrepitos carvalhos tojos e urzes.



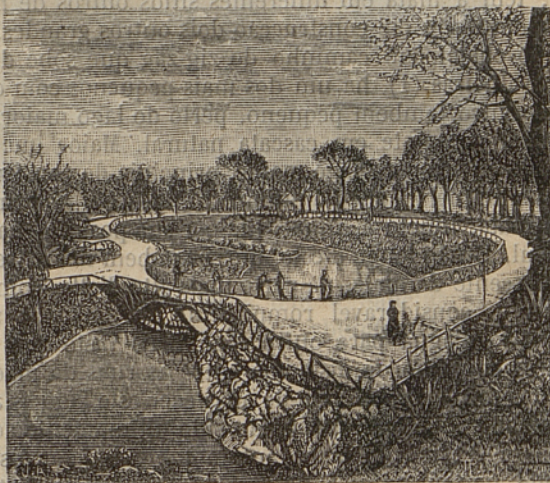
... de velhissimos sobreiros ... pag. 101.

Não ha ainda rusticas fontes, rodeadas de basto e copado arvoredo escondido em recintos tapetados de musgo, as paredes forradas de heras, e a agua manando sobre pia sem adorno, mas revestida de arbustos e silvados, — sitios



deleitosos, onde sejam passadas em familiar convivência compridas horas dos calmosos dias. Virão com o tempo, porque felizmente não escaceiam os recursos, e é grande o zello das Mezas, que desde ha alguns annos se tem succedido no governo da confraria do Bom Jesus do monte.

Mas, se por ora não ha nada d'isto, ha mais que tudo isto, e em compensação obra mais gigantesca, — um lago extenso, formoso, soberbo, grandioso e esbeltamente ta-



... que merecidamente chamam — o lago maior (pag. 104)

lhado, aberto na cumiada do monte, precisamente no local em que as rachiticas cearas attestaram largos annos da falta de gosto ou de mingua de meios d'outros tempos, — onde as nascentes vem despenhar-se de varias partes por entre penedos, de catadupas, ou em correntes, — e que rodeando ilhas serpenteia a perder-se de vista por debaixo de rusticas pontes, formadas de troncos e braços de arvores. Dentro da majestosa bacia balouçam-se ligeiras gondolas para recreio dos visitantes. Em toda a volta do lago acompanham as tortuosas margens taludes altos, revestidos d'arvores, arbustos e flores, e acima d'estes, ape-



nas defendidas por ligeira cortina, uma rua espaçosa, já assombrada pelas cimas de viçoso arvoredor, que nas tardes do estio é o ponto de reunião não só dos hospedes do Sanctuario, mas, não raras vezes, de familias de Braga. E tambem por ahi são frequentes em volta da rua, ou recolhidos ao monte, ou debruçados nos declives outros mirantes, kiosques, novas cazas de verdura, e assentos por toda a parte.

Além d'este lago, que merecidamente chamam — o lago maior, tem a mata em differentes sitios outros de menores dimensões, e em construcção dois outros grandes. Proximo do chalet, em caminho do zig-zag que sobe da rua das carvalheiras (1), ha um dos mais pequenos com queda d'agua. Outro tambem pequeno, perto do lago maior, despeja agua para este em cascata natural. Maior que estes dois, mas inferior ao lago maior, principia de construir-se um em sitio melancolico e pithoresco, lá quasi no extremo-sul da mata, juncto á mina, que por sua posição chamam — do sul. E não longe d'este, quasi tambem nos extremos-sul e nascente da mata, na parte mais alta d'ella, começou de fazer-se consideravel rompimento de terra, e fez-se já deposito d'agua para outro lago mais vasto que todos estes tres em meio da distancia entre as ruas da mãe d'agua e dos sobreiros (2). Hão-de abastecer este lago as aguas do chamado *Rio Mau*, que tendo sido ultimamente adquiridas para serviço do plano automotor pelo concessionario d'elle, pertencem ao Sanctuario nos termos do contracto de concessão (3).

Remata a obra grandiosa do lago maior uma gruta, sotoposta á rua, formada em abobada de grosseiras pedras, tendo no mesmo gosto da abobada duas grandes entradas; no vasto recinto outro lago com queda d'agua, e pelas humedecidas paredes, no solo, por toda a parte onde chega fresquidão, variadas especies de plantas aquaticas.

Para todos estes lagos, para fontes rústicas em toda a parte da mata onde as queiram fazer, e para as actuaes fontes dos escadórios e das capellinhas da paixão até

(1) Pag. 93.  
 (2) Vej. — Planta topographica do monte do Bom Jesus.  
 (3) Vej. Parte 4.<sup>a</sup> d'este livro pag. 77.





... Remata uma... gruta... pag. 104

o portico, e para muito mais tem o Sanctuario, alem d'aquellas nascentes. outras muito abundantes de purissima agua.

.....  
Mas não devem parar aqui os melhoramentos do monte do Bom Jesus, e temos razão para crer que se estenderá a muito mais o zello d'ha annos constantemente manifestado nas differentes Mezas da confraria pelo engrandecimento do Sanctuario e embellezamento do monte. É preciso destruir por uma vez o inveterado abuso do corte abusivo de lenha e ramagens, hoje quasi extincto onde chegam os melhoramentos da mata, menos frequente, é verdade, mas ainda pernicioso nos sitios mais escondidos á vigilância dos poucos empregados do Sanctuario. Fôra para desejar tambem que persista inalteravel, como foi iniciado desde certa época, o systema de constante plantação, enchendo clareiras, substituindo arvores caducas ou disformes, e fazendo viveiros d'arvores e plantas escolhidas, d'onde deve resultar não só abastecimento para a mata, mas, como já principia de sentir-se, fonte perenne de re-



ceita... Mirantes nas vertentes da alameda dos fornos e sobre outros declives, ainda descuidados, realçariam a beleza natural da montanha, abrindo á vista os variados panoramas, que se descobrem de toda a volta da cêrca.

E não deve esquecer a parte da mata, que sobe do portico ao longo das primeiras capellas, — tão cheia de poesia, como facil de ser transformada em

... *retiro mysterioso...*

... *saudoso recinto* (1).

Os canticos d'amor, que o Homem-Deus legou em letras de sangue no poema do seu martyrio, soarão por ventura ainda melhor entre as flores do valle, na folhagem da floresta, com a poesia do bosque. E para conhecer que

... *«só são cousas verdadeiras*

*as do céo, e as do mundo fabulosas* (2)

não é preciso procurar somente

... *«manções sombrias, rudes, luctuosas,*

*só de cruces ornadas e de caveiras* (3)

Quando esta parte da mata estiver mais accessivel; quando, substituidos os rudes parapeitos actuaes por taludes floridos, como já o foram os da avenida do terreiro dos Evangelistas, houver communição franca entre as humildes capellas e a mata; quando esta, cortada em ruas ajardinadas e povoadas de recintos e fontes, fôr convertida em parque á semelhança da parte mais elevada do monte... que doces instantes de repouzo innocente não deverá de gozar ahí o visitante do Sanctuario, occulto em cortinados de verdura, ao som sôidoso das fontes, longe do mundo em meio d'elle, e tendo por sós companheiros a natureza, e em meio d'esta os passos dolorosos, que a piedade de melhores eras registou nas humildes capellas!..

(1)

(2) } «Memorias do Bussaco.»

(3)



Merece não ser descurada esta parte da mata. — Se no estado actual é já tão frequentado o monte do Bom Jesus, — quando forem aproveitadas todas as suas condições de embelezamento, será em grandes proporções a primeira maravilha d'este genero em Portugal.

.....

E' concorrido em todas as epochas do anno o monte do Bom Jesus. Na quadra, que de ha muito atravessamos, de dissensões politicas, alegra-se o coração, quando se encontram alli em convivencia affectuosa os que fizeram inimigos no campo da politica opiniões differentes e crenças oppostas, senão, e pela maior parte, interesses encontrados.

Entre as festividades e romarias do monte são notaveis pelo brilho e pela concorrência as do Triduo da Paschoa de Pentecostes (Espírito Santo) e a da Ascensão, — aquella mais concorrida, esta mais lusida. Toda a festividade da Ascensão é d'uma magestade que não tem igual em nenhum outro dos nossos templos catholicos. Assim devia ser para commemorar no primeiro Sanctuario do paiz um dos mais augustos mysterios da religião de Christo.

Tivemos tambem occasião de assistir a uma das romarias do Espírito Santo. Mas foi ha muitos annos. Podem por isso ter mudado os costumes, e tel-o-hão certamente em muitos pontos.

As capellas estavam abertas, defendidas apenas por pequena grade de madeira; tinham por fóra cortinas de damascó, e as figuras adornadas de flores, ramos e velas. Ranchos de romeiros faziam, desde o portico, a *visita* das capellas, orando em meia voz, e quando chegavam ao patim ajoelhavam, um dos romeiros lia a respectiva estação da *Via-sacra* (1), e terminavam a visita, cantando ou rezando em voz alta algumas orações. Os *escadorios* offereciam aspecto differente, que produzia outras sensações. Não era já a doce melancholia, nem o recolhimento religioso tão natural na primeira parte do monte. Os *escadorios* offereciam risonha e variada perspectiva. As estatuas estavam enfeitadas de cintas e coróas de flores; e numero

(1) Pag. 10.



immenso de romeiros subia e descia em folgança e grita alegre. Numero consideravel de tendas e botequins alastrava os terreiros e a avenida ao longo dos parapeitos, que ainda então existiam desde a capella do descimento da cruz até o terreiro dos Evangelistas. Os terreiros, o adro, as poucas ruas, então existentes, da mata, as alamedas, principalmente os sitios mais azados para as refeições e libações campestres, tudo estava povoado. Com quanto alguns ranchos continuassem, como pela primeira parte do monte, a via-sacra das capellas da avenida e terreiro dos Evangelistas, não era igual a devoção á da visita das primeiras capellas. Com estes ranchos cruzavam-se outros, cantando e dançando, e os homens com suas clarinetas, violas, cavaquinhos e rebecas (os quatro instrumentos foyoritos n'estas reuniões de provincia) acompanhavam as cantigas campestres das animadas minhotas. Toda esta parte do monte não parecia um sitio consagrado aos louvores do Altissimo. Aquelles canticos ao som dos rudes e desafinados instrumentos substituiam as vozes de penitencia e de amor de Deus. Era um arraial cheio de vida, de alegria, de danças, de folguedo. A' noite foram illuminados com luzes de variadas cores alguns arcos triumphaes. Estes, e as arvores de luz, e os postes adornados de bandeiras, que desfraldavam ao vento, communicados d'uns para outros, galhardetes e flamulas, davam a esta parte do monte aspecto deslumbrante.

Seguiu-se, como forçado remate, o fogo preso e o do ar no adro e terreiro adherente. Innumerous foguetes de lagrimas e valverdes, e d'espaco a espaco balões de cores, deixando luminoso rasto de estrellas e grinaldas, entretinham largo espaco clarão electrico. Terminou o fogo por uma girandola de centos de foguetes de lagrimas, que fizeram formosissimo ramalhete, matizado de variegadas cores.

Dura tres dias a romaria. E comquanto a maior parte dos ranchos da cidade recolha no fim do dia, o monte continúa a estar povoado toda a noite, porque os romeiros de longe ficam pela mata, descansando por ahi ao relento (Deus dá a roupa conforme o frio) as poucas horas, que restam até o raiar do dia, em que de novo começam as visitas das capellas, as orações, as festas religiosas, e entre-



meiadas com estas as cantigas campestres, as danças e folguedos do dia anterior.

Estas grandes reuniões foram sempre pacificas. Não admira, desde que é feita a policia do arraial por tropa de linha, e agora por esta e pelo corpo de policia civil. Mas n'aquelle tempo incumbia esse serviço aos cabos de policia. Com tal *arreganho* militar, em meio de povo immenso, a que não faltavão immensos meios de excitação, o completo socego attestava da indole naturalmente pacifica do Minho. Nunca estes mantenedores da ordem publica tiveram occasião de fazer alarde do seu espirito marcial, nem de mostrar a fina tempera das suas armas caçadeiras! E louvor a Deus que assim fosse, porque a julgar por aquellas caras, onde o espirito da paz estava desenhado com vivas côres, amaldiçoariam certamente a honra do cargo, se a patria afflicta lhes pedisse o sacrificio do seu sangue! Louvor a Deus, — que, se não fôra a pacatez natural dos romeiros, poderia dar-se o cazo de que — uma boa retirada vale ás vezes uma grande victoria...

.....  
Temos concluido em largos traços a parte descriptiva do Sanctuario do Bom Jesus do monte, — em largos traços, que não são outra couza as paginas escriptas até aqui. Descrever com individuação e certeza todas as bellezas artisticas e naturaes do monte do Bom Jesus... exprimir todos os pensamentos, todos os sentimentos, toda a poesia, que se encontram alli... fôra-nos impossivel. Diante d'esta obra, grande pela arte, e maior pelo sentimento, cáe-nos de respeito a humilde penna. E por mais minuciosas que podessem ser as discripções, ou mais finas as côres; por mais fiel que fosse o pincel, ou mais viva a imaginação de quem ousasse abalançar-se a empenho tamanho... sempre fôra preciso... ver para crer.

Preito de admiração e de acatamento religioso, tivesse ao menos este nosso acanhado trabalho a fortuna de levar ao longe a fama do Sanctuario, e despertar desejos de verificar a verdade. Fôra então de beneficio para este Monumento religioso, que principalmente sustentam, depois da Providencia Divina, a piedade e a generosidade dos fieis; e nós, que temos entranhado zello pela sua prosperidade,



exultariamos de justo jubilo, quando os povos de longe, realisando a profecia inscripta na fachada do templo (1), exclamassem como a rainha de Sabá ao presenciar as maravilhas de Salomão:

... MAJOR EST... OPERA TUA QUAM RUMOR, QUEM AUDIVI... (2).

# V

## Do Monumento do monte do Sameiro

Não faz parte do Sanctuario do Bom Jesus do monte o Monumento religioso, levantado na cumiada do monte do Sameiro em memoria da diffinição do Dogma da Conceição Immaculada de Nossa Senhora.

O monte Sameiro é continuação, para sueste, do monte do Bom Jesus. Conduz para o Monumento uma boa estrada de mac-adam, que prendendo na que sobe do portico perto do terreiro da hospedaria corre d'ahi ao longo da parte oriental do monte do Bom Jesus, e acompanhando a rua da mãe d'agua e o muro da cerca desvia-se d'elle para a vertente de Braga no monte Sameiro. Esta é a comunicação por fóra da cerca.

Pode comtudo fazer-se toda a comunicação para o Sameiro pelas ruas da mata superior, subindo, como fica dito (3), do terreiro da hospedaria, e tomando a estrada do Sameiro pela porta d'*Espinho* ou pela porta do *Sameiro*. Fica a primeira d'estas portas na parte oriental da cerca, abrindo portanto para a vertente oriental do monte Espinho (4), donde lhe vem o nome. Ahi defronte da porta, e sobre a estrada, porque não pertence ao Sanctuario, está o modesto Hotel Universal. A outra porta communica da rua

(1) Pag. 50.

(2) «São maiores as tuas obras do que a fama, que temos ouvido».  
(A. P. Reis cap. v. 7.)

(3) Pag. 94.

(4) Pag. 2, e estampa de pag. 104.



dos sobreiros ou continuação d'esta para a parte da estrada já lançada no monte Sameiro, e d'ahi lhe vem o nome. A belleza d'este sitio, a proximidade da formosa rua dos sobreiros, e por ella de todo o parque recommendam de preferencia a comunicação por esta porta. A parte anterior da estrada está d'ordinario deserta; a porta de Espinho serve principalmente para o hotel fronteiro.

O Monumento dista cerca de tres kilometros da mata superior do Sanctuario. Principiou a ser construido em 1863 por meio de donativos, sendo lançada a primeira pedra em 14 de junho. A imagem da Virgem foi collocada em 12 de agosto de 1869, e benzida em 29 d'este mez.

Fôrma a base do Monumento um quadrado com escada dupla de cada lado, á semelhança dos *escadorios* do Sanctuario, dirigindo-se todos os lanços a um vasto terraço. No meio d'este erguia-se uma imagem da Virgem sobre alto pedestal.

Na manhã de 9 de janeiro ultimo um raio destruiu imagem e pedestal.

Era de boas proporções a imagem; a sua attitude natural e distincta a expressão. Uma outra foi logo encomendada, e breve substituirá aquella no mesmo local.

Proximo do Monumento foi construida uma capella provisoria.

O Monumento foi, desde o seu começo, objecto da veneração do povo de Braga e cercanias, e estimulo perenne de piedosas peregrinações. A sua principal romaria tem sido no anniversario da benção da imagem. A festividade religiosa fazia-se, emquanto não teve templo proprio, no do Sanctuario, d'onde sahia devota procissão ao monte do Sameiro.

O Monumento commemorativo da Immaculada Conceição de Nossa Senhora é uma recordação do mais notavel acontecimento religioso do seculo actual; um testemunho respeitoso, indelevel, venerando, da fé e piedade do povo portuguez, e de devoção pela Padroeira do reino.







## PARTE SEXTA

---

Instituição e progressos do Sanctuario;  
graças espirituaes;  
fundos e administração da confraria



PARTI SEITA

---

Industria e progressos do commercio  
e das esportações;  
e a administração da colónia



MEMORIAS DO BOM JESUS DO MONTE  
PARTE SEXTA



... avenida... toldada por grossa ramagem... pag. 122

I

Instituição e progressos do Sanctuario

O Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles diz na sua — *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* ser tradição que no anno de 1474 edificára o Arcebispo D. Jorge da Costa no monte Espinho uma ermida com a invocação da Sancta Cruz, e que os povos iam ahi em romaria no dia



3 de maio por ser este o dia, em que a Igreja celebra a festividade da invenção da Sancta Cruz. Foi edificada essa capella onde é hoje o novo *escadorio*.

Em 1522 o Deão da Sé de Braga, D. João da Guarda, reedificou-a e ampliou-a, e mandou abrir em uma das paredes lateraes o letreiro que se vê hoje em uma das paredes d'este *escadorio* (1).

Desamparada, e quasi esquecida após um seculo pelas ruínas, a que a reduziram o tempo e a pouca vigilancia dos successores de D. João, conseguiram alguns devotos reparal-a á sua custa e com esmolas; collocaram n'ella uma imagem de Christo com a invocação de Bom Jesus do monte; e erigiram confraria em 1629.

Muito curaram os primeiros confrades da conservação da ermida, e grandes obras premeditaram de fazer ali, que por sua fama attrahissem os povos de longe.

Para supprir a tão grandes despesas, para as quaes não tinham rendimentos proprios, representaram *autos* mythologico-sacros, bailes ou *bailos* e passos da Sagrada Escrip-tura,—procissões singularissimas pela sumptuosidade dos carros emblematicos; pelas figuras allegoricas, de que eram compostas, vestidas todas de modo apropriado ao acto representado; pelas musicas e instrumentos extravagantes; e pelas poesias, que declamavam (2). Com os meios, que poderam assim haver, paramentaram a ermida, e fizeram quarteis e casas, algumas capellas da vida e paixão de Christo e a da resurreição, differentes das actuaes, e o antigo *escadorio* com os seus mirantes de verdura; e nomearam um ermitão.

Em 1608 e 1610 o Deão Francisco Pereira da Silva pretendeu apropriar-se dos direitos e benesses da confraria com o fundamento de pertencer-lhe a inspecção e administração da capella, como successor de D. João da Guarda, e pelo direito de apresentação, como abbade da freguezia de Sancta Eulalia de Tenões, annexa á sua dignidade. E porque os confrades se temeram da riqueza e poderio do Deão, ficou este de posse da ermida, até que em 1720,

(1) Pagina 36.

(2) Vej. Appendice — Roteiro de Braga.



renovada a demanda contra elle, o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, dispensando nos estatutos da confraria, devolveu a si por decreto seu de 7 de junho de 1722 a eleição da Meza, e nomeou-se a si para juiz, e para mezarios alguns conegos e outras pessoas de sua confiança.

Terminou então a contenda, e o Deão assignou perante a Meza em 30 de junho d'esse anno, em seu nome e no de seus successores, termo de composição amigavel, pelo qual desistia de quaesquer direitos, que podesse ter nas capellas, casas, devezas, ou outras propriedades sitas no monte da Sancta Cruz, dentro ou fóra da cêrca, ainda que fossem pertença da referida freguezia e seus passaes, tudo a troco d'um modico fóro para si e para o vigario d'esta, e reservando a escolha do ermitão d'entre tres nomes, que para esse logar a Meza lhe apresentasse. Este termo, julgado por sentença a 4 de agosto do mesmo anno, foi confirmado pela Sancta Sé a 4 de setembro de 1724.

D'este modo ficou a confraria no gozo pacifico de seus direitos até 1759. Mas pretendendo n'este tempo o vigario de Sancta Eulalia assumir toda a inspecção sobre celebração de missas e escolha de capellães e de quaesquer outros sacerdotes e acolytos, como dependencia de seus direitos parochiaes, foi tambem decidida em favor da confraria esta nova questão por sentença do tribunal da legacia, que a considerou unica padroeira do Bom Jesus do monte sem dependencia da freguezia.

Apezar d'estas difficuldades continuaram as obras, começadas desde 1722 sob a direcção d'aquelle Prelado.

São d'esta epocha, — a estrada anterior de Braga desde o sitio dos peões, que sendo má veio substituir outra peor, ingreme, e quasi intransitavel por causa das aguas das serras e oiteiros proximos; — a fonte no muro da cêrca do Sanctuário, por vezes reformada, e actualmente uma das que dissemos em outro logar (1); — os muros da cêrca, posteriormente substituidos para alargamento d'esta, e para demarcação de novas devezas; — o portico actual; — as oito primeiras capellas com os passos da vida e paixão

(1) pag. 3.



de Christo, e as suas fontes mythologicas, e rampas actuaes d'umas para outras.

Antes d'estas capellas havia outras, as primitivas, mais pequenas e ainda mais humildes, que tinham apenas a imagem de Christo, e erão communicadas por ingremes carreiros, que as rampas actuaes substituiram.

Das oito capellas de D. Rodrigo existem as seis primeiras. A septima estava no extremo do patim da fonte de Jupiter em frente da rampa, que sobe de sexta (1). Representava Christo com a cruz ao hombro em caminho do calvario, e o encontro da piedosa Veronica. Saltava desagradavelmente á vista n'essa capella a figura tetrica d'um judeo, pegando com a mão direita pela corda, que prendia a victima, e sustentando com a esquerda um pergaminho, onde se lia — *Justiça que mandou fazer Poncio Pilatos a Jesus Nazareno por malfetor e amotinador do povo*. O passo d'esta capella passou com a inscripção para uma das do proximo terreiro das chagas (2).

Em frente da fonte de Jupiter subia do patim uma escadaria de trinta e quatro degraus, resguardada com para-peitos, que frondosissimas arvores acompanhavam em toda a extensão.

A primitiva estrada de Braga para o monte do Bom Jesus bifurcava-se defronte do portico em duas, — uma para sul, outra para norte, todas tres más, ingremes, mal calçadas. A do sul atravessava ao cimo d'aquella escadaria, indo entroncar na que subia pelo lado do norte.

Era feia a passagem, e tosca a escadaria, como eram grosseiras todas as primitivas obras.

Ahi, á direita de quem sobe, encontrava-se, um pouco mettida no monte, e occulta pelo arvoredor, a oitava capella, que representava o passo da crucifixão. Esta capella, que ainda vimos, já ha muitos annos não existe.

Seguia-se o *escadorio* antigo ou dos cinco sentidos, uma das obras mais antigas (3). No logar da actual fonte das cinco chagas estava a dos castellos, — assim chamada, por que lança agua por sete castellos abertos no retabulo em

(1) pag. 3.

(2) pag. 12.

(3) Pag. 19.



alto relevo. Esta fonte tem em volta da tarja em caracteres, já muito gastos, a seguinte inscripção (1) — *Rodericus Archyepiscopus*, Primas Hispaniarum an. 1723 —. D'aqui foi mudada para o terreiro da hospedaria, onde por muitos annos a vimos nas costas da fonte, que na avenida esteve defronte da capella da unção, e que se acha agora ao lado d'esta capella (2).

Pelo character mythologico-sacro das primeiras obras (3) era facil de acreditar que a fonte d'esta capella, não denunciando feição característica, e tendo nas costas a *dos castellos*, representasse Jano, divindade que os antigos pintavam com duas caras, alludindo aos seus attributos — conhecimento do passado e previsão do futuro. Essa era pelo menos a allegoria attribuida por boa gente de Braga á collocação das duas fontes, quando publicámos em 1861 a 2.<sup>a</sup> edição d'estas Memórias. Hoje ninguem acceita tal interpretação.

Ao *escadorio* dos cinco sentidos seguia-se um terreiro de fórma irregular, d'onde subiam dois lanços, cada um de quinze degraus, para um patim quadrangular (4) com assentos e parapeitos sobre o poente. Fôra ahi o lugar da primeira hermidã, erigida em 1494; no pavimento do patim estava a lapida da sepultura do primeiro hermitão. Dos ossos d'este apenas appareceu a caveira na demolição das obras, quando se construiu o *escadorio* das virtudes.

A lapida lagêã agora o patim superior do ultimo lanço d'este *escadorio* (5).

Seguia-se uma gruta com a imagem de Sancta Maria Magdalena no meio de coro d'anhos, um dos quaes tinha pendente da mão o letreiro (6):

VENI SPONSA CHRISTI, ACCIPE CORONAM

Dentro da gruta havia uma fonte.

Ao norte sobre um penedo estava a estatua de Moysés

(1) «Rodrigo arcebispo primaz das Hespanhas no anno de 1723».

(2) pag. 90.

(3) pag. 6.

(4) De comprimento 11<sup>m</sup>; de largura 22<sup>m</sup>.

(5) Pag. 35.

(6) «Vem esposa de Christo, recebe a corôa».



na acção de feril-o com a vara, alludindo á fonte do acampamento de Raphidim. E' a mesma estatua, que se vê sobre a actual *cascata* (1). Na peanha tinha a inscripção (2):

PERCUSSIENS BIS SILICEM VIRGA,  
EGRESSAE SUNT AQUAE LARGISSIMAE.

NUM. 20, 11.

Em volta do penedo viam-se outras estatuas na attitude de tomar da agua. Este penedo acha-se soterrado pelas novas obras.

De cada lado da gruta subiam sete degraus em meio caracol para o adro do templo (hoje terreiro da *cascata*) (3).

O templo era redondo (4); e o adro circumdava-o. De volta d'elle, em varanda rendada superior á cimalha, alguns anjos tinham nas mãos os instrumentos da paixão.

Sobre a porta principal, ao poente, que rematava com as armas archiepiscopaes, havia a seguinte inscripção (5):

CRUCIFIXO DOMINO SACRATUM HOC TEMPLUM  
POSTERITATI COMMENDAT ET ANIMAM SUAM  
ILLUSTRISSIMUS DOMINUS RODERICUS A MOURA  
TELLES, ARCHIEPISCOPUS BRACHARENSIS, HISPANIARUM PRIMAS, ANNO DOMINI NOSTRI JESU  
CHRISTI MILLESIMO SEPTINGENTESIMO ET VIGESIMO QUINTO.

Tinha sobre o altar-mór calvario como o do templo actual, detraz d'elle uma pequena sachristia, e nas paredes lateraes os altares de Sancto Antonio e S. Rodrigo. Este era privilegiado, e continha reliquias.

(1) Pag. 41.

(2) «Ferindo duas vezes com a vara a pedreneira, sahiram d'ella aguas copiosissimas». (A. P.).

(3) Pag. 41.

(4) 59<sup>m</sup> em circumferencia.

(5) «O Illustrissimo Senhor D. Rodrigo de Moura e Telles, arcebispo de Braga, e Primaz das Hespanhas, encomenda este templo, consagrado ao Senhor crucificado, e tambem a sua alma, á posteridade no anno de N. S. Jesus Christo de 1725».



À direita do templo erguia-se uma rocha com a torre. Sobre esta rocha, hoje quasi soterrada, está a estatua de Longuinhos (1).

Entre ella e o penedo de Moysés subia em meia volta uma escada de cantaria para a *casa da torre*, assim chamada pela sua proximidade da torre do templo. Esta casa foi por muito tempo residencia de capellães e empregados do Sanctuario. Ha pouco foi demolida para a via ferrea do plano automotor (2), e ainda figura vistosa em algumas das estampas photographadas d'esta parte do monte. Construida em grande elevação, dominava horizonte vasto, e realçava o panorama dos *escadorios*, alvejando por entre os mirantes de verdura do primeiro d'estes (3).

Do outro lado (sul) havia casas para romeiros em um terreiro, que tinha no centro o chafariz, que está presentemente no terreiro dos Evangelistas.

Algumas d'estas obras conservaram-se largo tempo : a reforma não se fez seguidamente.

Quando em 1842 visitámos pela primeira vez o Bom Jesus do monte, estava já construido o *escadorio* das virtudes no local do velho templo, e todavia ainda existiam a gruta da Magdalena, a escada entre os dois penedos, e alguns restos das anteriores obras.

(1) Juncto da cruz, em que Jesus foi levantado no calvario, encontraram-se dois homens, a quem os christãos deram o nome de Longino, ou, por corrupção em portuguez, Longuinhos. Um era o centurião, commandante da escolta, que acompanhou Christo, e assistiu ao seu supplicio. Faz menção d'este o Evangelho de S. Matheus cap. 27 v. 54. A Igreja Grega chama-o com aquelle nome, e já do tempo de S. João Chrisostomo o introduziu no seu martyrologio, celebrando a sua memoria, pelo martyrio que soffreu na provincia da Capadocia, no dia 16 de outubro. O segundo é o soldado, de que faz menção o Evangelho de S. João cap. 19 v. 34, e cuja memoria, como martyr tambem na Capadocia, a Igreja celebra no dia 15 de março.

D'este é a estatua equestre, colocada ao lado do *escadorio* das virtudes. Foi elle que, estando já morto Christo, lhe abriu o peito com um bote de lança, e d'esta ferida sahiu immediatamente sangue e agua... *unus militum*, diz o texto, *lancea latus aperuit, et continuo exivit sanguis et aqua*.

Alguns julgam, e talvez com algum fundamento, que o nome de Longino é deduzido de *lancea* (lança), alludindo áquelle acontecimento, — do mesmo modo e pela mesma razão por qué foi chamada Veronica a mulher, de nome *Berenice*, que em caminho do calvario enxugou o suor do rosto de Christo, com o que ficou estampada na toalha a effigie d'este, — Veronica, vera effigie, das linguas grega e latina.

(2) Veja-se Parte 4.<sup>a</sup> d'este livro.

(3) Pag. 20.



A avenida, que, pelo que dissemos em outra parte (1), é chamada do terreiro dos Evangelistas, principiava ainda á pouco tempo tres degraus acima do local, onde posteriormente foi construida a moderna capella do descimento da cruz, separando os dois terreiros, hoje communicados, o da hospedaria e o adherente ao adro do templo. A estampa representa-a n'esse estado, — uma formosa, compridissima rua de suave declive, toldada por grossa ramagem, e como todas as obras antigas vedada por parapeitos capeados de cantaria, que tinham urnas nas extremidades, e aberturas para communicação.

A vida do arcebispo D. Rodrigo foi curta para as esperanças do Sanctuario. Falleceu a 4 de setembro de 1728, e jaz na capella de S. Geraldo da cathedral.

D. Gaspar de Bragança, um dos successores de D. Rodrigo na mitra archyepiscopal, succedeu-lhe tambem no zelo pelo engrandecimento do Sanctuario. Um dos seus mais importantes actos foi a concessão á confraria por provisão do 1.º de janeiro de 1765 para ter sacrario no templo, sendo consignada dotação conveniente para conservação do culto. Concorreu tambem muito para a edificação do novo templo durante os cinco annos, que lhe restaram de vida. Falleceu a 18 de janeiro de 1789, e jaz na capella mór da cathedral na mesma sepultura do arcebispo D. José.

Depois dos tempos do arcebispo D. Gaspar um dos maiores bemfeitores do Sanctuario foi Pedro Jozé da Silva. Sustentou á sua custa durante annos dezenas de operarios, que trabalharam na edificação do templo actual, e foi elle quem lhe collocou a ultima pedra. Deu, além de muitos outros objectos para serviço do templo, paineis de valor para as paredes da capella-mór e para as das capellas lateraes, — para aquella dois magnificos tapetes, que mandou tecer inteiriços na India, — e para o centro do zimbório o lustre. Alcançou para o Sanctuario pela regia resolução de 27 de janeiro de 1806 a provisão para a demarcação da sua cerca; e sua foi tambem a offerta do excellente quadro de Sequeira, de que demos noticia (2).

(1) Pag. 89.

(2) Pag. 59.



Os tempos de devoção e interesse religioso dos instituidores ainda não passaram. As Mezas, que se têm seguido, succederam tambem nas virtudes e ardente zelo dos insignes Prelados e bemfeitores, que as precederam.

## II

Graças espirituaes concedidas ao Sanctuario,  
e suas principaes festividades

Se a fama do Bom Jesus do monte tem voado ao longe pelas grandiosas obras, com que a mão do homem converteu escabrosa montanha em ameno retiro, torna-se ainda maior e mais duradoura a sua grandeza pelas graças espirituaes, que o céu derrama sobre elle por mão dos Summos Pontifices.

Fôra o Sanctuario simples passeio de recreio, se lhe faltasse a benção do céu, que o torna retiro de devoção e penitencia, onde o homem vai buscar a expiação dos crimes do mundo no derramamento das graças divinas.

Coube ao Prelado D. Gaspar a gloria de completar as grandezas do Sanctuario, alcançando de Clemente xiv tres breves de graças, indulgencias e privilegios, que foram concedidos a 20 de julho de 1773.

O primeiro, que principia — *In iis, per quae animarum Christi fidelium salus procuratur*, concede 1.º por vinte annos; e em cada anno, um plenissimo jubileu aos fieis, que visitarem confessados e commungados o templo do Bom Jesus, e n'elle orarem pela concordia entre os principes christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Sancta Madre Igreja: 2.º pelo mesmo tempo, e por cada vez, aos que, ainda sem confissão, visitarem as capellas da paixão e resurreição, as indulgencias, remissão de peccados e relaxação de penitencias, que tem os que visitam as estações da *via crucis* em Jerusalem; 3.º aos confessores approvados, designados pelo arcebispo para confessar n'este jubileu, os poderes para absolver no fóro da consciencia



de quaesquer peccados, censuras, penas ecclesiasticas, e casos reservados, á excepção dos de heresia, simonia, duello, violação da clausura de convento de freiras, e de recursos aos juizes leigos contra a fórma dos sagrados canones, e para commutar os votos simpliciter em outra obra pia, regulada a seu prudente arbitrio, não obstante quaesquer constituições apostolicas e concilios.

O segundo — *Ad augendam fidelium religionem et animarum salutem* concede para sempre indulgencia plenaria e remissão dos peccados aos fieis, que visitarem confessados e commungados o templo do Bom Jesus, e n'elle orarem pela concordia entre os principes christãos, extirpação das herezias, e exaltação da Sancta Madre Igreja nos dias da Invenção da Sancta Cruz, ascensão do Senhor, domingos de ramos, da resurreição e pentescostes de cada anno desde as primeiras vespéras até o sol posto.

O terceiro — *Sacra interdum loca* concede perpetuamente ao templo do Bom Jesus um altar privilegiado, que for designado pelo Ordinario, no qual os sacerdotes, celebrando missa por alguma alma, possam applicar-lhe a indulgencia, e conseguil-a por modo de suffragio.

Graças tão grandes como estas não podiam deixar de despertar fervorosa devoção no povo do Minho, naturalmente religioso. Em especial a confraria do Bom Jesus, auxiliada pelo mesmo arcebispo, tractou de espalhar por longe a fama do Sanctuario, publicando-as, para que soassem como uma trombeta, segundo diz o Psalmista (1), chamando os povos a vir adorar a cruz de Christo; e cuidou de demonstrar publicamente o seu regosijo com uma d'aquellas procissões, que representasse o jubileu em figuras allegoricas.

Não tiveram contudo logar n'essa epocha os festejos, porque a execução dos breves foi prohibida pela mesa censoria com o fundamento de que *tinham sido extorquidos em nome do arcebispo sem preceder consentimento seu; que a publicação, feita pela Meza, fôra clandestina, concebida em termos indiscretos e imprudentes, e com o fim de convocar os povos para d'elles tirar interesses pecuniarios e sordidos; que deixava preterida em silencio a bulla da cruzada, pela*

(1) Psalm. XVIII v. 5. — Levit. c. XXV v. 9.



*qual até eram suspensas as indulgencias maiores concedidas ás corporações ecclesiasticas seculares e regulares d'este reino ; e que até fazia objecto de reserva e confissão os recursos ao juizo da corôa no mesmo espirito da bulla da cêa.*

Este acontecimento diminuiu, como era natural, o concurso de romeiros, e fez cessar as disposições religiosas, já começadas para lucrar aquelles dons do céu.

Mas não desanimaram os confrades na piedosa tarefa ; e supplicando a renovação das graças lograram alcançal-as de Pio vi por tres breves, dados em 18 de março de 1778, os quaes são repetição dos primeiros sem se referirem a elles. Tiveram então logar a procissão e festejos, projectados por occasião dos primeiros (1).

Além d'estas são do mesmo Pontifice as seguintes graças :

Em 20 de junho de 1778 concedeu, sem expedição de breve, indulgencia plenaria e perpetua aos fieis, que visitarem confessados e commungados o templo do Bom Jesus desde as vespertas até o sol posto dos dias da exaltação da Sancta Cruz, Natividade, Conceição, Annunciação, Purificação e Assumpção de Nossa Senhora em cada anno, e em todas as sextas feiras da quaresma.

No 1.º de julho do mesmo anno permittiu que fossem applicadas por modo de suffragio pelas almas do purgatorio as indulgencias concedidas no decurso de cada anno ao templo do Bom Jesus, cumprindo-se o theor dos respectivos breves e indultos.

No mesmo dia e a 13 de maio de 1780 conferiu poder aos capellães do Sanctuario para benzer certo numero de veronicas, ou cruzeiros, ou crucifixos, e corôas de contas, e applicar-lhes a indulgencia plenaria para artigo de morte.

Em 18 do mesmo mez e a 22 de agosto fez perpetuas as indulgencias concedidas por vinte annos no seu primeiro breve.

No mesmo dia 22 de agosto concedeu perpetuamente aos habitantes de Braga, que por impedidos não poderem

(1) Existe no cartorio da confraria a noticia do jubileu e o edital da mesa censoria, que prohibindo a execução dos breves mandou recolher todos os exemplares d'esta noticia.



visitar o templo do Bom Jesus, alcançar as indulgencias, cumprindo em casa ou em alguma igreja da cidade as obras pias, em que o confessor lhes commutar esta visita.

A 4 de setembro transferiu para outro qualquer altar, que pelo arcebispo fosse designado, o privilegio concedido em geral a um altar pelo terceiro breve, e commettido ao altar de S. Rodrigo no templo antigo. Foi designado para este fim o altar mór do templo.

Em 21 de agosto de 1782 privilegiou perpetuamente os altares de qualquer igreja ou capella publica, em que se celebrarem missas pelos confrades defunctos, para que lhes aproveite este suffragio em cada uma d'ellas.

Em 9 de novembro permittiu aos confrades, impedidos de fazer a visita do templo do Bom Jesus, alcançar as mesmas indulgencias por meio d'alguma obra pia.

O arcebispo D. Fr. Miguel da Madre de Deus concedeu por portaria de 26 de março de 1822 cincoenta dias de indulgencia aos devotos, que rezarem um Padre nosso e uma ave Maria diante da estampa do Senhor Bom Jesus do monte, rogando a Deus pela exaltação da sancta fé catholica, e pelas necessidades espirituaes e temporaes da Igreja e do Estado.

Finalmente os Summos Pontifices Pio vi e Pio ix concederam as indulgencias constantes das bullas, que se acham gravadas de teor na frontaria do templo, e que ficam transcriptas a paginas 48.

As principaes festividades religiosas do Sanctuario são : a paschoa de pentecostes ; domingo de ramos ; ascensão do Senhor ; as quatro primeiras domingos de quaresma ; domingo de paschoa da resurreição ; quinta feira de *Corpus Christi* ; dias de S. Pedro, de S. Paulo e de S. Thiago, da natividade e da assumpção de Nossa Senhora ; dia de todos os Sanctos ; os da invenção da Sancta Cruz e do seu triumpho.

Nos primeiros tempos foi a invenção da Sancta Cruz a principal festividade do Sanctuario por ter tido esta invocação a primeira ermida, e fazerem ahi romaria n'esse dia os povos das cercanias. Hoje a principal festividade é no triduo da paschoa de pentecostes.



## III

## Fundos e administração da confraria

Os fundos da confraria constam de bens de raiz, capitães a juro, joias d'entrada dos confrades, legados, donativos e esmolos.

Os bens de raiz são a *cérca* do Sanctuario e alguns predios dentro d'ella. Estes poucos bens estão exceptuados das prescripções da lei da desamortisação por despacho do ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda de 5 de julho de 1880, deferindo á pertença da Meza da confraria.

A *cérca* está limitada por grandes marcos de cantaria com as iniciaes B. J. (Bom Jesus). Quando se fez a primeira demarcação, tinha 536<sup>m</sup> pelo nascente, 917<sup>m</sup> pelo norte, 124<sup>m</sup> pelo poente, e 993<sup>m</sup> pelo sul, como consta do atombamento, feito por virtude da regia resolução de 27 de janeiro de 1806, pela qual foi concedida á confraria essa porção do monte para usufruil-a, plantar arvoredo, resguardar e aproveitar as nascentes d'agua. Esta *cérca* era murada desde por de traz da capella, que representa o castello de Emaús, no terreiro dos Evangelistas, correndo o muro ao longo da rua da mãe d'agua até perto da antiga pequena capella da crucifixão. Hoje é muito mais extensa, e a parte feita do muro da demarcação passa muito além d'esse local. A planta topographica do Sanctuario determina precisa e claramente o limite dos seus terrenos.

De terras de sementeira só tem hoje a *cérca* tres pequenas portas, pertencentes uma á casa do Grande hotel, e destinadas as outras para usufruição de dois capellães. A antiga *bouça verde*, pequeno terreno ao norte dos *escadarios*, foi cortada em parte pelo plano automotor, e está plantada no restante espaço por basto arvoredo.

O capital a juro representa somma importante; e tendo augmentado successivamente, nunca foi superior á verba



actual. Uma parte d'elle havia sido consumida nas obras do templo actual, na compra de devezas para arredondamento da demarcação, na reedificação de cazas arruinadas por occasião da invasão franceza, e no costeio d'outras obras. Estes fundos estão repostos de ha muito tempo. Posteriormente vieram novas deixas engrossar o capital, graciosas umas, e outras onerosas. Os capitaes são hoje maiores, comquanto tambem maiores os encargos.

Entre os recursos da confraria avultão os rendimentos, que tem recebido, e recebe, da piedade e devoção dos fieis. Estes rendimentos compõem-se principalmente das seguintes verbas: deixas testamentarias, — esmolal lançadas nas caixas do templo e das capellas, — donativos mencionados no livro dos bemfeitores, que está patente na sachristia, — outros recolhidos nas povoações visinhas pelos irmãos pedidores, — e os do peditorio annual, feito em Braga pelos Mezarios.

Acresce a estas verbas o producto da venda d'estampas, medidas, livros e outros objectos, relativos ao Sanctuario, assim como o da venda de seus viveiros de peixes, de plantas e d'arvores; — a receita pelo serviço dos botes no lago maior, e a do plano automotor em virtude do contracto de concessão (1).

Entre as verbas de receita ou donativos em materiaes é digno de mencionar-se o beneficio, que fazem ao Sanctuario os lavradores dos povos visinhos, conduzindo em seus carros e á sua custa, (costume que ficou da edificação do templo actual (2), a pedra necessaria para as obras. Este serviço é feito, por dispensa dos arcebispos, em dias santificados; e o valor do beneficio, com quanto attenuado pelas despesas, que o Sanctuario ha mister de fazer n'esses dias com o sustento dos lavradores, não deixa por isso de ser importante.

O estado do Sanctuario é relativamente florescente. Com quanto os juro de seus capitaes e a renda de seus dois hoteis lhe dêem rendimento certo, mas apenas sufficiente, para sustentação do culto, para os ordenados de capellães

(1) Vej. Parte 4.<sup>a</sup> d'este livro.

(2) Pag. 59.



e empregados da egreja, e para o encargo dos legados, — os seus outros rendimentos são verbas, tambem relativamente, importantes para costear as dispendiosas obras, que todos admiramos. Foi sempre todavia, e ainda é, nem poderá deixar de ser, a piedade e a generosidade dos fieis o recurso maior do Sanctuario, a fonte mais segura e abundante, inexgotavel, de seus rendimentos.

.....

A confraria é governada pelos seus estatutos de 1821, e a sua administração é confiada à Junta dos confrades, á Junta dos deputados, e á Meza.

A Junta dos confrades compõe-se de todos estes, hoje em numero superior a 2:000, mas pode funcconar com vinte e cinco vogaes, em que entre a Meza.

A junta de deputados compõe-se da Meza com quatro ex-Mesarios.

A Meza é eleita annualmente pela Junta dos confrades, e compõe-se dos treze seguintes membros, — o juiz da confraria, e na sua falta um presidente da Meza, — o cartorario, — o secretario, — o ministro do culto divino, — os vedores da fazenda e das obras, — os thezoureiros da caza e dos legados, — os thezoureiros das estampas e esmolos, — o procurador da confraria, — e os mordomos do templo e das capellas.

Tem o Sanctuario quatro capellães fixos, um sachristão, um hermitão, o servo da Meza com residencia em Braga, um fiscal ou apontador permanente para as obras, e um jardineiro chefe.

Como e quando é eleito cada um dos referidos corpos; suas attribuições geraes, e segundo as circumstancias as especiaes de cada vogal; e as dos capellães, e mais empregados acham-se determinadas nos estatutos da confraria.







ROTEIRO

BREVE NOTICIA

APPENDICE

As

**MEMORIAS DO BOM JESUS**

**DO MONTE**



APPENDICE

21

MEMÓRIAS DO BOM JESUS

DO MONTE







S. Luiz, reimpressas em 1872; e na obra em hespanhol *Flores de España, Excellencias de Portugal* por Antonio de Sousa de Macedo (Lisboa, 1631).

Na mesma *Serie dos arcebispos* é exposta a parte, que teve cada um d'estes na reedificação e aformoseamento da cidade. E a respeito das reliquias archeologicas, encontradas na cidade e districto administrativo de Braga, contém valiosas noticias o — *Programma das conferencias familiares na sociedade democratica recreativa de Braga sobre monumentos archeologicos em geral, e a architectura christã das nossas provincias boreaes em particular*, pelo professor do lyceu de Braga Pereira Caldas, — e na *Viagem dos Imperadores do Brazil a Portugal em 1872* (Coimbra, Imprensa da Universidade) alguns appontamentos subministrados pelo mesmo professor, e incluídos na obra a paginas 135-159.

Do que era Braga em 1594 com todos os seus antigos arruamentos, *campos* ou praças, e edificios mais notaveis dá completa idéa a *planta topographica*, desenhada por Gaspar Alvares Machado, gravada em cobre n'essa epocha, e da qual publicaremos copia.

Dedicando algumas linhas á antiga cidade de S. Geraldo, como em roteiro que possa servir de luz ao visitante, limitamos-nos, porque mais não cabe em nosso intento, a uma simples lembrança do que é em nossos dias esta, por todos, nacionaes e estrangeiros, justamente decantada Cintra das provincias do norte de Portugal.

Compõe-se Braga de praças espaçosas, e de boas ruas no centro da cidade: outras compridissimas irradiam d'esse centro em differentes direcções. Medeiam entre estas muitos quintaes, jardins e varzeas, que fertilizam abundantes correntes dos montes e oiteiros proximos. Das praças ainda hoje algumas tem o nome de *campos*.

A cidade é plana no centro; e pequeno declive tem algumas das ruas, que d'ahi percorrem. É singela a architectura da maior parte de seus predios; apenas alguns edificios, publicos ou particulares, antigos e modernos, destacam d'esta geral simplicidade. Sobram comtudo estes para darem á capital do Minho o nome, que bem lhe quadra, de formosa e ridente cidade.



Uma parte dos predios conserva ainda vidraças suspensas de dobradiças, e alguns tambem rotulas ou gelozias de madeira,—restos do antigo viver arabico, velhas usanças que os tempos e os novos costumes combatem, e pouco e pouco vão destruindo.

Offerece comtudo Brága dois aspectos differentes,—a nova e a velha cidade. Quem de passagem visita Braga, não sahe do centro, e não chega a conhecer as velhas travessas (1), o genio, a industria, e os povoadores d'estas. São dois paizes limitrophes, differentes no physico e no moral. Se desejar levar de Braga boas impressões, o viajante não deve passar d'aquella para esta parte da cidade. —Alli ruas mais ou menos espaçosas; algumas formosas praças: jardins particulares e passeios publicos; estabelecimentos de negocio, abundante e variadamente abastecidos; gente fina; população alegre e tractavel.—Aqui os vetustos bairros e as velhas *travessas*; ruas estreitissimas, e calçadas em largas pedras deseguaes, pela maior parte gastas do tempo; encrusilhadas, por onde entre innumeras casas negras e paredes carcomidas de derrocados predios alvejam poucos edificios menos antigos; muita gente de grosso tracto e trabalho rude, e muita outra de vida policiada. É a civilisação, mais ou menos adiantada, a par da barbarie: é a vida da renascença a par da vida mediéva. Viajante desconhecido, que em noite sombria e a horas mortas se aventurar n'este labyrintho, arrisca-se a não encontrar fio de salvação. «Nunca por aqui passo a deshoras sem levar a mão no revolver» —dizia-nos um amigo, que sempre nos acompanhava ao hotel. Todavia exaggerado receio!... o medo é mau conselheiro!... nem os registros policiaes, nem as estatisticas criminaes accusam razão para tão grande desfavor.

A Camara municipal tem o louvavel projecto de transformar estes bairros, alastrando o resto das velhas vielas, e abrindo novas ruas em communicação com o centro civilisado da cidade.

(1) Ainda n'alguns sitios ouvimos chamar *congostas* estas travessas. A *congosta* porém designa com mais propriedade no Minho a azinhaga rural ou meio rural sem casas.



Os principaes *campos*, *largos*, *praças* e *ruas* de Braga tem os seguintes nomes.

### Campos, largos e praças

1.º A entrada da cidade pelo poente, na estrada do Porto, — o pequeno *largo* de S. Pedro de Maximinos, juncto ao templo d'esta freguezia. — *Entrada da cidade* diz, como em outras avenidas, o letreiro do *largo*, que de principio nos pareceu singular providencia da Camara municipal, para que ao visitante não restasse duvida do terreno que pisava, mas que depois soubemos ter por fim avizar que d'aquelle ponto para dentro da cidade, como d'outros que tem egual letreiro, pagam os carros de bois o imposto de transito.

2.º A praça da Alegria, a que bem quadra o nome, e que fôra chamada anteriormente *campo* das Hortas pelas bellas hortas e quintas contiguas. — Tem alto cruzeiro, e é rodeada de arvores. Corre-lhe ao lado a rua do Corvo para a proxima estação do caminho de ferro do Minho. Aformozeam-na alguns bons predios, sendo o principal d'elles o da familia Cunha Reis, onde ha quadros de subido valor em galeria digna de visitar-se, que seus donos cavalheiramente franqueiam, assim como os jardins contiguos á casa.

3.º Dentro da *porta nova*, ao lado da rua nova do Sousa, o pequeno *largo* da praça. — É a *porta nova* um formoso arco de cantaria, que remata uma estatua, representando Braga. Pendem d'elle as quinas portuguezas, sobrepujadas pelo chapéo archiepiscopal, distinctivo do antigo senhorio dos arcebispos. Na parte interior tem uma imagem com a invocação de Nossa Senhora da Nazareth. E é assim chamado *porta nova*, porque no arcebispado de D. Gaspar de Bragança substituiu uma das antigas portas da cidade, juncto da qual era costume fazer-se a cerimonia official da entrega das chaves, quando o monarcha visitava a cidade. Hoje faz-se esta cerimonia na estação do caminho de ferro.

4.º O pequeno *largo* da galeria, situado na frente e en-



tre os lados salientes da principal fachada do paço archiepiscopal, dividindo as ruas, seguidas, do Souto e rua nova do Souza.

5.º Ao fim d'estas ruas o *largo* do Barão de S. Martinho. — Chamava-se antigamente da porta do Souto, porque terminava na rua do Souto, onde tinha um vetusto arco.

6.º No local mais central da cidade o *campo* dos Touros, hoje praça municipal. — Cercam-n'o frondezas amoreiras, e tem entre outros bons predios os magestosos paços do concelho, e uma parte do paço archiepiscopal. Faz-se ahi o mercado, parte em abarracamento, e parte ao ar livre.

7.º Parallelo com este o *campo* da Vinha, hoje praça de D. Luiz, muito extenso, e pouco arborizado.

8.º Antes do *campo* da Vinha, pegado com elle, o pequeno *largo* de Sancto Agostinho.

9.º Parallelo com o mesmo *campo* da Vinha a nova praça do Carmo, vulgarmente chamada tambem a feira do gado e o *campo* da feira. — De principio foi destinada para o mercado publico. Está ainda em construcção, e longe dos melhoramento de que é susceptivel. Entre os seus predios sobresahe, ainda pouco adiantada, a casa do novo mercado do peixe, a que o povo chama impropriamente casa da alfandega. Para norte offerece d'uma cortina de parapeitos variado e extenso panorama sobre a bacia do rio Cávado.

10.º Adiante do referido *campo*, no fim da rua dos Capellistas, em frente do templo da Ordem Terceira de S. Francisco—o *largo* de S. Francisco, onde está incorporado o antigo *largo* do Ourado.

11.º O *largo* da Lapa. — Comprehende não só o terreiro anterior ao passeio publico do *campo* de Sant'Anna, mas a larga rua contigua, que verdadeiramente é a rua occidental d'este passeio.

12.º O *largo* dos Penedos. — Separa as ruas dos Chãos e de S. Vicente, e as do Carvalhal e de Sancto André.

13.º O *largo* de Enfias. — Fica ao fim da rua do conselheiro Januario.

14.º O pequeno *campo* de S. Miguel o Anjo — ao fim da nova rua da Sé.

15.º O *campo* das Carvalheiras, ou de S. Sebastião das Carvalheiras — ao cimo do passeio d'este nome.



16.º Entre as ruas do Alcaide e do Anjo — o *campo* de S. Thiago, sem arvores, sem calçada, mal terraplenado e com um grande chafariz no centro.

17.º Comunicando com este *campo* por vetusto arco — o pequeno *largo* de S. Paulo, ou do collegio, assim chamado do antigo collegio dos Jesuitas.

18.º Entre as ruas do Anjo e de S. Marcos — o *campo* dos Remedios, onde estão o convento de religiosas da Ordem capucha de Nossa Senhora da Piedade, o hospital civil de S. Marcos, o templo da Sancta Cruz, e um hospital da irmandade d'esta.

19.º Para nascente da cidade — o extenso e formoso *campo* de Sanct'Anna, hoje dividido em passeio publico e alameda, e um dos mais amplos e pittorescos das nossas povoações principaes.

20.º Parallela com o *campo* de Sanct'Anna, e communicando com elle pela pequena rua de S. Gonçalo — a praça nova, chamada tambem *campo* do Reducto, e mais conhecida pelo nome de *campo* novo, — nome que apezar de velho ainda conserva. É quadrangular, tem pouco arvoredor, e no centro um tanque circular com repucho. Aos quatro cantos desembocam as ruas de S. Gonçalo, de Sancto André, de Guadalupe, e da Oliveira. Uma singular physionomia apresentava até ha poucos annos esta praça: todas as casas eram construidas pelo mesmo risco. O proprietario d'uma d'ellas quebrou esta monotonia, reconstruindo d'outra fórma o seu predio.

21.º O pequeno *largo* de Sancta Thereza, ou das Theresinhas, em frente do convento de religiosas da Ordem de carmelitas descalças, entre a rua da Oliveira e a travessa de S. Vicente.

22.º Em continuação da alameda do *campo* de Sanct'Anna, apenas separado d'esta por alto cruzeiro, — o pequeno *campo* de Nossa Senhora a Branca, ou das Neves.

#### Ruas principaes no centro da cidade

A rua nova do Sousa e a rua do Souto, seguidas desde



o arco da porta nova até o *largo* do Barão de S. Martinho, atravessam o coração da cidade, separadas apenas pelo *largo* da galeria.

A rua de S. João é paralela á rua do Souto, com a qual communica pelas estreitas ruas de Jano e de Nossa Senhora do Leite.

As ruas, seguidas, de S. Marcos e do Anjo, são separadas pelo *campo* dos Remedios, principiando a primeira no *largo* do Barão de S. Martinho, e desembocando a segunda no *campo* de S. Thiago.

Segue-se a este *campo*, e termina no de S. Sebastião das carvalheiras a rua do Alcaide.

A rua de D. Fr. Caetano Brandão communica o *largo* das carvalheiras com a rua da Sé. Foi ultimamente aberta pelo derrocamento de velhas viellas,

A rua da Sé, em frente da porta principal da cathedral, é formada do antigo pequeno *largo* da Sé, que foi prolongado na mesma largura, que tinha, pela demolição d'outras viellas.

A rua dos Biscainhos sobe em suavissimo declive do *campo* das Hortas para o *largo* de S. Agostinho. Foi assim chamada d'uns esculptores e entalhadores da Biscaia, que, se a tradição não mente, moravam alli, tendo vindo trabalhar no côro da cathedral, e sendo por essa occasião aproveitados para fazerem algumas estatuas das capellas do Bom Jesus.

Para o *campo* da Vinha atravessa da praça do Carmo a pequena rua do Salvador, assim chamada do proximo convento.

Segue-se ao mesmo *campo*, entre ella e os *largos* de S. Francisco e da Senhora da Lapa, a rua dos Capellistas, outr'ora chamada da fonte da *Carcova*. Esta fonte é hoje logradouro publico. O nome veio d'uma porta falsa (*carcova*), por onde era possível sahir occultamente das antigas fortificações da cidade.

Atravessando do *largo* de S. Francisco para o do Barão de S. Martinho e para a rua do Souto, a rua do castello defronta em toda a extensão com a cadeia.

Em frente do extincto convento dos religiosos do Carmo sahe para o *campo* da Vinha a pequena rua do Carmo,



chamada antigamente do chiqueiro da muita lama, que junctava.

As ruas do Carvalhal, de Sancto André e de Guadalupe são seguidas desde a praça do Carmo, ou proximamente a esta, até a escadaria do oiteiro de Sancta Margarida, ou de Nossa Senhora de Guadalupe, atravessando, onde termina a segunda e principia a terceira, o *campo* do Reducto.

As duas ruas dos chãos de cima e chãos de baixo, chamadas hoje aquella — dos chãos, esta — de S. Vicente, são separadas apenas pelo *largo* dos Penedos.

As ruas seguidas de Sancto Antonio e da Misericordia, que era antigamente rua dos Gatos, atravessam ao cimo do *campo* dos Touros da rua nova do Souza para o *campo* da Vinha.

A pequena rua da S. Gonçalo conduz da alameda do *campo* de Sanct'Anna para o *campo* do Reducto.

A rua da Oliveira, que sahe d'este *campo*, e a rua ou travessa de S. Vicente, que termina no templo d'esta invocação, são separadas pelo *largo* de Sancta Thereza.

A rua do Raio é assim chamada do nome do fallecido Visconde de S. Lazaro, Miguel José Raio, que a expensas suas a fez abrir em frente da sua casa da rua dos Granginhos, communicando este predio e o proximo *campo* dos Remedios com as ruas das Aguas e da Ponte.

Com a abertura d'esta rua fechou-se a antiga travessa da Palmatoria. Defrontava com esta um dos muros da cerca do convento das religiosas do *campo* dos Remedios. N'este muro ainda se vêem duas lapidas romanas, cuja explicação, feita pelo distincto archeologo o sr. Pereira Caldas, foi publicada com os desenhos respectivos no periodico litterario — *Artes e letras* n.º 9 da serie 3.<sup>a</sup>, e reproduzida sem os desenhos em o n.º 48 do semanario de Braga — o *Brado Liberal*. É precioso esse trabalho, como tudo o que sahe da esclarecida penna d'este escriptor.

As duas ruas de Jano ou, por corrupção, Jannes, e de Nossa Senhora do Leite ligam as do Souto e de S. João. A primeira d'estas chama-se assim de Jano, divindade pagã que era adorada no proximo templo pagão, — hoje igreja de S. João. A segunda é a velha rua ou travessa de — *Us-*



sias ou Adussias (1), dá-lhe o nome actual uma imagem de Nossa Senhora, mettida em grande nicho, que ladeiam dois grandes braços d'armas.

A rua de S. Sebastião desce do *largo* deste nome para as ruas seguidas da Cruz de Pedra, e rua Direita, que termina no *largo* de S. Pedro de Maximinos.

A pequena rua de S. Miguel o Anjo passa entre o *campo* do mesmo nome e a rua da Cruz de Pedra.

Duas ruas correm aos lados, norte e sul, do *campo* de Sanct'Anna. Antes da formação do passeio publico e alameda eram chamados os *cães* de cima e de baixo.

A rua do conselheiro Januario (2), que principia na igreja de S. Vicente e acaba no *largo* de Enfias, comprehende duas ruas parallelas, caminhando em traineis differentes. A do poente, a mais baixa, desce para a estrada dos Arcos de Val-de-Vez e alto Minho. A do nascente, mais alta, conduz á rua do cemiterio. A primeira prolongar-se-ha por uma outra, que está em projecto desde o convento do Carmo pela actual viella (e mais vulgarmente congosta) da Escoura, correndo parallelá á rua de S. Vicente. Estão feitos os estudos graphicos d'este prolongamento, mas tem-se opposto á obra interesses locais com o intuito de substituil-a por outra, que sahindo da praça do Carmo termine tambem juncto á referida igreja.

A rua do cemiterio continúa do *largo* de Enfias para o cemiterio publico ou municipal.

D'esta rua atravessa para o *campo* da Senhora a Branca a nova rua de Sancta Margarida.

E do meio d'esta sahe, apenas aberta e ainda despovoada, a rua do Câmões, que principiou por ser de S. Faustino. Defronta com o oiteiro de Guadelupe, e vae entroncar aol ado do convento de Sancta Thereza na rua da Oliveira.

Outras ruas de menor nomeada contém Braga no seu centro, e principalmente na parte antiga da cidade. São as principaes d'estas as ruas do Coelho — dos Granginhos

(1) Vej. a respeito da etymologia d'esta palavra o Elucidario de Viterbo, e os *Diccionarios* de Moraes e de Constancio.

(2) Hoje Visconde de S. Januario, governador civil que foi em Braga em 1863 por occasião da exposição agricola.



— de D. Gualdim — de S. Lazaro — do Poço — dos Sapa-  
teiros — e de Sancta Maria. Perdem-se a maior parte d'ellas  
nas travessas e encruzilhadas dos velhos bairros, e outras  
tem sido destruidas para formação de novas ruas. Diz a  
tradição que na de D. Gualdim estivera a casa dos Tem-  
plários, da qual fôra feito grão-mestre no seu regresso da  
Palestina D. Gualdim Paes, o fundador com Arnaldo da  
Rocha da Ordem dos Templários em Portugal.

### Ruas lateraes, que irradiam do centro

Do *campo* da Senhora a Branca sahem para nascente as  
ruas da Regua, de S. Victor, e de D. Pedro v, antigamente  
chamada *das cazas novas*. N'estas ruas encontram-se ainda  
antigas officinas de chapéus de Braga. Prende n'ellas a  
estrada para o Sanctuario do Bom Jesus do monte.

Para poente da cidade sahem do *campo* das Hortas as ruas  
seguidas de S. Pedro de Maximinos e da Cruz de Pedra;  
terminam no *largo* de S. Pedro, e prendem á entrada da  
cidade com a estrada do Porto por Villa Nova de Famali-  
ção.

Começa no mesmo *campo* a nova rua do Corvo para a  
estação da via ferrea. Chama-se assim do apellido do con-  
selheiro João de Andrade Corvo, que era ministro e se-  
cretario d'estado dos negocios das obras publicas, com-  
mercio e industria, quando foi inaugurado o ramal da via  
ferrea para Braga.

A rua do Avellino, tambem aberta de novo, atravessa  
d'esta estação para a rua da Cruz de Pedra. A pequena ca-  
pella de S. Miguel o Anjo, que dava o nome ao *campo* em  
que estava edificada, foi expropriada pela Camara muni-  
cipal, e reedificada n'esta nova rua.

A rua do Caires, tambem aberta modernamente, com-  
munica do *largo* de S. Pedro de Maximinos para a rua an-  
terior. É assim chamada do apellido do capitalista J. J.  
de Machado Caires, que a fez abrir a expensas suas, e con-  
struiu n'ella uma casa de escola municipal de instrucção



primaria, mobilando-a e dotando-a com 25\$000 réis annuaes para seus reparos e material d'escripta.

Entre poente e norte partem do centro da cidade as seguintes ruas.

Do *largo* de Santo Agostinho sahe a rua da Boa Vista, antigamente chamada das Conegas, nome d'um convento de religiosas Agostinhas, ahi fundado em 1140 pelo arcebispo D. João Peculiar. Não restam vestigios d'este convento. A rua prende com a estrada do Prado; mas toda a communicação, que se fazia por ella, faz-se á annos por esta estrada, que sahindo da rua do Corvo segue d'ahi, além d'outras direcções, para Ponte do Lima.

Ao poente da igreja de S. Vicente começa a rua das Palhotas, que termina no monte de Castro (ou Crasto na linguagem vulgar), caminho das freguezias de Dume e Palmeira.

E no fim do trainel inferior da rua do conselheiro Januario, ou do *largo* de Enfiás abre na direcção de noroeste a estrada de Palmeira ou do Barco do Bico, — estrada do alto Minho, já bastante povoada de casas e alegres vivendas. A uma legua de distancia encontram-se os rios *Cávado* e *Homem*, apenas separados por pequeno tracto de terreno, e que logo abaixo se reúnem, desembocando este n'aquelle no sitio chamado por alguns o *Vau do Bico*, e mais propriamente por outros o *Barco do Bico*, porque antes da construcção das pontes era atravessado o rio n'esse logar em uma barcaça, especie de ponte movediça, que do centro descahia para as extremidades para facilitar o embarque e desembarque de carros e cavalgadas. Sobre cada um d'estes rios estão agora construidas de cantaria as duas pontes de Palmeira e do Bico, extensas, elegantes e solidas, formando ambas um só corpo, porque, do mesmo modo que os rios, separa-as apenas aquelle terreno. Passam por ser n'este genero as primeiras da Peninsula. Foram principiadas em 1863, sendo lançada a primeira pedra em 17 de agosto. E' formosissimo o sitio, e offerece variado panorama, — melancolico da parte de cima das pontes, — risonho e ameno da parte de baixo, onde se estende á beira dos rios verdejante arvoredado de fertilissimas quintas.



Não deve esquecer este passeio ao visitante de Braga, seguindo d'ahi pela estrada da Torre e de Soutello, voltando pela antiga ponte de cantaria, que no sitio do Prado, a meia legoa abaixo da ponte do Bico, atravessa o mesmo rio Cávado, e recolhendo a Braga pela estrada do Prado.

Para sul descem em suave declive do *campo* de S. Thiago as ruas, seguidas, de S. Geraldo e dos Pellames. Passa-lhes ao fundo o ribeiro d'Este, o *Aliste* dos romanos, com uma pequena ponte de pedra, um pouco acima da qual existe a capella do antigo morgado de Torneiros com a invocação de Sancta Justa, administrada por duas confrarias. Não tem em si coisa alguma notavel nem a capella nem a ponte; e o sitio é melancolico e campestre. Tem todavia estas duas ruas com o local da ponte, e as estreitissimas azinhagas proximas ao rio, uma pagina de sangue na historia das nossas dissensões politicas de 1847, porque foram theatro de scenas sanguinolentas, ahi feridas entre homens, embora divididos em crenças oppostas, todos portuguezes.

Para o mesmo lado, mas distantes d'aquellas ruas, sahem do principio do campo de Sanct'Anna as das Aguas e da Ponte, que terminam no mesmo ribeiro d'Este. Sobre este ainda ha a antiga ponte, que deu o nome á ultima das duas ruas, e ao lado da qual, a pequena distancia, foi construida uma outra de maiores proporções, que dá começo á estrada de Guimarães. Ao lado d'ambas e d'esta estrada existe, melhorada e acompanhada de pequeno jardim e bom arvoredo, a capella de S. João. É pittoresco o sitio, e de muita frequencia nas tardes do estio.

D'ahi deve o visitante subir, estrada de Guimarães, á serra da Falperra para ver a capella de Sancta Maria Magdalena, e a pouca distancia d'esta o extincto convento da Ordem dos missionarios Varatojanos. Uma e outro dominam vasto horizonte.

O convento do Varatojo principiou por ser de Ordem mendicante, instituido em Portugal em 1679 pelo veneravel fr. Antonio das Chagas, Franciscano da Provincia Seraphica dos Algarves, sendo aprovados os seus estatutos em 3 de novembro d'esse anno pelo Summo Pontifice In-



nocencio xi. Em 1692 foi elevado a seminario de missões. A sua carreira apostolica foi sempre de austera disciplina. Eram respeitaveis aquelles missionarios, que precedidos d'um nome sem mancha vinham de longe e iam ao longe, amortalhados em seus habitos de burel, grande capuz na cabeça, e comprido Sancto Christo pendente do peito, chamar para o redil christão as ovelhas desgarradas, trazendo muitas vezes d'entre estas novos pastores a sobraçar com elles o pesado cajado. N'esses tempos de mais funda piedade o nome do Varatojo só por si infundia respeito. E comtudo não era o Varatojo um sitio ermo, simples asylo de penitencia, longe dos homens, e tendo por só horizonte a cruz... Pelo contrario o estreito convento, que ainda existe, e onde os austeros cenobitas tinham a sua principal casa claustral, é situado em meio d'um povo a curto passeio da villa de Torres Vedras, domina de posição elevada vale ameno, largo e variado horizonte, e tem dentro da clausura uma mata, cêrca extensa e fertil, hortas, tanques e fontes de purissima agua. Esta casa e cêrca estão como as deixaram os seus antigos habitantes, porque depois da extinção das Ordens religiosas foi comprada por alguns reverendos padres, que tem ali collegio de instrucção, e continuam, quanto lh'o permitem as leis do reino, a vida apostolica d'aquelles. D'entre os actuaes habitantes do Varatojo um foi missionario, e nunca abandonou a antiga cella. Ainda o vimos, não ha muito, — um ancião carregado d'annos, de virtudes, e de saber.

### Templos e Capellas

Os templos mais notaveis, além das igrejas dos conventos, são — a Cathedral, — os de S. João, de S. José, de S. Lazaro, de S. Pedro de Maximinos, de S. Thiago da cidade, de S. Victor (1), todos estes de freguezias, — os da Sancta Cruz, do hospital de S. Marcos, da sancta casa da miseri-

(1) Ou S. Vic'ouro, como diz a *Corographia* cit. tract. II cap. I.



cordia, de S. Vicente, e da terceira Ordem de S. Francisco, ou dos terceiros, — e as capellas de S. Antonio — de S. João da ponte, — de S. Miguel o Anjo, — de Nossa Senhora da Conceição, — da Senhora de Guadalupe, — da Senhora a Branca, — de S. Sebastião, — e de S. Victor o velho, erecta no logar onde diz a tradição ter sido degolado o Sancto.

O templo de S. João, ou S. João do Souto, — assim chamado d'um souto ou devêza de carvalhos, que diz a tradição ter existido alli, foi templo pagão, fez parte do velho castello da cidade, e foi reconstruído em 1512 para o culto catholico pelo arcebispo D. Diogo de Sousa.

Uma das capellas lateraes d'este templo é a de Nossa Senhora da Conceição, — chamada tambem do Senhor morto, porque unia veneranda imagem de Jesus está ahi em mausoleu. A capella é quadrangular, em fôrma de torre, com architectura gothica florida e finos rendilhados, já em muitas partes destruidos ou substituidos á feição moderna. Tem porta para a rua de S. João.

Sobre esta capella, sem communicação alguma com aquelle templo, está a capella de Sancto Antonio, para a qual sobe da rua uma comprida escadaria de pedra. É muito antiga, e contém um amontoado de figuras toscas, allusivas á vida do Sancto. Alguns chamam-lhe a capella de Santo Antonio o esquecido, ou dos esquecidos, confundindo-o com um oratorio d'esta invocação, adherente a uma das paredes d'esse templo. Da edificação da capella, dos seus antigos possuidores, e das suas rendas conta curiosa historia, mil vezes repetida, o bom guarda d'esta e da anterior capella e de suas alfaias.

O templo de S. Victor pertenceu a um mosteiro da Ordem de S. Bento, fundado em 565 por S. Martinho de Dume. Foi re-edificado e sagrado pelo arcebispo D. Paio Mendes em tempos de D. Affonso Henriques; e fez-lhe consideraveis melhoramentos em 1686 o arcebispo D. Luiz de Sousa. Como fosse demasiadamente extensa a freguezia, desmembrou-a o arcebispo D. José de Bragança, creando em 1747 com parte d'ella a de S. José, e dando-lhe para Matriz a igreja ou ermida de S. Lazaro na rua das aguas. D'aqui vem chamar-se a freguezia de S. José de S. Lazaro.



E' curiosa a fachada da igreja da Sancta Cruz, no *campo* dos Remedios, pela sua belleza e lavor. Esta igreja foi construida em 1625 pela irmandade erecta em 1581. E diz a tradição ser devida a instituição da irmandade á devoção de Jeronymo Portilho, mestre de meninos, que tinha por costume orar com elles juncto d'uma cruz alçada no local da actual igreja.

A collina da capella de Nossa Senhora de Guadalupe, chamada antigamente de Sancta Margarida, situada a *cavalleiro* da cidade, domina da sua eminencia a cidade e varzeas, e tem vistas sobre o Sanctuario do Bom Jesus, que lhe fica superior. Em volta da capella ha uma pequena alameda, a qual communica por poucos degraus e portas de ferro com a rua do Camões, e por comprida escadaria com as ruas do Carvalhal, S. André e Guadalupe. É um dos sitios mais pittorescos de Braga e suas cercanias, que só tem rival no mirante rural da próxima casa, chamado a cruz do abbade, que foi do fallecido abbade de S. Lazaro.

A capella de Nossa Senhora das Neves é principalmente conhecida pelo nome de *Senhora a Branca*. Fundou-a em principios do seculo xvi, quando recolheu de Roma, o arcebispo D. Diogo de Souza em recordação do templo de *Sancta Maria ad nives*, alli consagrado a Nossa Senhora das Neves, cuja imagem fôra encontrada entre a neve no monte Esquilino, e que por isso ficou assim chamada. Outros attribuem o nome á alvura das suas roupagens. A invocação da capella deu o nome ao *campo*.

Sobresahe porém a todos os templos, igrejas e capellas a cathedral.

Não consta de monumentos alguns a epocha precisa da sua fundação, nem o tempo da sua primeira sagração. Como não houvesse d'esta documento algum, — comquanto fosse provavel que tivesse existido, o arcebispo D. Agostinho de Jesus suppriu essa possivel falta, mandando proceder á solemnidade da sagração em 21 d'agosto de 1592. Mas da sua fundação parece-nos provavel que este mesmo templo ou outro n'esse local fosse coevo da epocha do dominio dos romanos, porque entre outros vestigios de me-



nor vulto appareceu nos alicerces da igreja uma lapida com a seguinte inscripção (1):

CONDITUM . SUB . . . . .  
IMP. CAEZARIS . . . . .  
PATRIS . PATRIAE . . . . .

Quer dizer em latim:

«Conditum sub imperio Caesaris, Patris Patriae...»

Em portuguez:

«Esta obra foi edificada, sendo imperador Cesar, pae da patria...»

A lapida não está inteira; e tal como foi encontrada acha-se embutida em uma das paredes lateraes da igreja.

A inscripção é de letras maiusculas dos tempos dos primeiros Cesares, e refere-se, como todas as inscripções assim começadas, a um *Fulgur*, logar aberto, consagrado ao raio, que os romanos deificavam.

Uma outra inscripção, embutida na parede posterior da capella de S. Geraldo, diz o seguinte (2):

ISIDI AUG. SACRUM  
LUCRETIA FIDA SACERD. PER. P.  
ROM. ET AUG.  
CONVENTUS BRACAR. AUG. D.

Quer dizer em latim:

«Isidi Augustae sacrum Lucretia fida sacerdos perpetua Romae et Augusti conventus Bracaraugustanorum dedicavit.»

Em portuguez:

«A chancellaria dos Bracarenses dedicou este templo á deosa Isis, sendo Lucrecia Fida sacerdotisa perpetua de Roma e de Augusto».

Eram os conventos juridicos romanos chancellarias, a que recorriam as partes de vinte e quatro povos, comarcas ou concelhos (3).

- (1) ) Veja-se *Corographia* citada, e — *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga* pelo padre D. Jeronymo Con-
- (2) )
- (3) ) tador de Argote, tomo I (Lisboa MDVXXXII).



Alem d'estes indicios, que o archeologo não póde desprezar, não é de menor importancia para o estudo da antiguidade da cathedral um lageado em pedra de esquadria, encontrado em frente da porta principal por occasião da abertura da rua da Sé na profundidade de cerca d'um metro, o qual se extendia ao longo da proxima travessa ao lado direito da fachada, e continha juncto aos alicerces do edificio sepulturas e restos de ossadas humanas.

A architectura da cathedral não tem feição saliente, que possa dar-nos luz. Tão variada é ella, tão grande a amalgama dos differentes estylos architectonicos e a mistura d'estes com as deturpações, que lhes fizeram innovações e reparações de epochas diversas. «Trechos de architectura «gotica, misturados com lançamentos de architectura romana; alli uma ogiva, acolá uma porta manuelina; adiante «o rendilhado leve e elegante; mais além um panno de «muro nũ, frio e pesado... o ouro... proximo do tijolo «caiado, a talha riquissima ao lado do emmadeiramento «ordinario...» (1).

A cathedral tem soffrido o que soffrem todos os monumentos antigos á proporção que a fouce do tempo vae ceifando as primitivas flores. Como em todos elles, as reparações revellam o gosto da época, em que foram feitas. Por isso a porta travessa da cathedral e o panno do muro adjacente conservam a primeira feição do seculo ix, — por isso também prepondera na fachada até ás varandas o estylo gothico, e d'ahi para cima a refórma da renascença italiana, — a capella-mor é obra *manuelina* no seu exterior e ainda na abobada interna, o que destôa das refórmulas do resto da capella, — e o corpo da igreja, que primeiro foi de estylo gothico, tem soffrido desde o principio do seculo xvii refórmulas, que não recommendam o gosto das épocas, em que foram feitas. Ahi principalmente tem sido a Cathedral victima por vezes do furor das innovações, como o foi a formosa capella de Nossa Senhora da Conceição, e como o foram outros edificios em Braga e fóra d'ella. Mãos impuras tocaram n'estes restos venerandos da antiga architectura, deixando indeleveis vestigios da sua lamentavel

(1) Guia do viajante de Braga (1875 Porto).



impressão. Antiguidades e bellezas, que resistiram por seculos á acção do tempo, não poderam resistir ao camartello da *civilisação*, que as affeioou ao gosto das modernas edificações!... As memoraveis columnas de cantaria, que sustentam o tecto do corpo da igreja, e em sete grandes arcos fazem as tres naves do templo, — bellezas que a historia refere do mais fino lavor e do mais depurado gosto em architectura antiga, acham-se, como as do templo de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, cobertas em toda a sua altura de gramaço de grande grossura, faceadas dos quatro lados, e... caídas!... Deus deu ao homem, como centelha da sua intelligencia, a razão. Não raras vezes o homem abusa d'este dom sublime.

Mas, seja dicto em louvor das ultimas administrações, este vandalismo não continuou; e com quanto os estragos antigos não hajam sido reparados, tem sido feitos ultimamente na capella-mor, n'alguns altares do corpo da igreja e nos mesmos pedestaes das columnas, reparos e melhoramentos custosos e de valor artistico. D'entre estas obras novas são dignos de ver-se o magnifico relabulo da capella-mor, e dois quadros grandes em soberbos caixilhos dourados, que vieram substituir outros de inferior valia.

Duas cousas porém sobrelevam a todas as bellezas ainda existentes da cathedral, e tem por emquanto escapado ao genio destruidor das eras posteriores á sua fundação, — a sacristia e o coro maior, — duas peças ricas e sumptuosas.

O local da sacristia fôra occupado de principio por capella especial, que para sua sepultura mandára erigir o arcebispo D. João Martins de Soalhães no principio do seculo xiv. Sendo depois construida ahi a sacristia actual pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, aquella sepultura foi conservada, e ainda existe com campa de marmore.

São dignos de ver-se ahi, e a lhaneza dos capitulares e dos empregados da fabrica não se recusa a esse favor, alguns antiquissimos vasos sagrados de fino lavor e baixo relevo de ouro e prata, ricos paramentos archiepiscopaes e sacerdotaes, pesadissimos de seus bordados de prata e ouro, cópia grande de reliquias de muitos tamanhos, e abundantes quadros e pinturas de merecimento, entre as



quaes são de superior valor as cabeças dos apóstolos (1). Muitas d'estas preciosidades figuraram com admiração de todos na exposição da arte ornamental de Lisboa no proximo passado anno.

O coro maior é guarnecido das cadeiras capitulares, estantes e psalterios, tudo em páo sancto ou jacarandá com marchetados e talha. Tem bellissimas pinturas e soberbos orgãos de duplo teclado (2), assentes sobre formosissimos lavores, que descem, representando figuras allegoricas e mythologicas, sobre o corpo da igreja, e formam imponente arco sobre a nave central. . . «*Quis vidit huic simile*» diz com razão, voltado para o interior do coro, um letreiro, aberto em letras de ouro sobre aquelle arco.

O templo, ainda que vasto, é inferior ao que fôra de esperar da sua nomeada e da honra de Primaz das Hespanhas. Principalmente a capella-mor, comquanto por vezes acrescentada e reformada por differentes arcebispos, é pequena em proporção do templo.

Contém esta alguns relevos e paineis de merecimento. Entre aquelles sobresae no frontal primitivo o apostolado em pedra calcarea fina, — obra artistica de summo valor, que não tem rival senão em um outro frontal, esculpturado em madeira em uma das capellas lateraes, representando a religião triumphante.

No cruzeiro é digna de ver-se a capella do Santissimo Sacramento pela sua riqueza e pela devoção, que naturalmente infunde. Foi fundada no seculo xvi pelo mesmo arcebispo, que sagrára o templo, dotando-a com sufficientes rendas para o esplendor do culto.

No corpo da igreja não pôdem escapar ao apreciador a imagem do Senhor da Agonia, imagem de boa esculptura e grande veneração; a pia baptismal aberta em fino marmore com figuras allegoricas; o antiquissimo portal, a que nos referimos acima, com figuras em relevo; e em diffe-

(1) Nos apontamentos dados pelo sr. Pereira Caldas para a citada obra — *Viagem dos Imperadores do Brazil a Portugal em 1872*, estão enumeradas e descriptas muitas das preciosidades, a que simplesmente alludimos, e que foram mostrados a estes monarchas na sua visita a Braga.

(2) Conta que foram ahi collocados em 1737 e 1738, sendo seu auctor F. R. Simon Fontanes Gallencianus.



rentes logares alguns tumulos de prelados da igreja Bracharense e um em bronze, do infante D. Affonso, filho 2.<sup>o</sup> do senhor rei D. João i, fallecido em Braga aos dez annos de idade em 1400. Este mausoleu veio de Bolonha, offerecido pela infanta D. Izabel para conter os restos mortaes do fallecido irmão.

A toda a parte aonde chegou a mão dos arcebispos, as armas especiaes de cada um attestam da parte, que tomaram na fundação, no aformoseamento ou na reparação da cathedral.

Fazem parte desta em claustros contiguos, começados em 1801 e ainda não concluidos, além d'outras menores capellas com differentes invocações, a de Nossa Senhora da Gloria, a de Nossa Senhora do Liberamento, e a de S. Geraldo.

A capella de Nossa Senhora da Gloria tem a porta principal para um terreiro engradado sobre a rua nova do Souza, e foi fundada pelo arcebispo D. Gonçalo Pereira, — o fiel companheiro de D. Affonso iv na batalha do Salado. Dotou-a com rendas avultadas; instituiu nella clerezia propria; e jaz ahi em mausoleu de pedra. Eleva-se este no centro da capella a altura de cerca d'um metro, tem sobre a campa em tamanho natural a figura do arcebispo, revestido de pontifical; abertas em alto relevo nas faces do tumulo a imagem de Christo crucificado, a de Nossa Senhora, e as dos apostolos e d'outros sanctos, e em volta de todo elle o seguinte letreiro (1):

«1348. AQUI JAZ O ARCEBISPO D. GONÇALO PEREIRA, AVÔ DO CONDE ESTAVEL DE PORTUGAL D. NUNO ALVARES PEREIRA, DO QUAL PROCEDE O IMPERADOR CARLOS V, E EM TODOS OS REINOS DE CHRISTÃOS DA EUROPA OU OS REIS OU RAINHAS D'ELLES, OU AMBOS, E REFORMADA PELO DEÃO ADMINISTRADOR D. LUIZ NO ANNO DE 1789.

(1) D. Gonçalo Pereira, tendo-se dedicado de principio a estudos theologicos para seguir a vida ecclesiastica, tomou o estado de casado, e teve prole. Enviuvando, voltou á primitiva vocação, e foi prelado da archydiocese de Braga.



Refere-se o letreiro a *Deão administrador*, porque os administradores d'esta capella são sempre os Deões da Sé primacial por virtude do testamento do mesmo arcebispo, *contanto que sejam portuguezes e filhos de portuguezes* ... Tamanho era então o horror, ainda hoje felizmente e profundamente enraizado em corações portuguezes, contra tudo que cheirava a dominação castelhana.

A capella de Nossa Senhora do Liberamento é conhecida pelo nome de capella dos reis, porque estão ahí os mausoleus do conde D. Henrique e de sua mulher a rainha D. Tareja. Contém esta capella, mettido na parede do lado da epistola, um singello monumento, no qual, coberto com a sua effigie, está encerrado o corpo do arcebispo D. Lourenço, com o seguinte letreiro:

D. O. M.

DOMINUS LAURENTIUS ARCHIEP. BRACHAR. HISPANIARUM  
PRIMAZ LXXXVI SEPULTUS ANNO DNI. MCCCXXXXVII  
TRANSLATUS E MEDIO SACELLI INTEGER ET INCORRUP-  
TUS DIE QUARTO JUNII 1663.

Por dentro da tampa, que fecha o mausoleu, le-se sobre setim em letras douradas a traducção da inscripção nos termos seguintes:

DOM LOURENÇO (86) ARCEBISPO E SENHOR DE BRAGA PRIMAZ DAS HESPANHAS FALESCEU NO ANNO DE 1397: SENDO TRASLADADO DO MEIO D'ESTA CAPELLA NO DE 1663 FOI ACHADO INTEIRO E INCORRUPTO.

Foi de grande nomeada este prelado na guerra da restauração, e á sua canonisação (1) parece ter obstado a carta, — expressão de concentrado odio e mal disfarçado orgulho marcial, que depois da batalha de Aljubarrota, ainda quente a espada do sangue do adversario morto, escreveu ao Dom Abbade de Alcobaça, D. Frei João de Ornellas, nos seguintes termos (2):

(1) Da differença entre beatificação e canonisação vej. Diccion. de Alonier.

(2) *Chronica d'el-Rei Dom João I* por Fernão Lopes, — e *Historia dos arcebispos de Braga* por D. Rodrigo da Cunha.



«Dom Abbade, senhor, & amigo... Aproue a Deus, &  
«a santa Maria, que as ribeiradas do sangue do meo giluás  
«seiom ia vedadas; & jos mestres vom de bem para me-  
«lhor, & eu o sinto bem em mim; *cá quem esta pespegou,*  
«*cá nom a leuou enæbres, nem irá contar em Castella ó*  
«*soalheiro o cruzamento da minha cara...*»

«Iam Vaz d'Almada, & Antom Vasques seo irmão, siuc-  
«rão aqvi Domingo, em sembra com Mem Rodrigues, &  
«siuom a Lisboa, pera auer algum geito de empecer aos  
«Castellãos, qve iazem na frota; mes eu lhe dixê, *que nom*  
«*hiom elles de quá enxotados de geito, q esperassê outro ru-*  
«*xóxo*».

Na capella de S. Geraldo é costume revestirem-se os ar-  
cebispos em dia de festividade pontifical, e d'ella sahem  
em procissão para a cathedral.

N'esta capella faz sensível contraste com a sumptuosi-  
dade d'alguns dos mausoleus d'outras capellas o modesto  
jazigo do fundador do Sanctuario do Bom Jesus do monte,  
o arcebispo D. Rodrigo ou Ruy de Moura Telles, um dos  
mais insignes prelados da Igreja Primaz, e que não tem  
outro signal da sua sepultura senão uma simples campa  
em frente do altar com o seguinte epitaphio:

JAZ AQUI O ILL.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup>

D. RODRIGO DE MOU-

RA TELLES ARCEB.<sup>o</sup>

Q FOI DE BRAGA, PRI-

MAZ DAS HESPA-

NHAS, E GOVERNOU

COM INTEIREZA

24 ANNOS ESTA

DIOCESE, DE Q TO-

MOU POSSE A 5 DE

JUNHO DE 1704. E

FALECEO A 4 DE SE-

TEMBRO DE 1728.

REQUIEM AETERNAM DONA EI

DOMINE



Era de estatura muito pequena este prelado. Na sachsria da Sé mostram-se como raridade uns pequenissimos sapatos de setim bordados a ouro com saltos altissimos. Consta serem d'uso do arcebispo para poder chegar ao altar em solennidades de pontifical.

Tocamos apeaas com a possivel rapidez os pontos geraes, de que potemos obter mais seguras noticias. Nem cabe em nosso intento esclarecimento mais comprido; nem carecêra d'esta mesma pequena luz quem para saber miudamente a parte, que tiveram os antigos arcebispos na fundação, sagração e reedificação d'alguns dos templos e capellas de Braga, assim como o seu mais antigo destino, os mosteiros de que fizeram parte, e outras noticias importantes ácerca d'estes assumptos, consultar as obras citadas no principio d'este roteiro.

### Corventos ou mosteiros

Das ordens religiosas extinctas tinha Braga os seguintes mosteiros:

1.º Na rua do Carvalho o convento dos carmelitas descalços, com a invocação de Nossa Senhora do Carmo, fundado em 1653 pelo padre Fr. José do Espirito Sancto.—Com excepção da parte destinada para serviço da irmandade de Nossa Senhora do Carmo, o mosteiro está occupado pelo hospital nilitar da guarnição da cidade. A cêrca havia sido vendida depois da extinctão das ordens religiosas, e uma parte della foi expropriada para abertura da praça do Carmo. Nem o convento, nem a sua igreja tem cousa alguma que chame a attenção, a não ser a veneração popular pela sepultura de Fr. João da Ascensão, mais conhecido pelo nome de Fr. João de Neiva, — da sua patria, S. Romão de Neiva, no districto de Vianna do Castello, e vulgarmente chamado o *Sancto Fradinho de Braga*. Nasceu este em 26 de outubro de 1787; entrou para a Ordem carmelita aos 16 annos de idade em Lisboa; falleceu no dia 16 de março de 1861 em cheiro de sanctidade; e jaz em sepultura rasa no cruzeiro da igreja do mosteiro. Sua muita



piedade e reconhecidas virtudes, os milagres que a crença popular lhe attribue, e uma longa vida de penitencia e sanctidade deram-lhe respeitavel memoria entre grandes e pequenos, ricos e pobres, nobres e plebeos, conhecidos e desconhecidos, nacionaes e estrangeiros. A sua sepultura é constante objecto de visita para os da terra e para os de fóra: Quem entra em Braga julgára violar um sancto pre-



ceito, se não visitasse a sepultura do *Sancto Fradinho*, e lhe não deixasse o seu obulo. Comquanto, — que saibamos, o processo ácerca de seus milagres não tenha dado por ora effeito apreciavel para a sua beatificação (1), sempre sobre a sua campa arde uma vela, e o povo ajoelha ahi reverente, implorando a sua intercessão perante o throno do Altissimo.

2.º No *largo* de S. Paulo, extendendo-se pelo *campo* de S. Thiago, o mosteiro dos Jesuitas com o nome de — col-

(1) Da differença entre beatificação e canonisação veja-se — nota a pag. 153.



legio de S. Paulo da companhia de Jesus. — Fundou-o e dotou-o em 1560 o arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. O cardeal-rei, occupando a cadeira primacial, augmentou-lhe as rendas, e instituiu n'elle escholas, cujo professorado confiou aos collegiaes. Foi seu primeiro reitor o beato Ignacio de Azevedo Barbosa, natural do Porto, da nobilissima familia d'estes appellidos. Foi mosteiro sempre notavel tanto em mestres, como em escholares.

3.º No *campo* de Sanct'Anna a casa dos Padres Congregados, sem voto, da Ordem de S. Philippe Nery, com a invocação de Nossa Senhora da Assumpção. — Foi fundada em 1689 pelos reverendos José do Valle e Manuel de Vasconcellos.

D'este mosteiro só foi construida a metade oriental; e esta é já um vasto edificio. A sua cêrca foi convertida em horto agricola, cujo producto é especialmente applicado a augmentar a bibliotheca bracharense.

4.º Hoje casas particulares — no *campo* de Sant'Anna o hospicio do mosteiro suburbano de S. Fructuoso, fundado pelos religiosos d'este no seculo xvii, e o mosteiro da congregação dos Loyos, da Ordem dos conegos seculares de S. João Evangelista; — no *campo* da Vinha o hospicio do mosteiro dos monges da Ordem de S. Bento, de Tibães, fundado pelos monges d'este mosteiro, — e no *campo* de S. Miguel o hospicio dos conegos regantes de Sancta Cruz, mais conhecidos pelo nome de Cruzios.

5.º No *campo* da Vinha o convento dos Gracianos, da Ordem dos Eremitas de Sancto Agostinho. — Conserva o antigo nome de convento do Pópulo, que tivera á similitude do — del Pópulo de Roma. O Summo Pontifice Paschoal II havia feito erigir em Roma em 1099 uma capella no sitio onde foi o sepulchro dos Domicios. Sobre as ruinas d'esta capella foi edificado o mosteiro d'aquella Ordem, chamado — *del pópulo* por ser fundado com donativos do povo romano, e d'elle tomou o nome a praça, que o contém. Fr. Agostinho de Jesus, que no seculo era Pedro de Castro, de familia distincta de Lisboa, Eremita da mesma Ordem, sendo arcebispo de Braga, fundou ahi em 1595 o do Pópulo em honra de Nossa Senhora da Consolação; mas deu-lhe esse nome em memoria do de Roma, dotou-o



largamente em bens, annexou-lhe cinco igrejas, e commetteu-lhe o encargo do ensino theologico em duas cadeiras para habilitação d'alunos, que se dedicassem á vida ecclesiastica. O edificio tem sido reformado ao gosto moderno desde fins do seculo passado.

Extinctas em Portugal as Ordens religiosas do sexo masculino, este mosteiro, cuja historia merecéra sorte mais condigna do pensamento do fundador, foi convertido em quartel do 8.º regimento de infantaria. Felizmente, — e seja dicto em louvor, nem o edificio está deteriorado com o seu novo destino, antes pelo contrario obras importantes se lhe fizeram para aproveitá-lo, — nem o magestoso templo foi profanado, continuando a celebrar-se n'elle o culto divino com regularidade, aceio e decencia. Na sua capella-mór devem merecer a attenção do visitante os tumulos do fundador e de D. Fr. Aleixo de Menezes, da casa dos condes de Cantanhede, que foi em tempo dos Philippes d'Hespanha arcebispo primaz do Oriente, Viso-rei da India, presidente do consulado do reino de Castella, governador do Priorado de Guimarães, e depois arcebispo de Braga.

6.º Na freguezia suburbana de S. Jeronymo o convento de S. Fructuoso, da Ordem capucha da provincia da Soledade, fundado pelo arcebispo S. Fructuoso. Em seu principio foi de monges da Ordem de S. Bento.

7.º A uma legua de Braga, para noroeste, o notavel mosteiro de Tibães, da Ordem de S. Bento. — Este mosteiro era em Portugal cabeça e casa capitular da Ordem. Ahi residia o Geral d'esta, que era o mesmo D. Abbade do mosteiro. N'elle se faziam as eleições do Geral, dos Dons Abbades, e de todas as prelasias de cada um dos mosteiros da Ordem.

Foi fundado pelo rei Suevo Theodomiro a instancia de S. Martinho, Bispo de Dume, em 562, segundo uma lapida ahi encontrada, sendo dedicado a S. Martinho de Tournon. Em 1070 foi ampliado e quasi que reedificado por D. Payo Guterres da Silva, Rico Homem e Adiantado n'este reino por D. Affonso o 6.º de Castella, n'esse tempo governador, com o titulo de vigario d'el-rei, da provincia de Entrê Douro e Minho. A igreja actual e parte do edificio são dos fins do seculo xvii. Edificio magestoso, imponente em si e pelas suas recordações, afrontando a custo as devastações



do tempo, e a incuria dos homens, ainda mais devastadora que o tempo, — eil-o solitario, pobre, quasi abandonado, aparentando derrocar-se por todas as suas junctas, mas ainda de pé para attestar ás vindouras gerações a grandeza dos tempos que o viram florescer, e a imprevidencia dos que o vêem desfazer-se!...

Existem a magestosa igreja, que é matriz, uma pequena capella interior, e a casa do capitulo. Estas duas peças foram confiadas ao parochio da freguezia. Os riquissimos quadros, que adornam as paredes d'ellas, revelam preciosidades do mesmo genero, que pelos vastos esburacados corredores do mosteiro se acham ennegrecidas, destruidas, esfarrapadas pelo temporal, que entra por toda a parte. Uma parte do edificio é residencia do parochio. Tudo o mais foi vendido com a cêrca... ignoramos a quem... mas a quem certamente não comprehendeu o valor que recebia!... O edificio está em ruina, mas a cêrca, extensa propriedade de fertil torrão e abundantes nascentes, é cuidadosamente explorada... *Sacra auri fames!* Encontram-se ainda por toda ella frequentes vestigios caducos de bellezas artisticas.

### Conventos de religiosas, e recolhimentos

De pessoas do sexo feminino existem uns, e existiram outros dos seguintes:

No *campo* dos Remedios ainda existe o convento de Nossa Senhora da Piedade, da Ordem capucha de S. Francisco, fundado em 1547 pelo bispo de Dume, D. Fr. André de Torquemada, Andaluz. Deram-lhe começo tres religiosas do mosteiro de Sant'Anna, de Vianna do Castello, da Ordem de S. Bento. Tem este convento o privilegio de tanger sinos *sede vacante*, como na cathedral. Acerca d'esta e d'outras regalias, e das pendencias a que deram logar em 1728 por obito do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, é curioso, e já muito raro, o opusculo — *Relação dos litigiosos debates* pelo Dr. Manuel Tinoco de Magalhães (1).

(1) Em 4.º Lisboa, 1733.



No *campo* da Vinha estão o convento do Salvador, e os recolhimentos da Sanctissima Trindade, e de Santo Antonio. O primeiro é da Ordem de S. Bento, fundado em 1602 pelo arcebispo D. Agostinho de Jesus para se recolherem nelle as religiosas de Victorino das Donas, do termo de Ponte do Lima. Como estas se obstinassem em não cumprir os mandados do prelado, foram conduzidas para a cidade entre as justiças d'este: para o que foi mister arrombar a golpes de machado a portaria do recolhimento (1). — O recolhimento da caridade, dedicado á Sanctissima Trindade, é de instituição particular para abrigo de donzellas e viúvas. — E o das *Beatas de Santo Antonio* foi fundado em 1588 pelo reverendo Domingos Peres, abbade reservatorio de S. João da Balança, para donzellas, que desejarem consagrar-se a exercicios mysticos sem clausura regular.

Na rua dos Pellames existe o convento de Nossa Senhora da Conceição, da Ordem capucha de S. Francisco, fundado e dotado em 1625 pelo bacharel formado nos sagrados canones, o reverendo Gonçalo Gomes, que o Summo Pontifice Xisto V fez conego da Sé de Braga. Foi o primeiro convento d'esta Ordem em Portugal, e d'elle sahiram os fundadores d'outros da mesma Ordem.

No *campo* de Sanct'Anna havia o convento da mesma Ordem do anterior, chamado da Penha de França. Foi fundado em 1727 pela religiosa do convento da Conceição, a Madre Maria Josepha de Jesus, mais conhecida por Maria da Trindade, a peccadora. Deu-lhe *Constituições* o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, approvadas pelo Summo Pontifice Benedicto XIII. Estas, apezar de terem sido impressas em 1789, são muito raras, faltando por isso na maior parte das colleções e escriptos monasticos dos nossos bibliophilos.

No mesmo *campo* está o recolhimento das convertidas de Sancta Maria Magdalena, á esquina da rua de S. Gonçalo. Foi fundado em 1722 pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles. Na sua origem foi ermida de S. Gonçalo.

(1) *Serie dos arcebispos de Braga*, vida do alludido prelado, paginas 73 e 74.



No *largo* de Sancta Thereza existe o mosteiro das carmelitas descalças, mais conhecidas pelo nome de Theresinhas, da Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Foi fundado por freiras Dominicanas, da terceira Ordem do recolhimento da Tamanca, sitio conjuncto á cidade, e actualmente parte d'esta. Principiou em 1756 debaixo da regra da observancia carmelita, e em 1760 passou para a das religiosas descalças sob a protecção do arcebispo D. Gaspar de Bragança.

Depois da extincção da Ordem de S. Ignacio de Loyola habitaram o collegio dos Jesuitas as religiosas franciscanas de Monção e Valença, as quaes posteriormente passaram para outros conventos. Ultimamente esteve ahi o collegio das religiosas Ursulinas, da invocação de Sancta Ursula. Este Instituto foi fundado em 1537 em Breschia, cidade de Italia, por Angela Merici. Na sua volta da visita aos logares sanctos havia esta formado uma associação de virtuosas mulheres, á similhança das modernas sociedades consoladoras, para visita dos hospitaes, serviço dos doentes, soccorro dos pobres, consolação dos afflictos, e ensino da mocidade. Deu-lhe a fundadora a invocação de Sancta Ursula, porque pela austeridade da sua vida, desprendimento das grandezas de que a cercava a sua hierarchia, cumprimento d'obras de misericordia, dedicação á educação e instrucção religiosa da mocidade, e martyrio que procurou com o brilhante cortejo de numerosas virgens, era esta Sancta o espelho, que reflectia os grandes projectos da nascente associação. Professou este Instituto a regra da Ordem terceira de S. Francisco, de principio sem votos alguns, mesmo sem obrigação de vida commum. Foi confirmado em 1544 por Bulla do Summo Pontifice Paulo III. Em 1572 o Summo Pontifice Gregorio XIII elevou-o a Ordem religiosa debaixo da regra de Sancto Agostinho com voto simples e vida em commum, comquanto sem voto de clausura, ao qual não obstante se sujeitaram de propria resolução as religiosas, compromettendo-se a não sahir das suas casas de communidade senão por motivos graves, e sempre com licença dos superiores. Em 1617 o Summo Pontifice Paulo V elevou estas casas á Ordem de mosteiros, o que importava na profissão o voto de pobreza.



A nova Ordem espalhou-se por toda a Italia; passou á Allemanha; e sendo introduzida em França em 1811 foi suavisada no rigor de penitencias, que a religiosa Vigier, fundadora do collegio de Tolosa, converteu principalmente no ensino escolar, desenvolvendo-o.

Em Portugal havia sido estabelecida nos principios do seculo passado em Pereira, villa situada á margem esquerda do Mondego, uma pequena associação em casa particular, á similhaça da de Breschia, sob a direcção de D. Luiza, filha de D. Francisco Botelho, cavalheiro nobre e rico d'esta villa, descendente da casa dos condes de S. Miguel, a qual com suas companheiras nos exercicios de religião e caridade tomára o habito da ordem terceira de S. Francisco, havida licença para este fim do bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação. E em 1748, installada em casa propria esta associação, tomou o nome de *Chagas de Christo*. São curiosos tres folhetos, dos quaes extractamos, assim como d'outros subsidios, esta ligeira noticia, publicados anonymos (1) em Coimbra em 1850 sob os titulos — *Historia da Ordem das Ursulinas*, — *Memoria sobre a fundação e progressos do real collegio das Ursulinas de Pereira*, e — *Descripção da visita do sr. arcebispo bispo conde a este collegio em 1853*. A respeito do nome de *Chagas de Christo*, adoptado pela nova associação, diz esta *Memoria* o seguinte: — «O molde da primeira pedra (do collegio de Pereira) «foi talhado por D. Luiza com uma tarja quadrada de le-  
«vantado relevo com as cinco chagas e as letras I H S (2),  
«o qual molde ella dependurou ao pescoço e ao das suas  
«companheiras; e d'este emblema mysterioso tomou o re-  
«colhimento o nome de *Chagas de Christo*».

Com a protecção do mesmo bispo de Coimbra, a instancia da rainha D. Marianna d'Austria, mulher do senhor rei D. João v, foi transformado o recolhimento de Pereira em collegio Ursulino, sendo adoptado, como os mais reformados, os Estatutos de Tolosa. Em 1753 fizeram as religiosas profissão nas mãos do mesmo bispo da regra de S. Agos-

(1) São attribuidos ao fallecido visconde de S. Jeronimo, Basilio Alberto de Souza Pinto, lente que foi desde 1834 da Faculdade de direito na Universidade de Coimbra, e por algum tempo reitor d'esta.

(2) «*Jesus Hominum Salvator*».



tinho, mas trocando esta pela regra Seraphica de S. Francisco, debaixo da qual se haviam reunido, receberam do commissario da Ordem o habito respectivo, e conservaram o nome de *Chagas de Christo*.

De Pereira passou o collegio para Coimbra em março de 1848 para o convento das religiosas Eremitas de S. Agostinho, que tem a invocação de Sanct'Anna, e ahi ficaram por algum tempo reunidas as duas comunidades. D'este convento, e pouco depois do decreto de 21 de junho de 1857, pelo qual foi concedido ao collegio Ursulino o extincto mosteiro da Ordem dos carmelitas descalços, vulgarmente conhecido pelo seu antigo nome de convento de S. José dos Mariannos, foi aquelle collegio transladado para esta sua nova casa, d'onde tem sahido tão sazonados fructos em educação e instrucção, que bem pôde dizer-se delicioso mel fabricado por enxame de colméa rica.

Em 1778 foi fundado o collegio Ursulino da antiga villa de Vianna do Minho, hoje cidade de Vianna do Castello, pela mesma fundadora do collegio de Pereira, a qual com dezeseis de suas companheiras veio estabelecer o recolhimento dos Santos Martyres, edificado em memoria dos que padeceram alli martyrio no dominio dos Sarracenos.

A mesma religiosa fundou depois o de Braga, e n'elle falleceu em 1795, coberta das benções de tantas familias, a quem déra em Pereira, Vianna e Braga educação religiosa, e salutar instrucção.

No referido sitio da Tamanca estão o Conservatorio do Menino Deus e o convento das recolhidas da terceira Ordem da Penitencia de S. Domingos. O primeiro foi fundado pelo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão para educação e recolhimento de meninas orphãs, e está sob a protecção do governo civil do districto mediante uma commissão encarregada da sua gerencia. O segundo deve a sua instituição em 1727 ás irmãs Agueda de Jesus e Maria de Jesus, do lugar do Loureiro, da freguezia de S. João de Taboças em terras de Vieira, com licença concedida em provisão de 18 de maio de 1724, passada pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles. As suas *constituições* foram approvadas no 1.º de outubro de 1729 em cabido *sede vacante*. Deu-lh'as novas o arcebispo D. Gaspar de Bragan-



ça, confirmadas em 18 de abril de 1810 pelo principe regente D. João.

### Seminario archydiocesano

Ha um seminario conciliar de grande nomeada, — o de S. Pedro e S. Paulo para educação e instrucção de alumnos, que se destinarem ao estado ecclesiastico. Foi fundado pelo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres em 1564, e está actualmente no antigo collegio dos Jesuitas, para onde foi transferido da sua casa do *campo* da Vinha.

Este edificio, presentemente transformado, todo restaurado, e ainda em continuação d'obras, é grandioso, e para o fim a que foi destinado um dos melhores, senão o melhor, do reino. Grossas sommas já ali tem sido dispendidas, a maior parte pelo cofre da Bulla da Cruzada. A sua livraria já possui de doze a treze mil volumes. O plano dos estudos do seu curso preparatorio foi approvado por portaria de 18 de outubro de 1882, e mandado executar por portaria de 30 do mesmo mez do ultimo prelado, o sr. arcebispo D. João Chrysostomo. Consta d'um folheto, digno d'estudar-se. Na organização d'estes estudos, e na importante disposição do edificio para esse fim tem tido muita parte este prelado.

### Asylos

Na rua das Aguas está o primeiro dos quatro asylos da cidade. Tem a invocação de S. José, e foi fundado em 1850 para pobres e invalidos.

O de D. Pedro V para a infancia desvalida foi inaugurado na rua do Alcaide em 23 de fevereiro de 1863. Tem estatutos approvados por alvará do 1.º de julho de 1862, e reformados pelo de 25 de outubro de 1873. Hoje está no extinto convento da Penha no *campo* de Sant'Anna, tendo sido reformado o edificio para esse fim. A capella do convento continúa exposta á veneração publica a cargo do mesmo asylo.



O hospicio dos expostos está em casa de renda na praça do Carmo sob a direcção da camara municipal.

Na rua dos Pellames está em casa propria, e tambem em parte do convento de Nossa Senhora da Conceição, com o qual communica d'aquella casa, o asylo ou collegio da *regeneração*, destinado a proteger e recolher mulheres, que desejarem abandonar vida desregrada. Foi instituido em 18 de agosto de 1869 com o nome de casa de asylo de mulheres no lugar do Areal, suburbios de Braga, por algumas «Filhas de Maria» sob a direcção do reverendo João Pedro Ferreira Airosa, capellão da irmandade de Nossa Senhora do Carmo. Tem juncto á casa amplo terreno para cultura e distracção. Os seus estatutos foram approvados em 15 de maio de 1874 pelas auctoridades ecclesiastica e administrativa na fórma do decreto de 22 de outubro de 1868. Quando for extincto o convento, este asylo occupal-o-ha todo.

Comprehendemos entre os asylos o collegio dos orfãos do sexo masculino, que impropriamente chamam seminario. Foi fundado pelo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão, que o concluiu em 1796. Os estatutos, que lhe deu e correm impressos, revelam a sabedoria do filho venerando da Ordem terceira da Penitencia, em que professára a 28 de novembro de 1759.

Este collegio continúa na sua casa do *campo* da Vinha, e presentemente é administrado por uma commissão, da qual é presidente o arcebispo, e são vogaes o governador civil, o delegado de saude, o director das obras publicas, o presidente da camara municipal, o commissario dos estudos, e o director do mesmo collegio.

### Hospitaes

São tres os hospitaes da cidade, — o da confraria da Sancta Cruz, o hospital civil de S. Marcos, e o hospital militar. Este está estabelecido no extincto convento do Carmo, como fica dicto.

O da confraria da Sancta Cruz fica juncto ao templo d'esta



invocação, e recebe sómente os irmãos da referida confraria.

O de S. Marcos foi fundado no *campo dos Remedios* em 1508 pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, que para esse fim reuniu os tres pequenos hospitaes — o dos peregrinos, o dos lazarus e o da Gafaria. Tem magestoso edificio, consideravelmente ampliado nos annos de 1770 a 1780, e com igreja propria, onde é venerado o corpo de S. João Marcos, trasladado para alli do seu primitivo tumulo em 27 de abril de 1718. Foi administrado pelo senado municipal nos primeiros cincoenta annos. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres confiou-o depois á sancta casa da Misericordia, cuja boa administração é já proverbial em todo o paiz.

### Cemiterio

Tem Braga um só cemiterio publico ou municipal nos suburbios da cidade além do *largo de Enfiás*. É espaçoso e bem exposto, e já povoado de bons mausoleus. Chamam-lhe vulgarmente da *bouça do pavão*, que era um terreno da quinta, em que o cemiterio foi construido.

Dá-se um singular costume n'este cemiterio, — em nenhum outro, que saibamos, adoptado pelas familias dos fallecidos, — o de terem quasi todos os mausuleus dois lampiões, que se accendem e conservam accesos na noite de vespóra do dia de finados, e n'este dia.

O hospital de S. Marcos teve cemiterio proprio, que está desfeito. Era mais conhecido pelo nome de — cemiterio dos desprezos. Deu-lhe este nome a seguinte lenda. Havia nesse local uma cruz de pau, arvorada em calvario, como ainda ha pouco havia muitas em Braga e suas cercanias e nas estradas do Minho, com uma pintura de Christo crucificado. Em uma madrugada do anno de 1822 appareceu destruido o calvario, arrancada a cruz, e arremessada para o saguão da casa proxima ao templo de S. Thiago. O dono d'esta casa recolheu a cruz, e levantou-lhe em uma sala um altar, que expoz á veneração publica. Foi grande, como era natural, a concorrência do povo, —



d'uns por piedade, e era o maior numero certamente, d'outros por curiosidade em relação ao desacato commetido. Depois d'algum tempo de romaria foi a cruz transferida processionalmente para a capella do hospital com a invocação de «Senhor dos desprezos» em memoria do acontecimento. D'ahi passou o nome para o cemiterio.

Consta-nos que o terreno d'este vae ser aproveitado para duas novas enfermarias do hospital.

### Do castello e cadeia publica de Braga

Do castello de Braga pouco podemos dizer, tão perdida está a memoria d'elle nas transformações da cidade.

Braga, tendo passado pelo dominio de povos differentes, soffreu, como era natural, destruições e transformações successivas. Sempre que podia levantar-se de ruinas anteriores, não reparava estas ruinas, mas, como tambem é natural, reconstruia-se em sitios proximos dellas. Por isso a Braga dos tempos romanos extendia-se para os lados de S. Pedro de Maximinos e por alturas do hospital actual de S. Marcos em terrenos, hoje na maior parte cultivados. Encontravam-se frequentemente n'esta região vestigios de muros, fragmentos de columnas, inscrições e moedas romanas, e alguns restos de materiaes que denunciavam essa origem. Os restos das suas primeiras fortificações, conservadas largo espaço, tem sido em grande parte, e successivamente, desmoronados, especialmente desde 1872.

A Braga dos Suevos caminhava para a freguezia rural de S. Martinho alem e por detraz da cerca do convento do Populo.

Pelos annos de 1300 e seguintes D. Diniz reconstruiu as fortificações, que reparára e ampliára D. Affonso Henriques das que existiam dos tempos dos Arabes, dominadores dos Godos, como estes o haviam sido dos Suevos. D. Fernando accrescentou-as com torreões, terminando-as em 1375. E o arcebispo D. Diogo de Sousa no seculo xvi poz-lhes mais no *campo* de Sanct'Anna dois baluartes ou torres de quatro castellos circulares, donde veio o nome ás casas redondas, ahi situadas.



D'estas muralhas, que cercavam a parte central da cidade actual, ainda existem pequenos lanços de muro, e fragmentos de torres, e de arcos ou portas. Entre estes fragmentos é ainda notavel o vetusto arco do *largo* do collegio e *campo* de S. Thiago com duas torres, uma juncto d'este arco, e a outra no fim da rua do Alcayde, ou principio do *largo* de S. Sebastião.

Naquella parte da cidade, defrontando com o *largo* de S. Francisco e em toda a extensão com a rua do castello, está situada a cadeia publica de Braga.

Exteriormente não offerece esta habitação cousa alguma notavel a não ser o seu lugubre aspecto. . . Interiormente é má, como todas as nossas cadeias, e repugnante a tetrica perspectiva das suas espeluncas. Todavia a casa está hoje em condições um pouco melhores, tendo já algumas officinas de serralheria, fundição, serração de madeira e outras. E Braga vae ter breve a sua casa penitenciaria districtal, cujo local já foi escolhido juncto a rua das Palhotas.

### Passeios publicos

Braga tem dois passeios publicos dentro da cidade, o do *campo* de Sant'Anna, e o das *Carvalheiras*.

O vastissimo *campo* de Sant'Anna está dividido desde 1863 em duas partes. Na mais proxima do centro da cidade foi aberto um formoso passeio publico ajardinado, que embellezam alguns lagos, chalets, pavilhões de verdura, ruas tortuosas, e abundantes arbustos. Illuminado á luz de muitos candieiros de gaz em todas as noites do estio, é o sitio de maior concorrência n'esta epocha. O resto do *campo* contém uma extensa alameda, no principio da qual está levantada uma memoria ao senhor rei D. Pedro v. Ao longo do passeio e alameda correm, acompanhadas de bons predios, as ruas lateraes, que mencionámos em seu logar.

O passeio publico das *carvalheiras*, ao cimo do *campo* de S. Miguel, é assim chamado de muitas d'estas arvores, antigas e majestosas, que o ensombram e quasi toldam.



E' formado em sócalcos ou táboeiros, no centro de cada um dos quaes está uma larga taça com repucho. Domina-o, já situada no *largo* de S. Sebastião, uma boa capella com a invocação d'este sancto.

Em um dos taboleiros existe uma meza de pedra com o seguinte letreiro em volta — *Brachara Augusta Fidelis et Antiqua*.

Pedimos licença para transcrever do — *Mosaico* do sr. Camillo Castello Branco os seguintes trechos do artigo — *A meza Mysterosa*. Poupam-nos a trabalho maior, que teriamos sem esperança de descobrir o mysterio, de ha seculos occulto n'aquelle bocado de pedra grossa e tosca. Nem diriamos melhor, nem tão bem como o illustrado romanista, ainda quando tivessemos á mão o manuscripto, a que recorreu para contestar o que da *nobre* procedencia da meza asseverára o famoso historiador de Braga (1).

Diz o sr. Castello Branco (seja-nos tambem permittido supprimir, sem alterar o sentido, as linhas que não vem directamente para o caso) :.....

... «O leitor já foi ao *Largo das Carvalheiras*, em Braga, «e viu entre os monumentos romanos, contiguos á capella «de S. Sebastião, uma meza de pedra com inscripção no «rebordo que diz : BRACARA AUGUSTA (FIDELIS ET ANTIQUA). Se «não se convenceu logo de que n'aquelle meza já comeram «pretiores romanos ou reis mouros, informou-se com o «Contador de Argote, e ficou sem saber a serventia da meza.

«De feito o famoso antiquario, como pessoa que recebia as noticias no gabinete, e não via os monumentos, «assignou de romana a pedra, assentando a sua decisão «na hypothese de que em 1625 os characteres, que até «aquella data estiveram na superficie da meza, foram mudados para o bordo, onde hoje estão ; sendo, além d'isso, «cousa clara ao intendimento de Argote que a inscripção «primitiva era sómente BRACARA AUGUSTA, visto que as palavras FIDELIS ET ANTIQUA (fiel e antiga) não conduziã «com as inscripções usadas no tempo dos romanos.....

(1). Citadas *Memorias para a historia ecclesiastica de Braga*—tom II cap. 1.<sup>o</sup>



«Quem idoneamente sabia a utilidade da meza era um arcediogo da Sé bracharense, sujeito que morreu ha mais de tres seculos, e deixou um manuscripto que, ha duzentos annos pouco mais ou menos, parava em posse de Estacio de Novaes, cidadão de Braga.

«O frade trasladou o manuscripto, e eu sou o dono do traslado, em quanto o governo me não ordenar que lhe entregue o trabalho do monge para elle o fechar n'um gabinete, onde a carcoma e os ratos o desfaçam.

«Ora conta diffusamente o codice que em certos dias do anno costumavam os bracharenses fazer montaria nas vizinhanças da mesma cidade. Esta cerimonia, imitada dos tempos gentilicos, passou a ser culto a S. João Baptista...

«Na vespera, pois, da festa faziam os bracharenses cavalhadas além do rio Deste, e depois da folga monteavam á imitação dos seus maiores.

«Com o dobrar dos annos extinguiu-se a caça grossa, e esmoitaram-se os grandes matagaes, onde as feras se embrenhavam. Nem por isso os cavalleiros de Braga se abstiveram da sua antiquissima usança. Inventaram o como haviam de continuar, e resolveram lançar porcos no local, que hoje denominam *coutada dos arcebispos* (este hoje refere-se a um *hoje* de ha trezentos annos) para assim cumprirem a sua devoção.....

... «Chegaram... os tempos de D. Diogo de Sousa (1), o qual fundou uma capella de S. João Baptista logo além da ponte, obra sua tambem, sobre o rio Deste; e como se erigisse uma irmandade em honra do sancto, tomou esta á sua conta dar os meios para continuarem os antigos costumes. Elegiam-se, para o caso, dois mordomos: um mordomo obrigava-se a crear e manter todo o anno um corpolento porco de cor preta. Na madrugada do dia de S. João, feitas as cavalhadas, iam os fidalgos ao alto do Picoto, soltavam o cevado, e despediam atraz d'elle contra o rio Deste, onde o esperavam os moleiros sobre a ponte para lhe estorvarem a passagem, e obrigar-o a

(1) «Governou Braga desde 1505 até 1522.



«vadear o rio. Á aba do rio apinhoava-se povoleo d'aquel-  
«les sitios a escorraçar o porco para a ponte.....

«Emfim, se o porco passava a ponte, era premio do gen-  
«tio fluvial, que o comia; se passava o rio, era dos mo-  
«leiros, que o comiam tambem.....

«Acabado o festejo, vinham os cavalleiros à alameda de  
«S. Sebastião, e sobre uma pedra, que ainda hoje se con-  
«serva em fórma de meza — prosegue o frade, copiando o  
«arcediogo, — a qual estava muito armada e cheia de ces-  
«tinhas com as fructas d'aquelle tempo, outro mordomo  
«da confraria de S. João repartia pelos cavalleiros as taes  
«cestinhas, que elles levavam pela cidade com muita ga-  
«lhofa ás pessoas da sua obrigação. A cerimonia do porco  
«não sei ha que tempos acabou; porém a das cestas de  
«fructa ainda conheci gente que a viu, e haverá cem an-  
«nos, pouco mais ou menos, que toda se extinguiu.

«Podemos, pois, sabido o anno em que morreu o frade  
«(1665), aproximadamente calcular que no meado do se-  
«culo de quinhentos acabou de todo a cerimonia das ces-  
«tinhas de fructa; e tão depressa se deliu a memoria da  
«serventia da pedra, que já fr. Manuel da Ascensão dizia:  
«Esta é a historia do porco preto, tão decantada, e a ser-  
«ventia da pedra de S. Sebastião, que tanto deu que cui-  
«dar aos auctores, que d'ella escreveram, sem até agora o  
«saberem».....

«Feitas as contas, a pedra, que insinuou ao Contador de  
«Árgote a existencia de uma chancellaria romana alli pe-  
«las Carvalheiras, sae-nos pura e singelamente uma per-  
«tença á festa dos porcos».....

Até aqui o eximio escriptor, cujas observações tomamos  
a liberdade de transcrever.

Muito mais importantes porém do que a *mesa myste-  
riosa*, como raridades archeologicas, e dignas por isso de  
mais sério estudo, são umas quatorze columnas romanas,



que se encontram nos mesmos taboleiros e juncto da capella de S. Sebastião.

Estas columnas todas foram trasladadas para aqui do campo de Sancta'Anna, onde adornavam externamente uma capella com a invocação da Mãe da Virgem, fundada em 1506 e demolida em 1768. As suas inscripções estão quasi imperceptiveis, e mais apreciaveis pelo tacto do que pela vista, não só porque o tempo carcomiu o granito porphyroide, em que foram abertas, tendo sido por isso mister pontear algumas letras, mas porque as columnas quebraram na trasladação, e a argamassa, que as pega, deturpou algumas consideravelmente.

Apezar do seu mau estado tem todas estas columnas grande valor, como illucidação historica do dominio dos romanos nesta parte das provincias do Occidente. São em geral os famosos padrões ou marcos milliares — de mil em mil passos, demarcação de vias militares, das quaes segundo o *Itinerario* de Antonino sahiam cinco de Braga, uma para Lisboa, e quatro para Astorga. D'estas quatro fôra a principal a da Geira pela serra do Gerez: e a todas alludem no geral aquellas columnas. As importantes obras — citadas *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebis-pado de Braga* (1), e outra do mesmo auctor — *De antiquitatibus conventus Bracharaugustiani tractam* extensamente d'estas vias militares e seus padrões, e nellas estão decifradas e explicadas as inscripções, comquanto nem sempre a cópia haja sido fiel, antes algumas vezes seja differente, no fundo e na fórma, da que dos proprios cippos tirámos, e nem sempre a explicação dada nestas obras tenha seguido o necessario rigor epigraphico. Modernamente acharam-se vestigios d'outra via militar, sahida de Braga por Guimarães e Vizella para Amarante, donde por Cidadelhe nas fraldas do Marão se dividia em dois braços, um dos quaes se dirigia para Panoias de Villa-Real, e outro para terras de Caria, e d'alli para toda a Beira e Ribacôa (2).

Valiosas como cippos historicos são principalmente as

(1) Tomo II cap. IX e X.

(2) •*Elucidario de Viterbo* vb. Caria»



duas columnas, que se referem a Caio Julio Vero Maximino e a Flavio Magnencio. Todas as outras recommendam-se apenas como estudo de vias militares. Sómente por isso d'aquellas, como amostra de valor archeologico, damos mais individuada descripção. Estão fronteiras uma á outra em um dos taboleiros do passeio, e contém as seguintes inscripções.

A de Maximino, á direita de quem sobe, diz :

IMP. CAESAR C. IULIUS  
VERUS. MAXIMINUS. P. F.  
AUG. GERMANIC. MAX. DACIC.  
MAX. SARMATIC. MAX. PONT.  
MAX. TRIB. POTESTATIS.  
V. IMP. VII. P. P. CONS. PRO.  
COS. ET C. JULIUS. VERUS  
MAX. NOBILISSIMUS. CAESAR  
GERMANIC. MAX. DACIC.  
MAX. SARMATC. MAX. PRINCEPS  
INVENTUTIS. FILIUS. D. N. IMP. C.  
JULI. VERI. MAXIMINI. P. F. AUG.  
VIAS. ET. PONTES. TEMPORE  
VETUSTATIS. CONLAPSOS  
RESTITUERUNT. CURANTE Q.  
DECIO. LEG. AUGG. PR. PR.  
A BRAC. AUG. M. P. I.

Por extenso quer dizer (1) : «Imperator Cæsar Caius Julius Verus Maximinus, Pius, Felix, Augustus, Germanicus Maximus, Dacicus Maximus, Sarmaticus Maximus, Pontifex

(1) Devemos ao favor do illustrado professor do Lyceu de Braga, o sr. Pereira Caldas, a decifração em corrente latim d'esta e da seguinte inscripção e a sua versão em portuguez, que por nos parecer mais conforme com a inscripção original das columnas adoptamos de preferencia á que encontramos nas referidas — *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, tomo II cap. XI e XVII.

Traduzindo por *Praetor Praefectus* as abreviaturas PR. PR. (o que é objecto de controversia archeologica entre os epigraphistas) este distincto archeologo segue em favor da sua interpretação Masdeum — *Historia critica de Hispanha* tomo V n.º 473 e tomo XIX n.º 1514. Na divisão das provincias entre Augusto Cesar e o Senado eram de dignidade consular os Legados da Grecia, Asia e Africa, e de dignidade pretoriana os da Syria, Gallias e Hispanias. Excepções em contrario não destroem a regra geral.



Maximus, Tribunitiæ Potestatis Quinquies, Imperator septies, Pater Patriæ, Consul, Proconsul; et Caius Julius Verus Maximus, Nobilissimus Cæsar, Germanicus Maximus. Dacicus Maximus, Sarmaticus Maximus, Princeps Juventutis, Filius Domini Nostri Imperatoris Caii Julii Veri Maximini, Pii, Felicis, Augusti, vias et pontes tempore vetustatis conlapsos restituerunt, curante Quinto Decio, Legato Augustorum, Prætor, Præfectus (1). A Bracara Augusta mille passuum unum».

E em portuguez (2):

«O imperador Cesar Caio Julio Vero Maximino, pio, feliz, augusto, germanico maximo, dacico maximo, sarmatico maximo, pontifice maximo, com o poder tribunicio a quinta vez, e o imperatorio victorioso a septima vez, pae da patria, consul, proconsul; e Caio Julio Vero Maximo, nobilissimo Cesar, germanico maximo, dacico maximo, sarmatico maximo, principe da juventude, filho do nosso senhor o imperador Caio Julio Vero Maximino, pio, feliz, augusto, reformaram as estradas e pontes arruinadas pelo lapso de annos, sendo o *pretor* Quinto Decio, legado dos Augustos, o *superintendente dos trabalhos publicos*. Dista de Braga Augusta mil passos.

D'esta inscripção, e das inscripções das duas lapidas collocadas uma por cima da outra juncto á capella de S. Sebastião; d'outras existentes em Bertlandos de Ponte do Lima, no Pontão dos Possacos perto da ponte de Val de Telhas no rio Rabaçal (adiante de Chaves); e de dois outros padrões na Biscaia e Navarra consta com clareza o poder tribunicio e imperatorio de Caio Julio Vero Maximino (3) contra o testemunho de escriptores antigos e modernos (4); e que era Maximo, e não, como seu pai, Maximino, o filho d'este imperador (5).

A columna á esquerda de quem sobe, referindo-se a Flavio Magnencio, diz:

(1) (2) Vej. nota da pag. anterior.

(3) Citadas — *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, tomo II pag. 608, 616, 637 e 608: — *De antiquitatibus conventitus Bracaraugustiani*, pag. 137, 142, 269 e 276: e — *Antiguidades de Cantabria* do padre Hemaio, liv. I cap. XL n.º 4.

(4) Borghesi — Dissertazio della Pontif. Accad. Rom. di archeologia, tomo I pag. 147.

(5) Em contrario Capitolino e Aurelio Victor. Dictas — *Memorias*.



D. N.  
IMPERATORI  
TRIUMPHATORI  
SEMPER AU  
GUSTO MAXIMO  
MAGNENTIO  
TERRA MARI  
QUE VICTORI XVI

Por extenso quer dizer :

«Domino Nostro Imperatori. Triumphatori. Semper Augusto. Maximo. Magnentio. Terra Marique Victori Sexdecim».

E em portuguez :

«Ao nosso senhor o imperador, triumphador, sempre augusto e maximo, Magnencio, vencedor dezeseis vezes por terra e por mar».

É mencionada com pouca fidelidade esta inscripção nas dictas *Memorias para a historia do arcebispado de Braga* tomo III pag. xvi e xvii do supplemento ao tomo II, e nas — *Portugalie inscriptiones romanæ* n.º 198 pag. 309 do fallecido Visconde de Paiva Manso.

Com analogas inscripções foram encontradas em 1736 e 1742 outras columnas na serra do Gerez nos sitios da Portella d'Homem, da Leira dos Padrões, e na Volta do Covo, mencionadas nas mesmas *Memorias* tomo II pag. 557, e tomo III pag. xxiv e xxv do referido supplemento, e nas obras — *De antiquitatibus conventus Bracaraugustani* pag. 415 e 416, e — *Portugalie inscriptiones* n.º 198 pag. 82.

Referem-se todos estes cippos á sublevação do general Flavio Magnencio na Gallia Narbonense contra Constante, o segundo dos tres filhos de Constantino Magno, á perseguição que lhe fez atravez dos Pyreneos, e depois de o matar em Elna no anno de 350 á usurpação do imperio, e seu reconhecimento como imperador nas Hispanias, como já o tinha sido nas Gallias, — facto de que rezam, e só d'este, os historiadores.

D'outras lapidas encontradas na mesma serra do Gerez consta que Flavio Magnencio nomeára seu successor a Ma-



gno Decencio, seu irmão, e repartira com este o governo d'aquellas regiões.

São estas antiguidades de summa importancia para o estudo da historia, porque dos historiadores da epocha em geral não constam todas essas circumstancias, nem outro facto de não menor importancia para o estudo da historia geral, — comquanto de pouca monta para o do nosso paiz, o de fazer-se tambem acclamar na mesma epocha imperador na Hungria Flavio Veterenion com o pretexto de vingar a morte de Constante, e assegurar a corôa imperial a Constantino, irmão d'este. Refere-se a este facto outra lapida achada em Mont Juich de Barcelona, e mencionada por Finestras — *Syloge inscriptionum* class. II inscript. 39.

Em uma parede fronteira á *Meza Mysterosa* está embutida uma lapida sepulchral de valor muito inferior aos cippos milliares. E' de Fausto, escravo de Julia Severa.

### Repartições publicas

O Lyceu nacional e a Bibliotheca publica estão no antigo convento dos congregados no *campo* de Sanct'Anna.

Na Bibliotheca pareceu-nos variada a collecção de suas obras, importante o seu numero, e grande o movimento de leitores. Não sabemos, nem podêmos verificar o numero de volumes, que um dos roteiros de Braga, ao mesmo tempo publicados no Porto, diz ser de 12:000, emquanto o outro o eleva a 40:000!

Os Paços do concelho na praça municipal, ou antigo *campo* dos Touros, contém, além de todas as repartições da Camara municipal, a Administração do concelho e a Escrivaninha da fazenda.

Os tribunaes judiciais, civil e commercial, tem casa propria, comprada pela Camara municipal, no *largo* de Sancto Agostinho. Em casa de arrendamento está no *campo* da Vinha a Direcção geral das obras publicas.

E o palacete do *campo* de S. Thiago, propriedade antiga da familia Falcão, de Braga, á pouco adquirido pela Junta geral do districto, é destinado para a secretaria do governo



civil, repartição de fazenda e cofre central do districto, direcção das obras publicas districtaes, e corpo de policia civil. A repartição thelegraphico-postal está na pequena rua de S. Lazaro.

Para instrucção primaria d'um e outro sexo tem Braga, além de muitas escollas particulares, outras publicas. Entre estas são tres as destinadas ao sexo masculino, e uma d'ellas está na casa, para esse fim construida por effeito do legado do conde de Ferreira no *largo* de Sancta The-reza. Esta escola foi solemnemente inaugurada em 4 de fevereiro de 1874.

Das repartições ecclesiasticas dizemos no seguinte artigo.

### Paço Archiepiscopal

O paço archiepiscopal é um vasto edificio com duas frentes, — uma ao sul sobre o *largo* da galeria e rua do Souto, — outra ao poente para a praça municipal.

A primeira d'estas frentes é dividida em tres corpos, — o corpo central ou da entrada, e dois corpos salientes, um de cada lado, formando todos tres o *largo* da galeria, e defrontando com a rua do Souto o *largo* e as extremidades dos corpos lateraes. Tem o *largo* um grande chafariz com figuras e brazões archiepiscopaes, profusamente espalhados na taça e na principal columna. Pertencia antigamente ao paço archiepiscopal, e de suas fontes, como d'outros quatro chafarizes no interior do edificio, abastecia-se elle abundantemente. Para o que, e por virtude do antigo senhorio dos arcebispos, as aguas da cidade haviam sido exploradas por estes, e encanadas para o paço. Hoje o venerando successor dos antigos senhores de Braga manda um criado buscar agua... á fonte publica!...

Abrem sobre o *largo* da galeria vinte cinco janellas rasgadas nos tres referidos corpos da fachada.

Em meio do corpo central está a porta principal, e por cima d'esta lê-se a inscripção (1):

(1) «Ó casa antiga! quanto é differente o senhor que te possui»



«Ó DOMUS ANTIQUA  
QUAM DISPARI DOMINO  
DOMINARIS — anno 1709.

Assim modestamente exclamára, repetindo *cóm sintido sospiro* (1) o dicto de Cicero (2), o arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando pela primeira vez entrou no paço, ao recordar-se de tantos varões illustres e sanctos prelados, que vinha substituir. Em 1709 mandou o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles gravar no lugar indicado aquelle sentencioso dicto, e sobre a janella superior o seu brazão de armas.

Comquanto grandioso, é muito irregular este edificio, porque foi construido em epochas diversas desde o arcebispo S. Geraldo em 1096, e por isso em variados estylos de architectura. Assim o provam os brazões d'armas, collocados sobre differentes portas, ás vezes nas mesmas partes do edificio, e em portas e paredes contiguas ou proximas, — os dos Castros (3), dos Mouras (4), e dos Souzas (5), pertencentes aos prelados, que presidiram em epochas diversas á igreja Bracarense, — D. Agostinho de Jesus, D. Rodrigo de Moura Telles, D. Manuel de Souza, e D. José de Bragança.

Os aposentos sobre a praça municipal, que formavam a fachada do poente, foram quasi inteiramente consummidos pelo incendio de 1866. D'este sinistro ficaram intactas sómente a majestosa capella do paço e a sua torre. Era talvez a melhor e mais grandiosa parte do edificio, do que dão ainda as ruínas sobeja prova.

Tem o paço nove salas vastas e elegantes. A principal, que é a maior (6), — propriamente a da entrada, contém

(1) Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres por Fr. Luiz de Souza liv. 1 cap. x.

(2) Cicero — *De officiis* Lib. 1.

(3) «Seis arruellas em duas palas».

(4) Veja-se pag. 3.

(5) «Escudo esquartelado, no 1.º as quinas, no 2.º um braço alado com espada em punho, no 3.º e 4.º um leão».

(6) Tem de comprimento 16<sup>m</sup>65 e de largura 8<sup>m</sup>6. Uma outra, onde está a Relação metropolita, tem de comprimento 16<sup>m</sup>40 e de largura 6<sup>m</sup>45. A de S. Geraldo tem de comprimento 12<sup>m</sup>80 e de largura 11<sup>m</sup>5. São as maiores.



cento e quatorze retratos de prelados de Braga desde S. Pedro de Rattes, o primeiro bispo, e S. Geraldo, o primeiro arcebispo: entre elles os do cardeal rei D. Henrique, dos infantes D. José e D. Gaspar de Bragança, de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, de D. Agostinho de Jesus, de D. Aleixo de Menezes, que tambem foi arcebispo de Gôa, de D. Jorze da Costa, cognominado o cardeal de Alpedrinha (1), de D. Pedro Julião, que foi Papa com o nome de João XXI ou XXII, de D. Mauricio Antipapa, de D. Fr. Caetano Brandão, de D. Rodrigo da Cunha, o auctor das estimadissimas obras — *Historia dos arcebispos de Braga, catalogo dos bispos do Porto, e Historia da igreja de Lisboa*, — do cardeal D. Pedro Paulo de Figueiredo e Mello, que foi lente de prima da Faculdade de canones na Universidade de Coimbra, de D. Joze Joaquim de Azevedo e Moura, ministro d'estado honorario, e do ultimo arcebispo D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, que foi lente da Faculdade de theologia na mesma Universidade, bispo de Cabo Verde, arcebispo de Gôa e primaz do Oriente, — *Serie numeroza, continua, brilhante e gloriosa de tantos prelados* — disse referindo-se aos seus antecessores o senhor D. João Chrysostomo no discurso, que pronunciou no acto de tomar posse em 11 de março de 1877 (2).

São especial residencia do prelado os aposentos do lado direito saliente da fachada principal. São commodos e sumptuosos, quaes convém a um principe da igreja, e á dignidade de chefe da igreja primaz das Hespanhas. Contém seis magnificas salas seguidas, que terminam em uma varanda ou galeria envidraçada, donde veio o nome ao *largo*. D'esta póde o prelado, sem ser visto, gozar para poente o panorama da rua nova do Souza até perto da estação do caminho de ferro, e para nascente o da rua do Souto até o *largo* do Barão de S. Martinho e passeio do *campo* de Sanct'Anna.

(1) "... natural do lugar de Alpedrinha na Beira, de cujo valor e autoridade temos notaveis memorias n'este reino do tempo dos reis Dom Afonso quinto, e D. João segundo. Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres liv. II cap. xxviii.

(2) «Obras do mesmo arcebispo.»



— Quando o ultimo prelado nos honrou, recebendo-nos nos seus aposentos particulares, admirámos ahi as seguintes peças, como outras muitas, de sua propriedade :

— Uma cadeira de honra, feita de páo sancto ou jacarandá, moldurada com uma almofada de veludo carmezim, que tem as armas nacionaes bordadas a ouro em alto relevo, — outra da mesma madeira, com embutidos de pau rosa, que foi do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, por aquelle prelado adquirida e reformada, — um canapé de ébano, que s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> trouxe da ilha de Ceilão, — um calvario aberto em uma só peça de marfim, com vinte e quatro figuras em alto relevo, da altura de dez centímetros dividido em sete quadros, cada um dos quaes representa os passos de Christo, — uma imagem do bom pastor, tambem de marfim, sobre monte da mesma substancia, onde figuram pastando muitas ovelhas, e no baixo d'elle em cavernas as imagens do apostolo S. Pedro, de S. Jeroonymo, e de sancta Maria Magdalena. Era tambem notavel em uma das salas o gabinete particular do insigne prelado, e a sua variada, escolhida e volumosa bibliotheca, qual convinha ao filho distincto da Universidade, que pela sua dignidade pessoal, pelo seu saber, pela sua erudição, pela sua eloquencia illustrou o claustro, a Universidade e o pulpito, e foi em toda a parte onde exerceu a sua missão evangelica um dos mais respeitaveis prelados da igreja. Cabendo-nos a honra, sobre todas a maior, de ser considerado seu amigo, e tendo-nos s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> recebido como tal á sua meza e nos seus gabinetes, seja-nos permitido, abusando da sua lhaneza e franqueza, devassar o recinto da sua antiga habitação, e deixar-lhe n'este humilde livro testemunho sincero, e despido de lisonja, dos sentimentos, que lhe tributamos, de admiração, de respeito, de dedicação, e mais que tudo isso de profundissima gratidão pelo evangelico amor, com que em crise funesta soube com as suas palavras de unção reanimar a vida, que nos fugia, acerada de pungente dor pela perda d'um . . . filho... querido...

Contém o paço archiepiscopal as seguintes repartições e archivos ecclesiasticos :



— O cartorio da camara ecclesiastica.  
— O archivo dos autos de patrimonio.  
— O archivo do registro parochial, pertencente a cerca de mil freguezias, a que de mil e tresentas, que tinha, ficou reduzido o arcebispado pela ultima circumscripção diocesana (1).

— O archivo da Mitra, conhecido pelo nome de — Archivo da Relação, por se achar collocado em uma casa proxima do tribunal da Relação ecclesiastica. Este archivo é ainda rico e importante, comquanto esteja hoje muito prejudicado, desde que por ordem do governo foi permitido ao fallecido Alexandre Herculano levar d'ahi grande numero de originaes.

— O cartorio da fazenda da Mitra.

— O cartorio da secretaria particular do prelado.

— O cartorio e deposito de commissões da Bulla da cruzada.

— O tribunal do juizo ecclesiastico, e o da Relação metropolitana.

Na casa d'este tribunal funcionou durante muitos annos o tribunal de primeira instancia civil, e sobre a sua porta, sotoposto ao brazão de Souzas, lê-se o letreiro (2):

«Illustrandae urbis causa sit-ve und petantur jura nec  
«instabili dentur ut ante loco, Sotuz, Pater Dominusque  
«Urbis magnusque Sacerdos Justitiae, Emanuel nobile stru-  
«xit opus».

Tem finalmente o paço grandes celleiros, onde eram antigamente recolhidas as valiosas rendas da Mitra, e n'elle se encontravam, e ainda existem pela maior parte desertas, pobres e vazias, todas as accomodações d'uma sumptuosa casa, qual convinha ao elevado destino para quê fôra construida, embora todas com os defeitos proprios das epochas da sua edificação.

Ultimamente durante o governo do ultimo arcebispo fo-

(1) Decreto de 18 de setembro de 1882.

(2) «Para illustrar a cidade, e haver um tribunal permanente, onde se ad-  
ministre justiça, e não instavel como d'antes, D. Manuel de Sousa, pae e se-  
nhor da cidade, e grande sacerdote da justiça, mandou construir este cele-  
bre edificio».

O cavalheiro, que nos fez a fineza de mandar-nos cópia exacta, que para maior certeza pedimos, do letreiro, acompanhou-a d'esta traducção.



ram feitas obras importantes no paço, que o restauraram em grande parte. São de especial consideração as da sua capella magnifica, as das sallas de recepção official e particular, e da chamada dos arcebispos. De muitas outras todavia carece com urgência.

### Hospedarias

Entre outras menos conhecidas offerecem alguma commodidade as seguintes hospedarias, comquanto ainda muito longe do que fôra de esperar das actuaes condições economicas de Braga, e do seu importante movimento: —

- no *campo* de S. Miguel o Anjo, e no antigo hospicio dos conegos regulares de Sancta Cruz, a hospedaria da Vista-alegre, mais conhecida pelo nome de Hotel do Igó;
- no *largo* da praça a hospedaria particular;
- na rua de S. João os hoteis — Real, da Estrella do norte, do Leão d'ouro, e Portuense;
- na travessa d'esta rua o hotel Transmontano;
- no *largo* dos penedos a hospedaria Aveirense;
- no *campo* de Sanct'Anna a dos dois amigos, e o hotel Franqueira;
- e no *largo* do Barão de S. Martinho o hotel Luzo-Brasileiro.

### Bancos

Além das agencias dos bancos e companhias d'outras terras tem Braga o *Banco* do Minho no *campo* de Sanct'Anna em casa propria, e o Mercantil na rua nova do Souza em casa arrendada. Havia tambem o Banco commercial, que está em liquidação.

### Associações

Conta Braga entre as principaes associações as seguintes: — na rua do Souto a Associação commercial;



- na rua de S. Marcos o Club democratico-recreativo ;
- na rua das Aguas a Assembléa Bracarense ;
- no *largo* de S. Agostinho o Monte-pio dos artistas ;
- na rua de S. Miguel a Associação catholica.

### Theatro

O theatro de S. Geraldo é o unico de Braga. Está n'um edificio construido com esse destino no *campo* de Sanct' Anna. Foi fundado em 1857 por uma companhia particular.

### Espirito religioso do Minho

Do espirito religioso do povo de Braga, e geralmente de todo o Minho, dão testemunho mil factos de todos os dias, que provam como felizmente conserva intactas as suas crenças religiosas.

As muitas capellas e pequenos oratorios; os nichos com imagens, apenas alumados á noite por tremula luz bruxuleante de pobres lanternas; os terços rezados em alguns oratorios publicos (1); os asylos e recolhimentos, em que a cidade abunda; o numero consideravel de ecclesiasticos, alguns de reconhecida illustração; a concorrência todos os dias, e em todos os templos, aos officios divinos; as frequentes romarias e festividades religiosas; estes e muitos outros factos de devoção e piedade caracterisaram sempre a provincia do Minho.

Fazem-se com grandeza e decencia as festividades religiosas de Braga, e as suas procissões eram celebres ainda ha annos pela antiga usança do *boi bento* e do *carro das hervas*, e pelos *passos religiosos*, que frequentes vezes representavam. Precedia as procissões um boi enfeitado de fitas

(1) No *largo* do collegio, ao lado do arco vetusto, que separa este *largo* do *campo* de S. Thiago, existe uma capellinha, aberta em meio da muralha, com a invocação da Senhora da Torre. Illuminada á noite com muitas luzes a imagem e seu altar, são frequentes ahi as orações e terços, que o povo respeitosa e acompaña do terreiro e casas proximas.



de variadas côres; seguia-se um carro conduzindo alta carrada de ramos de castanheiro, loureiro e hervas cheirosas; vinham depois os seculares bombos com o cortejo de tambores, atroando os ares com descommunal estrondo.

Eram principalmente notaveis as procissões que se faziam em honra do Sanctissimo Sacramento, por commemoração da fugida de Nossa Senhora para o Egypto, e em dia de S. João Baptista. Já em outro logar (1) nos referimos a estas costumeiras antigas, a que foi mister de principio recorrer para haver meios necessarios ás obras do Sanctuario do Bom Jesus do monte.

Ainda assistimos a uma das procissões do Sanctissimo, a uma da fugida de Nossa Senhora, e á de S. João. Precedia as duas primeiras, além dos classicos *boi bento* e *carro de hervas*, o cortejo de seis bombos e doze tambores, tocando compassada, mas estrondosamente. A segunda representava ao vivo o facto da fugida, figurado por uma imagem da Virgem, feita de madeira, de molde construida para este effeito (2), cavalgando enfeitada jumenta, levando ao collo o menino Jesus, tambem de madeira, e sendo seguida d'um mocetão em vestes hebreas, que fazia de S. José. O passo mythologico-sacro de S. João percorria as casas de todos os mordomos da festividade, e sahindo ao sol nado recolhia ao sol posto. Estas e quejandas antiquallas d'aqui e de muitas outras partes (3) tem a pouco e pouco decahido em desuso, sem prejuizo, talvez com aproveitamento, da nossa sancta religião, que de certo não se afevorava mais com semelhantes scenas, em parte comicas, e seguramente menos religiosas que profanas.

Noticias interessantes d'algumas mais notaveis d'aquellas procissões constam de chronicas e documentos, que a confraria do Bom Jesus do monte archiva em seu cartorio, e dos folhetins publicados no semanario Bracarense — *O brado liberal* pelo professor do lyceu, o sr. Pereira Caldas. Descreveu-as ahi este distincto escriptor em face de documentos impressos e manuscritos, dos quaes deu a competente

(1) Pag. 116.

(2) E' feita de engonços, e chamava-lhe o povo a Senhora da burrinha.

(3) Correspondencias das praias do *Espinho* e da *Ericeira* em 1872 e 1873, 1875, 1876 e 1877, 1880 e 1881.



resenha bibliographica. São de grande valor archeologico estes manuscriptos e impressos, e guarda-os por isso em recato na sua bibliotheca o estudioso professor, prestando-lhes adoração, como apaixonado amante por donzella requestada. E tem razão: os seus livros, principalmente os seus livros de antiguidades e os seus monumentos archeologicos, são o seu viver domestico, o entretenimento das longas noites do inverno, a sua paixão favorita, o enlevo das horas que póde roubar ao cumprimento de deveres escolares. A sua bibliotheca, considerada uma das bibliothecas particulares de mór nomeada, invejada de sabios e sollicitada por extrangeiros, sempre franca aos seus amigos e aos amadores bibliophilos, é numerosa, selecta e variada, tendo merecido por isso, e pelo nome do seu proprietario, a honra d'uma visita do intelligente senhor rei D. Pedro V, e do monarcha reinante do Brazil no seu passeio pela provincia do Minho em março de 1872.

### A via ferrea

A via ferrea entre o Porto e Braga foi aberta á circulação publica em 21 de maio de 1875. No dia anterior tinham vindo inaugural-a suas magestades com os infantes, seus filhos. Foi um dia de verdadeiro jubilo nacional, em que o povo do Minho, agglomerando-se em todo o percurso da via, e saudando em applausos espontaneos o comboio real, alliava a sua proverbial dedicação pela casa de Bragança ao natural entusiasmo por esse acontecimento. Com effeito, em meio d'uma provincia populosa, rica e fertil, cortada d'estradas, a abertura de vias ferreas, como arterias de todas estas, não póde deixar de ser sempre considerada melhoramento de vantagens incalculaveis. O povo do Minho comprehendeu-o, e saudou-o sincero, expansivo, entusiasmado.

### Diligencias e americanos

Antes da abertura da linha ferrea era incessante o movimento das diligencias. Depois d'ella augmentou consi-



deravelmente com o auxilio, que lhes trouxe em gente e mercadorias. Era isso natural: da vida das grandes companhias vivem as pequenas empresas. Todos os dias, a diferentes horas e de diversas empresas, sahem e entram em Braga as de Ponte do Lima, de Guimarães e da Lixa, onde fazem entroncamento as estradas de Braga e Porto para Traz os montes; as de Amarante, de Villa-Real e de Chaves; as de Fafe e Gandarella de Basto; as de Monção por Villa-Verde, Ponte da Barca e Arcos de Val de Vez; e a da Povia de Lanhoso. Algumas d'estas empresas extendem-se a terras da Galliza, e correspondem-se com outras do reino vizinho. Na epocha balnear são diarias tambem as carreiras de pontos servidos por vias ferreas.

Nos primeiros tempos do caminho de ferro do Minho eram surprehendidos os passageiros á chegada dos comboios á estação de Braga por grande vozearia, que vinha do *largo* exterior da estação. Um cocheiro em pé sobre o tombadilho d'um char-à-bancs proclamava em grita altisonante, voz clara e robusta, braços levantados, accento unisono, e rapidez incrível, sem lhe escapar ponto nem virgula, o seguinte pregão, que sem tomar folego repetia, em quanto presentia alma viva dentro da estação:

«Carreiras diarias da nova empresa de trens; Barca, «Arcos, Monção e Valença, Ponte do Lima e Vianna do «Castello, Caminha, Villa Nova de Cerveira, Guimarães, «Fafe, Gandarella, Povia de Lanhoso, Igreja nova, Cruz de «Real, Tuy, Vigo, Redondella, Ponte vedra, Caldas e Pa- «drão, Sanct'Iago, Corunha, Ferrol, Astorga, Valhadolid, «Pourrinho, Pontareias, Riba d'Avia, Mollão, Caniça e Oren- «se; e na estação central do caminho de ferro se fretam trens «para toda a parte que qualquer passageiro pretenda. Para «a estação central a dois patacos, para os hoteis da cidade «a seis vintens, e trens para o Bom Jesus a 2\$500 réis «ida e volta com a gorgeta do cocheiro».

Era um cartaz vivo!...

.....

O *cartaz vivo* já não existe: o carro americano (tramway) substituiu alli, como em outras partes, o char-à-bancs, assim como este havia substituido as antigas caleças e as



legendarias liteiras, emblemas d'uma pausada civilização.

Desde o seu estabelecimento tem sido regulares e frequentes as carreiras dos americanos entre a cidade e a estação do caminho de ferro, e entre aquella e o portico do Sanctuario. Hoje extendem-se até o terreiro fronteiro ao plano automotor. Aos sitios, que por muitos annos foram de accesso difficil a pé e a cavallo, asperissimos e ás vezes impossiveis para trens, tem subido os carros americanos com grande exorço, movidos por tracção animal. Hoje sobem suavemente, depois que esta foi substituida desde a ponte da Sancta Cruz, principio da trepada, por machina a vapor sobre *rails* apropriados a esse fim. Até alli continúa de Braga, por ser estrada plana, a tracção animal (1).

A companhia *carris e ascensor do Bom Jesus*, ultimamente fundada em Braga por escriptura publica de 19 de março de 1883, tomou a si, como fim especial da sua empresa, o estabelecimento de linhas americanas em Braga, que liguem a estação do caminho de ferro com o Bom Jesus do monte, e ruas e bairros da cidade, conforme a concessão feita pela camara municipal, e a do governo no que se refere ás estradas reaes em ligação com aquellas ruas, alem d'isso a exploração de quaesquer systemas de viação, assim como a creação de hoteis e estabelecimentos inherentes na cidade e no monte. Para aquelles primeiros fins esta companhia comprou a propriedade do elevador, e á extincta companhia *carris de ferro de Braga* as linhas americanas, trens e mais valores mobiliarios (2).

### Character geral da cidade

Como em todo o Minho, em Braga o paiz é rico, fertil o solo, ameno o clima, activo e diligente o trabalho, na sua maxima parte respeitoso o povo, com tracto lhano e cortez, e em todas as classes de genio apprehendedor nos misteres differentes da sua labutação agricola, fabril e com-

(1) Vej. pag. 3, e do plano automotor a Parte 4.<sup>a</sup> d'este livro.

(2) *Diario do Governo* de 23 de abril de 1883.



mercial. De suas fabricas a vapor para objectos de chapelaria, e das officinas de ferragens, couros, pannos de linho, obras em osso, papel, madeira e outras sahem bons artefactos, embora tenham muitas vezes de lutar não só com a concorrência estrangeira, mas com os mesmos productos nacionaes d'outras localidades, onde os processos podem ser mais promptos e mais aperfeiçoados.

A cidade não parece populosa no seu centro. Illude-se quem julgar da população de Braga e genio industrioso do seu povo pela industria e população das ruas principaes do centro da cidade. N'este abunda principalmente a classe commercial. A maior população industrial agglomera-se nas ruas compridissimas, que d'este centro irradiam; e alguma ainda espalha-se pelas antigas travessas. A industria, principalmente a fabril, é ahi variada e grande.

Da riqueza agricola, da variedade de seus productos, e do desinvolvimento de seus processos e instrumentos dão testemunho as abundantes e concorridas feiras semanaes de Braga, e a primeira exposição agricola, que teve lugar em principios do anno de 1792 por influencia do arcebispo D. Fr. Caetano Brandão, — a primeira tambem na Europa, e que foi digna iniciação da que na mesma cidade foi celebrada no anno de 1863. A respeito d'esta é curioso e digno de consultar-se e estudar-se o opusculo em 8.º com o titulo — *«Instrucções para os concorrentes á «exposição agricola de Braga em 1863 pelo secretario da «sessão central da grande commissão, o professor Pereira «Caldas.»*



## PARTE QUINTA

# INDICE

## PARTE PRIMEIRA

|                                                                | Pag. |
|----------------------------------------------------------------|------|
| Topographia do monte: portico e estrada para o alto do monte.. | 1    |
| Das capellas e suas fontes.....                                | 4 B  |

## PARTE SEGUNDA

|                                                                  |    |
|------------------------------------------------------------------|----|
| Dos escadórios.....                                              | 17 |
| Do escadório dos cinco sentidos.....                             | 19 |
| Do escadório das virtudes.....                                   | 30 |
| Dos terraços de Longuinhos e do teixo, e da alameda do paredão.. | 37 |
| Da cascata e das capellas da exaltação da cruz e do descimento.. | 41 |

## PARTE TERCEIRA

|                         |      |
|-------------------------|------|
| Do adro do templo.....  | 42 E |
| Do templo:              |      |
| Exterior do templo..... | 45   |
| Interior do templo..... | 54   |

## PARTE QUARTA

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| Do plano-automotor, ascensor ou elevador..... | 63 |
|-----------------------------------------------|----|



## PARTE QUINTA

|                                                               | Pag. |
|---------------------------------------------------------------|------|
| Do terreiro da hospedaria e do terreiro contiguo ao adro..... | 87   |
| Da avenida, alameda, e rua das carvalheiras.....              | 88   |
| Do terreiro dos Evangelistas.....                             | 94   |
| Do resto do monte.....                                        | 99   |
| Do monumento do monte do Sameiro.....                         | 110  |

## PARTE SEXTA

|                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Instituição e progressos do Sanctuario.....                                            | 115 |
| Graças espirituaes, concedidas ao Sanctuario, e suas principaes festi-<br>vidades..... | 123 |
| Fundos e administração da confraria.....                                               | 127 |

## APPENDICE

|                                              |     |
|----------------------------------------------|-----|
| Roteiro ou breve noticia de Braga.....       | 133 |
| Campos, largos e praças.....                 | 136 |
| Ruas principaes no centro da cidade.....     | 138 |
| Ruas lateraes, que irradiam do centro.....   | 142 |
| Templos e capellas.....                      | 145 |
| Conventos e mosteiros.....                   | 155 |
| Conventos de religiosas e recolhimentos..... | 159 |
| Seminario archydiocesano.....                | 164 |
| Asylos.....                                  | 164 |
| Hospitaes.....                               | 165 |
| Cemiterio.....                               | 166 |
| Castello e cadeia.....                       | 167 |
| Passeios publicos.....                       | 168 |
| Repartições publicas.....                    | 176 |
| Paço archyepiscopal.....                     | 177 |
| Hospedarias.....                             | 182 |
| Bancos.....                                  | 182 |
| Associações.....                             | 182 |
| Theatro.....                                 | 183 |
| Espirito religioso do Minho.....             | 183 |
| Via ferrea.....                              | 185 |
| Diligencias e americanos.....                | 185 |
| Character geral da cidade.....               | 187 |



## CORRECÇÕES E ADIÇÕES

| Página e linha | Texto                                                                                                 | Correcção ou adição                                                                                                                           |
|----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2 nota (1)     | castello                                                                                              | castello                                                                                                                                      |
| 11 8           | nordeste, e                                                                                           | nordeste, sobe em lanços de degraus entremeados de patins, e                                                                                  |
| 18 4           | flores (1).                                                                                           | flores entre dois chorões (1).                                                                                                                |
| 40 34          | poente                                                                                                | norte, sul e principalmente para poente                                                                                                       |
| 42 A 33        | por curta avenida (3) para o adro do templo                                                           | para o adro do templo por curta avenida (3), cujos antigos parapeitos capeados de cantaria foram substituídos por sebes de braços de arvôres. |
| . B 3          | ET EGO SI EXALTATUS FUERO<br>À TERRA,<br>OMNIA TRAHAM AD ME<br>IPSUM<br>S. JOAN. 12. 32.              | ET EGO SI EXALTATUS FUERO A TERRA OMNIA TRAHAM AD ME IPSUM.<br>J. c. 28. 32.                                                                  |
| 13-14          | parapeitos com o proximo terço do teixo e alameda do paredão, e por ahi com o parque e alto do monte. | parapeitos com a proxima alameda do paredão, por ahi com o alto do monte, e por comprida escadaria com o terraço do teixo.                    |
| 2              | pedestaes                                                                                             | pedestaes, isolados uns dos outros,                                                                                                           |
| 21             | de madeira, e em parte coberto de folha de Flandres                                                   | de madeira                                                                                                                                    |
| 33-34          | S. P.<br>Q. R. (2)                                                                                    | S. P. Q. R. (2).                                                                                                                              |
| nota (2)       | pagina 52.                                                                                            | pag. 52, e M. Dandré Bardon — <i>Costumes des anciens peuples.</i>                                                                            |
| 58 4           | P. A.                                                                                                 | P. A. (que julgam ser Pedro Alexandrino).                                                                                                     |
| 73 11          | pelo patim da capella do des-cimento da cruz                                                          | pelo patim da capella do des-cimento da cruz, e por aberturas nas cortinas da escadaria, que sobe do terreiro da cascata para este patim,     |
| 14             | cazas de guarda.                                                                                      | cazas de guarda com outras accommodações em construção para os trens americanos, suas machinas a vapor e utensilios de serviço.               |
| 77             | nota pag.                                                                                             | pag. 99.                                                                                                                                      |



| Pagina e linha | Texto                         | Correcção ou addição             |
|----------------|-------------------------------|----------------------------------|
| 88 nota (1)    | pag. 42                       | pag. 42 F.                       |
| 14             | no centro                     | ao lado                          |
| 16-17          | em gradaria de ferro          | em cortina com gradaria de ferro |
| 25             | fachada do templo (1). Com-   | fachada do templo (1), e em      |
|                | munica-os                     | volta d'este. Communica-os       |
| 89             | 7 toda a parte                | muita parte.                     |
|                | 9 frescura a humidade         | frescura e humidade.             |
|                | 10 vedam esta avenida         | vedam esta avenida, deixando     |
|                |                               | passagem para os terrenos        |
|                |                               | contiguos,                       |
| 90             | 21 á esquerda de quem sobe,   | á esquerda de quem sobe,         |
|                | corre                         | communicando com ella em         |
|                |                               | differentes sitios, corre        |
|                | 22-23 e com elle communicada  | e com elle tambem commu-         |
|                |                               | nicada                           |
| 100            | 10 conduzia                   | conduz                           |
|                | 24 está                       | está                             |
| 107            | 5 maravilha                   | maravilha                        |
| 110            | 24 a rua da mãe d'agua        | a mata ao longo da rua da        |
|                |                               | mãe d'agua                       |
|                | 31 na parte oriental da cerca | na parte oriental da cerca,      |
|                |                               | proximo da rua da mãe            |
|                |                               | d'agua, com a qual e com         |
|                |                               | outras communica por pe-         |
|                |                               | quenos ramaes,                   |
| 111            | 19 pedestal.                  | pedestal com parte do terraço.   |
|                | 23-24 uma capella provisoria. | uma capella provisoria, pe-      |
|                |                               | quena e sem adorno, que          |
|                |                               | não tem cousa alguma, que        |
|                |                               | chame a attenção, senão uma      |
|                |                               | bellissima imagem de Nossa       |
|                |                               | Senhora, e na sacristia co-      |
|                |                               | pia extraordinaria de ex-        |
|                |                               | voto e algumas offertas va-      |
|                |                               | liosas.                          |
| 118 nota (1)   | pag. 3                        | pag. 19.                         |
| 121            | 8 foi demolida                | a frente d'ella foi demolida     |
| 128            | 28 (2).                       | (2),                             |
| 141            | 32 aol ado                    | ao lado                          |
| 144            | 5 mesm orio                   | mesmo rio                        |
| 151 nota (1)   | mostrados                     | mostradas                        |
| 152            | 24 pontifical                 | pontifical                       |
| 174            | 22 mil passos.                | mil passos.                      |
| 178 nota (4)   | pag. 3                        | pag. 4 A, nota (3).              |







\* NOVA DESCRIPÇÃO  
ou  
PLANTA TOPOGRAPHICA  
DE  
BRACARA AVGVSTA

(Cópia de uma planta gravada em cobre em 1594; acrescentada com a tradução portuguesa das suas inscrições latinas. Veja-se *Memórias do Bom Jesus do Monte*, 4.ª edição, pag. 134.)

- 2 Norte. 3 Sul. 4 Nascente. 5 Poente.  
6 Bracará archiepiscopal.  
7 Armas da cidade.  
8 Recinto murado de Brachara Augusta.  
9 Porta quae Limpia dicitur (Porta Limpia, depois chamada de S. Francisco).  
10 Porta Nova (Porta Nova).  
11 Porta Vetus Maximini (Antiga porta de Maximino).  
12 Porta postici (Porta do postigo).  
13 Porta Sancti Jacobi (Porta de S. Thiago).  
14 Porta Sancti Joannis (Porta de S. João).  
15 Porta quae de Souto dicitur (Porta do Souto).

- 16 Urbis posticum, quod vulgo Divi Antonii dicitur (Postigo da cidade, vulgarmente chamado de Santo Antonio).  
17 Campus Archiepiscopi ubi ludus equestres exercitur (Campo do Arcebispo onde se fazem os jogos equestres).  
18 Fons Maximini (Fonte de Maximino).  
19 Palatium Archiepiscopi (Paço archiepiscopal).  
20 Forum piscarium (Mercado do peixe).  
21 Domus civica (Casa do Senado).  
22 Templum maximum (A Sé cathedral).  
23 Aedes Divi Jacobi (Igreja de S. Thiago).  
24 Gymnasia publica (Escolas publicas, posteriormente collegio e escolas dos Jesuitas).  
25

- 26 Rivus (Levada de agua).  
27 Hortorum campus (Campo das Hortas).  
28 Divi Michaelis aedicula (Capella de S. Miguel).  
29 Divi Sebastiani aedicula ubi Forum Romanorum fuisse creditur (Capella de S. Sebastião, onde consta ter sido o Forum Romano).  
30 Aedes Divi Petri, quae vulgo Maximini dicitur (Igreja de S. Pedro, vulgarmente chamada de Maximino).  
31 Via Portuensis antiqua, de qua Imper. Antoninus in *Itinerario* (Antiga estrada do Porto, de que trata o Imperador Antonino no seu *Itinerario*).  
32 Hic Urbis arcem Romanorum tempore fuisse fa-

- ma est (Consta ter sido neste sitio uma fortaleza no tempo dos Romanos).  
33 Ager Sancti Jacobi (Campo de S. Thiago).  
34 Quondam Romanorum coemeterium fuisse creditur (Consta ter sido neste sitio o cemiterio romano).  
35 Aedicula Cosmae et Damiani (Capella dos Santos Cosme e Damião).  
36 Aedicula Sancti Vicentii (Capella de S. Vicente).  
37 Via antiqua Imperatoris Antonini in aquas calidas, vulgo Orense (Estrada antiga do Imperador Antonino para Orense).  
38 Sancti Bartholomei aedicula (Capella de S. Bartholomeu).

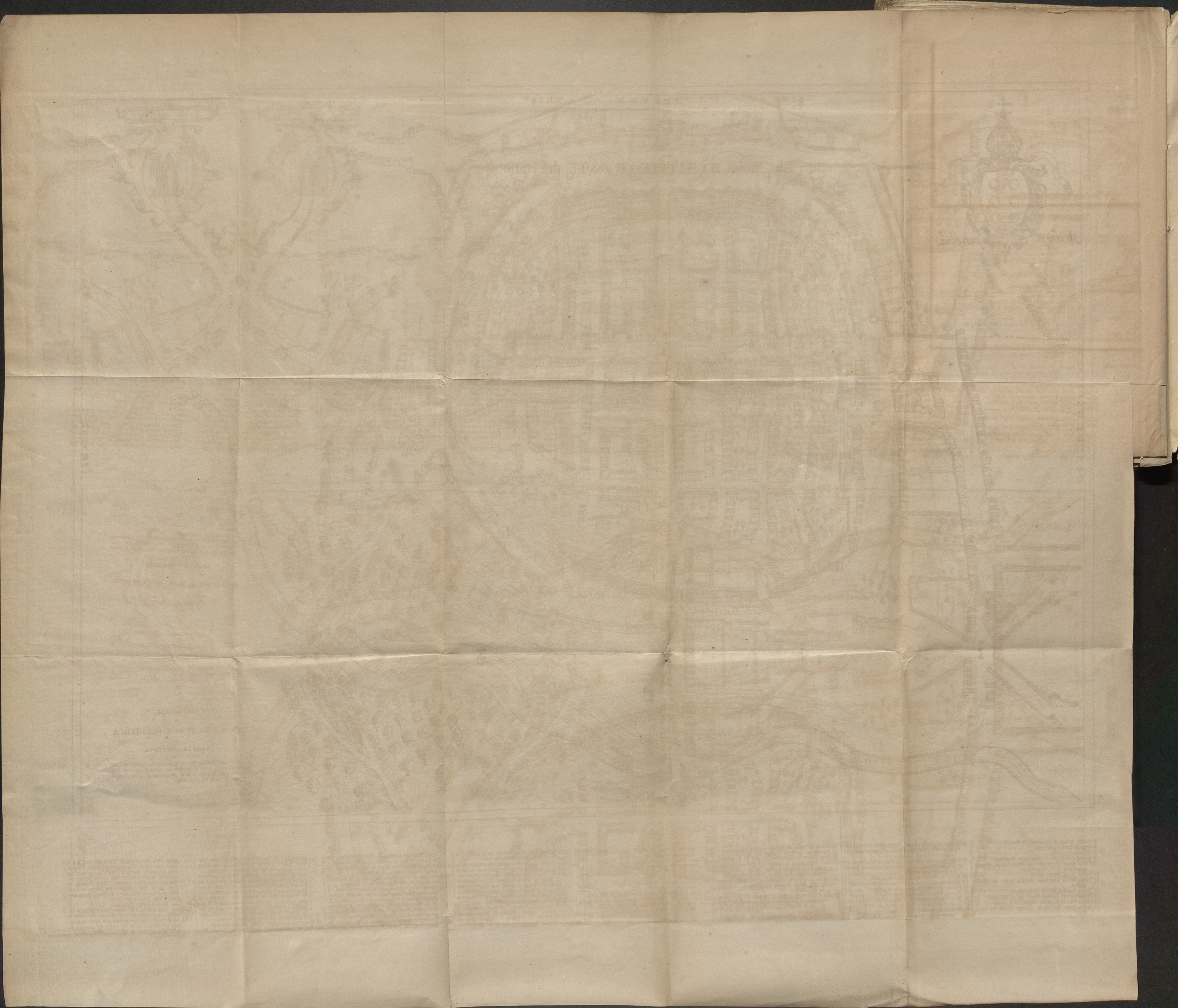
- 39 Urbis praesidium (A cidadella da cidade).  
40 Forum frumentarium (Feira do pão).  
41 Divae Annae aedicula, quam columnae 12 a praetoribus romanis variis quondam in locis erectae. Hierisque incisae cingunt atque ornant (Capella de Santa Anna, a qual cercam e enfeitam 12 columnas com inscrições mandadas gravar por pretores romanos e por elles erectas em diferentes logares. Veja *Memórias do Bom Jesus do Monte*, 4.ª edição, pag. 172).  
42 Ager Divae Annae (Campo de Santa Anna).  
43 Divae Mariae aedes (Capella de Santa Maria, vulgarmente da Senhora a Branca).  
44 Aedes S. Victoris M. Bracarensis, ubi ejus corpus

- conditum est (Igreja do Martyr Bracharense S. Victor onde o seu corpo está encerrado).  
45 Sacrarum Virginum coenobium (Mosteiro de religiosas, campo dos Remedios).  
46 Nosocomium Divi Marci (Hospital de S. Marcos).  
47 Divi Lazari aedes (Capella de S. Lazaro).  
48 Alestes fluvius, cujus fontes in spino monte 4.ª a Brachara Augusta miliaribus distant, vallem amoenissimam ubi adjacentem irrigat, multum hortis, pomaribus viridariisque excultam, illud mirabile arbore nulli ex medicis multo generibus creat, quibus alioquin haec tota provincia abundat. Urbem alluit, atque in Avum majoris fluvium prope attingit

- oppidum Villā Comitissae influit. Hunc falso quidam Sellen vocant (O rio Alestes, ou Aliste, cujas origens no monte Espinho distam 4 milhas de Brachara Augusta, fertilisa um valle amenissimo adjacente á cidade, povoado de hortas, pomares e jardins, e tem como digno de admirar-se não produzir nenhuma arvore do genero das de fructa com carago, em que toda esta provincia alias abunda. O rio banha a cidade, e vae metter-se no Ave, rio de maior fama, junto a Villa do Conde, que erradamente alguns chamam Sellen).  
49 Pons Vimarancensis (Ponte de Guimarães).  
50 Via in Vimarancum oppidum, S. Pontif. Da-

- masi ortu clarissimum. Haec via una é 4.ª quas Antoninus Imperator Brachara Asturicam descripsit. Estrada para Guimarães, villa murada muito illustre por ser o berço do Summo Pontifice Damaso. Esta estrada é uma das 4 que o Imperador Antonino descreveu no seu *Itinerario* de Braga para Astorga. Veja *Memórias ditas*).  
51 Molae frumentariae (Azenhas).  
52 Silva Primalialis, ubi fons amoenissimus in medio luci, leporum et perdicum abundantia celebris (Quinta dos Arcebispos, celebre pela sua purissima agua no meio do bosque, e pela abundancia de lebres e perdizes).









PLANTA TOPOGRAPHICA  
DE  
**BRAGA**

Escala de 1:8000 metros.

Carvalho gr.

Lithographia da Imprensa Nacional

- 1 Estação do caminho de ferro.
- 2 Rua do Corvo.
- 3 Linha do carro tramway (americano).
- 4 Estrada.
- 5 Praça da Alegria.
- 6 Rua dos Biscainhos.
- 7 Largo de Santo Agostinho.
- 8 Rua da Boa Vista.
- 9 Praça de D. Luiz I.
- 10 Collegio de S. Caetano.
- 11 Templo do convento do Populo.
- 12 Quartel de infantaria.
- 13 Quartel de cavallaria.
- 14 Convento das religiosas do Salvador.
- 15 Direcção das obras publicas.
- 16 Rua do Salvador.
- 17 Praça do Carmo.
- 18 Mercado do peixe.
- 19 Convento e templo de Nossa Senhora do Carmo.
- 20 Rua do Carmo.
- 21 Recolhimento da Caridade.
- 22 Recolhimento das beatas de Santo Antonio.
- 23 Porta Nova.
- 24 Largo da Praça.
- 25 Rua Nova do Sousa e rua do Souto.

- 26 Largo da Galeria.
- 27 Ruas da Misericórdia e de Santo Antonio.
- 28 Paço archiepiscopal.
- 29 Antigo seminário de S. Pedro e S. Paulo.
- 30 Praça Municipal.
- 31 Paços do concelho.
- 32 Largo do Barão de S. Martinho.
- 33 Rua da Cadeia.
- 34 Cadeia.
- 35 Rua dos Capellistas.
- 36 Largo e templo de S. Francisco.
- 37 Rua dos Chãos.
- 38 Largo dos Penedos.
- 39 Rua de S. Vicente.
- 40 Templo de S. Vicente.
- 41 Travessa da Escoura.
- 42 Rua do Conselheiro Januario.
- 43 Rua das Palhotas.
- 44 Largo de Enfiás.
- 45 Estrada.
- 46 Rua do Cemiterio.
- 47 Cemiterio.
- 48 Ruas do Carvalho e Santo André.
- 49 Praça Nova.
- 50 Rua de Guadalupe.
- 51 Rua de S. Gonçalo.
- 52 Rua da Oliveira.

- 53 Largo e convento de Santa Thereza.
- 54 Escola do Conde de Ferreira.
- 55 Travessa de S. Vicente.
- 56 Rua de Camões.
- 57 Collegio academico.
- 58 Capella de Nossa Senhora de Guadalupe.
- 59 Mirante da Cruz do Abbade.
- 60 Collegio do Espirito Santo<sup>1</sup>.
- 61 Rua de Santa Margarida.
- 62 Conservatorio do Menino Deus.
- 63 Convento das recolhidas da terceira ordem da penitencia.
- 64 Campo e capella da Senhora a Branca.
- 65 Ruas da Regua, de S. Victor e de D. Pedro V.
- 66 Templo de S. Victor.
- 67 Alameda do campo de Santa Anna.
- 68 Asylo de 1.<sup>a</sup> infancia desvalida de D. Pedro V.
- 69 Lyceu.
- 70 Templo do convento dos padres congregados.
- 71 Recolhimento das convertidas de Santa Maria Magdalena.

<sup>1</sup> Edifício particular, dirigido por padres estrangeiros da ordem do Espirito Santo ou das missões.

- 72 Passeio publico do campo de Santa Anna.
- 73 Ruas lateraes do passeio publico do campo de Santa Anna.
- 74 de Santa Anna.
- 75 Theatro de S. Geraldo.
- 76 Banco do Minho.
- 77 Largo e templo da Lapa.
- 78 Ruas das Águas e da Ponte.
- 79 Asylo dos entrevados de S. José.
- 80 Templo de S. José e de S. Lazaro.
- 81 Jardim e capella de S. João da Ponte.
- 82 Rio D'este e ponte da estrada de Guimarães.
- 83 Banhos sulphureos.
- 84 Rua do Raio.
- 85 Estação telegrapho-postal.
- 86 Ruas de S. Marcos e do Anjo.
- 87 Campo dos Remedios.
- 88 Templo de Santa Cruz.
- 89 Templo e hospital de S. Marcos.
- 90 Convento das religiosas de Nossa Senhora da Piedade.
- 91 Rua de Jano.
- 92 Templo de S. João.
- 93 Rua de S. João.
- 94 Rua de Nossa Senhora do Leite.
- 95 Cathedral.
- 96 Rua da Sé.

- 97 Campo de S. Thiago.
- 98 Repartições publicas (antiga casa da familia Falcão).
- 99 Actual seminário de S. Pedro e S. Paulo, e templo do antigo collegio dos Jesuitas.
- 100 Largo do Collegio.
- 101 Templo de S. Thiago.
- 102 Viellas.
- 103 Asylo da Regeneração.
- 104 Ruas de S. Geraldo e dos Pellames.
- 105 Rua do Alcaide.
- 106 Rua de D. Fr. Caetano Brandão.
- 107 Campo, capella e rua de S. Sebastião.
- 108 Passeio publico das Carvalheiras.
- 109 Campo e rua de S. Miguel.
- 110 Ruas da Cruz de Pau e de S. Pedro de Maximinos.
- 111 Rua do Caires.
- 112 Rua do Avellino.
- 113 Largo e templo de S. Pedro de Maximinos.
- 114 Estradas.

Veja-se Roteiro de Braga em appendice ás Memorias do Bom Jesus do Monte, 4.<sup>a</sup> edição, pag. 131 e seg.



1. 1914-1915  
2. 1916-1917  
3. 1918-1919  
4. 1920-1921  
5. 1922-1923  
6. 1924-1925  
7. 1926-1927  
8. 1928-1929  
9. 1930-1931  
10. 1932-1933  
11. 1934-1935  
12. 1936-1937  
13. 1938-1939  
14. 1940-1941  
15. 1942-1943  
16. 1944-1945  
17. 1946-1947  
18. 1948-1949  
19. 1950-1951  
20. 1952-1953  
21. 1954-1955  
22. 1956-1957  
23. 1958-1959  
24. 1960-1961  
25. 1962-1963  
26. 1964-1965  
27. 1966-1967  
28. 1968-1969  
29. 1970-1971  
30. 1972-1973  
31. 1974-1975  
32. 1976-1977  
33. 1978-1979  
34. 1980-1981  
35. 1982-1983  
36. 1984-1985  
37. 1986-1987  
38. 1988-1989  
39. 1990-1991  
40. 1992-1993  
41. 1994-1995  
42. 1996-1997  
43. 1998-1999  
44. 2000-2001  
45. 2002-2003  
46. 2004-2005  
47. 2006-2007  
48. 2008-2009  
49. 2010-2011  
50. 2012-2013  
51. 2014-2015  
52. 2016-2017  
53. 2018-2019  
54. 2020-2021  
55. 2022-2023  
56. 2024-2025  
57. 2026-2027  
58. 2028-2029  
59. 2030-2031  
60. 2032-2033  
61. 2034-2035  
62. 2036-2037  
63. 2038-2039  
64. 2040-2041  
65. 2042-2043  
66. 2044-2045  
67. 2046-2047  
68. 2048-2049  
69. 2050-2051  
70. 2052-2053  
71. 2054-2055  
72. 2056-2057  
73. 2058-2059  
74. 2060-2061  
75. 2062-2063  
76. 2064-2065  
77. 2066-2067  
78. 2068-2069  
79. 2070-2071  
80. 2072-2073  
81. 2074-2075  
82. 2076-2077  
83. 2078-2079  
84. 2080-2081  
85. 2082-2083  
86. 2084-2085  
87. 2086-2087  
88. 2088-2089  
89. 2090-2091  
90. 2092-2093  
91. 2094-2095  
92. 2096-2097  
93. 2098-2099  
94. 2100-2101  
95. 2102-2103  
96. 2104-2105  
97. 2106-2107  
98. 2108-2109  
99. 2110-2111  
100. 2112-2113  
101. 2114-2115  
102. 2116-2117  
103. 2118-2119  
104. 2120-2121  
105. 2122-2123  
106. 2124-2125  
107. 2126-2127  
108. 2128-2129  
109. 2130-2131  
110. 2132-2133  
111. 2134-2135  
112. 2136-2137  
113. 2138-2139  
114. 2140-2141  
115. 2142-2143  
116. 2144-2145  
117. 2146-2147  
118. 2148-2149  
119. 2150-2151  
120. 2152-2153  
121. 2154-2155  
122. 2156-2157  
123. 2158-2159  
124. 2160-2161  
125. 2162-2163  
126. 2164-2165  
127. 2166-2167  
128. 2168-2169  
129. 2170-2171  
130. 2172-2173  
131. 2174-2175  
132. 2176-2177  
133. 2178-2179  
134. 2180-2181  
135. 2182-2183  
136. 2184-2185  
137. 2186-2187  
138. 2188-2189  
139. 2190-2191  
140. 2192-2193  
141. 2194-2195  
142. 2196-2197  
143. 2198-2199  
144. 2200-2201  
145. 2202-2203  
146. 2204-2205  
147. 2206-2207  
148. 2208-2209  
149. 2210-2211  
150. 2212-2213  
151. 2214-2215  
152. 2216-2217  
153. 2218-2219  
154. 2220-2221  
155. 2222-2223  
156. 2224-2225  
157. 2226-2227  
158. 2228-2229  
159. 2230-2231  
160. 2232-2233  
161. 2234-2235  
162. 2236-2237  
163. 2238-2239  
164. 2240-2241  
165. 2242-2243  
166. 2244-2245  
167. 2246-2247  
168. 2248-2249  
169. 2250-2251  
170. 2252-2253  
171. 2254-2255  
172. 2256-2257  
173. 2258-2259  
174. 2260-2261  
175. 2262-2263  
176. 2264-2265  
177. 2266-2267  
178. 2268-2269  
179. 2270-2271  
180. 2272-2273  
181. 2274-2275  
182. 2276-2277  
183. 2278-2279  
184. 2280-2281  
185. 2282-2283  
186. 2284-2285  
187. 2286-2287  
188. 2288-2289  
189. 2290-2291  
190. 2292-2293  
191. 2294-2295  
192. 2296-2297  
193. 2298-2299  
194. 2300-2301  
195. 2302-2303  
196. 2304-2305  
197. 2306-2307  
198. 2308-2309  
199. 2310-2311  
200. 2312-2313  
201. 2314-2315  
202. 2316-2317  
203. 2318-2319  
204. 2320-2321  
205. 2322-2323  
206. 2324-2325  
207. 2326-2327  
208. 2328-2329  
209. 2330-2331  
210. 2332-2333  
211. 2334-2335  
212. 2336-2337  
213. 2338-2339  
214. 2340-2341  
215. 2342-2343  
216. 2344-2345  
217. 2346-2347  
218. 2348-2349  
219. 2350-2351  
220. 2352-2353  
221. 2354-2355  
222. 2356-2357  
223. 2358-2359  
224. 2360-2361  
225. 2362-2363  
226. 2364-2365  
227. 2366-2367  
228. 2368-2369  
229. 2370-2371  
230. 2372-2373  
231. 2374-2375  
232. 2376-2377  
233. 2378-2379  
234. 2380-2381  
235. 2382-2383  
236. 2384-2385  
237. 2386-2387  
238. 2388-2389  
239. 2390-2391  
240. 2392-2393  
241. 2394-2395  
242. 2396-2397  
243. 2398-2399  
244. 2400-2401  
245. 2402-2403  
246. 2404-2405  
247. 2406-2407  
248. 2408-2409  
249. 2410-2411  
250. 2412-2413  
251. 2414-2415  
252. 2416-2417  
253. 2418-2419  
254. 2420-2421  
255. 2422-2423  
256. 2424-2425  
257. 2426-2427  
258. 2428-2429  
259. 2430-2431  
260. 2432-2433  
261. 2434-2435  
262. 2436-2437  
263. 2438-2439  
264. 2440-2441  
265. 2442-2443  
266. 2444-2445  
267. 2446-2447  
268. 2448-2449  
269. 2450-2451  
270. 2452-2453  
271. 2454-2455  
272. 2456-2457  
273. 2458-2459  
274. 2460-2461  
275. 2462-2463  
276. 2464-2465  
277. 2466-2467  
278. 2468-2469  
279. 2470-2471  
280. 2472-2473  
281. 2474-2475  
282. 2476-2477  
283. 2478-2479  
284. 2480-2481  
285. 2482-2483  
286. 2484-2485  
287. 2486-2487  
288. 2488-2489  
289. 2490-2491  
290. 2492-2493  
291. 2494-2495  
292. 2496-2497  
293. 2498-2499  
294. 2500-2501  
295. 2502-2503  
296. 2504-2505  
297. 2506-2507  
298. 2508-2509  
299. 2510-2511  
300. 2512-2513  
301. 2514-2515  
302. 2516-2517  
303. 2518-2519  
304. 2520-2521  
305. 2522-2523  
306. 2524-2525  
307. 2526-2527  
308. 2528-2529  
309. 2530-2531  
310. 2532-2533  
311. 2534-2535  
312. 2536-2537  
313. 2538-2539  
314. 2540-2541  
315. 2542-2543  
316. 2544-2545  
317. 2546-2547  
318. 2548-2549  
319. 2550-2551  
320. 2552-2553  
321. 2554-2555  
322. 2556-2557  
323. 2558-2559  
324. 2560-2561  
325. 2562-2563  
326. 2564-2565  
327. 2566-2567  
328. 2568-2569  
329. 2570-2571  
330. 2572-2573  
331. 2574-2575  
332. 2576-2577  
333. 2578-2579  
334. 2580-2581  
335. 2582-2583  
336. 2584-2585  
337. 2586-2587  
338. 2588-2589  
339. 2590-2591  
340. 2592-2593  
341. 2594-2595  
342. 2596-2597  
343. 2598-2599  
344. 2600-2601  
345. 2602-2603  
346. 2604-2605  
347. 2606-2607  
348. 2608-2609  
349. 2610-2611  
350. 2612-2613  
351. 2614-2615  
352. 2616-2617  
353. 2618-2619  
354. 2620-2621  
355. 2622-2623  
356. 2624-2625  
357. 2626-2627  
358. 2628-2629  
359. 2630-2631  
360. 2632-2633  
361. 2634-2635  
362. 2636-2637  
363. 2638-2639  
364. 2640-2641  
365. 2642-2643  
366. 2644-2645  
367. 2646-2647  
368. 2648-2649  
369. 2650-2651  
370. 2652-2653  
371. 2654-2655  
372. 2656-2657  
373. 2658-2659  
374. 2660-2661  
375. 2662-2663  
376. 2664-2665  
377. 2666-2667  
378. 2668-2669  
379. 2670-2671  
380. 2672-2673  
381. 2674-2675  
382. 2676-2677  
383. 2678-2679  
384. 2680-2681  
385. 2682-2683  
386. 2684-2685  
387. 2686-2687  
388. 2688-2689  
389. 2690-2691  
390. 2692-2693  
391. 2694-2695  
392. 2696-2697  
393. 2698-2699  
394. 2700-2701  
395. 2702-2703  
396. 2704-2705  
397. 2706-2707  
398. 2708-2709  
399. 2710-2711  
400. 2712-2713  
401. 2714-2715  
402. 2716-2717  
403. 2718-2719  
404. 2720-2721  
405. 2722-2723  
406. 2724-2725  
407. 2726-2727  
408. 2728-2729  
409. 2730-2731  
410. 2732-2733  
411. 2734-2735  
412. 2736-2737  
413. 2738-2739  
414. 2740-2741  
415. 2742-2743  
416. 2744-2745  
417. 2746-2747  
418. 2748-2749  
419. 2750-2751  
420. 2752-2753  
421. 2754-2755  
422. 2756-2757  
423. 2758-2759  
424. 2760-2761  
425. 2762-2763  
426. 2764-2765  
427. 2766-2767  
428. 2768-2769  
429. 2770-2771  
430. 2772-2773  
431. 2774-2775  
432. 2776-2777  
433. 2778-2779  
434. 2780-2781  
435. 2782-2783  
436. 2784-2785  
437. 2786-2787  
438. 2788-2789  
439. 2790-2791  
440. 2792-2793  
441. 2794-2795  
442. 2796-2797  
443. 2798-2799  
444. 2800-2801  
445. 2802-2803  
446. 2804-2805  
447. 2806-2807  
448. 2808-2809  
449. 2810-2811  
450. 2812-2813  
451. 2814-2815  
452. 2816-2817  
453. 2818-2819  
454. 2820-2821  
455. 2822-2823  
456. 2824-2825  
457. 2826-2827  
458. 2828-2829  
459. 2830-2831  
460. 2832-2833  
461. 2834-2835  
462. 2836-2837  
463. 2838-2839  
464. 2840-2841  
465. 2842-2843  
466. 2844-2845  
467. 2846-2847  
468. 2848-2849  
469. 2850-2851  
470. 2852-2853  
471. 2854-2855  
472. 2856-2857  
473. 2858-2859  
474. 2860-2861  
475. 2862-2863  
476. 2864-2865  
477. 2866-2867  
478. 2868-2869  
479. 2870-2871  
480. 2872-2873  
481. 2874-2875  
482. 2876-2877  
483. 2878-2879  
484. 2880-2881  
485. 2882-2883  
486. 2884-2885  
487. 2886-2887  
488. 2888-2889  
489. 2890-2891  
490. 2892-2893  
491. 2894-2895  
492. 2896-2897  
493. 2898-2899  
494. 2900-2901  
495. 2902-2903  
496. 2904-2905  
497. 2906-2907  
498. 2908-2909  
499. 2910-2911  
500. 2912-2913  
501. 2914-2915  
502. 2916-2917  
503. 2918-2919  
504. 2920-2921  
505. 2922-2923  
506. 2924-2925  
507. 2926-2927  
508. 2928-2929  
509. 2930-2931  
510. 2932-2933  
511. 2934-2935  
512. 2936-2937  
513. 2938-2939  
514. 2940-2941  
515. 2942-2943  
516. 2944-2945  
517. 2946-2947  
518. 2948-2949  
519. 2950-2951  
520. 2952-2953  
521. 2954-2955  
522. 2956-2957  
523. 2958-2959  
524. 2960-2961  
525. 2962-2963  
526. 2964-2965  
527. 2966-2967  
528. 2968-2969  
529. 2970-2971  
530. 2972-2973  
531. 2974-2975  
532. 2976-2977  
533. 2978-2979  
534. 2980-2981  
535. 2982-2983  
536. 2984-2985  
537. 2986-2987  
538. 2988-2989  
539. 2990-2991  
540. 2992-2993  
541. 2994-2995  
542. 2996-2997  
543. 2998-2999  
544. 3000-3001  
545. 3002-3003  
546. 3004-3005  
547. 3006-3007  
548. 3008-3009  
549. 3010-3011  
550. 3012-3013  
551. 3014-3015  
552. 3016-3017  
553. 3018-3019  
554. 3020-3021  
555. 3022-3023  
556. 3024-3025  
557. 3026-3027  
558. 3028-3029  
559. 3030-3031  
560. 3032-3033  
561. 3034-3035  
562. 3036-3037  
563. 3038-3039  
564. 3040-3041  
565. 3042-3043  
566. 3044-3045  
567. 3046-3047  
568. 3048-3049  
569. 3050-3051  
570. 3052-3053  
571. 3054-3055  
572. 3056-3057  
573. 3058-3059  
574. 3060-3061  
575. 3062-3063  
576. 3064-3065  
577. 3066-3067  
578. 3068-3069  
579. 3070-3071  
580. 3072-3073  
581. 3074-3075  
582. 3076-3077  
583. 3078-3079  
584. 3080-3081  
585. 3082-3083  
586. 3084-3085  
587. 3086-3087  
588. 3088-3089  
589. 3090-3091  
590. 3092-3093  
591. 3094-3095  
592. 3096-3097  
593. 3098-3099  
594. 3100-3101  
595. 3102-3103  
596. 3104-3105  
597. 3106-3107  
598. 3108-3109  
599. 3110-3111  
600. 3112-3113  
601. 3114-3115  
602. 3116-3117  
603. 3118-3119  
604. 3120-3121  
605. 3122-3123  
606. 3124-3125  
607. 3126-3127  
608. 3128-3129  
609. 3130-3131  
610. 3132-3133  
611. 3134-3135  
612. 3136-3137  
613. 3138-3139  
614. 3140-3141  
615. 3142-3143  
616. 3144-3145  
617. 3146-3147  
618. 3148-3149  
619. 3150-3151  
620. 3152-3153  
621. 3154-3155  
622. 3156-3157  
623. 3158-3159  
624. 3160-3161  
625. 3162-3163  
626. 3164-3165  
627. 3166-3167  
628. 3168-3169  
629. 3170-3171  
630. 3172-3173  
631. 3174-3175  
632. 3176-3177  
633. 3178-3179  
634. 3180-3181  
635. 3182-3183  
636. 3184-3185  
637. 3186-3187  
638. 3188-3189  
639. 3190-3191  
640. 3192-3193  
641. 3194-3195  
642. 3196-3197  
643. 3198-3199  
644. 3200-3201  
645. 3202-3203  
646. 3204-3205  
647. 3206-3207  
648. 3208-3209  
649. 3210-3211  
650. 3212-3213  
651. 3214-3215  
652. 3216-3217  
653. 3218-3219  
654. 3220-3221  
655. 3222-3223  
656. 3224-3225  
657. 3226-3227  
658. 3228-3229  
659. 3230-3231  
660. 3232-3233  
661. 3234-3235  
662. 3236-3237  
663. 3238-3239  
664. 3240-3241  
665. 3242-3243  
666. 3244-3245  
667. 3246-3247  
668. 3248-3249  
669. 3250-3251  
670. 3252-3253  
671. 3254-3255  
672. 3256-3257  
673. 3258-3259  
674. 3260-3261  
675. 3262-3263  
676. 3264-3265  
677. 3266-3267  
678. 3268-3269  
679. 3270-3271  
680. 3272-3273  
681. 3274-3275  
682. 3276-3277  
683. 3278-3279  
684. 3280-3281  
685. 3282-3283  
686. 3284-3285  
687. 3286-3287  
688. 3288-3289  
689. 3290-3291  
690. 3292-3293  
691. 3294-3295  
692. 3296-3297  
693. 3298-3299  
694. 3300-3301  
695. 3302-3303  
696. 3304-3305  
697. 3306-3307  
698. 3308-3309  
699. 3310-3311  
700. 3312-3313  
701. 3314-3315  
702. 3316-3317  
703. 3318-3319  
704. 3320-3321  
705. 3322-3323  
706. 3324-3325  
707. 3326-3327  
708. 3328-3329  
709. 3330-3331  
710. 3332-3333  
711. 3334-3335  
712. 3336-3337  
713. 3338-3339  
714. 3340-3341  
715. 3342-3343  
716. 3344-3345  
717. 3346-3347  
718. 3348-3349  
719. 3350-3351  
720. 3352-3353  
721. 3354-3355  
722. 3356-3357  
723. 3358-3359  
724. 3360-3361  
725. 3362-3363  
726. 3364-3365  
727. 3366-3367  
728. 3368-3369  
729. 3370-3371  
730. 3372-3373  
731. 3374-3375  
732. 3376-3377  
733. 3378-3379  
734. 3380-3381  
735. 3382-3383  
736. 3384-3385  
737. 3386-3387  
738. 3388-3389  
739. 3390-3391  
740. 3392-3393  
741. 3394-3395  
742. 3396-3397  
743. 3398-3399  
744. 3400-3401  
745. 3402-3403  
746. 3404-3405  
747. 3406-3407  
748. 3408-3409  
749. 3410-3411  
750. 3412-3413  
751. 3414-3415  
752. 3416-3417  
753. 3418-3419  
754. 3420-3421  
755. 3422-3423  
756. 3424-3425  
757. 3426-3427  
758. 3428-3429  
759. 3430-3431  
760. 3432-3433  
761. 3434-3435  
762. 3436-3437  
763. 3438-3439  
764. 3440-3441  
765. 3442-3443  
766. 3444-3445  
767. 3446-3447  
768. 3448-3449  
769. 3450-3451  
770. 3452-3453  
771. 3454-3455  
772. 3456-3457  
773. 3458-3459  
774. 3460-3461  
775. 3462-3463  
776. 3464-3465  
777. 3466-3467  
778. 3468-3469  
779. 3470-3471





PLANTA TOPOGRAPHICA  
DO  
REAL SANCTUARIO  
DO  
BOM JESUS DO MONTE  
e  
terrenos annexos

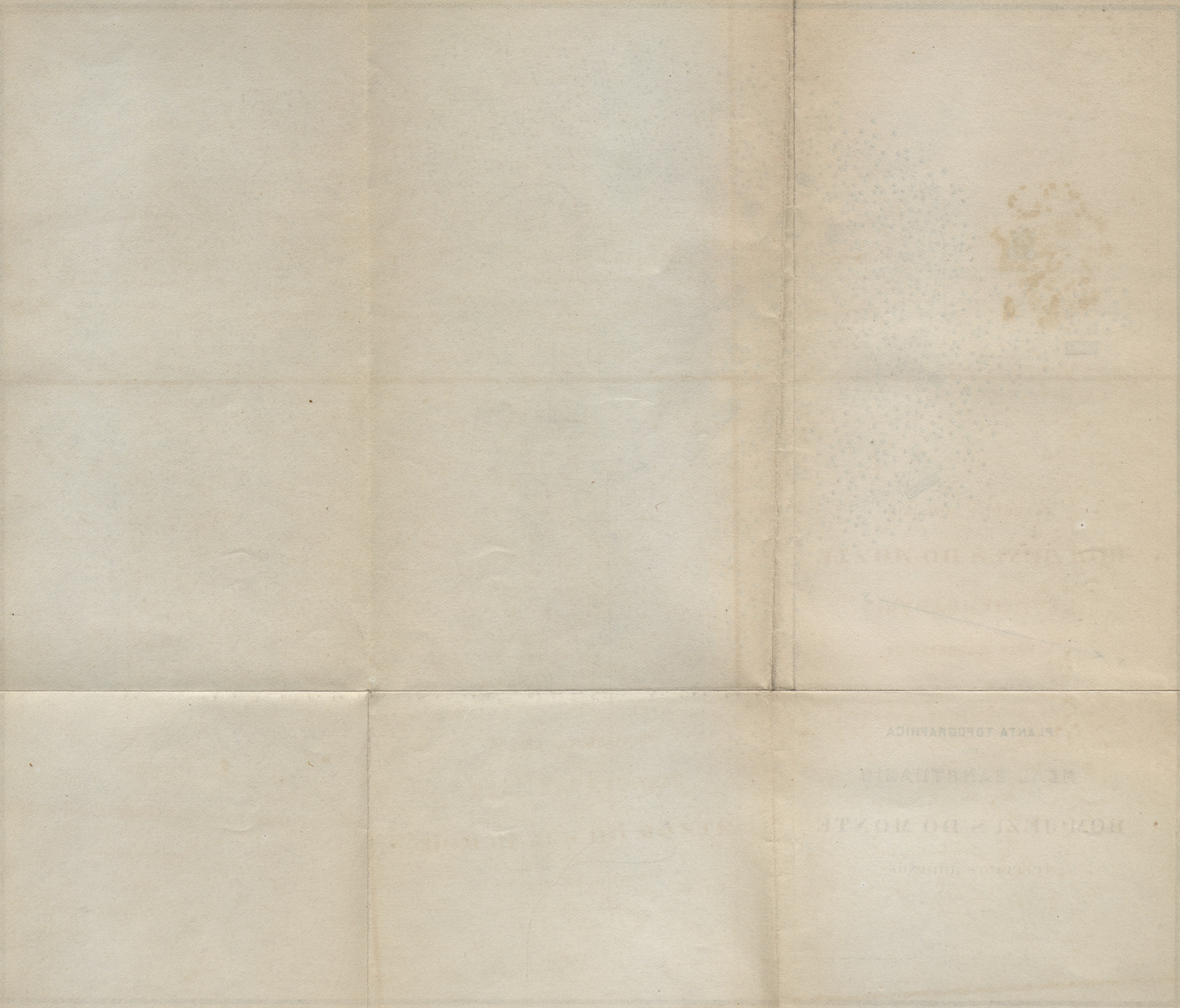
Limite dos terrenos do Real Santuario

Carvalho gr.

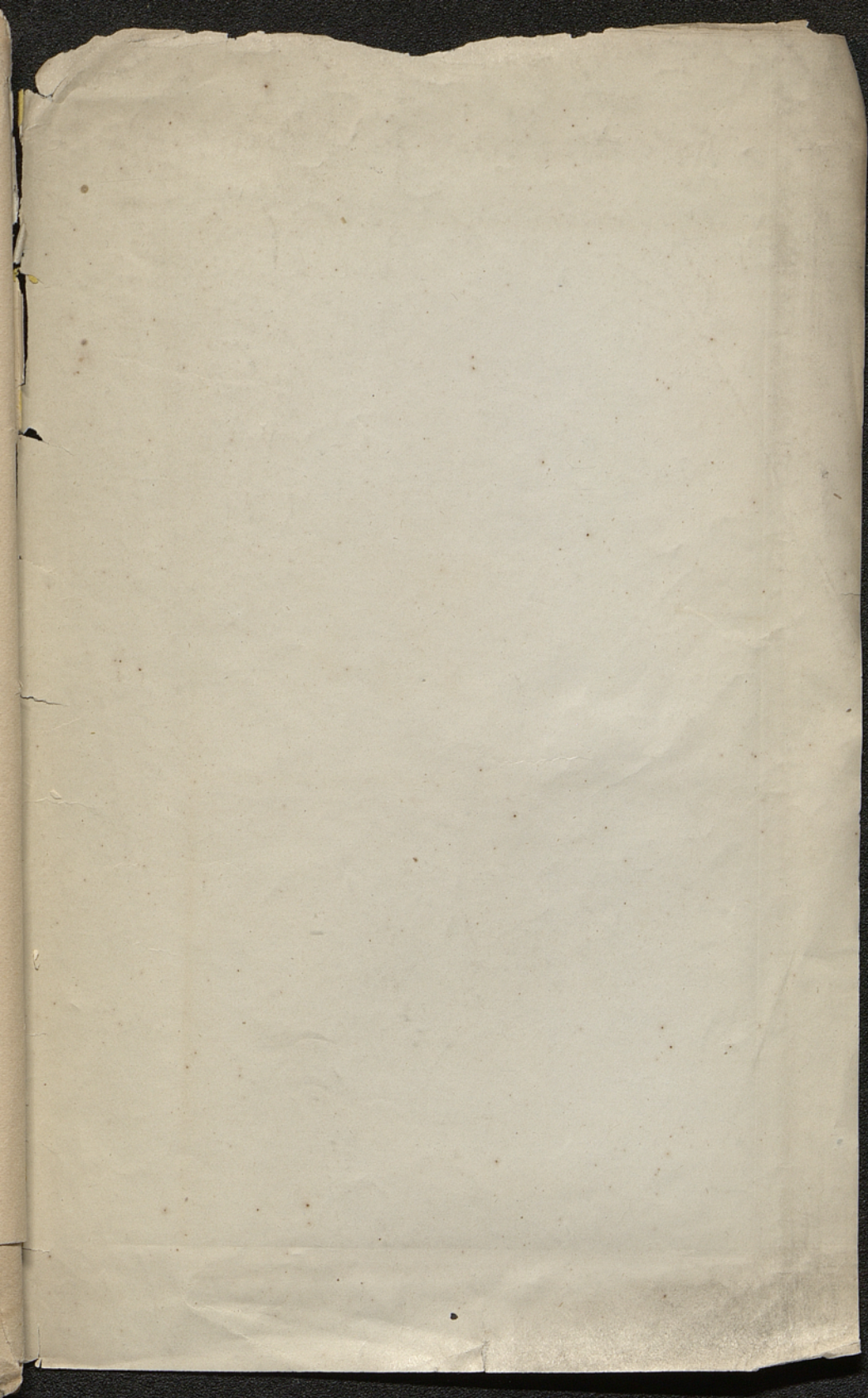
Lithographia da Imprensa Nacional.

- |                                                                                                 |                                                                                         |                                                                |                                                    |                                                |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| 1 Estrada do monte até o Grande hotel (Memorias do Bom Jesus do monte, 4.ª edição, pag. 2 a 4). | 8 Escadórios (Idem, pag. 17 a 36).                                                      | 15 Templo (Idem, pag. 45 a 60).                                | 22 Terreiro dos Evangelistas (Idem, pag. 94 a 98). | 31 Lago grande (Idem, pag. 103).               |
| 2 Fonte da estrada do monte (Idem, pag. 3).                                                     | 9 Alameda do paredão e terraço do telhado (Idem, pag. 39).                              | 16 Grande hotel e terreiro da hospedaria (Idem, pag. 87 e 88). | 23 Alameda dos Fornos (Idem, pag. 90 e 91).        | 32 Largo e rua da Mãe d'Água (Idem, pag. 107). |
| 3 Portico e as duas primeiras capellas (Idem, pag. 4).                                          | 10 Terreiro da cascata (Idem, pag. 41 e 42).                                            | 17 Rua das Carvalheiras (Idem, pag. 91 e 94).                  | 24 Chalet (Idem, pag. 93).                         | 33 Rua dos Sobreiros (Idem, pag. 101).         |
| 4 Terreiro do plano automotor (Idem, pag. 3).                                                   | 11 Capellas lateraes do terreiro da cascata e suas escadarias (Idem, pag. 42 A e 42 B). | 18 Hotel do parque (Idem, pag. 93).                            | 25 Casa da Mesa (Idem, pag. 92).                   | 34 Lago da Mina (Idem, pag. 104).              |
| 5 Plano automotor (Idem, pag. 65 a 83).                                                         | 12                                                                                      | 19 Habitações dos empregados (Idem, pag. 92).                  | 26 Lagos pequenos                                  | 35 Porta do Sameiro (Idem, pag. 111).          |
| 6 Rampas e capellas (Idem, pag. 4 B a 11).                                                      | 13 Terreiro de Longuinhas (Idem, pag. 37).                                              | 20 Carreiros em zig-zag (Idem, pag. 93).                       | 27 Lago maior ... (Idem, pag. 102 a 104).          | 36 Estrada do Sameiro                          |
| 7 Escadaria e terreiro da fonte das cinco chagas (Idem, pag. 12 e 13).                          | 14 Adro do templo e terreiro adjacente (Idem, pag. 42 E a 45).                          | 21 Avenida e suas capellas (Idem, pag. 89 e 90).               | 28 Gruta.....                                      | 37 Hotel Universal ... (Idem, pag. 110).       |
|                                                                                                 |                                                                                         |                                                                | 29 Rua em volta do lago maior (Idem, pag. 103).    | 38 Porta do Espinho...                         |
|                                                                                                 |                                                                                         |                                                                |                                                    | 39 Casa dos castellos (Idem, pag. 4).          |

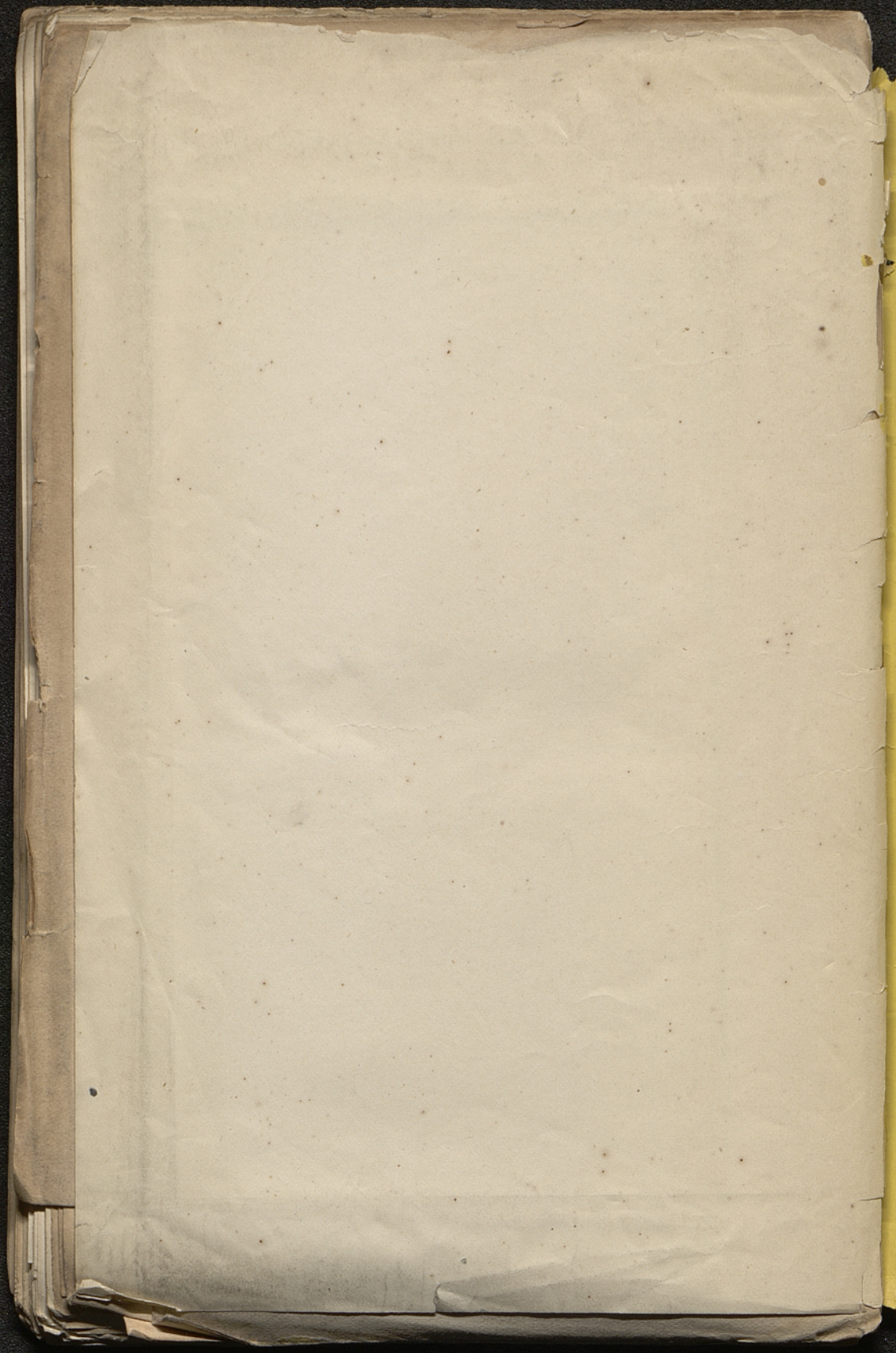




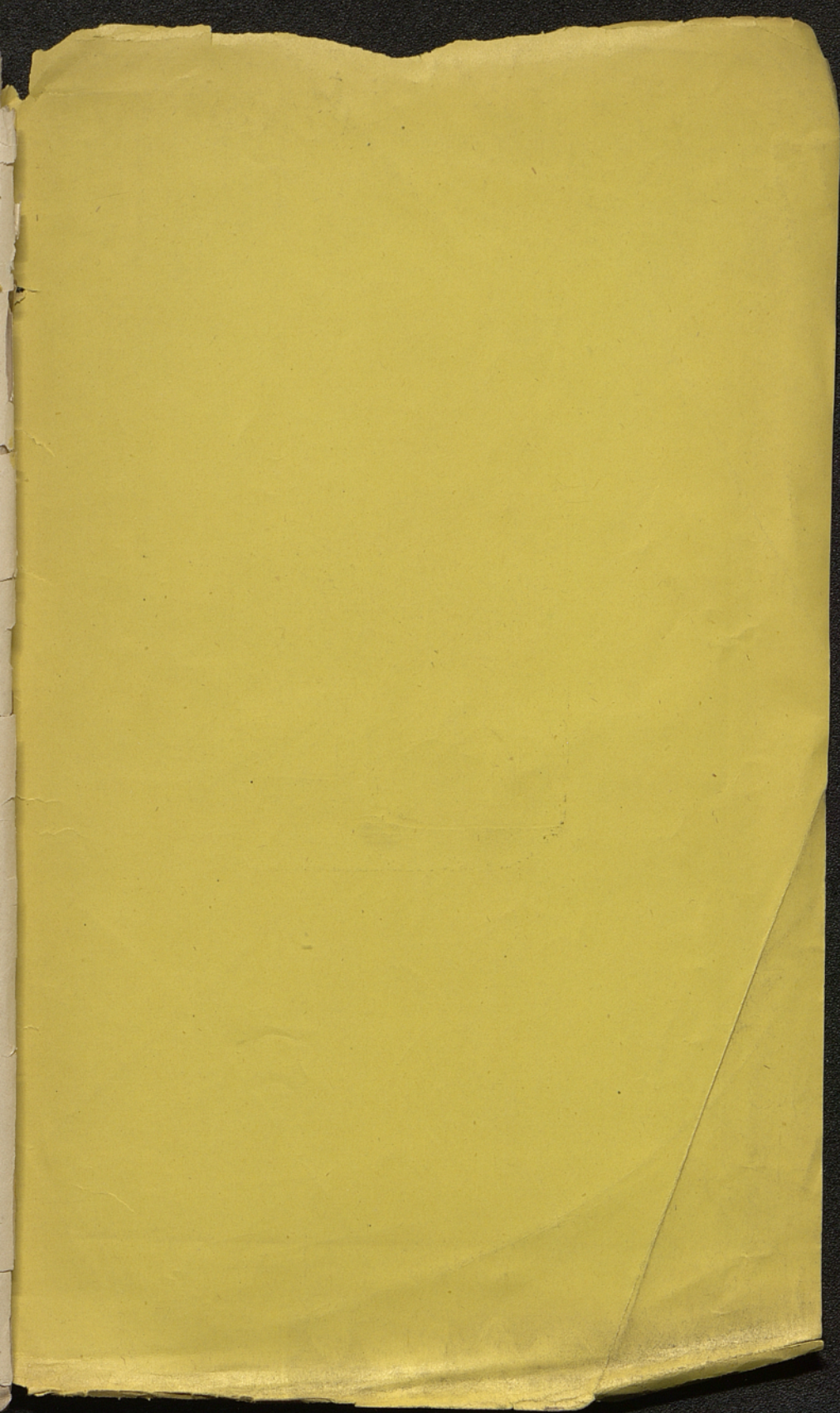














△  
5386

